



PEDRAZUL
EDITORA

Lucy Maud Montgomery



Anne^{da} Ilha



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





PEDRAZUL
EDITORA

Lucy Maud Montgomery



Anne^{da} Ilha

Sumário

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Capítulo XXVIII](#)

[Capítulo XXIX](#)

[Capítulo XXX](#)

[Capítulo XXXI](#)

[Capítulo XXXII](#)

[Capítulo XXXIII](#)

[Capítulo XXXIV](#)

[Capítulo XXXV](#)

[Capítulo XXXVI](#)

[Capítulo XXXVII](#)

[Capítulo XXXVIII](#)

[Capítulo XXXIX](#)

[Capítulo XL](#)

[Capítulo XLI](#)

[Apêndice](#)

[Apressando Ludovic](#)

Capítulo I

A Sombra da Mudança

“— Acabou a colheita e findou o verão^[1]” – citou Anne Shirley, enquanto contemplava os campos ceifados com olhos sonhadores. Ela e Diana Barry tinham colhido maçãs no pomar de Green Gables, mas estavam agora descansando da labuta em um cantinho ensolarado onde flutuavam frotas aéreas de lanugens de cardo, carregadas pelas asas de um vento que trazia o doce perfume de verão das samambaias da Floresta Assombrada.

Mas tudo na paisagem ao redor das duas mocinhas anunciava o outono. O mar bramava retumbante, à distância; os campos pareciam desnudos e secos, salpicados de hastes douradas; o vale do riacho, logo abaixo de Green Gables, estava coberto de ásteres da cor roxo etéreo; e a Lagoa das Águas Brilhantes estava azul, azul, azul – não o inconstante azul da primavera, nem o pálido azul-celeste do verão, mas um claro, imutável e sereno tom de azul, como se a água, depois de superar todos os humores e estados emocionais, tivesse se aquietado numa tranquilidade impossível de ser quebrada por sonhos volúveis.

— Tem sido um bom verão – disse Diana, com um sorriso, girando o novo anel que usava na mão esquerda. — E o casamento de Miss Lavendar foi como a coroação da estação. Suponho que Mr. e Mrs. Irving estejam agora na costa do Pacífico.

— Parece-me que já passou tempo suficiente para terem dado a volta ao mundo – suspirou Anne. — Mal posso acreditar que só tenha se passado uma semana desde que se casaram. Tudo mudou. Miss Lavendar e os Allans se foram... e como a casa paroquial parece solitária com todas as persianas fechadas! Passei por lá ontem à noite e senti como se todos que lá viviam tivessem morrido.

— Nunca teremos um ministro tão bom quanto Mr. Allan – comentou Diana, com uma desanimada convicção. — Creio que teremos todo tipo de substitutos no próximo inverno, e que nem haverá sermão na metade dos

domingos. E com você e Gilbert longe... será terrivelmente maçante.

— Fred estará aqui – insinuou Anne, com malícia.

— Quando Mrs. Lynde vai se mudar? – perguntou Diana, como se não tivesse ouvido o comentário de Anne.

— Amanhã. Estou contente que ela esteja vindo... mas será outra mudança. Marilla e eu limpamos todo o quarto de hóspedes ontem. Detestei fazer isso, sabe? É uma bobagem, é claro, mas parecia que estávamos cometendo um sacrilégio. Aquele velho quarto de hóspedes sempre me pareceu um santuário. Quando era criança, eu o considerava o aposento mais maravilhoso do mundo. Você se lembra de que eu teria feito qualquer coisa para dormir num quarto de hóspedes – mas não no quarto de Green Gables. Oh, não, jamais dormiria lá! Teria sido horrível demais, pois eu não conseguiria pregar o olho por causa do entusiasmo. Quando Marilla mandava que eu fosse até lá com alguma tarefa, eu nunca *caminhava* – não, de jeito nenhum! Eu andava na ponta dos pés e prendia a respiração, como se estivesse em uma igreja, e me sentia aliviada quando saía. Os retratos de George Whitefield e do Duque de Wellington ficavam pendurados ali, um de cada lado do espelho, me encarando com uma carranca muita severa todas as vezes em que eu entrava... especialmente se me atrevesse a olhar para o espelho, que era o único da casa em que o meu rosto não ficava um pouco torto. Sempre me admirava como Marilla ousava fazer faxina naquele quarto. E agora não está apenas limpo, mas também desocupado. George Whitefield e o Duque foram relegados ao corredor do andar de cima. “Assim se vai a glória deste mundo” – concluiu Anne, com uma risada na qual havia uma pitada de pesar. Nunca é agradável quando os nossos velhos santuários são profanados, mesmo que já os tenhamos abandonado.

— Vou me sentir tão solitária quando você se for! – lamentou Diana, pela centésima vez. — E pensar que já vai na semana que vem!

— Mas ainda estamos juntas! – respondeu Anne, com animação. — Não devemos permitir que a próxima semana roube a alegria desta. Eu mesma detesto a ideia de partir... meu lar e eu somos tão bons amigos! Fale em sentir-se solitária! Eu que deveria lamentar. *Você estará aqui*, rodeada de um grande número de seus velhos amigos – e *Fred*! Enquanto eu vou estar

entre estranhos, sem conhecer uma única alma!

— *Exceto* Gilbert e Charlie Sloane – redarguiu Diana, imitando a ironia e dissimulação de Anne.

— Charlie Sloane será um grande conforto, é claro – concordou Anne, em tom sarcástico. E as duas irresponsáveis moçoilas puseram-se a rir. Diana sabia exatamente o que Anne pensava sobre Charlie Sloane; entretanto, apesar de todas as conversas confidenciais, não sabia precisamente o que a amiga sentia por Gilbert Blythe. Na verdade, nem mesmo Anne sabia.

— Pelo que sei, os rapazes estarão alojados no outro extremo de Kingsport – prosseguiu. — Estou feliz por estar indo para Redmond e tenho certeza de que vou gostar, após algum tempo. Mas sei que as primeiras semanas serão difíceis. Não terei nem o conforto de ansiar pelas visitas ao lar nos finais de semana, como tinha quando fui para a Queen’s Academy. O Natal parece que será daqui a mil anos.

— Tudo está mudando, ou irá mudar – disse Diana, tristemente. — Tenho a sensação de que as coisas nunca mais serão como antes, Anne.

— Parece que chegamos a um cruzamento no caminho – comentou Anne, pensativa. — Tínhamos que chegar até aqui. Diana, você acha que crescer é realmente tão bom quanto costumávamos pensar quando éramos crianças?

— Não sei. Há *algumas* coisas boas – ela respondeu, acariciando novamente seu anel com aquele sorrisinho que sempre fazia Anne sentir-se repentinamente excluída e inexperiente. — Mas há tantas coisas confusas também. Às vezes, sinto que ser adulta me assusta... e, então, eu faria qualquer coisa para ser uma menininha outra vez.

— Suponho que nos acostumaremos a isso com o tempo. Não haverá tantas coisas inesperadas, embora eu imagine que são justamente essas coisas inesperadas que dão sabor à vida. Temos dezoito anos, Diana. Daqui a dois anos teremos vinte. Quando eu tinha dez, pensava que ter vinte era uma idade madura e distante. Daqui a mais um pouco você vai estar convertida numa senhora de meia-idade, respeitável e sensata, e eu serei a adorável *Tia Anne*, a solteirona que virá visitá-la nas férias. Você sempre terá um cantinho para me receber, não é mesmo, Di querida? Não o quarto de hóspedes, é claro, pois as

solteironas não podem aspirar dormir nesses aposentos; e eu serei tão humilde quanto Uriah Heep^[2] e ficarei bem contente com um quartinho no sótão ou um cubículo contíguo à sala.

— Quanta bobagem você está falando, Anne! Você se casará com alguém esplêndido, bonito e rico, e nenhum quarto de hóspedes em Avonlea será suntuoso o bastante para você; e vai torcer o nariz para todos os seus amigos de infância.

— Seria uma pena. Meu nariz até que é bonitinho, mas receio que ficaria arruinado se eu o torcesse – disse Anne, golpeando de leve o órgão bem talhado. — Não possuo tantos traços bonitos assim, para que possa permitir-me arruinar os poucos que tenho; então, mesmo que me casasse com o Rei da Ilha dos Canibais, eu prometo que não empinaria o nariz para você, Diana.

Com outra risada alegre as jovens se separaram, Diana para retornar a Orchard Slope e Anne para caminhar até o posto dos correios. Encontrou ali uma carta esperando por ela, e quando Gilbert Blythe a alcançou na ponte sobre a Lagoa das Águas Brilhantes, Anne estava resplandecente de animação.

— Priscilla Grant está indo para Redmond também! – exclamou ela. — Não é esplêndido? Eu esperava que ela fosse, mas ela não tinha certeza de que seu pai consentiria. De qualquer modo, ele permitiu, e nós vamos morar juntas! Sinto que posso enfrentar um exército com estandartes – ou todos os professores de Redmond em uma linha de batalha feroz – com uma amiga como Priscilla ao meu lado!

— Acho que vamos gostar de Kingsport – disse Gilbert. — Disseram-me que é um antigo vilarejo e que tem o melhor parque natural do mundo. Ouvi falar que a paisagem é magnífica.

— Pergunto-me se essa paisagem será, se poderia ser mais linda do que esta que temos aqui – murmurou Anne, contemplando o panorama ao redor com o olhar amoroso e embevecido daqueles para quem o lar sempre deverá ser o lugar mais adorável do mundo, não importando os paraísos que possam existir em outras galáxias.

Estavam debruçados sobre a ponte do velho riacho, profundamente

concentrados no encantamento do crepúsculo, justamente no local onde Anne havia subido de seu bote naufragante no dia em que Elaine quase afundara em direção a Camelot. A bela e purpúrea matiz do ocaso ainda manchava os céus do poente, mas a lua estava se erguendo e seu reflexo conferia às águas uma prateada irrealidade de sonho. A recordação tecia um doce e sutil encantamento sobre os dois jovens.

— Você está muito calada, Anne – disse Gilbert, por fim.

— Receio que se eu falar ou me mover, toda esta maravilhosa beleza se desvanecerá, como um silêncio quebrado – ela suspirou.

Subitamente, Gilbert pousou sua mão sobre a mão delicada e branca da moça, que descansava no parapeito da ponte. Seus olhos cor de avelã se escureceram, e seus lábios ainda juvenis se abriram para contar algo dos sonhos e esperanças que faziam sua alma vibrar. Mas Anne retirou a mão e virou-se rapidamente. O encanto do crepúsculo se havia dissipado para ela.

— Tenho que ir para casa! – exclamou, com indiferença um pouco exagerada. — Marilla teve uma dor de cabeça esta tarde, e estou certa de que os gêmeos devem estar aprontando algo medonho a esta hora. Eu realmente não deveria ter ficado fora por tanto tempo.

Ela falou incessante e inconsequentemente até chegarem à alameda de Green Gables. O pobre Gilbert mal teve a chance de intercalar uma palavra ou outra. Anne sentiu um certo alívio quando se despediram. Desde aquele fugaz momento de revelação, no jardim de Echo Lodge, Anne abrigava no coração uma nova e secreta reserva com relação a Gilbert. Algo estranho havia invadido a antiga e perfeita camaradagem dos dias de coleguismo – algo que ameaçava arruiná-la.

“Nunca tinha me sentido contente ao ver Gilbert partir”, pensou, dividida entre a tristeza e o ressentimento, ao caminhar sozinha pela alameda. “Nossa amizade será arruinada se ele continuar com essa tolice. E isso não pode acontecer – não permitirei! Oh, *por que* os rapazes são tão insensatos?”

Anne tinha a constrangedora impressão de que não era precisamente “sensato” que ainda sentisse em sua mão a cálida pressão da mão de Gilbert, tão nitidamente quanto a sentiu pelo brevíssimo segundo em que ali permaneceu, e menos ainda o fato de que tal sensação estava longe de ser

desagradável – muito diferente da que sentiu em uma demonstração similar da parte de Charlie Sloane, três noites atrás, durante uma festa em White Sands, enquanto dançava com ele e esperava impacientemente pelo término da música. Anne estremeceu com essa lembrança irritante. Mas todos os problemas relacionados aos seus pretendentes apaixonados desapareceram de sua mente quando entrou na atmosfera rústica e prosaica da cozinha de Green Gables, onde um menino de oito anos estava chorando dolorosamente no sofá.

— O que aconteceu, Davy? – perguntou Anne, tomando-o nos braços.
— Onde estão Marilla e Dora?

— Marilla está colocando Dora para dormir – soluçou Davy – e eu estou chorando porque Dora caiu nos degraus do porão, de pernas para cima, e arranhou toda a pele do nariz, e...

— Oh, tudo bem. Não chore por isso, querido. Claro que você lamenta por ela, mas chorar não vai ajudá-la em nada. Sua irmãzinha estará bem amanhã. Chorar nunca ajuda a ninguém, menino-Davy, e...

— Eu não estou chorando porque Dora caiu no porão – respondeu Davy, interrompendo o sermão bem-intencionado de Anne com uma amargura crescente. — Estou chorando porque eu não estava lá para *ver ela* cair! Parece que eu estou sempre perdendo uma diversão ou outra!

— Oh, Davy! – exclamou Anne, reprimindo uma infame gargalhada.
— Você chamaria de *diversão* ver a pobre Dora cair nos degraus e se machucar?

— Ela não ficou *muito* machucada. É claro que eu ficaria realmente triste se ela tivesse morrido, Anne. Mas os Keiths não morrem facilmente. São como os Blewetts, eu acho. Herb Blewett caiu do sótão do celeiro na quarta-feira passada e rolou bem em cima da calha diretamente para dentro de uma das baias do estábulo, onde eles mantêm preso um terrível cavalo selvagem, e rolou direto para baixo das patas dele. E ainda saiu vivo, só com três ossos quebrados. Mrs. Lynde falou que existem umas pessoas que não se pode matar nem com um machado. Mrs. Lynde está vindo para cá amanhã, Anne?

— Sim, Davy, e eu espero que você seja sempre muito bonzinho e

amável com ela.

— Eu vou ser bonzinho e amável. Mas ela vai me colocar para dormir à noite, Anne?

— Talvez. Por quê?

— Porque eu não vou fazer a oração na frente dela como faço na sua frente, Anne – disse, em tom decidido.

— Por que não?

— Porque eu não acho que seria bom falar com Deus na frente de estranhos, Anne. Dora pode fazer a oração dela para Mrs. Lynde, se ela quiser, mas *eu* não! Vou esperar até que ela se vá para rezar. Está certo, Anne?

— Sim, se você tiver certeza de que não vai esquecer, menino-Davy.

— Oh, eu não vou esquecer, pode apostar! Acho que rezar é muito divertido. Mas não vai ser tão divertido rezar sozinho como é com você. Queria que você ficasse em casa, Anne! Não entendo para que você quer ir embora e nos deixar.

— Eu não *quero* exatamente, Davy, mas sinto que devo ir.

— Se não quiser ir, você não precisa! Você já é adulta. Quando *eu* estiver crescido, não vou fazer absolutamente nada que eu não queira, Anne.

— Durante toda a sua vida, Davy, você verá que é preciso fazer coisas que não quer fazer.

— Não vou! – replicou, categoricamente. — Você vai ver! Agora eu tenho que fazer, senão você e Marilla me mandam para a cama. Mas, quando eu crescer, vocês não vão poder fazer isso e não vai ter ninguém para me obrigar a fazer o que eu não quero. Que bom que vai ser! *Me diga*, Anne, Milty Boulter me contou que a mãe dele falou que você está indo para a universidade para ver se consegue *pescar um homem*. É isso mesmo, Anne? Quero saber!

Por um segundo, Anne ficou irada de indignação. Então ela riu, lembrando-se de que a grosseira vulgaridade de pensamento e discurso de Mrs. Boulter não poderiam atingi-la.

— Não, Davy, não é assim. Estou indo para estudar, crescer e aprender muitas coisas.

— Que coisas?

— “*Sapatos, navios e lacres de cera. E repolhos e reis*^[3]” – citou Anne.

— Mas se você *quisesse* pescar um homem, como faria? Quero saber! – persistiu Davy, para quem o assunto evidentemente possuía certa fascinação.

— É melhor você perguntar a Mrs. Boulter – ela disse, sem pensar. — Creio que ela saiba mais sobre essa técnica do que eu.

— Vou perguntar na próxima vez que *encontrar ela*.

— Davy! Não se atreva! – exclamou Anne, percebendo seu erro.

— Mas você acabou de me mandar fazer isso! – protestou Davy, ofendido.

— Já era para você estar na cama – ordenou Anne, como forma de escapar.

Depois de colocar o pequeno para dormir, Anne passeou até a Ilha Victoria e sentou-se lá, sozinha, envolta na sutil e melancólica luz da lua, enquanto a água gargalhava à sua volta em um dueto entre o riacho e o vento. Anne sempre amara aquele riacho. Diversos sonhos ela havia tecido sobre suas águas cintilantes, em dias já passados. Esqueceu-se dos rapazes caídos de amor, dos apimentados falatórios das vizinhas maliciosas e de todos os problemas da existência juvenil. Em sua imaginação, ela navegou sobre célebres oceanos que banhavam as distantes praias brilhantes das “enfeitiçadas regiões abandonadas^[4]”, onde jaziam os perdidos Atlantis e Elysium, que tinham como piloto a Estrela Vespertina até a terra dos Desejos do Coração. E ela era mais rica nestes sonhos do que na vida real; pois as coisas que se veem passam, mas as que não se veem são eternas.

Capítulo II

Guirlandas de Outono

A semana seguinte passou rapidamente, coroada por inumeráveis *afazeres de última hora*, como Anne os chamava. Visitas de despedida tinham que ser feitas e recebidas, sendo estas agradáveis ou nem tanto, segundo estivessem os visitantes ou visitados em cordial simpatia com as esperanças de Anne, ou pensassem que ela estava exageradamente envaidecida por estar indo para a universidade e que, por isso, era o dever deles fazê-la “abaixar um pouco a crista”.

Num anoitecer, a Sociedade de Melhorias de Avonlea celebrou uma festa de despedida em homenagem a Anne e Gilbert, na casa de Josie Pye. Escolheram este local em parte porque a residência de Mr. Pye era ampla e conveniente, e em parte porque se suspeitava que as jovens Pyes declinariam qualquer participação se os demais membros não aceitassem a escolha da casa delas para o evento. Aqueles momentos foram muito agradáveis, pois as anfitriãs, contra seu costume, foram graciosas e não disseram nem fizeram nada para arruinar a harmonia da ocasião. Josie estava incrivelmente amigável – tanto que até mesmo comentou para Anne, de maneira condescendente:

— Seu vestido novo fica muito bem em você, Anne. Realmente, você fica *quase bonita* com ele.

— Isso é tão amável de sua parte! – respondeu Anne, com olhar irônico. Seu senso de humor estava desenvolvido e as palavras que a teriam machucado aos quatorze anos tornaram-se mera fonte de diversão agora. Josie desconfiava que Anne estivesse rindo dela por trás daqueles olhos travessos, mas contentou-se em comentar com Gertie, quando desceram as escadas, que Anne Shirley ficaria ainda mais convencida do que nunca agora que estava indo para a universidade.

— Você vai ver! – ela assegurou.

Toda a “velha turma” estava lá, cheia de alegria, entusiasmo e

despreocupação próprios da mocidade. Diana Barry, com a pele rosada e covinhas sorridentes, seguida de perto pelo dedicado Fred; Jane Andrews, simples, sensata e polida; Ruby Gillis, a mais formosa e chamativa, com uma blusa de seda cor de creme e gerânios vermelhos enfeitando seus cabelos dourados; Gilbert Blythe e Charlie Sloane, ambos tentando se manter o mais perto possível da esquiva Anne; Carrie Sloane, pálida e melancólica porque, como se havia comentado, seu pai não permitiu que Oliver Kimball se aproximasse do local; Moody Spurgeon MacPherson, cujo rosto redondo e desagradáveis orelhas de abano seguiam tão redondos e desagradáveis como sempre; e Billy Andrews, que sentou-se num canto durante toda a noite, rindo quando alguém falava com ele e observando Anne Shirley com um sorriso de deleite em seu semblante franco e sardento.

Anne soubera de antemão sobre a festa, mas não sabia que ela e Gilbert, como fundadores da Sociedade, seriam presenteados com discursos muito lisonjeiros e “honrarias” – em seu caso, um volume das obras de Shakespeare, e no caso de Gilbert uma caneta-tinteiro. Anne foi pega de surpresa e ficou tão agradecida pelas belas palavras ditas no discurso, lido na voz mais solene e ministerial de Moody Spurgeon, que o brilho de seus grandes olhos cinzentos quase foi inundado pelas lágrimas. Ela havia trabalhado dura e fielmente pela S.M.A., e o fato de os outros integrantes premiarem tão sinceramente os seus esforços comovia as fibras mais íntimas de seu coração. Todos se mostravam bastante agradáveis, amistosos e alegres, e até mesmo as jovens Pyes tinham seus méritos. Naquele momento, Anne amava o mundo inteiro.

Ela tinha desfrutado tremendamente daquele anoitecer, mas o final da festa arruinou quase tudo. Novamente, Gilbert cometeu o erro de dizer-lhe algo sentimental, enquanto jantavam na varanda enluzada; e Anne, para puni-lo, dedicou suas atenções a Charlie Sloane e permitiu que ele a acompanhasse até sua casa. Descobriu, entretanto, que a vingança fere a ninguém mais do que àquele que tenta infligi-la. Gilbert saiu animadamente com Ruby Gillis, e Anne pôde ouvi-los rindo e conversando alegremente enquanto caminhavam devagar, envoltos na fresca brisa outonal. Era óbvio que os dois estavam tendo a melhor diversão, enquanto ela estava terrivelmente entediada com Charlie Sloane, que falava sem descanso e nunca, nem mesmo por casualidade, dizia algo que valia a pena ouvir. Anne

respondia de forma desatenta com um ocasional “sim” ou “não” e pensava em como Ruby estava linda naquela noite, no quão esbugalhados os olhos de Charlie estavam sob a luz da lua – ainda piores do que à luz do sol – e que o mundo, de certo modo, não era um lugar tão aprazível como tinha acreditado durante as primeiras horas da noite.

“Só estou cansada. É este o meu problema”, ela pensou, quando sentiu-se grata por estar sozinha em seu quarto. E, honestamente, acreditava que estava. Mas, ao entardecer do dia seguinte, uma certa torrente de alegria vinda de uma fonte desconhecida e secreta borbulhou em seu coração quando viu Gilbert atravessando a Floresta Assombrada e cruzando a velha ponte de troncos com seus passos firmes e rápidos. Então, afinal de contas, Gilbert não iria passar aquela última noite em Avonlea na companhia de Ruby Gillis!

— Você parece cansada, Anne – ele disse.

— Estou cansada, e pior do que isso, estou decepcionada. Estou cansada porque fiquei arrumando meu baú e costurando o dia inteiro. Mas estou decepcionada porque seis mulheres vieram aqui para se despedir de mim, e cada uma das seis conseguiu dizer algo que parecia tirar todas as cores da vida e deixá-la tão cinza, funesta e triste como uma manhã de novembro.

— Velhas falsas e despeitadas! – foi o elegante comentário de Gilbert.

— Oh, não, não são – respondeu Anne, seriamente. — Este é o problema. Se tivessem sido falsas e despeitadas, eu não me importaria com elas. Mas todas são almas maternais, bondosas e gentis, que gostam de mim e das quais eu também gosto, e é por isso que o que disseram ou deram a entender pesa tanto para mim. Deixaram transparecer que acham uma loucura eu estar indo para Redmond para tentar obter um diploma, e desde então estou me questionando a mesma coisa. Mrs. Peter Sloane suspirou e disse que esperava que eu tivesse forças para chegar até o fim, e imediatamente me vi como uma desesperançada vítima de prostração nervosa ao final do meu terceiro ano. Mrs. Eben Wright comentou que devia custar um dinheirão permanecer em Redmond durante quatro anos, e senti que era imperdoável esbanjar o dinheiro de Marilla e o meu em tal extravagância. Mrs. Jasper Bell falou que esperava que a universidade não me tornasse muito convencida,

como acontece com algumas pessoas, e senti no meu íntimo que ao término dos quatro anos em Redmond eu me tornaria a mais insuportável das criaturas, achando que sei de tudo e desprezando a tudo e a todos em Avonlea. Mrs. Elisha Wright disse que sabia que as alunas de Redmond, especialmente aquelas que pertencem a Kingsport, eram “*presunçosas e extremamente bem vestidas*”, e que achava que eu não me sentiria muito à vontade entre elas, e então me vi como uma campesina humilhada, desprezada e desalinhada, arrastando os pés calçados em botas cor de cobre pelos clássicos corredores de Redmond.

Anne concluiu com uma risada e um suspiro misturados. Toda e qualquer reprovação encontrava eco em sua natureza sensível, incluindo daqueles cujas opiniões só mereciam seu escasso respeito. Naquele instante a vida parecia insípida e toda a ambição fora extinta como uma vela apagada.

— Você certamente não deve dar atenção ao que dizem – protestou Gilbert. — Sabe exatamente quão estreita é a visão de vida dessa gente, mesmo que sejam pessoas excelentes. Fazer qualquer coisa que *elas* nunca fizeram é um terrível pecado. Você é a primeira moça de Avonlea que está indo para a universidade, e sabe muito bem que todos os pioneiros são considerados como lunáticos.

— Oh, eu sei. Mas *sentir* é muito diferente de *saber*. Meu bom senso me diz o mesmo que você acabou de dizer, mas há momentos em que o bom senso não tem qualquer poder sobre mim. A *falta de bom senso* toma conta da minha alma. Francamente, depois que Mrs. Elisha foi embora, eu praticamente não tive coragem para continuar a guardar minhas coisas.

— Você só está cansada, Anne. Vamos, esqueça tudo isso e venha dar uma caminhada comigo... um passeio pelos bosques além do pântano. Deve haver alguma coisa lá que quero mostrar a você.

— Deve haver? Não sabe se está lá?

— Não. Só sei que deve haver, devido a algo que vi por lá na primavera. Venha! Vamos fingir que somos duas crianças de novo, e vamos correr a favor do vento.

Partiram alegremente. Anne, recordando os aborrecimentos da noite anterior, mostrava-se muito amável com Gilbert. E Gilbert, que estava

aprendendo a ser sábio, teve bastante cuidado de ser nada mais do que o companheiro de escola novamente. Mrs. Lynde e Marilla os observavam da janela da cozinha.

— Eles formarão um casal um dia – sentenciou Mrs. Lynde, com aprovação.

Marilla teve um leve sobressalto. Em seu coração, ela abrigava a secreta esperança de que isso acontecesse, mas ia contra sua natureza ouvir com naturalidade um assunto como este tratado da maneira fofoqueira e trivial de Mrs. Lynde.

— Eles ainda são crianças – disse, abruptamente.

Mrs. Lynde riu com afabilidade.

— Anne tem dezoito anos. Eu tinha essa idade quando me casei. Nós, os velhos, Marilla, estamos muito acostumados a pensar que as crianças nunca crescem, isto é que é. Anne é uma jovem mulher e Gilbert é um homem, e todos podem ver que ele venera o caminho por onde ela passa. Ele é um excelente rapaz e Anne não poderia ser melhor. Espero que ela não enfie nenhuma bobagem romântica na cabeça, lá em Redmond. Eu não aprovo e nunca aprovarei os estabelecimentos de ensino mistos, isto é que é. Não acredito que os estudantes nesse tipo de instituição façam muito mais do que flertar – concluiu Mrs. Lynde, solenemente.

— Eles devem estudar um pouco – respondeu Marilla, com um sorriso.

— Muito pouco – resmungou Mrs. Lynde. — Mas eu acho que Anne irá estudar. Ela nunca foi de flertar. Mas ela não dá ao Gilbert todo o valor que ele merece, isto é que é. Oh, eu conheço as meninas! Charlie Sloane também está louco por ela, mas eu nunca a aconselharia a casar-se com um Sloane. Eles são pessoas boas, honestas e respeitáveis, é claro. Mas após tudo ser dito e feito, eles são *Sloanes*.

Marilla assentiu. Para um forasteiro, a afirmação de que “Sloanes são Sloanes” pode não parecer muito esclarecedora, mas ela compreendia. Todos os vilarejos têm este tipo de família: podem ser pessoas boas, honestas e respeitáveis, mas *Sloanes* elas são e sempre serão, apesar de falarem com a

língua dos homens e dos anjos.

Gilbert e Anne, felizmente inconscientes de que o futuro de ambos estava sendo determinado daquela forma por Mrs. Lynde, passeavam pela penumbra da Floresta Assombrada. À distância, as colinas ceifadas se iluminavam sob os radiantes raios âmbar do pôr do sol, que surgiam de um pálido céu rosado e azul. O longínquo bosque de abetos vermelhos tinha um polimento cor de bronze e suas longas sombras formavam franjas nas altas pradarias. Mas, ao redor deles, um ventinho cantarolava por entre os ramos dos pinheiros, e nessa canção se ouviam as notas do outono.

— Esta floresta é realmente assombrada agora, por antigas memórias – disse Anne, curvando-se para recolher um caule de samambaia embranquecido pela geada. — Parece-me que as meninas que Diana e eu éramos ainda brincam aqui e sentam-se na Bolha da Dríade ao crepúsculo, no local de encontro com os fantasmas. Sabia que eu nunca consigo passar por esta trilha após o escurecer sem sentir um pouco do antigo pavor e estremecimento? Entre os fantasmas que nós criamos, havia um especialmente horrível: o fantasma de uma criancinha assassinada, que rastejava atrás da gente e tocava nossas mãos com os dedinhos gelados. Confesso que, até hoje, não consigo deixar de imaginar seus passinhos furtivos atrás de mim, quando venho aqui depois que escurece. Não tenho medo da Dama de Branco, do homem sem cabeça ou dos esqueletos, mas eu queria nunca ter imaginado o fantasma do bebê. Como Marilla e Mrs. Barry ficaram zangadas por causa disso! – concluiu Anne, com uma risada carregada de reminiscências.

Os bosques que margeavam a parte principal do pântano tinham todos os tons de púrpura, enredados com teias de aranha. Passando por uma austera plantação de abetos retorcidos e um vale circundado de bordos, ainda morno do calor do sol, encontraram o “algo” que Gilbert estava procurando.

— Ah, aqui está! – disse ele, com satisfação.

— Uma macieira! E aqui embaixo! – exclamou Anne, encantada.

— Sim, uma verdadeira macieira carregada, bem no meio dos pinheiros e faias, uma milha afastada de qualquer pomar! Passei por aqui na última primavera e a encontrei, completamente coberta de brotos brancos.

Então, resolvi voltar aqui no outono para ver se tinha maçãs. Viu, está carregada! E parecem ser saborosas, também: amareladas como as reinetas, mas com uma parte vermelha. A maioria das mudas silvestres são verdes e pouco convidativas.

— Imagino que tenha brotado anos atrás, de alguma semente caída aqui por casualidade – comentou Anne, sonhadora. — E como cresceu e floresceu por seus próprios meios, sem nenhuma ajuda, sozinha entre estranhos, a corajosa e determinada macieira!

— Aqui tem uma árvore caída com uma almofada de musgo. Sente-se, Anne. Servirá como um trono do bosque. Vou subir para pegar algumas maçãs. Elas crescem muito alto; a árvore queria alcançar a luz do sol.

As maçãs provaram ser deliciosas. Debaixo da casca amarelada havia uma polpa muito, muito branca, com suaves veias vermelhas; e, além do sabor característico da fruta, elas tinham um gosto forte, delicioso e silvestre que nenhuma outra maçã de pomar jamais possuía.

— A maçã fatal no Éden não poderia ter um sabor tão raro – comentou Anne. — Mas é hora de irmos para casa. Veja, há três minutos era crepúsculo e agora já temos a luz do luar. Que pena não termos conseguido contemplar o instante da transformação! Suponho que nunca conseguimos captar esses momentos.

— Vamos dar a volta pelo pântano e caminhar para casa pela Travessa dos Amantes. Sente-se tão decepcionada agora quanto estava antes, Anne?

— Não. Aquelas maçãs foram como um maná para uma alma faminta. Sinto que amarei Redmond e que terei quatro anos esplêndidos por lá.

— E depois desses quatro anos, o que será?

— Oh, haverá outra curva no caminho ao final desse período! – respondeu Anne, sem pensar muito. — Não tenho ideia do que poderei encontrar ali... nem quero ter. É melhor não saber.

A Travessa dos Amantes parecia um lugar precioso esta noite, quieto e misteriosamente iluminado pelo pálido resplendor da lua. Andaram por ali sem pressa, num silêncio amigável e aprazível, nenhum deles se importando

em falar.

“Se Gilbert fosse sempre assim, como foi esta noite, tudo seria tão tranquilo e simples!”, refletiu Anne.

Gilbert a observava enquanto caminhavam lado a lado. Em seu vestido leve, a figura delicada de Anne o fazia lembrar uma flor de íris branca.

“Pergunto-me se algum dia poderei fazê-la gostar de mim”, ele pensava, com uma pontada de falta de confiança em si próprio.

Capítulo III

Saudações e Despedidas

Charlie Sloane, Gilbert Blythe e Anne Shirley partiram de Avonlea na manhã do dia seguinte. Era uma segunda-feira e Anne esperara por um dia bonito. Diana iria levá-la à estação e elas queriam que este último passeio juntas fosse agradável. Porém, quando Anne foi para a cama no domingo à noite, o vento leste estava gemendo ao redor de Green Gables como uma sinistra profecia, que foi cumprida pela manhã. Ela despertou para ver as gotas de chuva tamborilando contra sua janela e encobrendo a superfície cinzenta do riacho com largos círculos; as colinas e o mar estavam ocultos na neblina e o mundo todo parecia obscuro e melancólico. A jovem vestiu-se no triste amanhecer cinzento – pois era necessário partir bem cedo para alcançar o trem e, depois, o barco –, lutando contra as lágrimas que *iriam surgir* em seus olhos. Ela estava deixando o lar que lhe era tão querido e algo lhe dizia que estava partindo dali para sempre, salvo como refúgio de férias. As coisas nunca mais seriam iguais, pois voltar para as férias não era o mesmo que viver ali. E, oh, como tudo era querido e amado! O pequeno quartinho branco, consagrado pelos sonhos de infância, a velha Rainha da Neve em sua janela, o riacho no vale, a Bolha da Dríade, a Floresta Assombrada, a Travessa dos Amantes – todos os mil e um lugares tão estimados onde viviam as memórias dos antigos dias. Poderia ela ser verdadeiramente feliz em qualquer outro lugar?

O desjejum em Green Gables naquela manhã foi uma refeição deprimente. Provavelmente pela primeira vez em sua vida, Davy não conseguiu comer e abriu um berreiro sem o menor pudor diante do prato de mingau. Ninguém mais parecia ter muito apetite, exceto Dora, que terminou sua refeição com tranquilidade. A menina, como a imortal e prudente Charlotte, que “continuou cortando pão e manteiga^[5]” enquanto o corpo de seu frenético pretendente era levado em um ataúde, era uma daquelas criaturas afortunadas que raramente se perturbavam com alguma coisa. Mesmo aos oito anos de idade era preciso que ocorresse algo extraordinário

para agitar sua placidez. Ela lamentava a partida de Anne, é claro, mas isso era razão para que deixasse de apreciar uma torrada com ovo poché? De maneira alguma! E, vendo que Davy não tocara a dele, Dora comeu-a no lugar do irmão.

Diana apareceu pontualmente com o cavalo e a charrete, e o rosto rosado iluminado sob a capa de chuva. Havia chegado o momento do adeus. Mrs. Lynde saiu de seu quarto para dar um forte abraço em Anne e adverti-la para que cuidasse de sua saúde, independentemente do que fosse fazer. Marilla, de forma brusca e sem lamentos, beijou rapidamente as bochechas de Anne e disse que esperava que ela lhe escrevesse assim que estivesse estabelecida. Um observador casual poderia concluir que a partida de Anne não significava muito para ela – a não ser que o dito observador desse uma boa olhada na expressão de seus olhos. Dora beijou Anne cerimoniosamente e derramou duas decorosas lagrimzinhas, mas Davy, que estivera chorando nos degraus da varanda dos fundos desde que se levantara da mesa do café, recusou-se a despedir-se dela. Quando viu Anne vindo em sua direção, levantou-se num salto, correu escada acima e escondeu-se num armário, de onde não quis sair. Seus uivos abafados foram os últimos sons que Anne ouviu ao partir de Green Gables.

Choveu torrencialmente durante todo o trajeto até Bright River, para onde as jovens deviam dirigir-se, visto que a linha secundária do trem de Carmody não se conectava com o barco. Charlie e Gilbert estavam na plataforma da estação quando elas chegaram, e o trem já estava apitando. Anne só teve tempo de pegar seu bilhete e o baú, despedir-se às pressas de Diana e subir no trem apressadamente. Desejava estar voltando com Diana para Avonlea, pois sabia que iria morrer de saudade de casa. E, oh, se ao menos aquela chuva funesta parasse de cair! Era como se o mundo inteiro estivesse lamentando o desaparecimento do verão e a partida da alegria! Até mesmo a presença de Gilbert falhou em trazer qualquer conforto, pois Charlie Sloane estava lá também e “Sloanações” só poderiam ser toleradas em tempo bom – tornavam-se absolutamente insuportáveis em tempo chuvoso.

Mas quando o barco deixou o porto de Charlottetown, as coisas mudaram para melhor. A chuva cessou e o sol amarelo-ouro começou a

aparecer de vez em quando, por entre rasgos nas nuvens, fazendo as ondas cinzentas brilharem com um resplendor acobreado e iluminando com lampejos dourados a neblina que envolvia as praias de areias vermelhas da Ilha, pressagiando um bom dia, depois de tudo. Além disso, Charlie Sloane teve que retirar-se prontamente por sentir-se mareado, e Anne e Gilbert foram deixados a sós no convés.

“Fico muito contente por todos os Sloanes sentirem-se enjoados assim que entram num barco”, pensou Anne, sem piedade. “Estou certa de que não conseguiria dar minha última olhada para despedir-me do *velho solo* com Charlie ali parado, fingindo olhar sentimentalmente também.”

— Bem, partimos! – comentou Gilbert, sem qualquer sentimentalismo.

— Sim, e eu me sinto como Childe Harold^[6], de Byron; só que não é realmente a minha “costa nativa” que estou contemplando – respondeu Anne, piscando vigorosamente os olhos cinzentos. — A minha é Nova Scotia, eu suponho. Mas a costa nativa é o lugar que a pessoa mais ama, e esta, para mim, é a boa e velha Ilha de Prince Edward. Nem acredito que não vivi aqui a minha vida inteira! Aqueles onze anos antes de vir para cá me parecem um pesadelo. Faz sete anos que viajei neste barco, naquela tarde que Mrs. Spencer me trouxe de Hopeton. Consigo me ver naquele velho e horroroso vestido de chita e usando o chapéu desbotado, explorando o convés e as cabines com extasiada curiosidade. Era uma bela tarde, e como aquelas praias vermelhas da Ilha brilhavam sob a luz do sol! Agora estou cruzando o estreito novamente. Oh, Gilbert, eu realmente espero gostar de Redmond e Kingsport, mas estou certa de que não vou gostar!

— Aonde foi parar toda a sua filosofia, Anne?

— Está totalmente submersa em uma grande e esmagadora onda de solidão e nostalgia. Ansiei por três anos para ir para Redmond, e agora que estou indo... desejava que não estivesse! Mas não importa! Voltarei a ficar alegre e filosófica assim que puder chorar por um bom tempo. Eu *preciso* ter este momento, “como um escape”, e terei que esperar até chegar no meu quarto da pensão esta noite, onde quer que seja o endereço, antes de poder fazer isso. Então, Anne será ela mesma de novo. Pergunto-me se Davy já

saiu de dentro do armário.

Eram nove horas da noite quando o trem chegou a Kingsport e os jovens se encontraram no fulgor azul e branco de uma estação lotada. Anne sentiu-se terrivelmente desorientada, mas um segundo depois foi resgatada por Priscilla Grant, que tinha chegado a Kingsport no sábado.

— Aqui está você, querida! E presumo que esteja tão cansada quanto eu estava quando cheguei, no sábado à noite.

— Cansada! Priscilla, nem me fale disso! Estou cansada, pálida e provinciana como se tivesse só dez anos de idade. Pelo amor de Deus, leve sua pobre e exausta amiga para algum lugar onde possa ouvir os próprios pensamentos!

— Vou levá-la diretamente para nossa pensão. Tenho um coche esperando lá fora.

— É uma grande bênção que você esteja aqui, Prissy. Se não estivesse, acho que eu só iria me sentar no meu baú, aqui e agora, e chorar lágrimas amargas. Que conforto é ter um rosto familiar em um imenso deserto de estranhos!

— Aquele lá é Gilbert Blythe, Anne? Como ele cresceu desde o ano passado! Ele era apenas um garoto quando lecionei em Carmody. E certamente aquele é Charlie Sloane. *Ele* não mudou nada – nem poderia! Tinha essa mesma cara quando nasceu e vai estar exatamente assim quando tiver oitenta. Por aqui, querida. Estaremos em casa em vinte minutos.

— Casa! – gemeu Anne. — Você quer dizer que estaremos em uma pensão horrível, em um quatinho num corredor ainda mais horrível, com vista para um quintal sujo nos fundos!

— Não é uma pensão horrível, Anne querida. Aqui está nosso coche. Suba. O cocheiro vai pegar seu baú. Oh, sim, a pensão é um lugar muito agradável, como você vai admitir amanhã de manhã, depois que uma boa noite de sono tiver transformado a sua melancolia numa alegre disposição. É uma casa grande e antiga de pedra cinza, na Rua St. John, a poucas quadras de caminhada de Redmond. Costumava ser a residência de grandes personalidades, mas a Rua St. John deixou de estar em voga e suas mansões

agora apenas se conformam em evocar glórias passadas. Elas são tão grandes que os proprietários precisaram convertê-las em pensões para que todos os quartos fossem utilizados. Ao menos esta é a explicação que as donas da nossa hospedaria estão bem ansiosas para reforçar nas inquilinas. Elas são muito amáveis, Anne – as donas da pensão, quero dizer.

— Quantas são?

— Duas. Miss Hannah Harvey e Miss Ada Harvey. Elas têm uns cinquenta anos e são gêmeas.

— Parece que não consigo me livrar de gêmeos – sorriu Anne. — Onde quer que eu vá, acabo por encontrá-los.

— Oh, querida, elas não são mais gêmeas agora. Depois que completaram trinta anos, nunca mais foram gêmeas. Miss Hannah continuou envelhecendo, não muito graciosamente, e Miss Ada permaneceu com trinta anos, ainda menos graciososa. Não sei se Miss Hannah é capaz de sorrir ou não, pois até agora não consegui pegá-la nesse momento, mas Miss Ada sorri o tempo todo, e isso é o pior. No entanto, são muito bondosas e gentis. Elas aceitam duas pensionistas por ano, porque o espírito econômico de Miss Hannah não consegue suportar “tanto espaço desaproveitado” – não porque precisam ou porque tenham que fazê-lo, como Miss Ada já me disse sete vezes desde sábado à noite. Quanto aos nossos quartos, eu admito, são quatinhos de corredor, e o meu tem vista para o pátio dos fundos. O seu quarto fica na frente e tem vista para o Cemitério Old St. John, que fica do outro lado da rua.

— Isso parece abominável! – estremeceu Anne. — Acredito que eu preferiria ficar com a vista dos fundos.

— Oh, não, não preferiria. Espere e verá. Old St. John é um lugar especial. Foi um cemitério durante muitos anos, e então deixou de ser para se tornar uma das melhores paisagens de Kingsport. Ontem à tarde andei por toda sua extensão, só por prazer. Está rodeado por um grande muro de pedras e por uma fileira de árvores enormes, e também há outras fileiras de árvores em seu interior. As velhas tumbas são muito extravagantes, com as mais esquisitas e curiosas inscrições. Você vai acabar indo estudar por ali, Anne, vai ver se não! É claro, ninguém mais é enterrado no Old St. John

agora. Mas, há alguns anos, erigiram um belíssimo monumento em memória dos soldados de Nova Scotia que morreram na Guerra da Crimeia. Está precisamente diante dos portões de entrada e há “escopo para a imaginação”, como você costumava dizer. Aqui está a sua bagagem, finalmente; e os rapazes estão vindo para nos dar boa noite. Preciso mesmo apertar a mão de Charlie Sloane, Anne? As mãos dele são sempre tão frias como pele de peixe. Devemos pedir que venham nos visitar ocasionalmente. Miss Hannah me disse, com seriedade, que podemos receber “visitas de jovens cavalheiros” duas noites por semana, se eles forem embora em horários prudentes; e Miss Ada pediu-me, sorridente, que eu cuidasse, *por favor*, para que não se sentassem em suas belas almofadas. Prometi que faria isso, mas só Deus sabe onde mais eles *podem* sentar, a menos que se sentem no chão, pois existem almofadas por *todos os lados*. Miss Ada tem uma elaborada renda de Battenburg até em cima do piano!

Anne já estava rindo. A conversa alegre de Priscilla surtiu o efeito pretendido de animá-la, a saudade do lar havia desaparecido naquele momento e não retornou em força total nem mesmo quando ela finalmente se encontrou sozinha em seu novo quartinho. Foi até a janela e olhou para fora. A rua abaixo estava sombria e silenciosa. A lua brilhava acima das árvores do Old St. John, bem detrás da escura cabeça de leão no monumento. Anne se perguntou se fora realmente na manhã desse mesmo dia que deixara Green Gables. Tinha a sensação de uma longa passagem de tempo, como a que é conferida por um dia de mudança e viagem.

“Creio que esta mesma lua está olhando para Green Gables agora”, meditou. “Mas não vou pensar nisso – este é o caminho da nostalgia. Não terei nem mesmo a minha boa crise de choro. Deixarei para outra ocasião mais conveniente, e agora irei para a cama dormir, com calma e sensatez.”

Capítulo IV

A Dama de Abril

Kingsport era uma antiga e pitoresca cidade envolta na atmosfera obsoleta que recordava seus idos dias de colônia, como uma velha e distinta dama que se revestira com os trajes que havia usado em sua longínqua juventude. Aqui e ali se assomava a modernidade, mas seu íntimo permanecia intacto. Era repleta de relíquias singulares e coroada pelo romântico prestígio de muitas lendas do passado. Fora, outrora, um simples posto de fronteira avançado, às bordas do deserto, e aqueles foram dias em que os índios se encarregavam de não permitir uma existência monótona para os colonos. Então passou a ser o pomo da discórdia entre britânicos e franceses, sendo ocupada ora por um país, ora por outro, emergindo de cada ocupação com uma nova cicatriz de batalha marcada pelas nações.

Em seu parque se conservava uma Torre de Martello^[7] onde os turistas gravavam seus nomes, um antigo Forte Francês desmantelado nas colinas fora da cidade e diversos canhões antiquados espalhados pelas praças públicas. Kingsport também tinha outros locais históricos que podiam ser explorados pelos curiosos, mas nenhum era mais exótico e adorável do que o Cemitério Old St. John, localizado bem no coração do município, entre duas tranquilas e silenciosas ruas de velhas mansões e outras duas modernas e movimentadas avenidas. Cada cidadão de Kingsport sentia um arrepio de orgulho possessivo pelo Old St. John – pois, se possuísse qualquer sentimento pretensioso, diria que tinha um ancestral enterrado ali, com uma estranha lápide curva sobre sua cabeça ou uma laje estendida protegendo o túmulo, onde estariam inscritos todos os feitos memoráveis de sua existência. Em poucas daquelas velhas lápides foram aplicadas grande arte ou destreza. A maioria era de pedras nativas cinzentas ou marrons grosseiramente talhadas, e só ocasionalmente havia algum intento de ornamentação. Algumas ostentavam uma caveira e uma cruz feita de ossos, e esta medonha decoração era frequentemente acompanhada da cabeça de um querubim. Muitas estavam prostradas e em ruínas. A maior parte havia sofrido os embates do tempo, até

que algumas inscrições estivessem completamente apagadas e outras só pudessem ser decifradas com dificuldade. O cemitério era muito extenso e sombreado, pois era rodeado e atravessado por fileiras de olmos e salgueiros; e, debaixo de tais sombras, os mortos jaziam sonhadoramente, eternamente embalados pelos ventos e folhas acima deles, e absolutamente imperturbáveis pelo estrépito clamor do trânsito vizinho.

Anne deu o primeiro de muitos passeios no Old St. John na tarde do dia seguinte. Ela e Priscilla tinham ido a Redmond pela manhã para matricularem-se como alunas e tinham o restante do dia livre. As jovens escaparam de bom grado, pois não era nada agradável estarem rodeadas por uma multidão de desconhecidos, cuja maioria tinha um aspecto estranho, como se não tivessem absoluta certeza de onde vieram.

As “calouras” reuniram-se em grupos separados de duas ou três, olhando de soslaio umas para as outras. Os “calouros”, mais sábios, estavam agrupados na grande escadaria do corredor de entrada, onde cantarolavam com toda a força de seus jovens pulmões, como uma espécie de desafio aos seus tradicionais inimigos, os veteranos, alguns dos quais passeavam altivos, aparentando o devido desdém para os *molequinhos* rústicos nas escadas. Gilbert e Charlie não estavam por ali.

— Jamais pensei que iria chegar o dia em que eu ficaria contente em ver um Sloane, mas daria calorosas boas-vindas aos olhos esbugalhados de Charlie. Pelo menos seriam olhos familiares – disse Priscilla, ao cruzarem o campus.

— Oh! – suspirou Anne. — Não posso descrever como me senti quando estava parada esperando a minha vez para fazer a matrícula: tão insignificante quanto a menor gotinha num enorme oceano! Já é suficientemente terrível sentir-se insignificante, mas é insuportável ter isso gravado na alma – que nunca vou, que nunca poderei ser nada além de insignificante, e foi assim que me senti... como se fosse invisível a olho nu, e que algumas das veteranas pudessem pisar em mim. Sabia que acabaria indo para o túmulo sem honras, sem glórias e sem que ninguém chorasse por mim.

— Espere até o ano que vem – respondeu a consoladora Priscilla. — Então seremos capazes de parecer tão pedantes e sofisticadas quanto qualquer

veterana. Sem dúvida é péssimo sentir-se insignificante, mas acho que é melhor do que sentir-se tão grande e esquisita quanto eu... como se estivesse *inclinada* por toda Redmond. Foi assim que me senti, e suponho que seja porque sou ao menos cinco centímetros mais alta do que qualquer outra na multidão. Não tive medo de que alguma veterana passasse por cima de mim, mas temia que me tomassem por um elefante ou uma amostra crescida de um insulano alimentado com batatas.

— Creio que o problema é que não conseguimos perdoar a grande Redmond por não ser a pequena Queen's – disse Anne, reunindo em torno de si os fragmentos de sua antiga filosofia para cobrir a nudez de seu espírito. — Quando saímos da Queen's, conhecíamos a todos e possuíamos nosso próprio lugar. Parece que temos esperado, inconscientemente, que retomáramos a vida em Redmond exatamente onde a deixamos na Queen's, e agora sentimos como se o chão tivesse sido tirado de baixo dos nossos pés. Estou grata porque nem Mrs. Lynde nem Mrs. Elisha Wright sabem, nem jamais irão saber, sobre o meu estado de espírito neste momento. Ambas iriam exultar ao falar “*eu lhe disse*”, e ficariam convencidas de que era o começo do fim – enquanto, na verdade, é apenas o fim do começo.

— Exatamente. Isso soa mais “Anneístico”. Logo estaremos acostumadas e seremos conhecidas, e tudo ficará bem. Anne, você reparou naquela moça bonita, de olhos castanhos e boca encurvada, parada sozinha do lado de fora da porta do vestiário durante toda a manhã?

— Sim, reparei. Eu a notei precisamente porque aparentava ser a única criatura que parecia tão solitária e abandonada quanto *eu me sentia*. Eu tinha *você*, mas ela não tinha ninguém.

— Acho que ela também se sentia completamente sozinha. Diversas vezes a vi fazer menção de vir falar conosco, mas nunca veio – muito tímida, eu suponho. Queria que tivesse vindo. Se não tivesse me sentido tanto como o já mencionado elefante, eu mesma teria ido até ela. Mas não poderia passar por aquele corredor comprido, com todos aqueles rapazes berrando nas escadas. Ela era a mais bonita das calouras que vi hoje, mas provavelmente o favoritismo seja enganoso, e até mesmo a beleza seja vã em seu primeiro dia em Redmond – concluiu Priscilla, com uma risada.

— Depois do almoço vou ao Old St. John – disse Anne. — Não sei se um cemitério é um bom lugar para se animar, mas parece ser o único lugar à mão onde existem árvores, e de árvores eu preciso. Sentarei em uma daquelas velhas lápides, fecharei os olhos e imaginarei que estou nos bosques de Avonlea.

Mas Anne não fez isso, pois encontrou coisas interessantes o bastante no Old St. John para mantê-la de olhos bem abertos. Cruzaram o portão da frente, passando por debaixo do simples e maciço arco de pedra que ostentava o grande leão da Inglaterra.

— “*E em Inkerman as sarças silvestres ainda estão ensanguentadas, e aquelas gélidas colinas doravante passarão à história*^[8]” – citou Anne, estremecendo ao olhar para o monumento. As duas encontravam-se em um local sombrio, fresco e verde, onde os ventos gostavam de sussurrar. Vagaram para cima e para baixo por entre os longos corredores relvados, lendo os curiosos e extensos epitáfios gravados numa época que tinha mais ociosidade do que a nossa.

— ‘Aqui jaz o corpo de Albert Crawford, Escudeiro’ – leu Anne em uma desgastada lápide cinza –, ‘que foi por muitos anos o guardião da Artilharia de Sua Majestade em Kingsport. Serviu no exército até a paz de 1763, quando se aposentou por causa de enfermidades. Era um oficial corajoso, o melhor dos maridos, melhor dos pais, melhor dos amigos. Morreu em 29 de outubro de 1792, aos oitenta e quatro anos’. Aqui há um epitáfio para você, Prissy. Certamente há nele certo escopo para imaginação. Quão cheia de aventuras deve ter sido essa vida! E, quanto às suas qualidades pessoais, estou certa de que os elogios humanos não poderiam ter ido mais longe. Pergunto-me se lhe disseram que ele era todas estas coisas enquanto estava vivo.

— Aqui há outro! – exclamou Priscilla. — Ouça: ‘Em memória de Alexander Ross, que morreu em 22 de setembro de 1849, aos quarenta e três anos. Erigido como um tributo de afeto por aquele a quem serviu com tanta lealdade durante vinte e sete anos e que o considerou como um amigo, merecedor de toda a confiança e dedicação.’

— Um epitáfio muito bom – comentou Anne, pensativa. — Não

desejaria um melhor. Somos todos serviçais de certa forma, e se o fato de sermos leais pode ser verdadeiramente inscrito em nossa lápide, nada mais precisa ser acrescentado. Aqui há uma triste inscrição, Prissy: ‘Em memória de um filho querido.’ E aqui outra: ‘Erigido em memória daquele que está enterrado em outro lugar.’ Pergunto-me onde estará a tumba desconhecida. Realmente, Prissy, os cemitérios de hoje em dia nunca serão tão interessantes quanto este. Você estava certa, eu virei aqui com frequência. Já o amo. Vi que não estamos a sós aqui: há uma moça no final desta alameda.

— Sim, e creio que seja a mesma jovem que vimos em Redmond esta manhã. Faz cinco minutos que a estou observando. Ela começou a cruzar a alameda exatamente meia dúzia de vezes, e meia dúzia de vezes se virou e voltou. Ou ela é extremamente tímida, ou tem algum peso na consciência. Vamos conhecê-la. Acho que é mais fácil nos conhecermos em um cemitério do que em Redmond.

Caminharam pela longa fileira em direção à desconhecida, que estava sentada em uma lápide cinza sob um enorme salgueiro. Era certamente muito bonita, com um tipo de beleza vivaz, irregular e fascinante. Havia em seus cabelos suaves reflexos castanhos como nozes, e um delicado brilho em suas bochechas arredondadas. Seus olhos eram grandes, castanhos e perolados, embaixo de uma escura sobranceira singularmente arqueada, e sua boca encurvada era rosada. Vestia um traje marrom elegante e bem cortado, com dois sapatinhos muito modernos aparecendo por baixo dele. E seu chapéu de palha rosa pálido, coroado com papoulas marrom-douradas, tinha o indefinível e inconfundível ar concedido à “criação” de um artista da confecção de chapéus. Como uma ferroadada, Priscilla teve a repentina sensação de que seu próprio chapéu havia sido trançado pelo chapeleiro do vilarejo, e Anne, incomodada, perguntou a si própria se a blusa que ela mesma tinha feito e que Mrs. Lynde tinha ajustado pareceria *muito* campesina e caseira ao lado do vistoso traje da desconhecida. Por um momento, as duas jovens sentiram vontade de voltar atrás.

Mas já tinham parado e se virado em direção à lápide cinza. Era muito tarde para se retirarem, pois a moça de olhos castanhos tinha evidentemente concluído que estavam vindo falar com ela. Instantaneamente ela se pôs de pé e aproximou-se com a mão estendida e um sorriso alegre e amistoso, sem

sombra de timidez ou consciência pesada.

— Oh, meninas, quero saber quem são vocês! – exclamou, animada.
— Estava *morrendo* de vontade de saber! Vi vocês duas em Redmond esta manhã. Digam-me, não foi *terrível*? Naquele momento lamentei não ter ficado em casa e me casado.

Anne e Priscilla explodiram numa gargalhada natural ante esta inesperada conclusão. A jovem de olhos castanhos riu também.

— É verdade. Eu *poderia*, sabem? Venham, vamos nos sentar nesta lápide e nos apresentar. Não vai ser difícil. Sei que vamos nos adorar – eu soube assim que as vi em Redmond, hoje cedo. Quis tanto ir até vocês e abraçá-las!

— E por que não veio? – perguntou Priscilla.

— Porque simplesmente não conseguia me decidir a ir. Nunca consigo tomar decisões sozinha para nada... sempre sofri com indecisão. Assim que decido fazer alguma coisa, sinto em meu íntimo que o outro caminho seria o mais correto. É uma tremenda desgraça, mas eu nasci assim e não adianta nada me culpar, como fazem algumas pessoas. Então, não conseguia me decidir a ir falar com vocês, por mais que quisesse muito.

— Nós pensamos que você era muito tímida – disse Anne.

— Não, não, querida. Timidez não está entre as muitas faltas – ou virtudes – de Philippa Gordon; Phil para vocês. Podem me chamar de Phil desde já. Agora, como vocês se chamam?

— Ela é Priscilla Grant – respondeu Anne, apontando para a amiga.

— E *esta* é Anne Shirley – continuou Priscilla, apontando de volta.

— Somos da Ilha – disseram as jovens, em uníssono.

— Eu venho de Bolingbroke, Nova Scotia – disse Philippa.

— Bolingbroke! – exclamou Anne. — Ora, foi onde eu nasci.

— Verdade? Ora, isso faz de você uma “nariz azul”, afinal!

— Não, não faz – retorquiu Anne. — Não foi Dan O’Connell^[9] que disse que se um homem nasce em um estábulo isso não faz dele um cavalo?

Eu pertenço à Ilha de coração.

— Bem, de qualquer maneira, estou contente que você seja de Bolingbroke. Faz com que sejamos mais ou menos vizinhas, não faz? E eu gosto disso, porque quando eu for lhe contar segredos, não vai ser como contar a uma estranha. Preciso contá-los. Não consigo guardar segredos; é inútil tentar. É o meu pior defeito – isso e a indecisão, como falei antes. Acreditam nisso? Demorei meia hora para decidir que chapéu usar para vir aqui – *aqui*, num cemitério! À princípio estava inclinada a usar o marrom com penas. Porém, assim que o coloquei, achei que este rosa com a papoula de aba solta ficaria melhor. Quando o preendi no lugar, gostei mais do marrom. Por fim, coloquei-os juntos sobre a cama, fechei os olhos e finquei um deles com o prendedor. O prendedor apontou o rosa, então eu o coloquei. Fica bem em mim, não fica? Digam-me, o que acham da minha aparência?

Ante esta cândida pergunta, feita em tom perfeitamente sério, Priscilla riu novamente. Mas Anne, apertando impulsivamente a mão de Philippa, respondeu:

— Achamos que você era a moça mais bonita que vimos em Redmond esta manhã.

A boca encurvada de Philippa abriu-se num encantador sorriso enviesado, sobre dentes pequenos e muito brancos.

— Foi o que pensei também – seguiu-se a surpreendente declaração –, mas queria a opinião de mais alguém para reforçar a minha. Não consigo decidir nem sobre minha própria aparência! No momento em que decido que sou bonita, começo a me sentir infeliz pensando que, na verdade, não sou. Além disso, tenho uma velha tia-avó medonha que sempre me diz, com um suspiro lamentoso: “*Você era um bebê tão bonito! É estranho como as crianças mudam quando crescem.*” Eu adoro tias, mas detesto tias-avós. Por favor, se não se importam, digam-me com frequência que sou bonita. Sinto-me tão mais confortável quando posso acreditar que sou bonita. E serei bem indulgente com vocês, se quiserem que eu seja – *eu consigo* ser, com a consciência tranquila.

— Obrigada – sorriu Anne –, mas Priscilla e eu somos tão firmemente convencidas de nossa boa aparência que não precisamos de nenhuma

afirmação, então não precisa se preocupar.

— Oh, vocês estão rindo de mim! Sei que pensam que sou abominavelmente narcisista, mas não sou! Na verdade, não há nenhuma faísca de vaidade em mim. E nunca tenho a menor relutância para prestar elogios a outras meninas quando os merecem. Fico tão contente de ter conhecido vocês! Cheguei aqui no sábado, e desde então estou quase morrendo de nostalgia. É um sentimento horrível, não é? Em Bolingbroke, sou uma personagem importante, e em Kingsport sou só uma ninguém! Há momentos em que consigo sentir minha alma se deprimindo sutilmente. Onde vocês estão hospedadas?

— Na Rua St. John, número trinta e oito.

— Melhor e melhor. Ora, eu moro logo virando a esquina, na Rua Wallace. Mas não gosto da minha hospedaria. É fria e solitária, e a janela do meu quarto está orientada para um temível pátio dos fundos. É o lugar mais feio do mundo! E quanto aos gatos – bem, é verdade que *todos* os gatos de Kingsport não podem se congregar ali à noite, mas a metade deles sim! Eu adoro gatos deitados nos tapetes, ronronando junto à lareira, mas gatos no pátio dos fundos à meia-noite são criaturas completamente diferentes. Na primeira noite que estive aqui eu chorei o tempo inteiro, assim como os gatos. Precisavam ver meu nariz de manhã. Como desejei nunca ter saído de casa!

— Não sei como você conseguiu decidir vir para Redmond, se é realmente uma pessoa tão indecisa – comentou Priscilla, sorridente.

— Abençoado seja o seu coração, querida, eu não decidi. Foi papai quem quis que eu viesse. Seu coração estava firme – o porquê eu não sei. Parece absolutamente ridículo pensar que eu vou estudar para um título de bacharelado, não parece? Não, mas o que eu posso fazer? Mas tudo bem, tenho muita inteligência.

— Oh! – murmurou Priscilla, vagamente.

— Sim. Mas custa tanto usá-la! E os bacharéis são criaturas tão cultas, dignas, sábias e solenes – ao menos devem ser. Não, não queria vir para Redmond. Só vim para agradar ao papai. Ele é tão querido! Além disso, sabia que se ficasse em casa teria que me casar. Mamãe queria que eu me casasse, decididamente. Ela é muito decidida. Mas eu realmente odeio a ideia

de me casar, ao menos por mais alguns anos. Quero me divertir muito ainda, antes de me assentar. E, mesmo sendo ridícula a ideia de eu me formar, ainda é mais absurda a noção de me ver como uma mulher casada, não é? Tenho só dezoito anos. Não, concluí que preferia vir para Redmond a me casar. Além disso, como poderia decidir com que homem me casar?

— São tantos assim? – sorriu Anne.

— Montes. Os rapazes gostam muito de mim, realmente gostam. Entretanto, havia apenas dois que valiam a pena. Os outros eram todos jovens demais ou muito pobres. Devo me casar com um homem rico, vocês sabem.

— Por que deve?

— Queridas, vocês não podem imaginar que *eu* seria a esposa de um homem pobre, podem? Não consigo fazer uma única coisa de útil e sou *completamente* extravagante. Oh, não, meu marido precisa ter um montão de dinheiro. Então isso diminuiu a escolha para apenas dois. Mas não conseguia me decidir entre dois mais facilmente do que entre duzentos. Sabia perfeitamente bem que, independente de qual escolhesse, lamentaria a vida toda por não ter me casado com o outro.

— Você não... ama... a nenhum dos dois? – perguntou Anne, um pouco hesitante. Não era fácil para ela falar com uma estranha sobre os grandes mistérios e transformações da vida.

— Por Deus, não! *Eu* não conseguiria amar a ninguém. Não está em mim. Além disso, eu não iria querer. Penso que estar apaixonada faz de você uma perfeita escrava. Dá muito poder a um homem para magoá-la. Eu ficaria com medo. Não, não, Alec e Alonzo são dois ótimos rapazes, e gosto tanto deles que realmente não sei de qual dos dois gosto mais. Este é o problema. Alec é o mais bonito, é claro, e eu simplesmente não conseguiria me casar com um homem que não fosse charmoso. Tem bom caráter também, e tem um adorável cabelo negro cacheado. É perfeito demais, e não creio que gostaria de me casar com um marido perfeito – alguém em quem eu nunca conseguiria achar um defeito.

— Então por que não casar com Alonzo? – perguntou Priscilla, gravemente.

— Imagina se casar com alguém chamado Alonzo! – respondeu Phil, com tristeza. — Não creio que eu suportaria. Mas ele tem um nariz clássico e seria um conforto ter na família um nariz no qual você pudesse confiar. Não posso confiar no meu. Até agora, ele tem o formato dos Gordon, mas sinto tanto medo que desenvolva as tendências dos Byrne quando eu ficar mais velha! Examino-o todos os dias com ansiedade, para ter certeza de que ainda é dos Gordon. Mamãe é uma Byrne e tem o nariz dos Byrne no maior Byrne dos níveis. Espere até vê-lo. Eu adoro narizes bonitos. O seu nariz é muito formoso, Anne Shirley. O nariz de Alonzo quase inclinou a balança a seu favor. Mas *Alonzo!* Não, não consegui me decidir. Se pudesse fazer como fiz com os chapéus – colocar os dois juntos, fechar os olhos e fincá-lo com um prendedor – teria sido bem fácil.

— O que Alec e Alonzo sentiram quando você partiu? – inquiriu Priscilla.

— Oh, eles ainda têm esperanças. Disse-lhes que teriam que esperar até que eu me decidisse. E estão muito dispostos a esperar. Os dois me veneram, sabiam? Enquanto isso, pretendo me divertir. Espero ter montões de pretendentes aqui em Redmond. Não consigo ser feliz se não tiver, vocês sabem. Mas não acham que os calouros são pavorosamente rústicos? Só vi um único realmente bonito entre eles. Tinha ido embora antes que vocês chegassem. Ouvi o amigo dele chamá-lo de Gilbert. O colega dele tinha os olhos que saltavam *até aqui*. Mas vocês não estão indo embora ainda, estão? Não vão ainda!

— Acho que devemos ir – disse Anne, um pouco friamente. — Está ficando tarde e eu tenho trabalho a fazer.

— Mas vocês duas vão vir me ver, não vão? – perguntou Philippa, levantando-se e passando o braço ao redor das duas. — E permitam que eu as visite. Quero ser amiga de vocês. Já sinto tanto carinho pelas duas! E não as cansei com minha frivolidade, cansei?

— Não muito – riu Anne, respondendo ao aperto de Phil com um retorno de cordialidade.

— Porque não sou tão tola quanto pareço ser na superfície, sabiam? Apenas aceitem Philippa Gordon como Deus a fez, com todos os seus

defeitos, e acredito que chegarão a gostar dela. Este cemitério não é um lugar adorável? Adoraria ser enterrada aqui. Há uma tumba que eu não tinha visto ainda... esta aqui, dentro da grade de ferro... oh, meninas, vejam! A lápide diz que é a tumba de um guarda-marinha que foi morto na batalha entre Shannon e o Chesapeake^[10]. Imaginem só!

Anne deteve-se na grade e olhou para a pedra desgastada, e seu pulso estremeceu com uma repentina empolgação. O antigo cemitério, com suas árvores arqueadas e longos corredores sombreados, desapareceu de sua vista. Em seu lugar, viu o Porto de Kingsport de quase um século atrás. Da neblina saiu lentamente uma grande fragata, brilhando com a “meteórica bandeira da Inglaterra”. Atrás dela havia outra com uma forma rígida e heroica, envolta em sua própria bandeira estrelada, jazendo no deque superior o valente Lawrence. O dedo do tempo tinha virado a página e aquela era a Shannon, navegando triunfante pela baía e trazendo Chesapeake como prêmio.

— Volte, Anne Shirley, volte – riu Philippa, puxando-lhe o braço. — Você está a um século distante de nós. Volte.

Anne voltou com um suspiro; seus olhos resplandeciam suavemente.

— Sempre amei essa velha história e apesar dos ingleses terem conquistado aquela vitória, acho que gosto por causa do bravo comandante derrotado. Esta lápide parece aproximá-la de tal maneira, e torná-la tão real! Este pobre guarda-marinha tinha só dezoito anos. Ele ‘morreu devido aos terríveis ferimentos recebidos durante o heroico combate’ – assim diz o epitáfio. É tudo o que um soldado poderia desejar.

Antes de virar-se, Anne desprendeu o raminho de amor-perfeito lilás que usava e o deixou cair serenamente na tumba do rapaz que perecera no grande duelo marítimo.

— Bem, o que você achou da nossa nova amiga? – perguntou Priscilla, quando Phil partiu.

— Eu gostei dela. Existe algo muito amável em Phil, apesar de todas as suas tolices. Creio, como ela mesma disse, que não seja tão tola quanto parece. Ela é um querido bebê adorável, que não sei se algum dia crescerá de verdade.

— Eu gostei dela, também – prosseguiu Priscilla, decididamente. — Phil fala tanto de garotos quanto Ruby Gillis. Mas sempre me enraivece ou enjoa ouvir Ruby, enquanto Phil só me fez rir. Ora, qual será a razão disso?

— Existe uma diferença – respondeu Anne, pensativa. — Acho que é porque Ruby é realmente tão *consciente* dos rapazes. Ela brinca de amar e de conquistar. Além disso, faz com que você sinta que ela está se gabando por causa de seus admiradores, que está esfregando no seu nariz que você não tem nem a metade deles. Agora, quando Phil falou de seus pretendentes, soou como se ela estivesse falando de *companheiros*. Ela realmente olha para os rapazes como bons camaradas e fica satisfeita por ter dúzias deles à sua volta simplesmente porque gosta de ser popular, e gosta ainda mais que pensem que ela é. Mesmo Alex e Alonzo – nunca mais conseguirei pensar nestes nomes separadamente depois de hoje – são como dois amigos que querem brincar com ela durante a vida inteira. Estou contente por tê-la conhecido e estou feliz porque fomos ao Old St. John. Creio que plantei uma raizinha no solo de Kingsport esta tarde. Espero que sim. Odeio sentir-me transplantada.

Capítulo V

Cartas de Casa

Nas três semanas seguintes, Anne e Priscilla continuaram a se sentir como estrangeiras numa terra estranha. Então, de repente, tudo pareceu entrar no seu devido lugar – Redmond, professores, aulas, colegas, estudos, vida social. A vida tornou-se homogênea novamente, ao invés de ser feita de fragmentos desconexos. Os calouros deixaram de ser uma coleção de indivíduos que não se relacionavam e tornaram-se um grupo com espírito, interesses, antipatias, grito de guerra e ambições exclusivos. Triunfaram no Torneio Anual das Artes contra os veteranos, e desde então conquistaram o respeito de todas as turmas e uma enorme confiança em seus próprios méritos. Por três anos consecutivos os veteranos tinham vencido o torneio, e o fato da vitória deste ano estar pendurada na bandeira dos calouros foi atribuído à estratégica liderança de Gilbert Blythe, que dirigiu a campanha e criou novas táticas que desmoralizaram os veteranos e levaram os calouros à vitória. Como recompensa por seus méritos, foi eleito presidente da Turma dos Calouros, uma posição de honra e responsabilidade – ao menos do ponto de vista de um novato – cobiçada por muitos. Também foi convidado a ingressar nos “Lambs” – como chamavam ali a Fraternidade de Estudantes Lambda Theta de Redmond –, uma honraria raramente feita a um calouro. Como ritual de iniciação, foi obrigado a desfilar pelas principais ruas comerciais de Kingsport durante um dia inteiro, usando um gorro e um volumoso avental espalhafatoso de algodão floreado. Cumpriu a tarefa com bom humor, tirando seu gorro com graciosa cortesia quando encontrava damas que conhecia. Charlie Sloane, que não havia sido convidado para ser membro dos Lambs, disse a Anne que não conseguia entender como Blythe podia fazer isso, e que *ele*, de sua parte, nunca poderia se humilhar dessa maneira.

— Imagine Charlie Sloane usando um avental “*algodoso*” e um “*gurrinho*” – disse Priscilla, com uma risadinha. — Ficaria idêntico à sua velha avó Sloane. Gilbert, por sua vez, parecia tão varonil assim vestido

quanto seria em suas próprias roupas.

Anne e Priscilla viram-se intensamente enredadas no centro da vida social de Redmond. Em grande medida, esta ocorrência se deu tão rapidamente graças a Philippa Gordon. Phil era filha de um homem de fortuna e reputação, e pertencia a uma antiga e exclusiva família “nariz azul”. Isto, combinado com sua beleza e charme – encanto este reconhecido por todos que a conheciam –, prontamente abriu-lhe os portões de todos os círculos, clubes e castas em Redmond, e aonde ela ia, Anne e Priscilla iam também. Phil adorava as duas jovens, especialmente Anne. A moça tinha uma alma pura e leal, limpa de qualquer forma de presunção. “Quem me ama, ama minhas amigas” parecia ser seu lema inconsciente. Sem esforço, fê-las ingressar no amplo círculo de suas relações, e as duas jovens de Avonlea encontraram o caminho de sua vida social em Redmond muito fácil e prazeroso, para a inveja e admiração das outras calouras – as quais, por não terem o apoio de Philippa, estavam condenadas a manter-se praticamente à margem destas atividades durante o primeiro ano de faculdade.

Para Anne e Priscilla, que tinham uma visão mais séria da vida, Phil permaneceu como a garotinha adorável e divertida que aparentou ser no dia em que se conheceram. Ainda assim, como a mesma havia dito, ela tinha “muita inteligência”. Quando ou onde encontrava tempo para estudar era um mistério, pois parecia estar sempre em busca de algum tipo de diversão e as tardes que permanecia em casa eram cheias de visitantes. Phil tinha todos os pretendentes que seu coração poderia almejar: nove em cada dez dos calouros e um considerável número de rapazes dos anos mais adiantados rivalizavam por seus sorrisos. Estava ingenuamente satisfeita por isso e recontava alegremente cada nova conquista para as duas amigas, com comentários que fariam as orelhas dos desafortunados admiradores queimarem furiosamente.

— Alec e Alonzo não parecem ter nenhum rival sério ainda – comentou Anne, de forma provocadora.

— Nenhum – concordou Philippa. — Escrevo aos dois todas as semanas e conto-lhes sobre os meus jovens adoradores. Estou certa de que isso os diverte. Contudo, obviamente, o rapaz que eu mais gosto não

consigo conquistar. Gilbert Blythe não presta nenhuma atenção em mim, exceto para olhar como se eu fosse uma gatinha bonitinha que ele gostaria de acarinhar. Sei muito bem a razão. Tenho inveja de você, Rainha Anne. Eu realmente deveria odiá-la, mas ao invés disso adoro-a demasiadamente e fico triste quando não a vejo todos os dias. Você é diferente de qualquer outra amiga que tive antes. Às vezes, quando você me olha de um certo jeito, sinto o quão insignificante e abominavelmente frívola eu sou, e almejo ser melhor, mais sábia e mais forte. E, então, tomo firmes resoluções. Mas o primeiro jovem bonito que cruza meu caminho derruba toda e qualquer decisão da minha cabeça! A vida na universidade não é magnífica? É tão engraçado pensar que eu a odiei no primeiro dia. Porém, se não tivesse sido assim, eu nunca teria conhecido vocês. Anne, por favor, diga mais uma vez que você gosta de mim, pelo menos um pouquinho! Almejo ouvir isso!

— Gosto de você um “poucão”, e considero-a uma adorável, doce e aveludada gatinha sem unhas – riu Anne –, mas não entendo como você arranja tempo para estudar.

Phil deve ter encontrado tempo, pois estava à frente em cada matéria do primeiro ano. Até mesmo o velho e irritadiço professor de Matemática, que detestava educação mista e se opusera amargamente à admissão desse formato em Redmond, teve de render-se a ela. Levava vantagem sobre as calouras em todas as matérias, exceto em Inglês, onde Anne Shirley a deixava para trás. A própria Anne achou as matérias do primeiro ano muito fáceis, em grande parte devido à severa disciplina de estudos que ela e Gilbert tinham empreendido naqueles dois últimos anos em Avonlea. Isso lhe deixava mais tempo para vida social, a qual ela desfrutava enormemente. Mas ela nunca, nem por um instante, se esqueceu de Avonlea e de seus amigos de lá. Para ela, os momentos mais felizes de cada semana eram aqueles em que chegavam cartas de casa. Não demorou muito para que percebesse, assim que recebeu as primeiras cartas, que jamais poderia gostar de Kingsport ou se sentir em casa ali. Antes de chegarem, Avonlea parecia estar a centenas de milhas de distância; mas as cartas a aproximaram de seu lar e uniram a antiga vida à nova com laços apertados até convertê-las numa só existência, ao invés de duas desesperançadas vidas segregadas. A primeira remessa continha seis cartas, de Jane Andrews, Ruby Gillis, Diana Barry, Marilla, Mrs. Lynde e Davy. A carta de Jane era uma produção

burilada, com cada “t” perfeitamente cruzado e cada “i” precisamente pontuado, mas sem nenhuma sentença interessante. Jane jamais mencionou a escola, sobre a qual Anne estava ansiosa por saber, e nunca respondeu nenhuma de suas perguntas. Mas contou a Anne quantos metros de renda havia arrematado com crochê recentemente, o clima que fazia em Avonlea, qual seria o modelo de seu novo vestido e como se sentia quando tinha dor de cabeça. Ruby Gillis escreveu uma epístola efusiva lamentando a ausência de Anne, assegurando-lhe que sentiam terrivelmente sua falta em tudo, perguntando como eram os rapazes de Redmond e completando o restante com a história de suas próprias experiências com os numerosos admiradores. Era uma carta frívola e inocente, da qual Anne teria achado graça se não fosse pelo epílogo. *“A julgar por suas cartas, Gilbert parece divertir-se muito em Redmond”* – escreveu Ruby. *“Não creio que Charlie esteja tendo o mesmo êxito.”*

Então Gilbert andava escrevendo para Ruby! Muito bem. Tinha todo o direito de fazê-lo, é claro. Só que... Anne não sabia que Ruby escrevera primeiro, e que Gilbert respondera por mera cortesia. Deixou de lado a carta de Ruby com desdém. Mas a encantadora epístola de Diana, vivaz e cheia de notícias, tirou o agulhão que o epílogo de Ruby havia fincado. A carta da amiga continha muito sobre Fred, mas era, por outro lado, tão rica em novidades e temas de interesse para Anne que ela praticamente se sentiu transportada para Avonlea enquanto lia. A carta de Marilla era um pouco formal e insípida, severamente desprovida de fofocas ou emoção. Ainda assim, de certo modo, transmitiu a Anne um sopro da vida simples e sadia de Green Gables, com seu aroma de antiga paz e o amor duradouro e constante que estava lá esperando por ela. A carta de Mrs. Lynde estava repleta de novidades da igreja. Como não possuía mais uma casa para tomar conta, Mrs. Lynde tinha mais tempo do que nunca para dedicar aos assuntos paroquiais e havia se lançado a eles de corpo e alma. Estava, no momento, muito atarefada por causa dos “suplentes” que ocupavam o púlpito vazio de Avonlea.

“Creio que só existam tolos no sacerdócio hoje em dia” – escreveu, com amargura. *“Os candidatos que nos encaminharam, e as coisas que pregam! Metade não é verdade e, o que é pior, não soa conforme a doutrina. O pastor que temos agora é o pior de todos. Ele geralmente pega*

um texto e prega sobre qualquer outra coisa. E diz que não crê que todos os pagãos estejam eternamente perdidos. Veja a ideia! Se assim fosse, todo o dinheiro que temos dado às Missões Estrangeiras estaria perdido, isto é que é! Domingo passado, à noite, ele anunciou que no próximo domingo irá pregar sobre o tubarão martelo que apareceu na praia. Penso que seria melhor limitar-se à Bíblia, deixando de lado os assuntos sensacionalistas. As coisas chegaram a um estado tal que um ministro não consegue encontrar um tema nas Escrituras Sagradas para pregar, isto é que é! Em qual igreja você está congregando, Anne? Espero que vá regularmente. As pessoas têm a tendência de ficar descuidadas de sua regularidade aos cultos quando estão longe de casa, e entendo que os universitários pecam muito neste quesito. Disseram-me que muitos, na verdade, estudam aos domingos. Espero que você nunca chegue tão baixo a esse ponto, Anne. Lembre-se de como foi criada. E seja bastante cuidadosa ao escolher suas amizades. Você nunca sabe que tipo de criaturas se encontram nas universidades. No exterior parecem com sepulcros caiados, e por dentro são como lobos vorazes, isto é que é! E é melhor que você não tenha nenhum assunto com qualquer rapaz que não seja da Ilha.

“Esqueci de contar o que aconteceu no dia em que o pastor veio nos visitar. Foi a coisa mais engraçada que eu já vi. Comentei com Marilla: ‘Se Anne estivesse aqui, não teria rido?’ Até mesmo Marilla riu. Ele é um homem gordo, muito baixo e de pernas arqueadas. Bem, o velho porco do Mr. Harrison (aquele grande e alto) vagava por aqui outra vez naquele dia, invadiu o quintal e entrou em casa pela varanda dos fundos, sem que nós soubéssemos, e foi nesse momento que o pastor apareceu na porta. O animal fez um movimento brusco para sair, mas não havia por onde, pois o caminho estava obstruído por um par de pernas tortas – e o porco se arremeteu contra elas! Sendo ele tão grande, e o pastor tão pequeno, o animal o levantou sobre as costas e o carregou! O chapéu do homem foi parar num lado e a bengala no outro, justo quando Marilla e eu chegamos na soleira da porta. Jamais me esquecerei daquela visão! O pobre porco estava quase morto de susto. Nunca mais conseguirei ler o relato na Bíblia sobre os suínos que se lançaram enlouquecidos ao mar^[11] sem vislumbrar o porco de Mr. Harrison carregando o pastor pelo morro abaixo. Creio que o animal pensou que carregava o diabo nas costas, ao invés de dentro de si.

Fiquei grata porque nenhum dos gêmeos estava por ali. Não teria sido uma coisa boa ver o pastor numa situação tão indigna. Justo antes de chegarem ao riacho, o homem pulou ou caiu. O porco cruzou o lago feito louco e fugiu pelo bosque. Marilla e eu corremos para ajudá-lo a se levantar e sacudir seu paletó. Ele não tinha se machucado, mas estava furioso. Parecia responsabilizar Marilla e eu pelo acontecido, apesar de termos afirmado que o porco não era nosso e que o animal nos molestara durante todo o verão. Além disso, por que ele chegou pela porta dos fundos? Mr. Allan nunca faria uma coisa dessas. Passará muito tempo antes que tenhamos um ministro como Mr. Allan. Mas é um mau vento que não sopra nada de bom. Nunca mais vimos as patas ou o pelo daquele porco desde então, e creio que nunca mais veremos.

“As coisas estão bem tranquilas em Avonlea. Não achei Green Gables tão solitária quanto pensava. Acho que vou começar a tricotar outra colcha de algodão este inverno. Mrs. Silas Sloane tem uma nova muito elegante, com folhas de macieira estampadas.

“Quando sinto que preciso de alguma agitação, leio os casos de assassinato no jornal de Boston que minha sobrinha envia para mim. Não costumava fazer isso, mas eles são realmente interessantes. Os Estados Unidos devem ser um lugar terrível. Espero que você nunca vá para lá, Anne. Mas a maneira como as meninas perambulam sobre a Terra hoje em dia é impressionante. Sempre me faz pensar em Satanás no livro de Jó, indo de lá para cá, subindo e descendo. Não creio que o Senhor tenha tido a intenção de que as coisas fossem assim, isto é que é.

“Davy tem se comportado muito bem desde que você partiu. Um dia ele se comportou mal e Marilla o puniu fazendo-o usar o avental de Dora durante todo o dia, e então ele cortou todos os aventais da irmã. Dei-lhe uma surra por isso e, como vingança, ele perseguiu meu galo até que o pobre animal caiu morto.

“Os MacPhersons se mudaram para minha casa. A esposa é uma excelente dona de casa, mas é muito singular. Arrancou todos os meus narcisos, pois diz que dão ao jardim um aspecto desorganizado. Thomas os havia plantado quando nos casamos. O marido parece ser um bom homem, mas ela não consegue superar o hábito de ser uma solteirona, isto é que é.

“Não estude demais, e não se esqueça de vestir as roupas de baixo de lã assim que o clima esfriar. Marilla se preocupa um bocado com você, mas sempre digo a ela que você é muito mais sensata do que jamais imaginei que seria quando era criança, e que você se sairá bem.”

A carta de Davy começava com uma queixa.

“Querida anne, por favor escreva e fale para marilla que não me amarre no tronco da ponte, quando vou pescar os meninos riem de mim quando ela faz isso. É ‘muinto’ solitário aqui sem ‘voce’, mas ‘tá muinto’ divertido na escola. Jane andrews é mais brava que ‘voce’. ‘Asustei’ mrs. lynde com uma lamparina de cabeça de abóbora ontem de ‘noiti’. Ela ‘tava muinto’ brava e ‘tava’ brava porque eu persegui o velho galo dela pelo quintal até que ele caiu ‘mortu’. Eu não queria fazer ele cair ‘mortu’. O que fez ele ‘morer’, anne, quero saber. mrs. lynde jogou ele no ‘xiqueiro’ e perdeu a chance de vender ‘pro’ mr. blair. mr. blair paga 50 ‘sentavos’ por bons galos ‘mortus’ agora. Ouvi mrs. lynde pedindo ao pastor que ‘orase’ por ela. O que ela fez que foi tão ruim, anne, quero saber. Fiz uma pipa com uma ‘magnifica’ rabiola, anne. Miltly bolter me contou uma ‘grandi’ história na escola ontem. é ‘vedadi’. o velho Joe Mosey e Leon ‘tavam’ jogando cartas uma ‘noiti’ semana passada no bosque. As cartas ‘tavam’ num tronco e um grande homem negro maior que as árvores chegou e pegou as cartas e o tronco e sumiu com um barulho de trovão. Aposto que eles ‘tavam’ com medo. Miltly diz que o negro era o diabo. era ele, anne, quero saber. O Mr. kimball lá de spenservale ‘tá muinto’ doente, e vai ter que ir pro ‘ospitau’. por favor, espere enquanto vou perguntar para marilla se ‘tá’ escrito certo. Marilla falou que ele tem que ir ‘pro manicomio’ e não ‘pra’ outro lugar. Ele acha que tem uma cobra dentro dele. como é ter uma cobra dentro de ‘voce’, anne, quero saber. mrs. lawrence bell ‘tá’ doente ‘tambeim’. mrs. lynde falou que a única coisa errada com ela é que ela pensa demais sobre suas partes de dentro.”

“Pergunto-me o que Mrs. Lynde pensaria de Philippa”, pensou Anne, enquanto dobrava as cartas.

Capítulo VI

Passeio no Parque

— O que vão fazer hoje, meninas? – perguntou Philippa, entrando no quarto de Anne num sábado à tarde. — Nós vamos dar uma caminhada no parque – respondeu Anne. — Deveria ficar aqui e terminar minha blusa, mas não conseguiria costurar num dia como este. Há algo no ar que corre por minhas veias e enche minha alma de glória. Meus dedos se recusariam a costurar e ficaria tudo torto. Então vamos ao parque e aos pinheiros!

— Este “nós” inclui mais alguém além de você e Priscilla?

— Sim, inclui Gilbert e Charlie, e ficaremos muito contentes se incluir você também.

— Mas, se eu for, terei que ficar segurando vela, e esta será uma nova experiência para Philippa Gordon – argumentou, queixosa.

— Bem, novas experiências servem para crescimento. Venha conosco e você será capaz de simpatizar com todas as pobres almas que têm que segurar vela com frequência. Mas onde estão todas as suas vítimas?

— Oh, estava tão cansada de todos que simplesmente não consigo aturar a nenhum deles hoje! Além disso, estou me sentindo um pouco triste... bem pouco, só um pouquinho. Não é sério o suficiente para me deprimir. Escrevi para Alec e Alonzo na semana passada. Coloquei as cartas nos envelopes e os enderecei, mas não fechei nenhum deles. Algo divertido aconteceu naquela noite, isto é, algo que Alec teria achado engraçado, mas não Alonzo. Eu estava com pressa, então tirei a carta de Alec de dentro do envelope – ou a que pensei ser a dele – e escrevi um epílogo. Após, levei ambas ao correio. Recebi a resposta de Alonzo esta manhã. Meninas, escrevi o epílogo *na carta dele* e ele ficou furioso. É claro que ele vai superar isso – e não me importo se não superar –, mas estragou meu dia. Então pensei em vir até vocês, queridas, para me animar. Depois que começar a temporada de futebol, não terei nenhum sábado livre. Eu adoro futebol! Tenho o gorro mais fantástico e um suéter listrado com as cores de Redmond para vestir nos

jogos. Para falar a verdade, fui um pouco longe demais e vou parecer uma luminária de barbeiro ambulante. Sabia que aquele seu Gilbert foi eleito Capitão do Time de Futebol dos calouros?

— Sim, ele nos contou ontem à tarde – disse Priscilla, percebendo que a indignada Anne não iria responder. — Ele e Charlie estiveram aqui. Como sabíamos que estavam vindo, nós cuidadosamente tiramos de vista ou do alcance todas as almofadas de Miss Ada. Aquela bem elaborada, com o bordado em relevo, eu escondi num canto, atrás de uma cadeira. Pensei que estaria segura ali. Mas, pode acreditar? Charlie Sloane foi em direção àquela cadeira, encontrou a almofada atrás, juntou-a e sentou-se em cima dela solenemente durante toda a tarde! Que desastre para a almofada! A pobre Miss Ada perguntou-me hoje pela manhã, ainda sorrindo, mas oh, com certo tom de reprovação, por que eu tinha permitido que se sentassem em cima da almofada. Respondi-lhe que eu não tinha permitido; que foi um caso de predestinação unido a uma inveterada “Sloanação”, e que eu não pude lidar com as duas coisas combinadas.

— As almofadas de Miss Ada estão me deixando realmente nervosa – comentou Anne. — Ela terminou mais duas na semana passada, abarrotadas e bordadas em cada milímetro. Como já não há absolutamente nenhum outro lugar livre de almofadas para colocá-las, ela deixou-as ao pé da escada, contra a parede. Ficam caídas na metade do tempo, e se subirmos ou descermos dos quartos no escuro, tropeçamos nelas! Domingo passado, enquanto o Dr. Davis orava por aqueles expostos aos perigos no mar, acrescentei em pensamento: “*e por todos aqueles que vivem em casas onde as almofadas reinam!*” Ora! Estamos prontas, e vejo os rapazes chegando ao Old St. John. Vai tentar a sorte e ir conosco, Phil?

— Eu vou, se puder caminhar com Priscilla e Charlie. Esse será um nível suportável de “*seguramento de vela*”. Esse seu Gilbert é um encanto, Anne, mas por que ele está sempre andando com o “Olhos Saltados”?

Anne enrijeceu. Ela não tinha tanto apreço por Charlie Sloane, mas ele era de Avonlea e nenhum forasteiro tinha o direito de rir dele.

— Charlie e Gilbert sempre foram amigos – respondeu, com frieza. — Charlie é um bom rapaz. Não pode ser culpado pelos olhos que tem.

— Não diga isso! Ele é! Deve ter feito algo terrível em outra encarnação para ser punido com aqueles olhos. Pris e eu vamos nos divertir muito às custas dele esta tarde. Vamos fazer graça dele debaixo do próprio nariz e ele nunca saberá.

Sem dúvida, as “travessas P’s”, como Anne as chamava, levaram a cabo seus propósitos nada cordiais. Mas Sloane, por sorte, permaneceu alegremente ignorante. Considerava-se um rapaz boa pinta por estar acompanhado das duas colegas, especialmente Philippa Gordon, que era a beleza da turma. Isto certamente deveria impressionar Anne. Deste modo, ela veria que algumas pessoas o apreciavam por todo seu valor.

Gilbert e Anne caminhavam atrás, um pouco distante dos outros, desfrutando da tranquilidade e da estática beleza da tarde outonal sob os pinheiros do parque, na alameda que subia e serpenteava em torno da costa do porto.

— O silêncio aqui é como uma oração, não é? – perguntou Anne, olhando para o céu claro. — Como amo os pinheiros! Parece que suas raízes estão profundamente entremeadas no romance de todos os tempos. É tão reconfortante chegar aqui de vez em quando para uma boa conversa com eles! Sempre me sinto muito feliz neste lugar.

— “*E assim como nas solidões montanhosas, surpreendidos, como se por um feitiço maravilhoso, caem deles suas preocupações, como espinhos ao sacudir do pinheiro tempestuoso*^[12]” – citou Gilbert. — Eles fazem com que as nossas pequenas ambições pareçam um pouco insignificantes, não fazem, Anne?

— Penso que se algum dia me sobrevier uma grande tristeza, eu virei aos pinheiros em busca de conforto – respondeu a sonhadora Anne.

— Espero que nenhuma grande tristeza jamais lhe sobrevenha, Anne – redarguiu o rapaz, que não conseguia conectar a ideia de tristeza com a vívida e animada criatura ao seu lado, ignorando que aqueles que conseguem atingir os mais altos cumes também são os que se precipitam nas maiores profundezas, e que as naturezas que gozam com o máximo entusiasmo são as que sofrem com mais severidade.

— Mas isso deverá acontecer... um dia – meditou Anne. — A vida

parece uma taça de glória tocando meus lábios neste momento. Mas deve haver nela alguma amargura, pois sempre há em qualquer taça. Eu devo provar a minha algum dia. Bem, espero ser forte e corajosa para enfrentá-la. E espero que não me aconteça por minha culpa. Você se lembra do que o Dr. Davis disse no sermão do último domingo? Que os pesares que Deus nos manda trazem consigo conforto e força, enquanto as tristezas que buscamos por conta própria, por nossa estupidez ou maldade, são as mais difíceis de suportar? Mas não devemos falar de tristeza numa tarde como esta, que só deveria despertar alegria de viver, não é verdade?

— Se dependesse de mim, apartaria de sua vida tudo o que não fosse felicidade e prazer, Anne – disse Gilbert, num tom que significava “perigo à vista”.

— Então você seria muito insensato – ela replicou, prontamente. — Estou certa de que nenhuma vida pode ser apropriadamente desenvolvida e preenchida sem alguma provação e tristeza... embora eu suponha que só admitimos isso quando estamos muito tranquilos. Vamos! Os outros chegaram ao gazebo e estão nos esperando.

Sentaram-se todos juntos no pequeno refúgio para contemplar o pôr do sol outonal, uma mistura de profundo vermelho fogo e tons de dourado pálido. À esquerda estava Kingsport, com seus telhados e pináculos ofuscados num véu de fumaça violeta. À direita estava o porto, com matizes rosados e acobreados, como se estivesse estendendo-se ao ocaso. Diante deles a água tremulava, acetinada e prateada; e, mais além, surgia por entre a neblina a Ilha de William, guardando a cidade como um robusto cão de guarda. A luz do farol irrompia através da bruma igual a uma estrela sinistra, a qual respondiam outras no horizonte distante.

— Já viram algum local de aparência mais vigorosa? – perguntou Philippa. — Não me importo especialmente com a Ilha de William, mas tenho certeza de que não a conquistaria se quisesse. Vejam a sentinela no topo do forte, bem ao lado da bandeira. Não parece ter saído de um romance de aventura?

— Falando de romances – disse Priscilla – estávamos procurando pelas urzes; mas, é claro, não conseguimos encontrar nenhuma. Acho que a

estação está muito adiantada.

— Urzes! – exclamou Anne. — Urzes não crescem na América, crescem?

— Só existem dois canteiros em todo o continente: um exatamente aqui no parque e outro em algum lugar em Nova Scotia, esqueci onde – explicou Phil. — O famoso Regimento Escocês das Terras Altas, a Patrulha Negra, acampou aqui durante um ano e, quando os homens sacudiram os colchões de suas camas na primavera, algumas sementes de urze que estavam entre as palhas que os recheavam caíram e criaram raízes.

— Oh, que maravilha! – comentou a encantada Anne.

— Vamos para casa dando a volta pela Avenida Spofford – sugeriu Gilbert. — Poderemos ver todas as belas mansões onde a nobreza reside. A Avenida Spofford é a rua residencial mais elegante de Kingsport. A menos que seja milionário, ninguém consegue construir ali.

— Oh, vamos! – exclamou Phil. — Há um lugarzinho extremamente gracioso que quero lhe mostrar, Anne. *Não foi* construído por um milionário. É a primeira casa que se vê quando saímos do parque, e deve ter nascido enquanto a Avenida Spofford ainda era uma estrada secundária. Ela *nasceu* – não foi construída! Não me importo com as residências da Avenida. São muito novas e repletas de vidro. Mas este lugarzinho é um sonho, e tem um nome... mas espere até vê-lo.

Viram-no quando caminhavam pela colina margeada de pinheiros do parque. Precisamente no topo, onde a Avenida Spofford transformava-se numa via plana, havia uma casinha branca com telhado de duas águas longamente inclinado, com pinheiros agrupados em ambos os lados a estenderem seus braços protetores sobre o teto baixo da habitação. Estava coberta por trepadeiras vermelhas e douradas, através das quais espiavam as venezianas verdes fechadas. Na parte dianteira existia um pequeno jardim rodeado por um muro baixo feito de pedras. Apesar de já ser outubro, o jardim ainda estava muito perfumado e apresentava diversos tipos de flores e arbustos obsoletos e preciosos, que não pareciam deste mundo: abrótanos, verbenas, flores-de-mel, petúnias, calêndulas e crisântemos. Uma minúscula trilha de ladrilhos em zigue-zague ia do portão até a varanda da frente. Todo

o lugar parecia ter sido transplantado de um remoto vilarejo no campo; mas, ainda assim, havia algo ali que fazia o vizinho mais próximo – um enorme palácio num gramado cercado que pertencia a um rei do tabaco – parecer extremamente rude, artificial e mal construído em contraste. Como Phil dissera, percebia-se bem a diferença entre ter nascido e ter sido construído.

— É o lugar mais adorável que já vi! – disse a extasiada Anne. — Fez-me sentir um dos meus velhos e deliciosos arrepios. É mais terna e excêntrica do que a casa de pedras de Miss Lavendar.

— Quero que preste atenção especialmente no nome – prosseguiu Phil. — Veja as letras brancas sobre o portão, ao redor da arcada: “Patty’s Place”. Não é um nome gracioso? Especialmente nesta avenida cheia de Pinehursts, Elmwolds e Cedarcrofts? Patty’s Place, ao seu dispôr! Eu adorei!

— Tem alguma ideia de quem seja Patty? – perguntou Priscilla.

— Patty Spofford é o nome da senhora idosa que é a proprietária, conforme descobri. Ela mora com a sobrinha e as duas vivem aí há centenas de anos, mais ou menos; talvez um pouco menos, Anne. O exagero é só uma licença poética. Averigüei que muitos cavalheiros abastados já tentaram comprar o terreno várias vezes – e realmente vale uma pequena fortuna agora, sabiam? –, mas Patty não o venderia, independentemente do valor. E tem um pomar de maçãs atrás da casa, ao invés de um pátio dos fundos, que vocês poderão ver quando passarmos um pouquinho adiante, um verdadeiro pomar de maçãs na Avenida Spofford!

— Vou sonhar com Patty’s Place esta noite – murmurou Anne. — Ora, sinto como se pertencesse a este lugar. Pergunto-me se, por alguma casualidade, poderemos ver o interior da casa... um dia.

— Não me parece provável – respondeu Priscilla.

Anne sorriu misteriosamente.

— Não, não é provável. Mas acredito que isso irá acontecer. Estou com uma sensação esquisita, arrepiante e formigante – podem chamar de pressentimento, se quiserem – de que Patty’s Place e eu ainda seremos boas amigas.

Capítulo VII

Em Casa Novamente

Aquelas três primeiras semanas em Redmond pareceram longas. Mas o restante do semestre voou nas asas do vento. Antes que percebessem, os estudantes de Redmond encontraram-se às portas dos exames de Natal, emergindo destes mais ou menos triunfantes. A honra de obter o primeiro lugar da turma dos calouros flutuou entre Anne, Gilbert e Philippa. Priscilla saiu-se muito bem e Charlie Sloane passou raspando, mas comportou-se de maneira tão satisfeita quanto se tivesse sido o primeiro em tudo.

— Mal posso acreditar que amanhã a esta hora eu estarei em Green Gables – disse Anne, na véspera da partida. — Mas estarei! E você, Phil, estará em Bolingbroke com Alec e Alonzo.

— Anseio por vê-los – admitiu Phil, enquanto mordiscava um chocolate. — Eles são dois excelentes rapazes, você sabe. Não haverá fim para os bailes, passeios e festas em geral. Nunca perdoarei você, Rainha Anne, por não me acompanhar nas férias.

— “Nunca” significa três dias para você, Phil. Foi muita gentileza de sua parte me convidar, e eu adoraria ir a Bolingbroke algum dia. Mas não posso ir este ano. Eu *preciso* ir para casa. Não imagina como meu coração anseia por isso.

— Não vai se divertir muito – replicou Phil, desdenhosamente. — Imagino que vai haver uma ou duas reuniões do Clube de Costura e todas as velhas fofoqueiras vão falar mal de você na sua cara e pelas suas costas. Vai morrer de solidão, menina.

— Em Avonlea? – indagou Anne, muito animada.

— Agora, se viesse comigo, teria férias maravilhosas! Bolingbroke ficaria louca por você, Rainha Anne – por seu cabelo, seu estilo, e oh, tudo! Você é tão *diferente* e faria tanto sucesso! E eu iria deleitar-me na glória refletida: “*não a rosa, mas próxima a ela*”^[13]. Venha, por favor, Anne!

— Seu quadro de triunfos sociais é bem fascinante, Phil, mas pintarei outro para contrabalançá-lo. Voltarei para uma antiga casa de fazenda, que um dia foi verde, mas agora está um pouco desbotada, situada entre desnudos pomares de maçã. Há um riacho no declive e, mais além, um bosque de abetos onde já ouvi os dedos da chuva e do vento tocarem a harpa. Próximo dali existe uma lagoa, que agora deve estar cinzenta e reflexiva. Haverá duas senhoras idosas, uma magra e alta, outra baixa e gorda, e um casal de irmãos gêmeos; a menina é um perfeito modelo, e o menino é o que Mrs. Lynde chama de *santo terror*. Haverá um quartinho, subindo as escadas sobre a varanda, onde os velhos sonhos dançam intensamente, e uma grande, rechonchuda e gloriosa cama com colchão de penas, que parecerá como o mais fino dos luxos depois do colchãozinho da pensão. Que acha do meu quadro, Phil?

— Parece-me muito tedioso – ela respondeu, com uma careta.

— Oh, mas ainda não citei o que transforma tudo – prosseguiu Anne, suavemente. — Haverá amor ali, Phil. Amor leal e terno, tal como nunca vou encontrar em outro lugar no mundo... amor que está esperando por mim. Isso não faz da minha pintura uma obra de arte, mesmo que as cores não sejam assim tão brilhantes?

Phil levantou-se em silêncio, deixou de lado a caixa de bombons, foi até Anne e a abraçou.

— Anne, eu queria ser como você – disse, de forma sóbria.

Diana encontrou Anne na estação de Carmody na noite seguinte, e ambas foram para casa sob a silenciosa e estrelada profundidade do céu. Quando chegaram à alameda, surgiu Green Gables, e Anne percebeu que a fazenda tinha um verdadeiro ar de festa. Havia luz em cada janela e seu resplendor irrompia através da escuridão, como flores flamejantes a desabrocharem penduradas na paisagem de fundo da Floresta Assombrada. E no quintal ardia uma grande fogueira com duas alegres figurinhas dançando ao redor, uma das quais deu um grito despropositado quando a charrete fez a volta sob os álamos.

— Davy fez isso para parecer um grito de guerra indígena – explicou Diana. — O ajudante do Mr. Harrison o ensinou e ele tem praticado para lhe

dar as boas-vindas. Mrs. Lynde diz que está com os nervos em frangalhos. Ele aparece por trás dela, sabe, e então solta o grito. E ele também estava determinado a fazer uma fogueira para recebê-la. Esteve juntando galhos durante quinze dias e amolando Marilla para que ela o deixasse derramar um pouco de querosene antes de atear fogo. Creio que ela tenha deixado, a julgar pelo cheiro, apesar de Mrs. Lynde ter dito que Davy iria explodir a ele e a todos os demais se Marilla permitisse.

Anne já havia pulado da charrete nesse momento e Davy estava abraçado em seus joelhos de forma extasiada, enquanto Dora se pendurava em sua mão.

— Não é uma bela fogueira, Anne? Deixe eu mostrar como se atíça o fogo! Viu as fagulhas? Fiz para você, Anne, pois fiquei tão feliz que você estava voltando para casa!

A porta da cozinha se abriu e a delgada silhueta de Marilla escureceu-se contra o fogo. Preferiu encontrar Anne nas sombras, pois tinha muito medo de chorar de alegria – ela, a severa e reprimida Marilla, que julgava indecorosa toda exibição de profunda emoção. Mrs. Lynde veio logo atrás dela, robusta, gentil e matrona, como outrora. O amor que Anne tinha dito a Phil que estaria esperando por ela estava ali, envolvendo-a e cercando-a com sua graça e doçura. Nada, afinal, poderia se comparar aos velhos laços, aos velhos amigos e à velha Green Gables! Quão estrelados estavam os olhos de Anne quando se sentaram à mesa de jantar tão bem servida, quão rosadas suas bochechas, quão claro o som de sua risada! E Diana iria passar a noite ali também. Como tudo se parecia com os queridos velhos tempos! Até o jogo de chá decorado com botões de rosa enfeitava a mesa! Com Marilla, a força da natureza não poderia ir além.

— Imagino que você e Diana irão agora conversar a noite inteira – disse Marilla, em tom sarcástico, enquanto as meninas subiam as escadas. Ela sempre usava esse tom depois de trair-se com qualquer demonstração de sentimento.

— Sim – concordou Anne, alegremente –, mas primeiro vou colocar Davy na cama. Ele insiste.

— Pode apostar! – exclamou o menino, enquanto cruzavam o

corredor. — Quero alguém para compartilhar minhas orações de novo. Não tem graça falar para ninguém.

— Você não está falando *para ninguém*, Davy. Deus está sempre com você para ouvi-lo.

— Bom, eu não consigo vê-Lo – objetou Davy. — Quero rezar com alguém que eu possa enxergar, mas *não vou* fazer a oração perto da Mrs. Lynde ou da Marilla, não mesmo!

Por fim, quando havia vestido o pijama cinza de flanela, o menino não parecia com pressa para começar. Ficou diante de Anne, esfregando um pé descalço no outro, parecendo indeciso.

— Vamos querido, ajoelhe-se – pediu Anne.

Davy se aproximou e enterrou a cabeça no colo de Anne, mas não se ajoelhou.

— Anne – ele disse, com a voz abafada. — Não estou com vontade de rezar, afinal de contas. Faz uma semana que não estou com vontade. Eu... eu *não* rezei ontem, nem anteontem.

— Por que não, Davy? – ela perguntou, gentilmente.

— Você... você não vai ficar furiosa se eu contar? – implorou Davy.

Anne ergueu no colo o corpinho vestido em flanela cinza e acariciou sua cabeça com a mão.

— E alguma vez eu fiquei “furiosa” quando você me contou as coisas, Davy?

— Nã-nã-não, você nunca fica. Mas você fica triste, e isso é pior. Você vai ficar terrivelmente triste quando eu contar, Anne... e acho que vai ficar com vergonha de mim.

— Você fez alguma maldade, Davy? É por isso que não consegue orar?

— Não, não fiz nenhuma maldade... ainda. Mas quero fazer.

— O que é, Davy?

— Eu... eu quero falar um palavrão, Anne – ele disse abruptamente, num esforço desesperado. — Escutei o ajudante do Mr. Harrison falando isso na semana passada, e desde aquele dia fico querendo repetir *todo o tempo*, até mesmo quando estou rezando.

— Então diga que palavrão é esse, Davy.

Surpreso, o menino ergueu o rosto ruborizado.

— Mas, Anne, é um palavrão *terrivelmente* feio!

— *Diga!*

Davy voltou a olhar para ela de forma incrédula, e então proferiu a palavra terrível em voz muito baixa. No instante seguinte, escondeu o rosto contra o colo dela.

— Oh, Anne, eu nunca mais vou falar isso, nunca! Nunca mais vou *querer* falar isso outra vez! Eu sabia que era uma palavra ruim, mas não imaginei que era tão... tão... não achei que era *assim*.

— Não, não acho que você vai querer dizer isso de novo, Davy, nem ao menos pensar. E, se estivesse em seu lugar, eu não ficaria muito tempo na companhia do empregado de Mr. Harrison.

— É que ele consegue fazer os gritos de guerra dos índios – justificou, um pouco arrependido.

— Mas você não quer que a sua mente fique cheia de más palavras, quer, Davy? Palavras que envenenam e expulsam tudo que é bom e cavalheiresco?

— Não – respondeu, com grandes olhos introspectivos.

— Então não fique perto das pessoas que as proferem. E agora, Davy, você sente que consegue fazer a oração?

— Oh, sim! – exclamou, ajoelhando-se prontamente. — Posso muito bem orar agora. Não estou mais com medo de falar “*se eu morrer antes de despertar*”, como quando estava querendo falar aquele palavrão.

Provavelmente Anne e Diana esvaziaram suas almas uma para a outra naquela noite, mas nenhuma lembrança de suas confidências foi preservada.

Ambas pareciam tão frescas e faceiras no café da manhã quanto só a juventude pode estar depois de inconvenientes horas de conversas e confissões. Ainda não tinha nevado naquela época, mas quando Diana cruzou a velha ponte de troncos no caminho para Orchard Slope os flocos brancos estavam começando a flutuar sobre os campos e bosques, pardos e acinzentados em seu sono pesado. Logo, as longínquas costas e montes estavam sombrios e fantasmagóricos por entre a cobertura transparente, como se a pálida estação outonal tivesse lançado um véu de noiva nublado sobre os cabelos, esperando por seu prometido noivo invernal. Deste modo tiveram um Natal branco, e aquele foi um dia demasiadamente agradável. À tarde, chegaram cartas e presentes de Miss Lavendar e Paul, e Anne os abriu na animada cozinha de Green Gables – que estava preenchida por “cheiros deliciosos”, como chamou Davy, que estava arrebatado sentindo tais aromas.

— Miss Lavendar e Mr. Irving estão instalados em seu novo lar agora – anunciou Anne. — Estou certa de que ela está absolutamente feliz; sei disso pelo tom geral de sua carta. Porém, há uma nota de Charlotta IV. Ela não gosta nem um pouco de Boston e está sofrendo de nostalgia. Miss Lavendar quer que eu vá até Echo Lodge um dia, enquanto eu estiver por aqui, e acenda a lareira para arejá-la, e veja se as almofadas não estão ficando mofadas. Acho que vou pedir a Diana que me acompanhe na semana que vem, e poderemos visitar Theodora Dix no final da tarde. Desejo vê-la. Por falar nisso, Ludovic Speed ainda está visitando-a?

— Dizem que sim – respondeu Marilla –, e é provável que ele continue. As pessoas já perderam as esperanças de que aquele namoro dê em alguma coisa.

— Eu o apressaria um pouco, se fosse Theodora, isto é que é – disse Mrs. Lynde. E não há a menor dúvida de que assim ela teria feito.

Havia também rabiscos característicos de Philippa, repletos de Alec e Alonzo, o que eles disseram e fizeram, e como ficaram quando a encontraram.

“Mas ainda não consigo me decidir com qual deles me casar”, escreveu Phil. “Eu queria que você tivesse vindo comigo para decidir no meu lugar. Alguém terá que fazer isso. Quando vi Alec, meu coração deu um

grande baque, e eu pensei: ‘ele deve ser o rapaz certo!’ E então, quando chegou Alonzo, senti outro baque no coração. Portanto, este sinal não serve, apesar do que dizem todos os romances que já li. Ora, Anne, seu coração não teria baques por nenhum outro além do genuíno Príncipe Encantado, não é mesmo? Deve haver algo radicalmente errado com o meu. Mas estou me divertindo muitíssimo. Como queria que você estivesse aqui! Está nevando hoje e eu estou em êxtase. Temia tanto que tivéssemos um Natal Verde, coisa que seria abominável. Você sabe, quando o Natal se apresenta numa suja tonalidade marrom e cinza, como se tivesse sido deixado de molho há cem anos, é chamado Natal Verde! Não me pergunte a razão. Como diz o lorde Dundreary: ‘existem coisas que nenhum indivíduo pode compreender’.

“Anne, já aconteceu de você entrar em um transporte público e descobrir que não tem dinheiro para pagar a passagem? Aconteceu comigo outro dia. É absolutamente terrível. Eu tinha uma moeda quando entrei no bonde. Pensei que estava no bolso esquerdo do casaco. Quando me senti confortavelmente, procurei por ela e não estava lá. Senti um calafrio. Busquei no outro bolso e também não estava. Outro calafrio. Então procurei no bolsinho interior. Tudo em vão! Tive dois calafrios de uma só vez.

“Tirei minhas luvas, deixei-as no assento e procurei de novo em todos os meus bolsos. Não estava em lugar nenhum! Levantei-me e me sacudi, e olhei para o chão. O bonde estava lotado de passageiros que estavam saindo de uma ópera e todos me olhavam, mas eu já havia passado do ponto de me importar com uma coisa tão pequena quanto ser encarada por estranhos.

“Mas não encontrava o dinheiro para pagar minha passagem! Concluí que devia tê-lo colocado na boca e engolido inadvertidamente.

“Não sabia o que fazer. Perguntava-me se o condutor pararia o veículo e me colocaria para fora em ignomínia e vergonha. Seria possível convencê-lo de que eu era meramente uma vítima de minha própria distração e não uma criatura sem princípios, tentando obter uma carona mediante subterfúgios? Como queria que Alec e Alonzo estivessem comigo! Mas não estavam, só porque eu os queria ali – se não quisesse, eles estariam. E eu não conseguia me decidir sobre o que dizer ao condutor quando ele se aproximasse. Assim que formava uma frase de explicação mapeada em

minha mente, sentia que ninguém iria acreditar e que deveria formar outra. Parecia que não havia nada mais a fazer além de confiar na Providência, e mesmo com todo o conforto que isso deveria ter me trazido, eu também poderia ser como aquela velha senhora a bordo do navio, que, durante uma tempestade, ouviu do capitão que deveria depositar sua confiança no Altíssimo e exclamou: ‘Oh, Capitão, é tão ruim assim?’

“Precisamente naquele momento crítico, quando toda a confiança se esvaía e o condutor estendia a caixinha para o passageiro à minha frente, lembrei repentinamente onde tinha guardado a bendita moeda. Não a havia engolido, afinal! Humildemente, tirei-a de dentro do dedo indicador da minha luva e coloquei-a na caixa. Pude então sorrir para todos, e senti que o mundo era verdadeiramente lindo.”

A visita a Echo Lodge não foi menos agradável do que os muitos passeios prazerosos daqueles dias de férias. Anne e Diana voltaram à casa pelo antigo caminho por entre o bosque de faias, carregando uma cesta com o lanche. A casinha de pedras, que estivera fechada desde o casamento de Miss Lavendar, voltou a ser brevemente aberta para o vento e os raios de sol, e a luz do fogo tornou a arder em seus pequenos cômodos. O aroma das flores do canteiro de Miss Lavendar ainda pairava no ar. Era difícil acreditar que ela não iria aparecer a qualquer momento, com seus olhos castanhos brilhantes como as estrelas para dar-lhes as boas vindas, e que Charlotta IV, de laçarotes azuis e sorriso largo, não iria surgir pela porta. Paul também parecia estar pairando por ali, com suas fantásticas histórias.

— Isso realmente me faz sentir um pouquinho como se fosse um fantasma, revisitando os antigos clarões do luar – riu Anne. — Vamos sair e ver se os ecos estão em casa. Traga a velha trombeta. Ainda está atrás da porta da cozinha.

Os ecos estavam em casa, sobre o cândido rio, tão prateado e extenso como nunca; e, quando cessaram de responder, as jovens voltaram a trancar as portas e janelas de Echo Lodge e regressaram, desfrutando da perfeita meia hora em que se prolongava o pôr do sol em tons de rosa e açafão do entardecer de inverno.

Capítulo VIII

O Primeiro Pedido de Casamento de Anne

O velho ano não se despediu com um crepúsculo esverdeado e um pôr do sol com pinceladas cor-de-rosa e amareladas. Ao invés disso, foi embora com uma tempestade branca e violenta e um vendaval feroz. Era uma das noites em que os ventos de temporal sopravam ruidosamente contra os prados congelados e os vales escuros, gemendo em torno dos beirais feito uma alma errante e atirando a neve furiosamente contra as vidraças que estremeciam.

— É exatamente o tipo de noite em que as pessoas gostam de se aconchegar entre as cobertas e ficar em oração – disse Anne para Jane Andrews, que viera passar a tarde com ela e ficara para dormir. Mas quando estavam aconchegadas entre as cobertas, no quartinho de Anne, não era em orações que Jane estava pensando.

— Anne, quero conversar sobre um assunto com você. Posso? – pediu ela, muito solenemente.

Anne sentia-se um pouco sonolenta depois da festa que Ruby Gillis celebrara na véspera. Preferia ter ido dormir a ouvir as confidências de Jane, que certamente a deixariam entediada. Não tinha a mais remota ideia do assunto que se aproximava. Provavelmente Jane também estava comprometida. Existiam rumores de que Ruby Gillis estava enamorada do professor de Spencervale, por quem diziam que todas as moças suspiravam.

“Em breve serei a única donzela livre e desimpedida de nosso antigo quarteto”, pensou Anne, sonolenta. Em voz alta ela respondeu:

— É claro.

— Anne – prosseguiu Jane, em tom ainda mais solene –, o que você acha do meu irmão, Billy?

Anne arfou diante de tão inesperada pergunta e debateu-se impotentemente em seus pensamentos. Por Deus, o que ela *achava* de Billy Andrews? Ela nunca tinha pensado *nada* a respeito dele – sobre seu rosto

arredondado e expressão de tonto, sobre estar sempre sorridente, sobre o bom caráter de Billy Andrews. Será que *alguém* já tinha pensado em Billy Andrews?

— Eu... eu não compreendo, Jane – gaguejou. — O que quer dizer, exatamente?

— Você gosta do Billy? – ela perguntou, abruptamente.

— Ora... ora... sim, gosto dele, é claro – ofegou Anne, perguntando-se se estava literalmente dizendo a verdade. Por certo ela não *desgostava* de Billy. Mas poderia a indiferente tolerância com a qual ela o tratava, quando ocorria do rapaz estar em seu raio de visão, ser considerada positiva o bastante para gostar? *O que Jane estava tentando elucidar?*

— Você gostaria dele como marido? – inquiriu Jane, calmamente.

— Como marido! – Anne, que estivera sentada na cama para melhor lidar com o problema de sua exata opinião de Billy Andrews, agora caiu para trás, de costas sobre os travesseiros, perdendo completamente o fôlego. — Marido de quem?

— Seu, é claro! – respondeu Jane. — Billy quer desposá-la. Ele sempre foi louco por você. Agora o papai colocou a fazenda do campo de cima em nome dele, e não há nada que o impeça de se casar. Mas ele é tão tímido que não se atreveria a pedir sua mão pessoalmente, e então me encarregou de fazê-lo. Eu preferiria não ter aceitado a incumbência, mas ele não me deixou em paz até que eu lhe dissesse que pediria, se tivesse uma boa oportunidade. O que você acha, Anne?

Era um sonho? Era um daqueles pesadelos, no qual a pessoa se vê noiva ou casada com alguém a quem odeia ou não conhece, sem ter a menor ideia de como isso acontece? Não. Ela, Anne Shirley, estava deitada em sua própria cama, absolutamente acordada; e Jane Andrews estava ao seu lado, propondo-lhe calmamente que se casasse com seu irmão. Anne não sabia se queria chorar ou rir, mas não poderia fazer nenhum dos dois, pois os sentimentos de Jane não deveriam ser feridos.

— Eu... eu não poderia me casar com Billy, Jane, você sabe – ela conseguiu murmurar. — Ora, uma ideia como esta nunca me ocorreu...

nunca!

— Não pensei que tivesse ocorrido – concordou Jane. — Billy sempre foi tímido demais para pensar em cortejar. Mas pense bem, Anne. Billy é um bom rapaz. Devo dizer isso, mesmo sendo meu irmão. Não tem maus hábitos e é um bom trabalhador, e você pode confiar nele. *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.* Ele pediu que eu lhe dissesse que está disposto a esperar até que você termine a faculdade, se você insistir, embora ele *prefira* se casar nesta primavera, antes do início do plantio. Estou certa de que ele sempre será muito bondoso com você, Anne, e eu adoraria tê-la como irmã.

— Não posso me casar com Billy – foi a resposta decidida de Anne. Já havia recuperado completamente sua inteligência viva e até se sentia um pouco irritada. Tudo aquilo era muito ridículo. — É inútil pensar no assunto, Jane. Não sinto nada nesse sentido pelo seu irmão e você precisa dizer isso a ele.

— Bem, não achei que você sentisse – ela redarguiu, com um suspiro resignado, sentindo que tinha dado seu melhor. — Eu havia dito ao Billy que achava ser perda de tempo falar com você, mas ele insistiu. Bem, você tomou sua decisão, Anne, e espero que não se arrependa.

Jane falou com certa frieza. Sabia perfeitamente que o enamorado Billy não tinha a mínima chance de induzir Anne a casar-se com ele. Não obstante, estava um pouco ressentida por Anne Shirley – que era, apesar de tudo, uma mera órfã adotada, sem ter onde cair morta – ter recusado seu irmão, um dos Andrews de Avonlea.

“Bem, algumas vezes o orgulho vem antes da queda”, refletiu Jane, ominosamente. E Anne permitiu-se sorrir no escuro perante a ideia de que pudesse arrepender-se de não se casar com Billy Andrews.

— Espero que Billy não fique muito triste por causa disso – comentou, amavelmente.

Jane fez um movimento como se sacudisse a cabeça apoiada no travesseiro.

— Oh, você não vai partir o coração dele! Billy tem muito bom senso para isso. Ele também gosta bastante de Nettie Blewett, e mamãe prefere que

ele se case com ela do que com qualquer outra. A moça é econômica e é uma boa administradora. Acho que, quando Billy souber de uma vez que você o rejeitou, vai pedir a mão de Nettie. Por favor, Anne, não mencione isto a ninguém, pode ser?

— Claro que não – disse Anne, que não tinha nenhuma vontade de apregoar pelas redondezas que Billy Andrews a pedira em casamento, preferindo ela, considerando-se todas as coisas, a Nettie Blewett. *Nettie Blewett!*

— E, agora, suponho que seja melhor descansarmos – sugeriu Jane.

E isso Jane fez com facilidade e rapidez. Porém, apesar de ser uma pessoa muito diferente de Macbeth na maioria dos aspectos, ela tinha certamente contribuído para matar o sono de Anne. A donzela que recebera a proposta manteve-se desperta até o amanhecer, mas suas meditações estavam longe de ser românticas. Entretanto, somente após a metade da manhã que ela teve a oportunidade de entregar-se a uma boa gargalhada sobre toda a questão. Quando Jane foi para casa – ainda com um tom de voz frio e maneiras reservadas, pois Anne havia declinado de forma tão ingrata e resoluta a honra de formar uma aliança com a família Andrews –, Anne retirou-se para o quarto, fechou a porta e soltou, enfim, sua gargalhada.

“Se eu pudesse compartilhar esta piada com mais alguém!”, ela pensou. “Mas não posso. Diana é a única pessoa a quem eu gostaria de fazer esta revelação e, mesmo que não tivesse prometido segredo a Jane, não posso contar as coisas para Diana agora. Ela conta tudo para Fred; sei que conta. Bem, recebi meu primeiro pedido de casamento. Imaginei que aconteceria, algum dia, mas com certeza nunca pensei que seria mediante procuração. É extremamente engraçado – e, ainda assim, também há um aguilhão, de certo modo.”

Ainda que não confessasse, intimamente Anne sabia direitinho em que consistia o aguilhão. Ela tivera seus sonhos secretos sobre a primeira vez em que alguém lhe faria a grande pergunta. E, naqueles sonhos, tudo sempre havia sido muito bonito e romântico: e o “alguém” seria extremamente charmoso, de olhos escuros, eloquente e de aparência distinta, sendo ele o Príncipe Encantado para ser recebido com um “sim”, ou outro a quem devia

dar uma recusa desesperançada e belamente preparada – embora muito pesarosa. Neste último caso, a recusa era para ser expressa de forma tão delicada que seria quase a mesma coisa que uma aceitação; e, depois de beijar-lhe a mão, ele partiria assegurando-lhe sua eterna e inabalável devoção. E assim seria como um belo episódio para recordar com orgulho e também com certa tristeza.

E, agora, esta emocionante experiência tornara-se meramente grotesca. Billy Andrews enviara a irmã para propor matrimônio porque seu pai tinha lhe dado a fazenda do campo de cima, e se Anne não o “acesse”, Nettie Blewett aceitaria. Aí estava o romance, acompanhado de uma vingança! Anne riu, e então suspirou. O brilho de um pequeno sonho juvenil fora apagado. Continuaría assim o doloroso processo, até que tudo se tornasse prosaico e monótono?

Capítulo IX

Um Pretendente Indesejado e uma Amiga Bem-Vinda

O segundo semestre em Redmond passou tão rápido quanto o primeiro – como disse Philippa, “passou voando, na verdade”. Em todas as fases, Anne desfrutou de tudo por completo: a estimulante rivalidade com os colegas, fazer e aprofundar novas e úteis amizades, os alegres eventos sociais, as atividades dos vários grupos dos quais fazia parte, a ampliação de horizontes e interesses. Ela estudou para valer, pois estava decidida a conquistar a bolsa de estudos Thorburn em Inglês. Recebê-la significava que poderia voltar a Redmond no ano seguinte sem mexer nas parcas economias de Marilla – algo que Anne estava determinada a não fazer.

Gilbert também estava à caça de uma bolsa, mas encontrava muito tempo para visitas frequentes à Rua St. John, número trinta e oito. Ele era o acompanhante de Anne em praticamente todos os acontecimentos da universidade, e ela sabia que seus nomes apareciam nas fofocas românticas de Redmond. Anne se enfurecia por isso, mas era inútil; não podia deixar de lado um velho amigo como Gilbert, especialmente quando ele se tornara repentinamente sábio e cauteloso e sua presença era conveniente diante da perigosa proximidade de mais de um rapaz de Redmond, que alegremente teria tomado seu lugar ao lado da esbelta colega ruiva, cujos olhos acinzentados eram tão encantadores quanto as primeiras estrelas do anoitecer. Anne nunca esteve rodeada pela multidão de vítimas desejosas que cercavam a marcha conquistadora de Philippa durante seu primeiro ano, mas havia um esguio e inteligente calouro, um alegre e roliço veterano e um alto e erudito aluno do terceiro ano que gostavam de visitar a Rua St. John, número trinta e oito, e conversar a respeito de teologias e doutrinas, bem como sobre assuntos mais leves com Anne, na almofadada sala de visitas daquele domicílio. Gilbert não gostava daqueles jovens e era extremamente cuidadoso para não ceder vantagem a nenhum deles naquilo que pudesse significar uma inoportuna demonstração de seus verdadeiros sentimentos com relação a

Anne. Para esta, ele se tornara outra vez o amigo camarada dos bons tempos de Avonlea, e, como tal, podia ocupar seu lugar frente a qualquer pretendente que tivesse até então entrado na lista contra ele. Como companheiro, Anne honestamente reconhecia que ninguém poderia ser tão satisfatório quanto Gilbert. Ela estava muito contente, assim disse a si mesma, de que o rapaz tivesse evidentemente abandonado qualquer ideia despropositada – apesar de passar um tempo considerável questionando-se secretamente o porquê.

Um único incidente desagradável marcou aquele inverno. Charlie Sloane, sentado ereto sobre uma das almofadas favoritas de Miss Ada, perguntou a Anne, certa noite, se ela prometeria “*vir a tornar-se Mrs. Charlie Sloane um dia*”. Tendo isto ocorrido logo após a declaração por procuração feita por Billy Andrews, esta situação não causou exatamente um choque às sensibilidades românticas de Anne, como teria sido em caso contrário. Todavia, era certamente outra grande decepção. Ela também estava irritada porque sabia que nunca tinha dado a Charlie o mais leve encorajamento para que ele supusesse que tal coisa fosse possível. Mas, como teria perguntado Mrs. Rachel Lynde, com desdém, *o que se poderia esperar de um Sloane*? Toda a atitude de Charlie – seu tom, ar, palavras – claramente exalava “Sloanação”. O rapaz estava lhe conferindo uma grande honra e não havia nenhuma dúvida disso. E quando Anne, totalmente insensível à sua honra, o recusou – tão delicada e consideradamente quanto pôde, pois mesmo um Sloane tem sentimentos que não precisam ser dilacerados indevidamente –, ainda mais a “Sloanação” o traiu. Charlie obviamente não aceitou a recusa de Anne como teriam feito os pretendentes imaginários dela. Ao invés disso, ficou zangado e nem sequer tentou disfarçar, dizendo duas ou três palavras sórdidas. O temperamento de Anne se inflamou, revoltado, e ela retorquiu com um discursinho cortante cuja agudeza penetrou até mesmo na armadura Sloane de Charlie e atingiu o alvo. O rapaz pegou o chapéu e saiu porta afora da pensão com o rosto muito vermelho. Anne correu escada acima, caindo duas vezes sobre as almofadas de Miss Ada que estavam no caminho, e atirou-se na cama, derramando lágrimas de humilhação e raiva. Alguma vez já havia chegado ao ponto de discutir com um Sloane? Era possível que qualquer coisa que Charlie Sloane dissesse pudesse irritá-la? Oh, isso era certamente degradante, de fato – ainda pior do que ser rival de Nettie Blewett!

— Queria nunca mais ter que ver aquela criatura horrível de novo! — ela soluçou, vingativa, sobre o travesseiro.

Anne não podia evitar vê-lo de novo, mas o ofendido Charlie cuidou para que o encontro não ocorresse tão prontamente. Daí em diante as almofadas de Miss Ada estavam seguras de depredações, e quando ele encontrava Anne na rua ou nos corredores de Redmond sua saudação era notavelmente fria. As relações entre os dois velhos colegas de infância continuaram hostis durante quase um ano. Então, Charlie transferiu suas frustradas afeições a uma jovem veterana roliça, de bochechas coradas, nariz arrebitado e olhos azuis, que as apreciou como mereciam; e, desde então, ele perdoou Anne e condescendeu em tornar a ser educado com ela, coisa que fez com um ar complacente, no intuito de mostrar-lhe exatamente o que havia perdido.

Certo dia, Anne entrou apressadamente no quarto de Priscilla. Estava muito animada.

— Leia isto! — gritou, alcançando uma carta para Priscilla. — É de Stella! E ela está vindo para Redmond no ano que vem! O que você acha da ideia dela? Penso que é perfeitamente esplêndida, se conseguirmos levá-la a cabo. Acha que conseguiremos, Pris?

— Estarei mais apta a responder quando descobrir de que se trata — respondeu Priscilla, deixando de lado um livro de Grego e tomando a carta. Stella Maynard fora uma de suas companheiras na Queen's Academy e estivera lecionando desde então.

“Mas vou abandonar, Anne querida”, ela escreveu, “e irei para a universidade no próximo ano. Como fiz o terceiro ano na Queen's Academy, posso entrar no segundo ano em Redmond. Estou cansada de lecionar numa escola rural. Algum dia escreverei um tratado sobre ‘As Agruras de Uma Professora do Interior’. Será uma assustadora peça de realismo. Parece que a opinião geral é que vivemos num mar de rosas e que não temos mais nada a fazer além de receber o salário. Meu tratado revelará a verdade sobre a nossa profissão. Ora, se uma semana se passar sem que alguém me diga que trabalho pouco pelo muito que ganho, eu concluiria que também poderia exigir meu manto de ascensão ‘imediatamente e no ato’. ‘Bem, a senhorita

ganha dinheiro fácil’, alguns contribuintes me dizem de forma condescendente. ‘Tudo que tem a fazer é sentar e tomar as lições’. Eu costumava discutir sobre isso antes, mas estou mais sábia agora. Fatos são coisinhas teimosas – mas, como dizem sabiamente, não tão teimosas quanto as falácias. Então, agora, limito-me a sorrir com altivez em eloquente silêncio. Ora, tenho nove turmas de diferentes idades na escola e preciso ensinar um pouco de cada coisa, desde investigar a anatomia de uma minhoca até os estudos sobre o sistema solar. Meu aluno mais jovem tem quatro anos (sua mãe o manda para a escola para ‘tirá-lo do caminho’) e o mais velho tem vinte (‘repentinamente ele percebeu’ que era mais fácil estudar e receber educação do que seguir pegando no arado por mais tempo). No desesperado esforço de amontoar toda classe de estudos em seis horas por dia, eu não me impressiono se as crianças se sentirem como o garotinho que foi levado para assistir à projeção de filmes. ‘Tenho que ver o que se segue antes de saber das coisas que já passaram’, resmungou ele. Eu mesma me sinto assim.

“E as cartas que recebo, Anne! A mãe de Tommy escreveu-me dizendo que o filho não está indo tão bem em Aritmética quanto ela desejava. Ele ainda está nas subtrações simples, enquanto Johnny Johnson está nas frações, e ela alega que o tal Johnny não tem nem metade da inteligência de seu Tommy, e ela ‘não entende o porquê’. E o pai de Suzy quer saber qual o motivo da filha não conseguir escrever uma carta sem errar a ortografia de metade das palavras, enquanto a tia de Dick quer que eu o mude de assento, pois o colega que senta ao lado dele atualmente, o terrível menino dos Brown, está ensinando-o a dizer palavras de baixo calão.

“Quanto à parte financeira – melhor nem falar nisso. Os deuses convertem em professores rurais àqueles a quem desejam destruir primeiro!

“Aí está, já me sinto melhor depois de todo este resmungo. Apesar de tudo, eu desfrutei destes dois últimos anos. Mas estou indo para Redmond.

“E agora, Anne, tenho um pequeno plano. Você sabe o quanto detesto pensões. Tenho residido em hospedarias durante quatro anos, e estou tão cansada! Não acho que consigo suportar este modo de vida por mais três anos.

“Ora, por que você, Priscilla e eu não nos unimos, alugamos uma casinha em algum lugar de Kingsport e moramos juntas? Seria mais barato do que de outra maneira. É claro que vamos precisar de uma governanta, e já tenho uma em mente. Já me ouviram falar da tia Jamesina? É a tia mais doce que já viveu neste mundo, apesar de ter um nome como este. Mas isso não é culpa dela! Chamaram-na Jamesina por causa de seu pai, cujo nome era James, que morreu afogado um mês antes de seu nascimento. Eu sempre a chamei de tia Jimsie. Bem, a única filha dela se casou recentemente e partiu para o exterior, rumo a um campo missionário. Tia Jamesina ficou sozinha numa casa enorme e está se sentindo terrivelmente solitária. Estou certa de que ela irá a Kingsport para cuidar da casa se nós a quisermos, e sei que vocês irão amá-la. Quanto mais penso neste plano, mais gosto dele. Podemos viver muito bem e seremos independentes.

“Assim sendo, se você e Priscilla aceitarem, não seria uma boa ideia que vocês, que estão na cidade, comessem a procurar para ver se encontramos uma casa adequada nesta primavera? Seria melhor do que deixar esta tarefa para o outono. Se conseguirmos encontrar uma já mobiliada, tanto melhor; mas, se não, podemos conseguir uns poucos móveis entre nós mesmas e os velhos amigos das nossas famílias que tenham sótãos. De qualquer modo, decidam o mais rápido possível e me escrevam, para que tia Jamesina possa fazer planos para o ano que vem.”

— Acho que é uma boa ideia – disse Priscilla.

— Eu também! – concordou Anne, satisfeita. — É claro que temos uma boa hospedaria aqui, mas, com tudo dito e feito, uma pensão não é um lar. Então, vamos agora mesmo em busca de uma casa, antes que comecem os exames!

— Receio que será difícil encontrarmos uma casa que seja realmente adequada – advertiu Priscilla. — Não crie muitas expectativas, Anne. Residências boas e bem localizadas provavelmente estarão além das nossas condições. É possível que tenhamos que nos contentar com uma casinha precária em alguma rua onde vivem pessoas desconhecidas, e fazer com que a vida do lado de dentro compense a do lado de fora.

E então começaram a busca pela casa, mas encontrar exatamente o

que procuravam provou ser mais difícil do que Priscilla temera. Existiam diversas casas, mobiliadas ou não, e uma era muito grande, outra muito pequena, esta era cara demais e aquela longe demais de Redmond. A época dos exames chegou e passou, e teve início a última semana do semestre; e a “casa dos sonhos”, como Anne a chamava, permanecia como um castelo no ar.

— Suponho que teremos que desistir e esperar até o outono – concluiu Priscilla, desanimada, ao vagarem pelo parque num dos belos dias de abril, com brisa e céu azul, quando o porto estava cintilante sob a neblina cor de pérola flutuando acima d’água. — Talvez então encontremos uma choupana para nos abrigar. E, se não, sempre teremos as hospedarias.

— De qualquer maneira, não vou me preocupar com isso agora e estragar esta tarde adorável – disse Anne, olhando à sua volta com deleite. O ar fresco estava levemente carregado com o balsâmico aroma de pinheiro, e o céu acima era azul cristalino como uma grande taça de bênçãos derramada. — Hoje, a primavera está cantarolando em meu sangue e o fascínio de abril está espalhado pelo ar. Estou tendo visões e fantasiando sonhos, Pris. Isso é porque o vento está soprando do oeste. Amo este vento! Ele canta sobre alegrias e esperanças, não é mesmo? Quando sopra o vento do leste, sempre penso numa pesadosa chuva caindo nos beirais e nas tristes ondas sobre a costa acinzentada. Quando envelhecer, terei reumatismo sempre que soprar o vento leste.

— E não é maravilhoso quando você descarta os trajes inverniais e as peles pela primeira vez no ano e sai com roupas primaveris? – riu Priscilla. — Não se sente renovada?

— Tudo é novo na primavera – respondeu Anne. — A primavera em si é sempre tão diferente! Nenhuma é exatamente igual à anterior. Sempre há algo próprio para ser a doçura peculiar da vez. Veja como está verde a grama em torno daquela lagoa e como crescem os brotos de salgueiro!

— E os exames já terminaram e se foram... e se aproxima o dia da Graduação dos veteranos, na próxima quarta-feira. Daqui a uma semana estaremos em casa.

— Estou contente – prosseguiu a sonhadora Anne. — Há tantas coisas

que quero fazer. Quero me sentar nos degraus da varanda dos fundos, sentindo soprar a brisa que vem dos campos do Mr. Harrison. Quero caçar samambaias na Floresta Assombrada e colher violetas no Vale das Violetas. Lembra-se do dia da nossa excursão dourada, Priscilla? Quero ouvir o coaxar dos sapos e o sussurro dos álamos. Mas aprendi a amar Kingsport também, e estou contente por voltar no próximo outono. Se eu não tivesse conquistado a bolsa Thorburn, não creio que conseguiria. *Não poderia* usar as escassas economias de Marilla.

— Se apenas conseguíssemos achar uma casa! – suspirou Priscilla. — Olhe para Kingsport, Anne! Casas e mais casas para todo lado, e nenhuma para nós.

— Pare com isso, Pris. O melhor está por vir. Como os antigos romanos, encontraremos uma casa ou construiremos uma. Em um dia como este a palavra “fracasso” não figura em meu dicionário brilhante!

As duas permaneceram no parque até o pôr do sol, vivendo o estupendo milagre, glória e maravilha do despertar da primavera, e voltaram para a pensão pelo caminho de costume, pela Avenida Spofford, para que pudessem ter o prazer de olhar para Patty’s Place.

— Sinto que algo misterioso está para acontecer... *pelo formigamento dos meus polegares* – disse Anne, enquanto subiam a ladeira. — É uma deliciosa sensação poética. Ora... ora, ora! Priscilla Grant, olhe para lá e me diga se é verdade ou se estou imaginando coisas!

Priscilla olhou. Os polegares e os olhos de Anne não a estavam enganando. Sobre a arcada do portão de Patty’s Place balançava um pequeno e modesto cartaz que dizia: “*Aluga-se, mobiliada. Informações aqui.*”

— Priscilla... você acha que é possível que possamos alugar Patty’s Place? – suspirou Anne.

— Não, não acho. Seria bom demais para ser verdade. Contos de fadas não acontecem hoje em dia. Não vou me iludir, Anne. O desapontamento seria muito terrível para suportar. Certamente elas querem mais do que podemos pagar. Lembre-se, estamos na Avenida Spofford.

— Mas, de qualquer modo, devemos averiguar! – exclamou Anne,

resoluta. — É muito tarde para batermos na porta hoje, pois já está anoitecendo, mas viremos amanhã. Oh, Pris, se conseguirmos este lugar encantador! Desde que vi esta casinha pela primeira vez, tive a sensação de que meu destino estava ligado à Patty's Place.

Capítulo X

Patty's Place

Na tarde seguinte, as duas moças trilharam resolutamente a trilha decorada de ladrilhos em zigue-zague que cruzava o pequeno jardim. O vento de abril enchia os pinheiros com sua canção e o arvoredor era animado pelos tordos – grandes e gorduchas criaturas travessas, pavoneando-se pelas veredas. As moças tocaram a campainha timidamente e foram recebidas por uma sisuda criada idosa. A porta abria diretamente para uma ampla sala de estar onde ardia um fogo animador, em cujo abrigo estavam duas outras senhoras, ambas sisudas e idosas. Com exceção do fato de uma ter em torno de setenta anos e a outra cinquenta, parecia haver pouquíssima diferença entre elas. Cada uma delas tinha grandes olhos azuis impressionantemente claros por trás de óculos de aros de aço. Ambas usavam gorros e xales cinza, tricotavam sem pressa e sem descanso e balançavam-se placidamente em suas cadeiras. Olharam para as visitantes sem dizer uma palavra. E, bem atrás de cada uma das cadeiras, havia um grande cachorro de porcelana branca coberto de manchas verdes e redondas por todo o corpo, tendo também o nariz e as orelhas verdes. Os cachorros imediatamente despertaram a imaginação de Anne. Pareciam com deidades gêmeas, guardiãs de Patty's Place.

Por alguns instantes, ninguém falou. As jovens estavam muito nervosas para encontrar as palavras, e nenhuma das damas idosas, nem os cachorros de porcelana pareciam inclinados à conversação. Anne observou o aposento. Que ambiente tão adorável! Outra porta se abria diretamente para a pequena mata de pinheiros e os tordos se aproximavam ousadamente dos degraus. O piso era coberto por esteiras redondas trançadas, iguais às que Marilla confeccionara e permanecia usando em Green Gables, mas que eram consideradas antiquadas por todos, até mesmo em Avonlea. E, ainda assim, aqui estavam, em plena Avenida Spofford! Um grande e polido carrilhão soava as horas forte e solenemente num canto da parede. Sobre a cornija da lareira havia pequenas cristaleiras, detrás de cujas portas de vidro brilhavam

exóticas peças de porcelana. Nas paredes estavam pendurados antigos quadros e ilustrações de silhuetas. Em outro canto da sala estava a escada, e em seu primeiro patamar havia uma longa janela com um assento convidativo. Era tudo como Anne imaginara que deveria ser.

Nesse momento, o silêncio tornou-se tão pesado que Priscilla deu uma cotovelada em Anne, intimando-a a falar.

— Nós... nós... vimos o anúncio de que esta casa está para ser alugada – começou Anne, com franqueza, dirigindo-se à mais idosa das senhoras, que era evidentemente Miss Patty Spofford.

— Oh, sim – respondeu Miss Patty. — Pretendia tirar aquele cartaz hoje.

— Ora... então chegamos tarde demais – murmurou Anne, pesarosa. — Já a alugaram para outra pessoa?

— Não, mas decidimos não alugá-la mais.

— Oh, sinto muito por isso! – exclamou Anne, impulsivamente. — Amei tanto este lugar! Tinha esperança de que pudéssemos viver aqui.

Então Miss Patty largou o tricô, tirou os óculos, limpou-os, colocou-os novamente e, pela primeira vez, olhou para Anne como se ela fosse um ser humano. A outra senhora seguiu seu exemplo com tal exatidão que poderia passar perfeitamente por uma imagem refletida num espelho.

— Você o *amou*? – perguntou Miss Patty, com ênfase. — Isso quer dizer que você realmente *amou* esta casa? Ou que você meramente gostou de seu estilo? As mocinhas de hoje em dia usam termos exagerados que as pessoas nunca conseguem saber o que significam de verdade. Não era assim na minha juventude. Naquela época uma moça não dizia que *amava* nabos com o mesmo tom que dizia que amava sua mãe ou seu Salvador.

A consciência de Anne se aborreceu.

— Eu realmente a amei – prosseguiu, com gentileza. — Amei-a desde a primeira vez em que a vi, no último outono. Minhas duas colegas da faculdade e eu queremos alugar uma casa no próximo ano, ao invés de pagar por uma hospedagem; então estamos buscando um lugarzinho para morar, e

quando vi que esta casa estava para alugar, fiquei tão feliz!

— Se você a amou, pode ficar com ela – disse Miss Patty. — Afinal, Maria e eu decidimos hoje que não iríamos alugá-la, pois não gostamos de nenhum dos outros candidatos a inquilinos. Nós não *precisamos* alugá-la. Podemos custear nossa ida para a Europa sem fazer isso. Claro que seria uma ajuda, mas nem por todo o ouro do mundo eu deixaria minha casa para as pessoas que vieram vê-la antes. Vocês são diferentes. Creio que vocês a amaram e que serão boas para cuidar dela. Podem alugá-la.

— Se... se pudermos pagar o que estão pedindo – hesitou Anne.

Miss Patty revelou o valor pedido. Anne e Priscilla entreolharam-se. Priscilla balançou a cabeça.

— Receio que não possamos pagar tudo isso – respondeu Anne, engolindo o desapontamento. — A senhorita sabe, somos apenas estudantes e somos pobres.

— Quanto vocês acham que poderiam pagar? – perguntou Miss Patty, sem parar de tricotar.

Anne lhe respondeu. Miss Patty assentiu com gravidade.

— Isso é o bastante. Como eu lhe disse, não é estritamente necessário que a alugemos. Não somos ricas, mas temos o suficiente para ir à Europa. Nunca, em toda a minha vida, estive lá; e nunca esperei e nem quis ir. Mas minha sobrinha, Maria Spofford, está determinada a ir. Ora, vocês sabem que uma jovem como Maria não pode sair dando voltas pelo mundo sozinha!

— Não... eu... suponho que não – murmurou Anne, vendo que Miss Patty estava sendo solenemente sincera.

— É claro que não! Então, tenho que ir junto para cuidar dela. Espero desfrutar da viagem também. Tenho setenta anos, mas ainda não estou cansada de viver. Ouso dizer que teria ido antes à Europa se a ideia tivesse me ocorrido. Ficaremos por lá durante dois anos, talvez três. Nosso navio irá zarpar em junho e enviaremos a chave para vocês, e deixaremos tudo em ordem para que se mudem quando quiserem. Empacotaremos algumas coisas que prezamos especialmente, mas todo o restante será deixado aqui.

— A senhorita deixará os cães de porcelana? – perguntou Anne, timidamente.

— Quer que eu os deixe?

— Oh, é claro que sim! São magníficos!

O semblante de Miss Patty tornou-se satisfeito.

— Tenho muito apreço por estes cães – comentou, orgulhosa. — Eles têm mais de cem anos e estão sentados nas laterais da lareira desde que meu irmão Aaron os trouxe de Londres, cinquenta anos atrás. A avenida recebeu o nome de Spofford por causa de meu irmão Aaron.

— Ele era um excelente homem – disse Maria, falando pela primeira vez. — Ah, vocês não encontram homens iguais a ele hoje em dia.

— Ele foi um bom tio para você, Maria – respondeu Miss Patty, evidentemente emocionada. — Faz bem ao lembrar-se dele.

— Hei de lembrar-me dele sempre. Posso vê-lo agora mesmo, em pé diante da lareira, com as mãos sob a lapela do fraque, sorrindo para nós – prosseguiu Miss Maria, tirando o lenço do bolso e levando-o aos olhos; mas Miss Patty voltou, resoluta, da terra dos sentimentos para a terra dos negócios.

— Deixarei os cães onde estão, se prometerem cuidar muito bem deles. Seus nomes são Gog e Magog. Gog está virado para a direita e Magog para a esquerda. E tem só mais uma coisa: espero que não se importem que este lugar continue se chamando Patty's Place.

— Não, de jeito nenhum! Nós achamos que o nome é uma das melhores coisas sobre a casa.

— Vejo que vocês são sensatas – disse Miss Patty, em tom de grande satisfação. — Vocês acreditam que todas as pessoas que vieram aqui com interesse em alugar a casa queriam saber se poderiam tirar o nome do portão durante sua ocupação? Disse-lhes veementemente que o nome pertence à casa. Esta tem sido Patty's Place desde que meu irmão Aaron deixou-a para mim como herança, e assim continuará a se chamar até que eu e Maria tenhamos morrido. Depois, o próximo proprietário poderá chamá-la de

qualquer nome tolo que quiser – concluiu Miss Patty, como se tivesse dito: “*Depois de nós, o dilúvio*^[14]”. — E agora, gostariam de percorrer a casa para vê-la por completo, antes de considerarmos o negócio fechado?

Quanto mais exploraram, mais satisfeitas as jovens ficaram. Além de uma espaçosa sala de estar, havia uma cozinha e um pequeno dormitório no andar de baixo. No andar de cima havia três quartos, um grande e dois menores. Anne se encantou especialmente por um dos menores, que fazia frente para os altos pinheiros, e esperava que este pudesse ser o seu. O papel de parede era azul claro e tinha um pequeno toucador muito antigo com arandelas para servir de castiçais. A janela tinha vidraças em formato de losango, e havia um assento sob a cortina de musselina azul com babados que seria o lugar perfeito para estudar e sonhar.

— É tudo tão perfeito que sei que vamos acordar e descobrir que foi só uma fugaz visão da noite – disse Priscilla, quando saíram.

— Miss Patty e Miss Maria dificilmente seriam feitas da mesma substância dos sonhos – riu Anne. — Consegue imaginá-las *dando voltas pelo mundo*, especialmente se estiverem usando aqueles xales e gorros?

— Imagino que irão tirá-los quando realmente começarem a dar voltas, mas sei que levarão o tricô com elas por onde forem. Elas simplesmente não conseguirão se desfazer das agulhas. Irão caminhar pela Abadia de Westminster e tricotar, tenho certeza! Enquanto isso, Anne, nós estaremos vivendo em Patty’s Place – e na Avenida Spofford! Sinto-me como uma milionária desde agora!

— E eu me sinto como uma das estrelas matutinas que cantam de alegria – respondeu Anne.

Philippa Gordon chegou ao número 38 da Rua St. John naquela noite e atirou-se na cama de Anne.

— Meninas queridas, estou morta de cansaço! Sinto-me como um homem sem um país... ou era sem a sombra? Não me lembro qual. De qualquer maneira, estive fazendo as malas.

— E eu suponho que está exausta porque não conseguia decidir quais coisas empacotar primeiro, ou onde colocá-las – disse Priscilla, rindo.

— Exatamente! E, quando já tinha enfiado tudo dentro do baú, e a dona da pensão e sua criada tinham sentado em cima para que eu conseguisse fechá-lo, descobri que tinha guardado *bem no fundo* todas as coisas que queria usar na cerimônia de graduação! Tive que abrir o velho baú e mergulhar nele para conseguir pescar todas as coisas que precisava. Eu pegava algo que parecia com o que estava procurando, mas, quando via, era outra coisa. Não, Anne, eu *não* praguejei!

— Eu não disse que você praguejou.

— Bem, mas pensou que eu tivesse praguejado. Contudo, admito que meus pensamentos se aproximaram do profano. E peguei um resfriado! Não consigo fazer nada além de fungar, suspirar e espirrar. Não é uma agonia aliterativa para vocês? Rainha Anne, diga algo para me animar.

— Lembre-se de que na próxima quinta-feira à noite você estará de volta à terra de Alec e Alonzo – sugeriu Anne.

Phil balançou a cabeça tristemente.

— Mais aliteração. Não, não quero saber de Alec e Alonzo quando estou resfriada. Mas o que aconteceu com vocês duas? Agora que as vejo mais de perto, parecem estar iluminadas com uma iridescência interior. Ora, vocês estão *brilhando*! O que houve?

— Vamos morar em Patty's Place no próximo inverno! – anunciou Anne, de forma triunfante. — *Morar*, entende? E não ficar hospedadas como pensionistas! Nós a alugamos, e Stella Maynard está vindo para Redmond, e a tia dela virá cuidar da casa para nós.

Phil deu um salto, assoou o nariz e caiu de joelhos no chão diante de Anne.

— Meninas! Meninas! Deixem-me ir também! Oh, eu serei tão boazinha! Se não tiver nenhum quarto para mim, dormirei na casinha do cachorro no pomar – já vi que existe uma. Apenas me deixem ir!

— Levante-se, bobinha!

— Arrastarei meus pobres ossos até que me digam que posso ir morar com vocês no próximo inverno!

Anne e Priscilla entreolharam-se. Então Anne disse, lentamente:

— Phil querida, adoráramos tê-la conosco. Mas devemos também ser francas. Eu sou pobre, Pris é pobre e Stella Maynard é pobre. Nosso modo de vida é muito simples e nossa mesa é muito modesta. Você teria que viver como nós vivemos. Agora, você é rica e a hospedaria onde mora atesta este fato.

— Oh, e o que me importa? – demandou Phil, tragicamente. — Melhor uma refeição de ervas com amigas queridas do que comer um boi numa pensão solitária. Não pensem que sou *toda* estômago, meninas. Estarei disposta a viver de pão e água, com apenas *um pouquinho* de geleia, se me deixarem morar com vocês.

— E, além disso – continuou Anne –, haverá muito trabalho a ser feito. A tia de Stella não poderá dar conta de tudo. Cada uma de nós terá tarefas a fazer. Ora, você...

— Não sei trabalhar pesado, nem fiar – concluiu Philippa. — Mas aprenderei a fazer essas coisas! Terão que me mostrar só uma vez. Eu sei arrumar minha cama, para começar. E lembrem-se de que, apesar de não saber cozinhar, eu consigo controlar meu temperamento. Isso já é um começo! E jamais reclamo por causa do clima. Oh, por favor, por favor! Nunca quis tanto uma coisa em minha vida... e este piso é extremamente duro.

— Só mais uma coisa – acrescentou Priscilla, resoluta. — Você, Phil, como toda Redmond sabe, recebe visitantes quase todas as noites. Agora, em Patty's Place não podemos fazer isso. Decidimos que estaremos em casa para receber nossos amigos somente nas noites de sexta-feira. Se você vier morar conosco terá que aceitar e se adequar a esta regra.

— Bem, vocês não pensam que me importarei com isso, pensam? Ora, estou até contente! Sabia que deveria estabelecer regras como esta por conta própria, mas não tinha decisão suficiente para formá-las ou mantê-las. Quando eu puder encarregá-las desta responsabilidade, será um verdadeiro alívio. Se não me deixarem juntar meus trapos aos de vocês, vou morrer de desapontamento, e então meu espírito voltará para assombrá-las eternamente. Acamparei nos degraus da varanda de Patty's Place e vocês não conseguirão

entrar ou sair sem tropeçar em meu espectro.

Anne e Priscilla trocaram olhares eloquentes mais uma vez.

— Bem, é claro que não podemos prometer aceitá-la até consultarmos Stella, mas não acho que ela terá objeções; e, de nossa parte, nós a aceitamos e lhe damos as boas-vindas com alegria!

— E se você se cansar da nossa vida simples, pode sair, sem questionamentos – agregou Priscilla.

Phil levantou-se, em júbilo, abraçou-as e partiu com grande satisfação.

— Espero que as coisas deem certo – comentou Priscilla, com seriedade.

— Devemos *fazer* com que deem certo – reconheceu Anne. — Creio que Phil se adaptará muito bem à nossa “alegre casinha”.

— Oh, Phil é um encanto como camarada e companheira de diversões. E, é claro, quanto maior o número de moradoras para dividir o aluguel, mais fácil será para nossos cofrinhos escassos. Mas como será viver com ela? Você tem que passar verões e invernos, bons e maus momentos com uma pessoa antes de saber se ela é alguém com quem se pode conviver ou não.

— Oh, veja, todas nós seremos testadas neste quesito, à medida que formos convivendo. E, como gente sensata, devemos cuidar da própria vida e deixar a dos outros em paz. Phil não é egoísta, apesar de ser um pouco descuidada, e creio que todas nós vamos nos dar maravilhosamente bem em Patty’s Place.

Capítulo XI

Ao Correr do Tempo

Anne estava de volta a Avonlea com o esplendor da bolsa Thorburn em sua fisionomia. As pessoas lhe asseguravam que ela não havia mudado muito, em um tom que indicava surpresa e um pouco de desapontamento. Avonlea também não tinha mudado – ao menos era o que parecia, à princípio. Mas quando Anne se sentou no banco da igreja que pertencia aos Cuthbert, no primeiro domingo depois de seu retorno, e olhou para a congregação, observou uma série de pequenas mudanças que, ao apresentarem-se todas de uma vez, fizeram-na perceber que o tempo não para, nem mesmo em Avonlea. Havia um novo pastor no púlpito. Nos outros bancos, faltavam alguns rostos familiares que jamais tornariam a ser vistos. O velho Tio Abe, com suas profecias acabadas; Mrs. Peter Sloane, que tinha suspirado pela última vez; Timothy Cotton, que, como Mrs. Lynde dizia, *“tinha, enfim, realmente conseguido morrer, depois de ensaiar durante vinte anos”*; e o velho Josiah Sloane, que não foi reconhecido no caixão, pois seu bigode e suas suíças haviam sido cuidadosamente aparados – todos eles estavam dormindo para sempre no pequeno cemitério atrás da igreja. E Billy Andrews se casara com Nettie Blewett! Eles “apareceram” na igreja naquele domingo. Quando Billy, radiante de orgulho e felicidade, acompanhou a esposa vestida em seda e adornada de plumas até o banco de Harmon Andrews, Anne baixou as pálpebras para que ninguém visse seu olhar travesso. Lembrou-se da tempestuosa noite de inverno no feriado de fim de ano, quando Jane pedira sua mão para Billy. O coração dele certamente não tinha se partido por causa da rejeição. Anne perguntava-se se Jane também havia pedido a mão de Nettie para ele ou se o rapaz reunira coragem o suficiente para a fatídica pergunta. Toda a família Andrews parecia partilhar de seu orgulho e deleite, desde a mãe dele, sentada no banco, até Jane no coral. Jane renunciara ao seu cargo na escola de Avonlea e pretendia ir para o oeste no outono.

— Não conseguiu um pretendente em Avonlea, isto é que é – disse Mrs. Rachel Lynde, com desprezo. — Falou que sua saúde vai melhorar no

oeste. Mas eu nunca soube que ela tinha a saúde debilitada.

— Jane é uma boa moça – replicou Anne, com lealdade. — Nunca tentou chamar atenção, como fazem algumas.

— Oh, ela nunca correu atrás dos rapazes, se é o que você quer dizer. Mas ela gostaria de se casar, como as outras moças, isto é que é. Que outro motivo a levaria para o oeste? Um lugar deserto, cuja recomendação é de que lá abundam os homens e as mulheres são escassas? Não me diga!

Mas não foi para Jane que Anne olhou fixamente naquele dia, com consternação e surpresa. Foi para Ruby Gillis, que estava sentada ao lado dela, no coral. O que havia acontecido com Ruby? Estava ainda mais bonita do que o habitual, mas seus olhos azuis possuíam um brilho excessivo e, a julgar pela cor de suas bochechas, estava intensamente febril. Além disso, havia emagrecido muito; suas mãos, que seguravam o hinário, estavam quase transparentes em sua delicadeza.

— Ruby Gillis está doente? – Anne perguntou a Mrs. Lynde, quando retornavam à casa.

— Ruby está morrendo de tuberculose galopante – foi a resposta brusca de Mrs. Lynde. — Todos sabem disso, exceto ela e *sua família*. Eles não dão o braço a torcer. Se perguntar, dirão que ela está perfeitamente bem. A menina não tem conseguido lecionar desde que teve uma crise de congestão pulmonar no inverno, mas ela diz que vai voltar a trabalhar no outono e que quer a escola de White Sands. A pobre menina vai estar é no túmulo quando começarem as aulas em White Sands, isto é que é!

Anne ouviu tudo aquilo em comovido silêncio. Ruby Gillis, sua antiga companheira de escola, *morrendo*? Isso era possível? Nos últimos anos elas tinham se distanciado, mas o antigo laço de intimidade juvenil ainda existia e isso fez Anne sentir severamente o golpe que as novidades lhe trouxeram ao coração. Ruby, a magnífica, a risonha, a coquete! Era impossível associá-la a qualquer coisa como a morte. Após o culto, ela saudara Anne com alegre cordialidade, convidando-a para que a visitasse ao anoitecer do dia seguinte.

— Vou sair na terça e na quarta-feira à noite – sussurrou, triunfantemente. — Há um concerto em Carmody e uma recepção em White

Sands. Herb Spencer irá me acompanhar. Ele é meu último. Venha amanhã, venha mesmo! Estou morrendo de vontade de conversar com você! Quero saber sobre todas as suas andanças em Redmond.

Anne sabia que Ruby desejava lhe contar a respeito de todas as suas recentes conquistas, mas prometeu ir, e Diana se ofereceu para acompanhá-la.

— Faz bastante tempo que eu queria ver Ruby – disse ela, quando saíram de Green Gables na tarde seguinte –, mas definitivamente não queria ir sozinha. É horrível ouvi-la tagarelar daquele jeito, fingindo que não há nada de errado, mesmo quando mal consegue falar por causa da tosse. Está lutando desesperadamente por sua vida... e, pelo que dizem, não lhe resta nenhuma chance.

As jovens caminharam silenciosamente pela estrada vermelha, à luz do crepúsculo. Nas altas copas das árvores, os pintarroxos cantavam ao cair da tarde, enchendo o ar dourado com seus trinados jubilosos. O eloquente coaxar das rãs vinha dos pântanos e lagoas, acima dos campos, onde as sementes começavam a brotar com vida e frêmito para o sol e a chuva que lhes banhava. O ar estava perfumado com o perfume silvestre, doce e benfazejo do matagal de framboesas. Nos vales silenciosos pairava uma neblina branca, e estrelas cor de violeta cintilavam melancolicamente sobre os córregos.

— Que lindo pôr do sol! – exclamou Diana. — Veja, Anne, é como se fosse uma terra mesmo, não parece? Aquele longo banco de nuvens em tom de púrpura é a praia, e o céu claro acima é como um mar dourado.

— Se pudéssemos navegar até lá com o barco de luz do luar que Paul escreveu em sua antiga redação, lembra-se? Que maravilha seria! – disse Anne, despertando de seu devaneio. — Acha que poderíamos encontrar por lá todos os nossos dias já vividos, Diana? Todas as antigas primaveras e florescências de antes? Será que os canteiros de flores que Paul viu por lá são as rosas que brotaram para nós no passado?

— Não! Você me faz sentir como se fôssemos mulheres velhas, com toda a vida para trás.

— Creio que tenho me sentido praticamente assim desde que soube da pobre Ruby. Se é verdade que ela está morrendo, então qualquer outra coisa

triste pode ser verdade também.

— Você não se importa se eu for até a casa de Elisha Wright por um momento? Mamãe pediu que eu entregasse este potinho de geleia para a tia Atossa.

— Quem é tia Atossa?

— Oh, não soube? Ela é a esposa de Mr. Samson Coates, de Spencervale. É a tia de Mrs. Elisha Wright. E ela é tia do papai também. Seu marido morreu no inverno passado e ela ficou muito pobre e solitária, então os Wrights trouxeram-na para viver com eles. Mamãe pensou em cuidar dela, mas meu pai bateu o pé. Viver com a tia Atossa ele não iria!

— Ela é tão terrível assim? – perguntou Anne, distraída.

— Você provavelmente irá vê-la antes que tenhamos saído de lá – disse Diana, significativamente. — Papai diz que ela tem a cara igual a uma machadinha, capaz de cortar o ar, mas que sua língua é ainda mais afiada.

Apesar da hora avançada, tia Atossa cortava batatas na cozinha dos Wright. Usava um lenço desbotado na cabeça e seu cabelo grisalho estava decididamente desgrenhado. Tia Atossa não gostava de ser “pega com a mão na massa”, de modo que exagerou em ser desagradável.

— Oh, então *você* é Anne Shirley? – ela disse, quando Diana a apresentou. — Ouvi falar de *você* – seu tom implicava que não tinha ouvido nada de bom. — Mrs. Andrews contou-me que *você* estava em casa. Disse-me que *você* melhorou muito.

Não havia dúvidas que tia Atossa pensava que Anne ainda tinha muito o que melhorar. E em nenhum instante ela parou de cortar batatas com muita energia.

— É de alguma serventia pedir que se sentem? – inquiriu, com sarcasmo. — É óbvio que não há nada aqui para diverti-las. Todo o resto da família saiu.

— Mamãe mandou este potinho de geleia de ruibarbo para a senhora. Foi preparada hoje e ela achou que a senhora gostaria de provar – ofereceu Diana, com amabilidade.

— Oh, obrigada – respondeu, com azedume. — Nunca gostei das geleias de sua mãe, sempre ficam doces demais. Porém, vou provar um pouco. Meu apetite tem estado terrível nesta primavera. Estou longe de me sentir bem – prosseguiu, solenemente –, mas sigo trabalhando. Pessoas que não conseguem fazer nada são desnecessárias aqui. Se não for pedir muito, você seria condescendente o bastante para guardar a geleia na despensa? Estou com pressa para deixar estas batatas prontas hoje à noite. Presumo que duas *damas* como vocês nunca fazem nada assim. Ficariam com medo de estragar as mãozinhas delicadas.

— Eu costumava cortar batatas antes de arrendarmos a fazenda – sorriu Anne.

— E eu ainda faço isso. Cortei batatas três vezes na semana passada. E é claro – acrescentou, com ironia – que depois disso suavizei minhas mãos com suco de limão e coloquei luvas todas as noites.

Tia Atossa bufou.

— Presumo que tenha tirado essa ideia de uma daquelas revistas tolas que as mocinhas tanto leem. Creio que sua mãe permite. Mas ela sempre a mimou! Quando ela se casou com George, todos pensamos que não seria uma esposa adequada para ele.

Tia Atossa suspirou profundamente, como se todos os presságios sobre a ocasião do casamento de George Barry tivessem sido ampla e sombriamente cumpridos.

— Já vão? – inquiriu, quando as duas se levantaram. — Bem, presumo que não seja muito divertido ficar conversando com uma velha como eu. É uma pena que os rapazes não estejam em casa.

— Queremos visitar Ruby Gillis – explicou Diana.

— Oh, qualquer coisa serve como desculpa, é claro! Só importa entrar e sair correndo, antes que tenham tempo de dizer decentemente como estão. Acredito que sejam os ares da faculdade. Vocês seriam mais sábias se ficassem longe de Ruby Gillis. Os médicos dizem que tuberculose é contagiosa. Sempre soube que Ruby iria contrair alguma coisa, perambulando em Boston no último outono. As pessoas que nunca estão contentes em ficar

em casa sempre pegam alguma coisa.

— As pessoas que ficam em casa também pegam. Algumas vezes até morrem – respondeu Diana, com seriedade.

— Neste caso, não podem culpar a ninguém por isso – retorquiu tia Atossa, triunfante. — Soube que vai se casar em junho, Diana.

— Não há verdade nessa afirmação – disse Diana, corando.

— Bem, não adie por muito tempo. Você vai murchar em breve; você é toda pele e cabelos. E os Wrights são terrivelmente inconstantes. Deveria usar um chapéu, *Miss Shirley*, pois seu nariz está escandalosamente sardento. Deus meu, mas você é *ruiva*! Bem, presumo que todos somos como Deus nos fez! Dê lembranças minhas a Marilla Cuthbert. Ela nunca veio aqui para me ver desde que cheguei a Avonlea, mas acho que eu não deveria reclamar. Os Cuthberts sempre se consideraram feitos de uma matéria superior à de todos nós por aqui.

— Oh, ela não é insuportável? – arfou Diana, enquanto escapavam pela alameda.

— Ela é pior do que Miss Eliza Andrews! – exclamou Anne. — Mas pense como seria viver toda sua vida com um nome como *Atossa*! Isso não iria amargar praticamente qualquer um? Ela deveria ter imaginado que seu nome era Cordelia. Poderia tê-la ajudado bastante. Certamente me ajudou quando eu não gostava de me chamar *Anne*.

— Josie Pye vai ser exatamente igual a ela quando envelhecer. A mãe de Josie e tia Atossa são primas, sabia? Oh, Deus, estou contente que acabou. Ela é tão maliciosa! Parece encontrar algo ruim em tudo. Papai conta uma história engraçada sobre ela. Certa vez, havia um ministro em Spencervale que era um homem muito bondoso e espiritualizado, mas também era muito surdo. Não conseguia entender uma conversa comum falada em voz normal. Bem, eles costumavam reunir-se em oração nos domingos à tarde e todos os membros da igreja que estivessem presentes deveriam levantar-se e orar, ou ler alguns versículos da Bíblia. Entretanto, numa tarde, tia Atossa ergueu-se num salto. Ela não proclamou nem orou. Ao invés disso, aproximou-se de todos os presentes e deu-lhes um sermão assustador, chamando-os cada um por seus nomes e dizendo como tinham se comportado, e enumerou todas as

discussões e escândalos dos últimos dez anos. Por fim, ela terminou dizendo que não gostava da igreja de Spencervale e que nunca mais colocaria os pés ali, e que esperava que um terrível julgamento caísse sobre a congregação. Dito isso, sentou-se sem fôlego, e o ministro, que não compreendia nenhuma de suas palavras, imediatamente afirmou, em voz muito devota: “*Amém! Que o Senhor aceite a oração de nossa estimada irmã!*” Precisa ouvir papai contando a história!

— Falando em histórias, Diana – comentou Anne, de forma significativa e confidencial – sabia que ultimamente tenho me questionado se eu conseguiria escrever um conto? Uma história que fosse boa o suficiente para ser publicada?

— Ora, é claro que conseguiria – respondeu Diana, depois de entender a incrível sugestão. — Você costumava escrever histórias perfeitamente emocionantes, anos atrás, em nosso antigo Clube de Contos.

— Bem, não me referia àquele tipo de histórias. Venho pensando nisso nos últimos tempos, mas tenho um pouco de medo de tentar... porque, se eu falhar, seria muito humilhante.

— Ouvi Priscilla dizer uma vez que todas as primeiras histórias de Mrs. Charlotte E. Morgan foram rejeitadas. Mas estou certa de que as suas não seriam, Anne, pois creio que os editores são mais sensatos hoje em dia.

— Margaret Burton, uma das veteranas de Redmond, escreveu uma história no inverno passado que foi publicada na revista *Mulher Canadense*. Eu realmente acho que conseguiria escrever uma que fosse, pelo menos, tão boa quanto a dela.

— E essa revista irá publicá-la?

— Preciso tentar primeiro nas revistas mais conhecidas. Tudo depende do tipo de história que eu escrever.

— Sobre o que vai ser?

— Não sei ainda. Quero ter um bom enredo. Creio que, sob o ponto de vista de um editor, isto seja indispensável. A única coisa que já decidi é o nome da heroína. Ela vai se chamar Averil Lester. É um bonito nome, não acha? Não mencione isto a ninguém, Diana. Não contei a ninguém, só a você

e ao Mr. Harrison. Ele não se mostrou muito encorajador; disse que há muito lixo escrito hoje em dia e que esperava algo melhor de mim, depois de um ano na faculdade.

— E o que Mr. Harrison entende deste assunto? – perguntou Diana, incomodada.

Encontraram a casa dos Gillis alegre, iluminada e cheia de visitantes. Leonard Kimball, de Spencervale, e Morgan Bell, de Carmody, encaravam um ao outro nos lados opostos da sala de visitas. Várias moças animadas haviam chegado. Ruby usava um vestido branco, e seus olhos e bochechas estavam muito brilhantes. Ela ria e conversava incessantemente; e, após a partida das outras jovens, subiu as escadas com Anne para mostrar-lhe suas novas roupas de verão.

— Ainda tenho que fazer um vestido de seda azul, mas é um pouco pesado para usar no verão. Acho que vou deixá-lo para o outono. Sabia que vou lecionar em White Sands? Gosta do meu chapéu? Aquele que você estava usando ontem na igreja era realmente gracioso. Mas, para mim, gosto de cores mais vivas. Você notou aqueles dois garotos ridículos lá embaixo? Ambos vieram determinados a tomar o lugar um do outro. Não me importo nem um pouquinho com nenhum deles, você sabe. Herb Spencer é de quem eu gosto. Às vezes acho que ele é o *Mr. Certo*. No Natal, pensei que fosse o professor de Spencervale, mas descobri uma coisa a respeito dele que me fez mudar de ideia. Quase enlouqueceu quando o rejeitei! Desejava que aqueles dois não tivessem vindo esta noite. Queria ter uma boa conversa com você, Anne, e contar-lhe um monte de coisas. Você e eu sempre fomos grandes amigas, não fomos?

Ela passou o braço pela cintura de Anne, com uma risadinha frívola. Mas, por um instante, quando seus olhos se encontraram, Anne viu algo por trás de todo o esplendor de Ruby que fez seu coração doer.

— Venha com frequência, Anne, sim? Venha sozinha. Preciso de você – sussurrou.

— Está se sentindo bem, Ruby?

— Eu? Ora, estou perfeitamente bem. Nunca me senti tão bem em toda a minha vida! É claro que aquela congestão no inverno passado me

abateu um pouco. Mas veja só a minha cor! Tenho certeza de que não pareço uma inválida.

A voz de Ruby soava quase aguda. Retirou o braço da cintura de Anne, como se estivesse ressentida, e desceu as escadas com rapidez. Na sala, esteve mais alegre do que nunca, aparentemente tão absorta em gracejar com seus dois adoradores, que Diana e Anne sentiram-se um pouco deslocadas e logo resolveram partir.

Capítulo XII

“A Reparação de Averil”

— Com o que está sonhando, Anne?

Diana e Anne estavam vagando ao anoitecer pelo mágico vale próximo ao riacho. Samambaias pendiam sobre a margem, a relva estava verde e as peras silvestres pendiam ao redor com um aroma suave, formando brancas cortinas.

Anne despertou de seu devaneio com um alegre suspiro.

— Estava pensando na minha história, Diana.

— Oh, você já começou? – gritou Diana, animada e com grande interesse.

— Sim, tenho só algumas páginas escritas, mas já está bem composta em minha cabeça. Levei muito tempo para criar um enredo adequado. Nenhum dos que imaginava parecia apropriado para uma jovem chamada Averil.

— Você não poderia ter mudado o nome dela?

— Não, isso seria impossível. Eu tentei, mas não consegui mudá-lo, da mesma forma como não poderia mudar o seu. Averil era tão real para mim que não importava se eu tentasse lhe dar outro nome; eu sempre pensava nela como Averil por trás de tudo. Mas finalmente encontrei um enredo que combinava com ela! Então veio a empolgação de escolher os nomes para todas as minhas personagens. Você não tem ideia de como é fascinante! Fiquei horas e horas acordada pensando nisso. O nome do herói é Perceval Dalrymple.

— Você já nomeou *todas* as personagens? – perguntou Diana, ansiosa. — Se não, eu ia pedir que você me deixasse nomear uma delas; somente uma pessoa que não seja importante. Neste caso, eu sentiria como se tivesse feito parte de sua história.

— Você pode nomear o jovem empregado que vive com os Lesters. Ele não é muito importante, mas é o único ainda sem nome.

— Chame-o de Raymond Fitzosborne – sugeriu Diana, que tinha uma boa coleção de nomes guardados na memória, relíquias do antigo Clube de Contos que ela, Anne, Jane Andrews e Ruby Gillis tinham fundado em seus tempos de escola.

Anne balançou a cabeça, em dúvida.

— Temo que seja um nome muito aristocrático para um criado, Diana. Não consigo imaginar um Fitzosborne alimentando porcos e juntando gravetos, você consegue?

Diana não entendia como Anne não conseguiria imaginar esse nome admissível – afinal, ela tinha uma boa imaginação! Todavia, provavelmente Anne entendia melhor do assunto, e o garoto foi batizado de Robert Ray, para ser chamado de Bobby se fosse necessário.

— Quanto você pressupõe que irão lhe pagar pela história? – perguntou Diana.

Mas Anne nem sequer tinha pensado nisso. Estava em busca de fama e não de lucro sórdido, e seus sonhos literários ainda não estavam contaminados por considerações mercenárias.

— Você vai permitir que eu leia, não vai?

— Quando estiver finalizada, vou ler para você e Mr. Harrison, e deixarei que a critiquem *com severidade*. Ninguém mais a verá até que seja publicada.

— Como será o final? Feliz ou triste?

— Não tenho certeza. Gostaria de terminar com uma tragédia, pois seria muito mais romântico. Mas entendo que os editores tenham preconceito contra finais tristes. Certa vez ouvi o Professor Hamilton dizer que ninguém, além de um gênio, deveria atrever-se a escrever um final trágico. E – concluiu, com modéstia – estou longe de ser um gênio.

— Oh, eu gosto mais de finais felizes! É melhor que deixe os protagonistas se casarem – aconselhou Diana. Desde seu noivado com Fred,

ela considerava que era assim que todas as histórias deveriam terminar.

— Mas você não gosta de chorar enquanto lê?

— Oh, sim, no meio da história! Mas gosto quando tudo termina bem.

— Preciso criar uma situação patética – meditou Anne. — Posso deixar Robert Ray ser ferido num acidente e escrever uma cena de morte.

— Não, você não pode matar Bobby! – declarou Diana, rindo. — Ele me pertence, e quero que fique vivo e floresça! Mate qualquer outro, se tem mesmo que fazê-lo.

Nos quinze dias seguintes, Anne padeceu ou festejou, de acordo com o humor, em suas buscas literárias. Ora regozijava devido a uma brilhante ideia, ora se desesperava porque alguma personagem obstinada *não se comportava* devidamente. Diana não conseguia compreender.

— *Faça* com que eles façam aquilo que você quer que façam! – exclamou.

— Não consigo – murmurou Anne. — Averil é uma heroína tão incontrolável! *Faz e diz* coisas que eu nunca quis. E, então, isso estraga o que eu havia escrito antes e tenho que escrever tudo de novo.

Entretanto, a história foi enfim terminada e Anne leu-a para Diana no refúgio de seu quartinho. Tinha concluído sua “cena patética” com êxito sem sacrificar Robert Ray, e manteve o olhar cuidadoso na amiga enquanto lia. Diana sentiu o momento e chorou convenientemente; porém, quando terminou, a moça pareceu um pouco desapontada.

— Por que você matou Maurice Lennox? – perguntou, acusadora.

— Ele era o vilão. Tinha que ser punido – protestou Anne.

— Gostei mais dele do que de todos os outros! – replicou a irracional Diana.

— Bem, ele está morto e deverá continuar assim – retrucou Anne, um pouco ressentida. — Se eu o deixasse viver, ele continuaria perseguindo Averil e Perceval.

— Sim, a menos que você modificasse seu caráter.

— Isso não seria romântico. E, além do mais, teria feito a história ficar muito longa.

— Bem, de qualquer maneira, é uma história perfeitamente elegante, Anne, e irá torná-la muito famosa. Tenho certeza disso. Já tem um título?

— Oh, decidi o título há muito tempo! Vou chamá-la *A Reparação de Averil*. Não soa bem? Agora, Diana, diga-me com franqueza: você encontrou alguma falha na minha história?

— Bem – hesitou Diana –, aquela parte em que Averil faz o bolo não me parece romântica o suficiente para combinar com o restante. É algo que qualquer um faria. Heroínas não deveriam cozinhar, eu acho.

— Ora, é aí que entra o humor, e é uma das melhores partes de toda a história! – respondeu Anne. E deve ser declarado que nisso ela estava absolutamente correta.

Diana refreou prudentemente qualquer outra observação, mas Mr. Harrison foi muito mais difícil de agradar. Começou dizendo que havia muitas descrições na história.

— Suprima todas aquelas passagens floreadas – disse, sem piedade.

Anne teve a incômoda convicção de que Mr. Harrison estava certo, e esforçou-se para eliminar a maioria de suas amadas descrições – embora tenham sido necessárias três novas revisões para que o texto perdesse as frases supérfluas e pudesse, finalmente, agradar ao rabugento Mr. Harrison.

— Retirei *todas* as descrições, exceto a do entardecer. Simplesmente não pude tirá-la. Era a melhor de todas.

— Não tem nada a ver com a história. E você não deveria ter inventado um cenário entre pessoas ricas da cidade. O que você sabe a respeito delas? Por que não estabeleceu a trama aqui em Avonlea? Alterando os nomes, é claro, ou então Mrs. Rachel Lynde provavelmente pensaria que a heroína era ela.

— Oh, isso nunca daria certo! Avonlea é o lugar mais amado do mundo, mas não é romântico o bastante para ser o cenário de uma história.

— Ouso dizer que existe muito romance em Avonlea, e muita

tragédia também. Mas suas personagens não são iguais às pessoas reais de qualquer lugar. Elas falam demais e usam linguagem muito extravagante. Há uma parte onde esse camarada Dalrymple fala por duas páginas, no mínimo, sem jamais deixar que a moça diga absolutamente nada! Se ele tivesse feito isso na vida real, ela o teria mandado para o inferno.

— Não acredito nisso! – ela negou, enfaticamente. No secreto recôndito de sua alma, Anne pensava que as belíssimas e poéticas palavras ditas a Averil conquistariam completamente o coração de qualquer moça. Além disso, era inadmissível que Averil, a majestosa e sublime Averil, pudesse mandar qualquer um *para o inferno*. Averil “recusava seus pretendentes”.

— De qualquer maneira, não entendo por que Maurice Lennox não ficou com ela – continuou o inclemente Mr. Harrison. — Ele era duas vezes mais homem do que o outro. Ele fez coisas ruins, mas já estava feito. Perceval só tinha tempo para ficar devaneando.

Ficar devaneando! Isso era ainda pior do que *mandar para o inferno!*

— Maurice Lennox era o vilão! – exclamou a indignada Anne. — Não entendo como é que todos gostam mais dele do que de Perceval!

— Perceval é bonzinho demais. É irritante. Na próxima vez que criar um herói, coloque um pouco de tempero de natureza humana nele.

— Averil não poderia ter se casado com Maurice. Ele era muito mau.

— Ela teria feito com que ele mudasse. Você pode corrigir um homem, mas não uma água-viva, é claro. Sua história não é ruim; é bem interessante, vou admitir. Mas você ainda é jovem para escrever um conto que valha a pena. Espere dez anos.

Anne prometeu a si mesma que, na próxima vez que escrevesse uma história, não pediria a ninguém para criticá-la. Era muito desencorajador. Apesar de ter mencionado a Gilbert sobre o conto, não o leu para ele.

— Se for um sucesso, você vai ler quando for publicado, Gilbert; mas, se for um fracasso, ninguém jamais saberá a respeito.

Marilla não tomou conhecimento de nada sobre essa iniciativa. Em

sua imaginação, Anne viu-se lendo uma história de revista para Marilla, enlaçando-a em elogios sobre o enredo – porque tudo é possível na imaginação – e então, triunfantemente, anunciando a si mesma como a autora.

Um dia, Anne levou um envelope comprido e volumoso ao posto dos correios, com a deliciosa confiança da juventude e inexperiência, endereçado à “maior das maiores” revistas. Diana estava tão empolgada quanto a própria Anne.

— Quanto tempo você acha que levará até receber a resposta?

— Não deve demorar mais de quinze dias. Oh, quão feliz e orgulhosa eu ficarei se for aceito!

— É claro que será aceito, e provavelmente pedirão que você envie mais contos. Um dia você vai ser tão famosa quanto Mrs. Morgan, Anne, e então eu ficarei muito orgulhosa por conhecê-la – disse Diana, que possuía, ao menos, o surpreendente mérito de professar uma desinteressada admiração pelos dons e talentos de suas amigas.

Uma semana de deliciosos sonhos se passou, depois da qual chegou o amargo despertar. Certa tarde, Diana encontrou Anne em seu quartinho com uma expressão estranha nos olhos. Na mesa havia um envelope comprido e um manuscrito amassado.

— Anne, sua história não foi devolvida, foi? – gritou Diana, incrédula.

— Sim, foi – admitiu Anne.

— Bem, esse editor deve ser louco! Que razão ele deu?

— Nenhuma. Só uma nota impressa dizendo que não foi considerada satisfatória.

— Nunca achei essa revista grande coisa, de qualquer forma – prosseguiu Diana, com ardor. — As histórias que publica não são nem a metade interessantes quanto as que são lançadas pela *Mulher Canadense*, apesar de custar muito mais. Suponho que o editor tenha preconceitos contra qualquer um que não seja ianque. Não fique desencorajada, Anne! Lembre-se

de que as histórias de Mrs. Morgan também foram devolvidas. Envie a sua para a *Mulher Canadense*.

— Creio que farei isso – respondeu Anne, animando-se. — E, se for publicada, enviarei uma cópia para esse editor americano. Mas vou cortar a parte sobre o pôr do sol. Acho que Mr. Harrison tinha razão.

E foi sacrificado o crepúsculo. Contudo, apesar desta heroica mutilação, o editor da *Mulher Canadense* devolveu *A Reparação de Averil* tão prontamente que a indignada Diana declarou que era impossível que a tivessem lido, e prometeu que cancelaria sua assinatura imediatamente. Anne suportou esta segunda rejeição com a calma própria do desespero. Enterrou o conto no velho baú do sótão onde repousavam os manuscritos do antigo Clube de Contos, não sem antes ceder aos rogos de Diana e lhe dar uma cópia.

— Este é o fim das minhas ambições literárias – afirmou, com amargura.

Ela nunca mencionou o assunto ao Mr. Harrison; mas, numa tarde, ele lhe perguntou abruptamente se a história havia sido aceita.

— Não, o editor não a aceitou – foi a breve resposta.

Mr. Harrison olhou de soslaio para o ruborizado e delicado perfil.

— Bem, suponho que você continuará escrevendo – comentou, com encorajamento.

— Não, nunca mais voltarei a tentar escrever uma história – ela declarou, com a desesperançada fatalidade de seus dezenove anos, quando uma porta é fechada em sua cara.

— Eu não desistiria de escrever tão prontamente. Escreveria algum conto de vez em quando, mas não importunaria os editores com isso. Escreveria sobre pessoas e lugares que conheço e faria minhas personagens falarem inglês no dia a dia. E deixaria o sol nascer e se pôr em sua trajetória normal, sem dar muita importância ao fato. Se tivesse que introduzir vilões na história, eu lhes daria uma chance, Anne; daria uma chance. Acredito que existam homens terríveis no mundo, mas você teria que andar um bom pedaço para encontrá-los – apesar de Mrs. Lynde acreditar que somos todos

maus. Mas a maioria de nós tem um pouco de decência em algum lugar aqui dentro. Continue escrevendo, Anne.

— Não. Foi uma grande tolice tentar fazer isso. Quando terminar de estudar em Redmond, vou me concentrar em ensinar. Eu consigo lecionar. Mas não consigo escrever histórias.

— Quando terminar os estudos em Redmond, será a hora de você arranjar um marido. Não me parece bom adiar o casamento por tanto tempo, como eu fiz.

Anne se levantou e foi para casa. Havia momentos em que Mr. Harrison era realmente intolerável. *Mandar para o inferno, ficar devaneando e arranjar um marido! Oh!*

Capítulo XIII

Na Trilha dos Transgressores

Davy e Dora estavam prontos para a Escola Dominical. Iriam sozinhos desta vez, o que não acontecia com frequência, porque Mrs. Lynde assistia aos cultos regularmente. Mas Mrs. Lynde havia torcido o tornozelo e estava mancando, e por isso permaneceria em casa esta manhã. Os gêmeos deveriam representar a família na igreja, pois Anne tinha ido para Carmody na véspera a fim de passar o domingo com algumas amigas e Marilla tivera mais uma de suas crises de enxaqueca.

Davy desceu as escadas vagorosamente. Dora esperava por ele no corredor, depois de ter sido vestida por Mrs. Lynde. O garoto se arrumara sozinho. Trazia um centavo no bolso para a coleta da Escola Dominical e cinco centavos para a coleta da igreja. Carregava a Bíblia em uma mão e o periódico da Escola Dominical na outra. Sabia perfeitamente a lição, o Texto Áureo e a pergunta do catecismo. Não tinha ele estudado – à força – na cozinha de Mrs. Lynde, durante toda a tarde do domingo anterior? Considerando tudo isso, Davy deveria estar em um plácido estado de ânimo. No entanto, apesar do Texto Áureo e do catecismo, na verdade ele se sentia interiormente como um lobo feroz.

Quando ele se reuniu a Dora, Mrs. Lynde saiu mancando de sua cozinha.

— Você se lavou? – perguntou, com severidade.

— Sim, lavei todas as partes que aparecem – respondeu, com uma carranca desafiadora.

Mrs. Lynde suspirou. Suspeitava que as orelhas e o pescoço do garoto não estivessem devidamente limpos. Mas sabia que, se tentasse inspecioná-lo, ele sairia correndo e ela não poderia persegui-lo hoje.

— Bem, comportem-se direito – advertiu-os. — Não andem pela poeira. Não parem no pórtico para conversar com as outras crianças. Não

fiquem se contorcendo ou se sacudindo no banco. Não se esqueçam do Texto Áureo. Não percam suas ofertas, nem se esqueçam de colocá-las na salva. Não cochichem na hora da oração e não se esqueçam de prestar atenção ao sermão.

Davy negou-se a responder. Começou a caminhar pela alameda, seguido pela meiga Dora. Mas sua alma borbulhava por dentro. Davy tinha sofrido, ou pensava ter sofrido, muitas coisas nas mãos e na língua de Mrs. Rachel Lynde desde que ela se mudara para Green Gables, pois a boa senhora não conseguia viver com ninguém, tendo nove ou noventa anos, sem tentar instruí-los de maneira apropriada. E, justo na tarde anterior, havia interferido para influenciar Marilla a não permitir que o menino fosse pescar com os filhos de Timothy Cotton. Davy ainda estava fervendo por causa disso.

Assim que saíram da alameda, Davy deteve-se e mudou o semblante, torcendo-o numa careta tão sinistra e medonha que Dora, apesar de conhecer o talento do irmão neste quesito, ficou honestamente alarmada de que o rosto dele nunca mais conseguisse voltar à normalidade.

— Maldita seja! – explodiu Davy.

— Oh, Davy, não xingue – murmurou Dora, espantada.

— “Maldita” não é xingamento; não é um xingamento de verdade. E não me importa que seja! – retorquiu, com imprudência.

— Bem, se você *tem* que dizer palavras horríveis, pelo menos não diga no domingo.

Davy ainda estava longe do arrependimento, porém, em seu íntimo, sentiu que talvez tivesse ido longe demais.

— Vou inventar meu próprio palavrão!

— Se você inventar, Deus irá puni-lo por isso – advertiu Dora, em tom solene.

— Então eu acho que Deus é um velhaco malandro e malvado! Por acaso Ele não sabe que um homem tem que ter um meio de expressar o que está sentindo?

— Davy!!! – ela exclamou, esperando que o irmão caísse morto ali

mesmo. Mas nada aconteceu.

— De qualquer jeito, não vou mais aturar as ordens da Mrs. Lynde – prosseguiu, balbuciando. — Anne e Marilla até podem ter o direito de mandar em mim, mas *ela* não tem! Vou fazer tudinho que ela me proibiu de fazer. *Me observe* e você vai ver.

Enquanto Dora o observava fascinada de horror, Davy, num silêncio rígido e deliberado, saiu do caminho coberto de relva, enfiou os tornozelos profundamente na fina poeira – resultado de quatro semanas sem chuva – e andou arrastando os pés vigorosamente, até que estivesse envolto numa obscura nuvem de pó.

— Isto é só o começo! – anunciou o menino, triunfantemente. — E eu vou parar no pórtico e conversar com todo mundo, até que não tenha mais ninguém lá para conversar. Vou me contorcer, me sacudir no banco e cochichar, e vou falar que não sei o Texto Áureo. E vou jogar fora as minhas duas moedas para a oferta *agora mesmo!*

E assim ele fez, lançando centavo e níquel sobre a cerca de Mr. Barry, com veemente prazer.

— Satanás o forçou a fazer isso – disse Dora, censurando-o.

— Não forçou! – gritou Davy, indignado. — Tive esta ideia sozinho! E tive mais uma ideia. Não vou para a Escola Dominical e nem para a igreja. Vou brincar com os Cottons! Eles me falaram ontem que não iriam para a Escola Dominical hoje, porque a mãe deles ia sair e não tinha mais ninguém para *obrigar eles* a ir. Ora, vamos, Dora, vamos nos divertir muito!

— Não quero ir – protestou a menina.

— Você tem que ir! Se não vier, vou contar para Marilla que Frank Bell beijou você na escola, na segunda-feira passada.

— Não pude evitar! Não sabia que ele faria isso! – ela gritou, ficando vermelha escarlate.

— Bom, você não deu uma bofetada nele e nem pareceu irritada – retorquiu Davy. — Vou contar *isso* também, se você não vier. Vamos cortar caminho por este pasto.

— Tenho medo daquelas vacas – protestou a pobre Dora, percebendo aí uma perspectiva de escapar.

— Que ridículo ter medo das vacas! Ora, elas são ainda mais novinhas que você!

— Mas são maiores.

— Elas não vão machucar você. Agora, vamos indo. Isto é ótimo! Quando eu crescer, não vou me incomodar de ir para a igreja, não vou mesmo. Acho que eu consigo chegar ao céu sozinho.

— Você vai parar é naquele outro lugar, se não guardar o Dia do Senhor – avisou a infeliz Dora, seguindo-o tristemente e contra a vontade.

Mas Davy não estava assustado – *ainda*. O inferno estava muito distante e as delícias de uma expedição de pesca com os Cottons estavam muito próximas. Davy queria que a irmã fosse mais valente. Ela continuava olhando para trás, quase chorando, e isso acabava com a diversão de qualquer um. Ora, que o diabo carregasse as meninas! Desta vez Davy não disse “malditas”, nem mesmo em pensamento. Ele *ainda* não lamentava ter pronunciado esta expressão anteriormente, mas era melhor não provocar a Ira Divina tantas vezes num só dia.

Os jovens Cottons estavam brincando no pátio dos fundos e saudaram a presença de Davy com gritos de alegria. Pete, Tommy, Adolphus e Mirabel Cotton estavam sozinhos. A mãe e as irmãs mais velhas tinham saído. Dora sentiu-se grata porque ao menos Mirabel estava ali. Ela temia ficar sozinha com um bando de garotos. Mirabel era quase tão levada quanto um menino – era barulhenta, trigueira e imprudente, mas ao menos usava vestidos.

— Viemos para pescar! – anunciou Davy.

— Viva! – gritaram os Cottons. Eles se apressaram para cavar buracos e procurar minhocas, e Mirabel liderava a turma com uma lata de estanho na mão. Dora tinha vontade de sentar-se no chão e chorar. Oh, se aquele odioso Frank Bell nunca a tivesse beijado! Poderia ter desafiado Davy e ido para sua querida Escola Dominical.

Eles não ousaram, obviamente, pescar na lagoa, onde correriam o risco de ser vistos pelas pessoas que estivessem indo para a igreja. Tiveram

que recorrer ao riacho no bosque, atrás da casa dos Cottons, que de qualquer modo estava cheio de trutas, e as crianças tiveram uma manhã gloriosa – ao menos os Cottons certamente tiveram, e Davy pareceu partilhar da mesma diversão. Não sendo inteiramente desprovido de prudência, o menino havia tirado as botas e meias e pegara emprestado um macacão de Tommy Cotton. Estando devidamente equipado, pântanos, brejos e matagais não representavam nenhum terror para ele. Dora sentia-se franca e evidentemente miserável. A menina seguia os outros em suas peregrinações de ponta a ponta do riacho, segurando a Bíblia e o periódico junto de si e pensando, com amargura na alma, sobre a amada aula na Escola Dominical, onde deveria estar sentada naquele momento, diante da professora que ela adorava. Ao invés disso, estava perambulando pelo bosque com os selvagens Cottons, tentando manter as botas limpas e o lindo vestido branco livre de rasgos e manchas. Mirabel oferecera um avental emprestado, o qual Dora recusara com desprezo.

As trutas mordiam a isca naquele dia como só faziam aos domingos. No período de uma hora os pequenos transgressores já haviam pescado tudo o que queriam, e então retornaram à casa, para completo alívio de Dora. Ela sentou-se muito empertigada sobre uma gaiola no pátio enquanto os outros se dedicavam a um barulhento jogo de pega-pega, e depois todos subiram no telhado do chiqueiro e entalharam suas iniciais na cumeeira. O teto em declive do galinheiro e um amontoado de palha que havia logo abaixo encheram Davy de inspiração. Passaram uma esplêndida meia hora subindo no telhado e mergulhando na palha, com vivas e alaridos.

No entanto, até mesmo os prazeres ilícitos têm um fim. Quando o rodar das charretes na ponte sobre a lagoa anunciou que as pessoas estavam saindo da igreja, Davy soube que chegara o momento de ir embora. Tirou o macacão que Tommy lhe havia emprestado, tornou a vestir sua roupa legítima e separou-se de suas trutas com um suspiro. Era inútil pensar em levá-las para casa.

— E então, nós não tivemos uma diversão esplêndida? – questionou, desafiadoramente, enquanto desciam a colina.

— Eu não! – foi a resposta categórica. — E não acho que você tenha se divertido de verdade também – agregou, com uma perspicácia que não lhe

era usual.

— Eu me diverti, sim! – bradou Davy, embora seu tom de voz indicasse que não queria mais discutir. — Não é de se estranhar que você não tenha aproveitado o dia... ficou o tempo todo sentada lá, igual a uma... igual a uma mula.

— Eu não vou me associar aos Cottons – ela replicou, com altivez.

— Os Cottons são ótimos! E eles se divertem muito mais que nós. Fazem só o que querem fazer, e falam do jeito que querem falar, na frente de todo mundo. A partir de agora, vou começar a fazer isso também.

— Tem um monte de coisas que você não se atreveria a dizer na frente das pessoas.

— Não tem, não.

— Aposto que tem. Você ousaria – exigiu Dora, com seriedade – ousaria dizer “rufião” diante do ministro?

Esse foi um golpe que o abalou. Davy não estava preparado para um exemplo tão concreto de liberdade de discurso. Mas não era preciso ser coerente com Dora.

— É claro que não! – admitiu, amuado. — “Rufião” não é uma palavra santa. Eu não falaria uma coisa dessas na frente do ministro.

— Mas e se tivesse que falar?

— Chamaria de “rapaz namorador”.

— Penso que “rapaz galanteador” seria mais educado – refletiu Dora.

— Você pensando! – retorquiu Davy, com um fulminante olhar de desdém.

O menino não estava se sentindo confortável, apesar de que preferiria morrer a admitir para a irmã. Agora que a euforia dos prazeres gazeteiros havia terminado, sua consciência estava começando a dar ferroadas salutares. Talvez tivesse sido melhor ter ido à Escola Dominical e à missa, afinal. Mrs. Lynde podia ser mandona, mas sempre havia uma caixa de biscoitos no guarda-louça de sua cozinha e ela não era mesquinha. Neste momento

inconveniente, Davy se lembrou do dia em que rasgou sua calça nova de ir à escola, na semana anterior – e foi Mrs. Lynde quem a remendou maravilhosamente bem, sem ter dito uma só palavra a Marilla a esse respeito.

Mas a taça de iniquidade de Davy ainda não estava cheia. O garotinho estava para descobrir que um pecado exige outro para encobrir o anterior. Almoçaram com Mrs. Lynde naquele dia, e a primeira coisa que ela lhe perguntou foi:

— Seus colegas estavam todos presentes na Escola Dominical hoje?

— Sim, senhora – ele respondeu, engolindo em seco. — Todos, menos um.

— Recitou seu Texto Áureo e o catecismo?

— Sim, senhora.

— Entregou sua oferta?

— Sim, senhora.

— Mrs. Malcolm MacPherson estava na igreja?

— Eu não sei – “Ao menos isso é verdade”, pensou o pobre Davy.

— Anunciaram a reunião da Sociedade Assistencial na semana que vem?

— Sim, senhora – disse, com a voz trêmula.

— E a reunião de oração?

— Eu... eu não sei.

— *Deveria* saber! Tinha que ter prestado mais atenção aos anúncios. Qual foi o sermão pregado por Mr. Harvey?

Davy bebeu um gole d'água freneticamente, engolindo-o junto com o último protesto de sua consciência. Sem hesitar, recitou um versículo que aprendera algumas semanas antes. Mrs. Lynde agora cessara de lhe fazer perguntas, felizmente, mas Davy não desfrutou do almoço. Conseguiu comer só um prato de pudim.

— O que há de errado com você? – questionou Mrs. Lynde,

justificadamente surpresa. — Está doente?

— Não – murmurou Davy.

— Você está pálido. É melhor que fique longe do sol esta tarde – ela aconselhou.

— Você sabe quantas mentiras contou à Mrs. Lynde? – perguntou Dora, em tom de acusação, assim que ficaram sozinhos depois do almoço.

Davy, aguilhoado pelo desespero, voltou-se muito feroz.

— Não sei e nem me interessa! E você fique calada, Dora Keith!

E então o pobre garoto buscou um retiro isolado atrás da pilha de lenha, para pensar sobre a trilha dos transgressores.

Green Gables estava envolta em escuridão e silêncio quando Anne chegou. Ela não perdeu tempo em ir para a cama, pois estava muito cansada e sonolenta. A semana havia transcorrido com inúmeras celebrações que se prolongaram até avançadas horas. Anne mal tinha aconchegado a cabeça no travesseiro e já estava quase adormecendo; mas, justo nesse momento, a porta de seu quarto se abriu suavemente e uma voz suplicante chamou-a pelo nome.

Anne sentou-se, sonolenta.

— Davy, é você? Qual o problema?

Uma figurinha de roupa branca cruzou correndo o aposento e pulou na cama.

— Anne! – soluçou o menino, atirando os braços em torno do pescoço dela. — Estou muito feliz que você esteja em casa. Eu não ia conseguir dormir até que contasse a alguém.

— Até que contasse o quê?

— Como eu sou “*miseravil*”.

— Por que você é miserável, querido?

— Porque eu fui terrivelmente mau hoje, Anne. Oh, fui “*mauzíssimo*”... mais malvado do que jamais fui.

— O que você fez?

— Oh, estou com medo de contar! Você nunca mais vai gostar de mim, Anne. Não consegui rezar esta noite. Não consegui contar a Deus o que eu fiz. Tinha vergonha de *deixar Ele* saber.

— Mas Ele já sabe de qualquer maneira, Davy.

— Foi o que Dora me falou. Mas eu pensei que talvez Ele pudesse não ter se dado conta na hora. Não importa, eu preferia contar para você primeiro.

— *O que é que você fez?*

E assim veio uma avalanche.

— Fugi da Escola Dominical e fui pescar com os Cottons, e contei tantas, mas tantas mentiras deslavadas para a Mrs. Lynde – oh, mais de meia dúzia! – e... e eu... eu falei um palavrão, Anne, ou um *quase* palavrão... e falei coisas feias sobre Deus.

Então, houve um profundo silêncio. Davy não sabia o que fazer com isso. Estaria Anne tão chocada a ponto de nunca mais falar com ele?

— Anne, o que você vai fazer comigo? – perguntou, num sussurro.

— Nada, querido. Creio que você já tenha sido castigado o suficiente.

— Não, não fui. Não me fizeram nada.

— Você esteve bem triste desde que cometeu esses erros, não é mesmo?

— Pode apostar! – confirmou, com ênfase.

— Pois saiba que isso era a sua consciência lhe castigando, Davy.

— O que é essa “minha consciência”? Quero saber.

— É algo que existe dentro de você, Davy, que sempre lhe avisa quando está fazendo coisas erradas e o torna infeliz quando persiste no erro. Já percebeu isso?

— Já, mas não sabia o que era. Não queria ter isso. *Me divertiria* muitíssimo mais! Onde está a minha consciência, Anne? Quero saber. Está no

meu estômago?

— Não, está na sua alma – respondeu Anne, agradecida pela escuridão, pois a seriedade precisava ser preservada nas questões mais graves.

— Acho que não vou poder me livrar dela, então – concluiu, com um suspiro. — Você vai contar para Marilla e Mrs. Lynde tudo o que eu fiz, Anne?

— Não, querido, não contarei a ninguém. Você está triste por ter sido tão travesso, não está?

— Pode apostar!

— E nunca mais vai ser malvado dessa maneira, não é?

— Não, mas – acrescentou, com cautela – pode ser que eu seja malvado de outra maneira.

— Não vai mais dizer palavrões, nem fugir aos domingos ou contar mentiras para encobrir seus pecados?

— Não. Não vale a pena.

— Bem, Davy, apenas diga a Deus que lamenta muito e peça a Ele que o perdoe.

— Você me perdoa, Anne?

— Sim, querido.

— Então não me importa se Deus perdoa ou não! – exclamou, com alegria.

— Davy!!!

— Oh! Vou pedir a Ele... vou pedir a Ele... – balbuciou rapidamente, descendo da cama, convencido pelo tom de Anne que devia ter dito algo *terrível*. — Não me importo de pedir perdão a Ele, Anne. “Por favor, Deus, estou terrivelmente arrependido por ter me comportado mal hoje, e vou tentar ser sempre bonzinho aos domingos, e, por favor, me perdoe.” Aí está, Anne!

— Bem, agora corra para a cama como um bom menino.

— Está bem. Ora, não estou mais me sentindo “*miseravil*”! *Me sinto bem*. Boa noite.

— Boa noite.

Anne se recostou no travesseiro com um suspiro de alívio. Oh, como estava exausta! E no mesmo instante...

— Anne! – Davy estava de volta à sua cama. Anne entreabriu os olhos outra vez.

— O que foi agora, querido? – perguntou, esforçando-se para não deixar transparecer o tom de impaciência na voz.

— Anne, você já viu como o Mr. Harrison cospe? Você acha que, se eu praticar bastante, posso aprender a cuspir que nem ele?

Anne sentou-se.

— Davy Keith, vá direto para a sua cama e não me deixe pegá-lo acordado de novo esta noite! Vá agora!

E Davy saiu correndo, sem questionar as razões.

Capítulo XIV

O Chamado

Anne estava sentada junto a Ruby no jardim dos Gillis, após o vagaroso cair da tarde, e ambas tinham contemplado o sol se pôr atrás das árvores. Fora uma tarde de verão quente e cheia de brumas. O mundo era um esplendor de flores desabrochando. Os vales tranquilos repousavam sob a névoa, as trilhas do bosque estavam adornadas de sombras e os ásteres punham sua nota de cor púrpura nos prados.

Anne havia desistido de um passeio ao luar até a praia de White Sands para passar a tarde com Ruby. Tinha passado muitas tardes naquele verão na companhia dela, embora frequentemente se questionasse se essas visitas realmente faziam bem a qualquer uma das duas, e várias vezes tivesse saído de lá decidida a não voltar.

A palidez de Ruby aumentava à medida que passava o verão. A intenção de lecionar na escola de White Sands ficara para trás – seu pai achou que seria melhor que ela não trabalhasse até o Ano Novo – e os trabalhos de crochê que ela amava caíam cada vez mais seguido de suas mãos, que ficaram muito fracas para segurar a agulha. Mas parecia sempre alegre, sempre esperançosa enquanto falava e cochichava sobre seus pretendentes, suas rivalidades e suas angústias. E era exatamente isso que tornava as visitas de Anne mais difíceis. O que alguma vez havia sido tolo ou divertido, agora tornara-se trágico: era a morte espiando através de uma teimosa máscara de vida. Ainda assim, Ruby parecia agarrar-se à amiga, nunca a deixando partir sem a promessa de uma próxima visita em breve. Mrs. Lynde resmungava por causa das frequentes visitas de Anne, declarando que a jovem acabaria por se contagiar também, e até mesmo Marilla parecia disposta a acreditar nisso.

— Você volta para casa com ar de cansaço todas as vezes que vai visitar Ruby – ela comentou, um dia.

— É tão triste e assustador – disse Anne, em voz baixa. — Ruby não

parece ter a mínima ideia da gravidade de seu estado. E, ainda assim, sinto que ela precisa de ajuda e implora por isso; e eu quero ajudá-la, mas não consigo. Durante todo o tempo que estou com ela, sinto como se estivesse observando sua luta contra um inimigo invisível... tentando derrotá-lo com a pouca força que lhe resta. É por isso que volto para casa tão exausta.

Contudo, naquela noite, Anne não a viu lutar com tanta intensidade. Ruby estava estranhamente calada. Não pronunciara uma só palavra sobre festas, passeios, vestidos e rapazes. Estava reclinada na rede, com o crochê intocado ao seu lado e um xale branco em torno dos ombros magros. As longas tranças de cabelo loiro – como Anne invejara aquelas lindíssimas tranças nos longínquos tempos de escola! – caíam dos dois lados sobre o peito. Havia tirado os grampos, dizendo que lhe davam dores de cabeça. O rubor febril desaparecera por ora, tornando seu rosto pálido e infantil.

A lua prateada apareceu no céu, conferindo um brilho perolado às nuvens ao redor. Logo abaixo, a lagoa refletia sua luz trêmula com esplendor indistinto. Um pouco além da fazenda dos Gillis estava a igreja, com o velho cemitério atrás. As lápides brancas eram destacadas pelo luar, que salientava seus contornos da escuridão das árvores que existiam atrás.

— Que estranho fica o cemitério sob a luz da lua! – exclamou Ruby, de repente. — Que fantasmagórico! – acrescentou, estremecendo. — Anne, agora não falta muito para que eu esteja enterrada lá. Você, Diana e os demais andarão pelo mundo, cheios de vida... e eu estarei lá, no velho cemitério... morta!

A surpresa desta confissão deixou Anne completamente confusa. Por alguns instantes ela não conseguiu falar.

— Você sabe disso, não sabe? – perguntou Ruby, com insistência.

— Sim, eu sei – respondeu Anne, em voz baixa. — Querida Ruby, eu sei.

— Todos sabem – prosseguiu, amargurada. — Eu sei... soube neste verão, mas não queria resignar-me. E, oh, Anne – ela estendeu o braço e agarrou suplicante a mão da amiga, impulsivamente –, eu não quero morrer. Tenho *medo* de morrer.

— E por que você deveria ter medo, Ruby? — perguntou Anne, calmamente.

— Porque... porque... oh, não tenho medo de morrer, mas sim de ir para o céu, Anne. Sou membro da igreja, mas tudo será tão diferente! Eu penso, e penso, e fico tão assustada... e... e com saudade de casa. O céu deve ser muito bonito, é claro, a Bíblia assim o diz; mas, Anne, *não será igual ao que estou acostumada!*

Pela mente de Anne cruzou a lembrança intrusa de uma história engraçada que ouvira Philippa Gordon contar: a história de um velho homem que disse exatamente a mesma coisa sobre o mundo porvir. Naquele momento, parecera engraçada — lembrou-se de como ela e Priscilla riram disso. Mas não parecia nada humorística agora, vinda dos lábios trêmulos e pálidos de Ruby. Era triste, trágico e real! O céu não poderia ser igual ao que Ruby estava acostumada. Não houvera nada em sua vida alegre e frívola, em seus ideais e aspirações vazios, que a tivesse preparado para aquela grande mudança ou que lhe permitisse imaginar a vida futura de outro modo que não fosse estranho, irreal e indesejável. Anne buscava desesperadamente algo que pudesse dizer para ajudá-la. Será que conseguiria dizer alguma coisa?

— Eu acho, Ruby — ela começou, hesitante, porque era difícil para Anne revelar a alguém os mais profundos pensamentos de seu coração, ou as novas ideias que vagamente tomavam forma em seu cérebro a respeito dos grandes mistérios desta vida e da próxima, substituindo as concepções infantis; e era ainda mais difícil falar sobre isso com alguém como Ruby Gillis —, eu acho que talvez nós tenhamos conceitos bastante equivocados no que concerne ao céu e ao que está guardado para nós. Não acredito que possa ser uma vida tão diferente da que vivemos aqui, como a maioria parece pensar. Creio que nós só seguiremos vivendo, quase como aqui, e que continuaremos a ser *nós mesmos*... apenas será mais fácil sermos bondosos e buscarmos o melhor. Todas as dificuldades e perplexidades desaparecerão e nós conseguiremos ver de forma mais clara. Não tenha medo, Ruby.

— Não posso evitar — contestou, tristemente. — Mesmo que seja verdade o que você disse sobre o céu, e você não pode ter certeza disso — talvez seja só essa imaginação que você tem —, não será *exatamente* igual. Não pode ser! Eu quero continuar vivendo *aqui!* Sou tão jovem, Anne. Ainda

não vivi minha vida. Lutei tanto para viver, e foi tudo em vão... tenho que morrer... e deixar tudo aquilo que me é querido.

Anne condeou-se num pesar quase impossível de suportar. Não conseguia dizer mentiras reconfortantes e todo o desabafo de Ruby era uma horrenda verdade. Ela *estava* deixando para trás tudo o que lhe era querido. Havia guardado seus tesouros somente na Terra e vivera apenas para os pequenos prazeres mundanos – as coisas passageiras –, esquecendo-se das grandes coisas que seguem junto até a eternidade e que constroem uma ponte sobre o abismo que há entre as duas vidas, fazendo da morte uma mera passagem de uma morada à outra, como do anoitecer ao dia pleno. Deus tomaria conta dela lá, assim Anne acreditava, e Ruby aprenderia. Porém, agora, não era de se admirar que sua alma se aferrasse, em cego desamparo, aos únicos tesouros que ela conhecia e amava.

Ruby apoiou-se num braço e ergueu seus belos e brilhantes olhos azuis para o céu enluarado.

— Eu quero viver – disse, com a voz trêmula. — Quero viver como as outras garotas. E... e eu quero me casar, Anne... e... e ter filhos. Você sabe que eu sempre adorei bebês, Anne. Eu não poderia dizer isso a qualquer pessoa. Sei que você entende. E o pobre Herb... ele... ele me ama, e eu a ele, Anne! Os outros não significavam nada para mim, mas *ele* significa... e, se eu pudesse viver, eu seria esposa dele, e seria tão feliz! Oh, Anne, é tão difícil...

Ruby afundou no travesseiro e chorou convulsivamente. Anne apertou sua mão com agoniada e silenciosa compaixão, o que pareceu tê-la ajudado mais do que débeis e imperfeitas palavras teriam feito – porque, pouco a pouco, ela se acalmou e cessaram os soluços.

— Estou contente por ter dito isso a você, Anne – sussurrou. — Falar em voz alta já me ajudou. Quis conversar sobre este assunto durante todo o verão, todas as vezes que você veio. Quis conversar, mas *não consegui*. Parecia que ia tornar a morte tão certa se eu dissesse que iria morrer, ou se qualquer outra pessoa falasse ou desse a entender. Não me atrevia a falar e nem sequer a pensar nisso. Durante o dia, quando havia pessoas à minha volta e tudo estava alegre, não era tão difícil evitar pensar. Mas à noite, quando não conseguia dormir, tudo ficava tão assustador, Anne! Nesses

momentos não havia escapatória. A morte vinha e me encarava, olhando direto nos meus olhos, até que eu ficava tão apavorada que poderia gritar.

— Mas você não vai mais ter medo, não é, Ruby? Vai ser corajosa e vai acreditar que tudo ficará bem...?

— Vou tentar. Vou pensar em tudo o que você me disse e tentarei acreditar. E você virá me ver sempre que puder, não é, Anne?

— Sim, querida.

— Não... agora não vai demorar muito, Anne. Estou certa disso. E eu gostaria de ter você ao meu lado, mais do que qualquer outra pessoa. Sempre gostei mais de você do que de todas as outras colegas da escola. Você nunca foi invejosa ou cruel como algumas das outras eram. A pobre Emma White veio me ver ontem. Você se lembra de que Em e eu fomos as melhores amigas durante três anos, quando estudávamos juntas? E, então, brigamos na época do concerto na escola, e nunca mais falamos uma com a outra desde então. Não foi uma tolice? Todas estas coisas me parecem tolas *agora*. Mas Em e eu resolvemos a velha disputa ontem. Disse-me que teria voltado a falar comigo anos atrás, mas pensava que eu não falaria com ela. E eu nunca falei com ela porque estava certa de que ela não falaria comigo. Não é estranho como existe falta de compreensão entre as pessoas, Anne?

— A maioria das confusões na vida advém da incompreensão, eu acho. Preciso ir agora, Ruby. Está ficando tarde, e você não deveria ficar exposta à umidade.

— Você virá me ver logo, não é?

— Sim, em breve. E se houver qualquer coisa que eu puder fazer para ajudá-la, farei com muito gosto.

— Eu sei. Você já me ajudou. Nada me parece tão assustador agora. Boa tarde, Anne.

— Boa noite, querida.

Anne foi para casa caminhando lentamente sob o luar. Aquele anoitecer havia causado uma mudança nela. A vida possuía agora um outro sentido, um propósito mais intenso. Podia parecer tudo igual na superfície,

mas as profundezas foram remexidas. Com ela, as coisas não deveriam ocorrer como com a pobre borboleta Ruby. Quando Anne chegasse ao fim da vida, não contemplaria o porvir com um medo paralisante de algo completamente diferente – algo para o qual os pensamentos, ideais e aspirações cotidianos não a houvessem preparado. Os pequenos prazeres da vida, doces e excelentes em seu momento, não deveriam ser a finalidade de toda a existência. Os mandamentos divinos deveriam ser buscados e seguidos; a vida celestial deveria começar aqui na Terra.

Aquele adeus no jardim foi definitivo. Anne nunca mais viu Ruby em vida. Na noite seguinte, a Sociedade de Melhorias de Avonlea se reuniu numa festa de despedida para Jane Andrews, antes de sua partida para o oeste. E, enquanto pés ágeis dançavam, olhos brilhantes riam e línguas alegres conversavam, ocorreu o chamado para uma alma em Avonlea, um chamado que não pode ser ignorado e do qual não se consegue escapar. Na manhã seguinte, espalhou-se de casa em casa a notícia de que Ruby Gillis estava morta. Faleceu dormindo, sem dor e com tranquilidade, e em seu rosto havia um sorriso – como se a morte, afinal, tivesse vindo como uma boa amiga para guiá-la pelos portões, e não como o apavorante fantasma que ela tanto temera.

Após o funeral, Mrs. Rachel Lynde foi enfática ao declarar que Ruby Gillis era a defunta mais bonita que ela já havia contemplado. Sua beleza, enquanto jazia vestida de branco entre as delicadas flores que Anne dispusera contornando a mortalha, fora lembrada e comentada por muitos anos em Avonlea. Ruby sempre fora bela. Mas sua beleza era terrena, mundana; sempre possuíra uma qualidade insolente, como se a ostentasse diante dos olhos que a observavam. O espírito jamais brilhara através de toda aquela formosura, nem o intelecto a havia refinado. Mas a morte havia tocado e consagrado sua beleza, destacando os delicados matizes e a pureza dos contornos nunca antes percebidos, fazendo o que a vida, o amor, as grandes tristezas e as profundas alegrias da feminilidade poderiam ter feito por ela. Anne, contemplando a amiga de infância em meio às lágrimas, pensou ter visto em seu rosto o semblante que Deus lhe destinara, e assim se lembrou de Ruby para todo o sempre.

Mrs. Gillis chamou Anne à parte para um quarto vazio, antes que o

cortejo fúnebre deixasse a casa, e entregou-lhe um pequeno pacote.

— Quero que você fique com isto – soluçou ela. — Ruby teria gostado que ficasse com você. É o centro de mesa que ela estava bordando. Não está terminado... a agulha está cravada exatamente onde seus pobres dedinhos a enfiaram na última vez em que trabalhou nele, na tarde anterior à sua morte.

— Sempre fica algo por terminar – comentou Mrs. Lynde, com lágrimas nos olhos. — Mas suponho que sempre exista alguém que o termine.

— Como é difícil compreender que alguém que você sempre conheceu pode estar morto de verdade – disse Anne, enquanto caminhava para casa com Diana. — Ruby é a primeira de nossas amigas a partir. Uma a uma, cedo ou tarde, todas nós a seguiremos.

— Sim, acredito que sim – assentiu Diana, inquieta. Não queria conversar sobre isso. Teria preferido discutir os detalhes do funeral: o esplêndido caixão forrado de veludo branco que Mr. Gillis insistira em comprar para a filha – “*os Gillis têm que ostentar sempre, até mesmo nos funerais*”, disse Mrs. Lynde –, o semblante triste de Herb Spencer, o pranto histérico e incontrolável de uma das irmãs de Ruby. Mas Anne não queria falar nessas coisas. Parecia envolta em um devaneio, o qual dava a Diana a solitária sensação de não ter nada a ver com isso.

— Ruby Gillis era uma moça que ria muito! – exclamou Davy, de repente. — Ela vai rir tanto no céu quanto ria aqui em Avonlea, Anne? Quero saber.

— Sim, creio que vai – respondeu Anne.

— Oh, Anne! – protestou Diana, com um sorriso chocado.

— Ora, e por que não, Diana? Você acha que nunca sorriremos no céu? – perguntou Anne, seriamente.

— Oh... eu... eu não sei – balbuciou, atrapalhada. — É que, de certo modo, não me parece o mais correto. Ora, você sabe que é muito feio rir na igreja.

— Mas o céu não será como a igreja... não o tempo inteiro— replicou Anne.

— Tomara que não seja! – disse Davy, com muita ênfase. — Se for, eu não quero ir para lá. A igreja é terrivelmente chata. De qualquer maneira, eu não quero ir pra lá tão cedo. Quero chegar aos cem anos, que nem o Mr. Thomas Blewett de White Sands. Ele falou que vive tanto assim porque sempre fumou e o tabaco mata todos os germes. Posso fumar tabaco logo, Anne?

— Não, Davy, e eu espero que você nunca use tabaco – respondeu, distraída.

— Então, o que você vai sentir se os germes me matarem? – exigiu o garoto.

Capítulo XV

Um Sonho Virado do Averso

— Só mais uma semana e estaremos de volta a Redmond – disse Anne. A ideia de retornar aos estudos, às aulas e aos amigos em Redmond a deixava feliz. Patty’s Place também era motivo de sonhos agradáveis. Esse pensamento trazia consigo uma calorosa e prazerosa sensação de lar, ainda que ela nunca tivesse vivido ali.

Mas o verão também tinha sido uma época feliz – um período de viver alegre devido aos dias quentes e ensolarados, um tempo de imenso deleite nas coisas salutareas. Momento de renovação e aprofundamento das antigas amizades, em que Anne aprendeu a viver com mais nobreza, trabalhar com mais paciência, divertir-se com mais entusiasmo.

“Nem todas as lições se aprendem na faculdade”, pensou. “A vida pode ensiná-las em todos os lugares”.

Porém, infelizmente, a última semana daquelas férias aprazíveis fora arruinada para Anne por um daqueles acontecimentos endiabrados, que pareciam com um sonho virado do avesso.

— Você tem escrito mais histórias ultimamente? – inquiriu Mr. Harrison, cordialmente, numa tarde em que Anne fora tomar chá com ele e a esposa.

— Não – respondeu, um pouco ríspida.

— Oh, não quis ofender. Mrs. Hiram Sloane me contou, outro dia, que um grande envelope, endereçado à Companhia de Fermentos Rollings Reliable, de Montreal, tinha sido entregue no posto dos correios um mês atrás, e ela suspeitava que alguém estivesse concorrendo ao prêmio que a empresa ofereceu para a melhor história que citasse o nome do produto. Ela disse que não estava endereçado com a sua caligrafia, mas pensei que pudesse ser você.

— É claro que não! Vi o anúncio do prêmio, mas nunca sonharia em

competir. Penso que seria uma completa desgraça escrever uma história para fazer propaganda de um fermento em pó. Seria quase tão estúpido quanto o anúncio da companhia farmacêutica que Judson Parker queria pôr na cerca de sua fazenda.

Assim falou Anne de forma soberba, não imaginando o vale de humilhação que esperava por ela. Naquela mesma tarde, Diana apareceu no quartinho do lado leste do sótão carregando uma carta, com os olhos iluminados e as bochechas rosadas pela empolgação.

— Oh, Anne, aqui está uma carta para você! Eu estava no posto dos correios, então pensei em trazê-la. Abra, rápido! Se for o que estou pensando que é, vou ficar louca de alegria!

Anne, confusa, abriu a carta e leu o conteúdo datilografado.

“Miss Anne Shirley,

Green Gables,

Avonlea, Ilha de Prince Edward.

“PREZADA SENHORITA: Temos o imenso prazer de informar-lhe que sua adorável história intitulada ‘A Reparação de Averil’ ganhou o prêmio de vinte e cinco dólares oferecido em nossa última competição. Incluímos nesta carta o cheque no referido valor. Estamos preparando a publicação em vários jornais importantes do Canadá e temos a intenção de imprimi-la em folhetins para a distribuição entre nossos clientes. Agradecemos o interesse demonstrado por nossa companhia e ficamos ao seu dispor.

Atenciosamente,

ROLLINGS RELIABLE

COMPANHIA DE FERMENTOS

— Eu não compreendo – balbuciou Anne, atordoadada.

Diana aplaudiu.

— Oh, *eu sabia* que você ganharia o prêmio! Tinha certeza disso! Eu enviei a sua história para a competição, Anne!

— Diana... Barry!

— Sim, enviei – prosseguiu, muito contente, sentando-se na cama. — Quando vi o anúncio, lembrei do seu conto no mesmo instante e, à princípio, pensei em sugerir que você enviasse. Mas tive receio que não quisesse mandar – você tinha tão pouca fé! Então, decidi enviar a cópia que tinha comigo, sem dizer nada a respeito. Se não ganhasse o prêmio, você nunca ficaria sabendo e não se sentiria mal por isso, porque os contos recusados não são devolvidos; e, se ganhasse, teria uma surpresa maravilhosa!

Diana não era a mais perspicaz dos mortais, mas justo nesse momento teve a sensação de que Anne não parecia exatamente feliz. A surpresa estava ali, sem dúvida; mas onde estava a maravilha?

— Ora, Anne, você não parece nem um pouco alegre!

Anne instantaneamente produziu um sorriso e o estampou no rosto.

— É claro que estou! Não poderia estar sentindo nada além de alegria pelo seu desejo generoso de me agradar – respondeu, lentamente. — Mas, sabe... estou tão confusa... não faço ideia... e não entendo. Não havia uma só palavra na minha história sobre... sobre – Anne engasgou um pouco nesta palavra – sobre *fermento em pó*.

— Oh, essa parte fui eu que escrevi! – explicou Diana, tranquilizando-a. — Foi tão fácil quanto um piscar de olhos, e obviamente minha experiência em nosso velho Clube de Contos me ajudou. Você se lembra da cena em que Averil faz o bolo? Bem, só afirmei que ela usou o fermento Rollings Reliable no preparo, e que este era o motivo de ter ficado tão gostoso. E então, no último parágrafo, quando Perceval toma Averil nos braços e diz: “*Querida, os maravilhosos anos vindouros nos trarão a concretização de nossa casa dos sonhos*”, eu acrescentei: “*na qual só usaremos o fermento em pó Rollings Reliable.*”

— Oh! – arfou a pobre Anne, como se alguém lhe tivesse jogado um balde de água fria.

— E você ganhou vinte e cinco dólares! – continuou Diana, em

júbilo. — Ora, ouvi Priscilla dizer uma vez que a revista *Mulher Canadense* paga somente cinco dólares por um conto!

Anne segurava o odioso cheque nos dedos trêmulos.

— Não posso ficar com isto. É seu por direito, Diana. Você enviou o conto e fez as alterações. Eu... eu certamente nunca teria enviado. Então você deve ficar com o cheque.

— Ora, o que fiz não foi nada! – exclamou Diana, com desdém. — A honra de ser amiga da vencedora é o suficiente para mim. Bem, tenho que ir. Devia ter ido direto do correio para casa, pois estamos com visitas. Mas eu simplesmente tinha que vir e saber das novidades. Estou muito feliz por você, Anne.

Anne repentinamente deu um passo à frente, abraçou Diana e beijou-a no rosto.

— Você é a amiga mais doce e verdadeira do mundo, Diana – ela disse, com um leve tremor na voz – e asseguro que compreendo o motivo de você ter feito o que fez.

Sentindo uma mistura de satisfação e embaraço, Diana se foi; e a pobre Anne, depois de largar o inocente cheque na gaveta da escrivaninha como se fosse um dinheiro maldito, atirou-se na cama e chorou lágrimas de vergonha e sensibilidade ultrajada. Oh, ela nunca conseguiria sobreviver a isto!

Gilbert chegou ao entardecer com a intenção de felicitá-la, pois soube das novidades ao passar por Orchard Slope. Mas sua empolgação desvaneceu ao ver o rosto de Anne.

— Ora, Anne, qual o problema? Esperava encontrá-la radiante por ter conquistado o prêmio do Rollings Reliable. Foi bom para você!

— Oh, Gilbert, você não! – implorou Anne, num tom de “*até tu, Brutus?*”. — Pensei que você entenderia! Não percebe como isto é terrível?

— Confesso que não. O que há de tão errado?

— Tudo! – lamentou Anne. — Sinto como se estivesse eternamente desgraçada! O que você acha que uma mãe sentiria se descobrisse que o filho

havia tatuado um anúncio de fermento em pó no corpo? É exatamente assim que me sinto. Eu amava minha pobre historinha, e escrevi com tudo o que havia de melhor em mim. E é um *sacrilégio* degradá-la ao nível de uma propaganda de fermento! Não se lembra do que o Professor Hamilton costumava nos dizer nas aulas de Literatura na Queen's? Ele afirmava que nunca deveríamos escrever uma só palavra com um propósito baixo ou um motivo desprezível, e que sempre precisávamos nos aferrar aos mais altos ideais. O que ele vai pensar quando souber que eu escrevi um conto para fazer propaganda do Rollings Reliable? E, oh! Quando souberem disso em Redmond! Imagine o quanto irão me importunar e rir de mim!

— Isso não — respondeu Gilbert, perguntando-se, incomodado, se o que tanto preocupava Anne poderia ser a opinião particular de um maldito aluno do terceiro ano. — Os Reds pensarão exatamente o que eu pensei: que você, como nove em cada dez de nós, não está nadando em dinheiro e escolheu esse meio para ganhar uns tostões honestos que irão ajudá-la durante o ano. Não vejo nada degradante ou indigno nisso, nem nada ridículo também. Todos gostariam de escrever obras-primas da literatura, sem dúvida; mas, enquanto isso, a hospedagem e as mensalidades têm que ser pagas.

Esta visão sensata e pragmática do caso animou Anne um pouco. Ao menos serviu para afastar o temor de ser considerada uma piada, embora seus ultrajados ideais tenham permanecido com feridas profundas.

Capítulo XVI

Relacionamentos Ajustados

— É o lugar mais aconchegante que já vi! É mais aconchegante do que a minha casa – declarou Philippa Gordon, olhando ao redor com satisfação. Naquele fim de tarde, estavam todas reunidas na espaçosa sala de estar de Patty's Place – Anne e Priscilla, Phil e Stella, tia Jamesina, Rusty, Joseph, a Gata-Sarah, e Gog e Magog. As sombras oriundas do fogo da lareira dançavam nas paredes. Os gatos ronronavam e um enorme vaso com crisântemos de estufa, enviados por uma das vítimas de Phil, se destacava na penumbra dourada como se fossem luas cor de creme.

Três semanas tinham se passado desde que se consideraram definitivamente instaladas, e todas já acreditavam que a ideia era um sucesso. Os primeiros quinze dias após o retorno a Kingsport foram de agradável empolgação. Estiveram bastante atarefadas arrumando seus pertences no lugar, organizando a casa e ajustando diferentes opiniões.

Anne não lamentou por deixar Avonlea quando chegou a hora de voltar à faculdade. Os últimos dias de férias não foram agradáveis. Sua história premiada havia sido publicada nos jornais da Ilha e Mr. William Blair tinha, sobre o balcão de seu armazém, uma enorme pilha de folhetins cor-de-rosa, verde e amarelos que continham o conto e que ele entregava a cada um de seus fregueses. Enviou um fardo por cortesia para Anne, o qual ela imediatamente atirou ao fogo. Sua humilhação era a mera consequência de seus próprios ideais, visto que toda Avonlea concordava que era esplêndido ela ser a vencedora do prêmio. Os inúmeros amigos a olhavam com sincera admiração, e os poucos inimigos com inveja desdenhosa. Josie Pye alegou acreditar que Anne Shirley havia copiado a história, pois tinha certeza de já tê-la lido num jornal, alguns anos antes. A família Sloane, que havia descoberto ou desconfiava que Charlie fora *rejeitado*, considerava que não existia nada demais para Avonlea se orgulhar, porque praticamente qualquer pessoa poderia escrever um conto, se tentasse. Tia Atossa disse a Anne que lamentava muito em saber que ela se dedicava a escrever

romances, que ninguém nascido e criado em Avonlea faria uma coisa assim e que *“era nisso que dava adotar órfãos de Deus sabe onde, com só Deus sabe que tipo de genitores”*. Até mesmo Mrs. Rachel Lynde tinha sérias dúvidas sobre a decência de escrever histórias, ainda que estivesse quase reconciliada com esse fato ao ver o cheque de vinte e cinco dólares.

— É surpreendente o preço que pagam por tais fábulas, isto é que é — disse ela, meio orgulhosa, meio severa.

Consideradas todas estas coisas, foi um alívio quando chegou o momento de partir. E era muito bom estar de volta a Redmond convertida em uma aluna do segundo ano, sábia e experiente, com um bando de amigos para saudar no alegre primeiro dia de aula. Pris, Stella e Gilbert estavam lá; Charlie Sloane, com um ar de importância maior do que o de qualquer outro aluno veterano; Phil, com a questão sobre Alec e Alonzo ainda não resolvida; e Moody Spurgeon MacPherson. Moody Spurgeon estivera lecionando numa escola desde que saíra da Queen’s Academy, mas sua mãe concluiu que já era tempo de parar com isso e voltar sua atenção para aprender a ser ministro. O pobre rapaz tivera muita má sorte no começo de sua vida de universitário. Meia dúzia de impiedosos veteranos, que eram seus colegas de quarto na hospedaria, certa noite lançaram-se sobre ele e lhe raspam a metade da cabeça. E assim o desafortunado Moody teve que andar, até que seus cabelos crescessem. Contou amargamente a Anne que havia momentos em que duvidava de ter realmente recebido o chamado para ser pastor.

Tia Jamesina só veio à Patty’s Place quando as meninas tinham arrumado tudo para sua chegada. Miss Patty enviara a chave para Anne com uma carta na qual dizia que Gog e Magog estavam embalados em uma caixa embaixo da cama do quarto de hóspedes, mas que poderiam ser retirados quando elas quisessem. Agregou um pós-escrito, dizendo que esperava que as moças tomassem cuidado ao pendurar quadros. Fazia cinco anos que o papel de parede fora trocado, e ela e Miss Maria não queriam mais furos no papel novo além dos que fossem absolutamente necessários. Para todo o resto, confiava em Anne.

Como as meninas se divertiram colocando seu ninho em ordem! Como disse Phil, foi quase tão bom quanto se casar. Podiam desfrutar de toda a alegria de preparar o lar sem se aborrecer com um marido. Todas levaram

algo consigo para decorar a casinha ou torná-la mais confortável. Pris, Phil e Stella possuíam bibelôs e quadros em abundância, que mais tarde foram pendurados de acordo com o gosto de cada uma, em descuidada negligência com o novo papel de parede de Miss Patty.

— Vamos cobrir os furos quando formos embora, querida! Ela nunca saberá – elas diziam, diante dos protestos de Anne.

Diana havia dado a Anne um porta-alfinetes cuja base era feita de madeira de pinheiro, e Miss Ada presenteou a ela e Priscilla com outro porta-alfinetes maravilhosamente bordado. Marilla lhe enviou uma grande caixa de compotas, insinuando misteriosamente sobre outra cesta para o dia de Ação de Graças, e Mrs. Lynde presenteou Anne com uma colcha de *patchwork*, além de emprestar outras cinco.

— Tem que levá-las – disse, de forma autoritária. — É muito melhor usá-las do que deixá-las empacotadas dentro do baú para serem roídas pelas traças.

Nenhum desses bichinhos jamais se atreveria a aproximar-se das colchas, pois exalavam um cheiro tão forte de naftalina que precisaram ficar penduradas no pomar de Patty's Place por quinze dias antes que pudessem ser levadas para dentro da casa. Para falar a verdade, a aristocrática Avenida Spofford raramente contemplara uma exposição como aquela. O velho e rabugento milionário que vivia na propriedade ao lado aproximou-se da casa e propôs comprar a belíssima colcha amarela e vermelha com estampa de tulipas que Mrs. Lynde havia dado de presente a Anne. Disse que sua mãe costumava fazer colchas como aquela e, por Deus, desejava adquirir uma para lembrar-se dela. Anne não a venderia, muito para o desapontamento do vizinho, mas escreveu para Mrs. Lynde e relatou tudo sobre o episódio. A satisfeitíssima senhora enviou uma resposta dizendo que possuía outra igual àquela, de maneira que o rei do tabaco enfim conseguiu sua colcha e insistiu em colocá-la sobre a cama, para o desgosto de sua elegante esposa.

As colchas de Mrs. Lynde foram muito úteis naquele inverno. Patty's Place, apesar de todas as suas virtudes, tinha também seus defeitos. Era uma casa realmente fria, e quando chegaram as noites geladas as jovens ficaram muito contentes em poder se aconchegar debaixo das colchas, e esperavam

que esse empréstimo pudesse ser incluído, por justiça, na conta de Mrs. Lynde quando ela subisse aos céus. Anne ficou com o quarto azul que cobiçara desde a primeira visita. Priscilla e Stella dividiam o maior. Phil estava contentíssima com o seu pequenino quarto acima da cozinha, e tia Jamesina ficou com o outro do andar térreo, contíguo à sala de visitas. Rusty, a princípio, dormia na soleira da porta.

Alguns dias após sua chegada, Anne regressava de Redmond e percebeu que as pessoas com quem cruzava na rua a encaravam com um sorriso disfarçado e indulgente. Incomodada, questionou o que havia de errado consigo. O chapéu estava mal colocado? Seu cinto estava solto? Virando a cabeça para investigar, Anne viu Rusty pela primeira vez.

Trotando logo atrás dela, colado em seus calcanhares, estava o espécime mais lastimável de felino que ela jamais tinha visto. O animal já havia passado da juventude e estava fraco, magro e com aspecto miserável. Faltavam-lhe pedaços das duas orelhas, um dos olhos estava temporariamente em mau estado e um lado da face apresentava-se terrivelmente inchado. Com relação à cor, se alguma vez um gato preto tivesse sido total e completamente chamuscado, o resultado se pareceria com a tonalidade desta pelagem maltrapilha, rala, sem graça e imunda.

Anne quis espantá-lo, mas o gato ignorou os seus gritos de “xô!”. Enquanto estava parada, o animal se sentou e a encarou com reprovação com seu único olho bom; mas quando ela retomou o passo, ele a seguiu. Anne resignou-se com sua companhia até chegar ao portão de Patty’s Place, o qual fechou friamente na cara do felino, esperando ingenuamente não ter mais notícias dele. Porém, quando Phil abriu a porta quinze minutos mais tarde, lá estava o gato cor de ferrugem no degrau! E mais: ele prontamente entrou na casa e saltou para o colo de Anne, com um miado meio suplicante, meio triunfante.

— Anne, esse animal é seu? – indagou Stella, com severidade.

— Não, *não é!* – protestou, indignada. — Esta criatura me seguiu até aqui, vinda só Deus sabe de onde! Não consegui me livrar dele. Ugh, desça, desça! Gosto muito de gatos decentes, mas não me agradam as bestas com a sua aparência.

O bichano, entretanto, recusou-se a descer. Aninhou-se tranquilamente no colo de Anne e começou a ronronar.

— Ele evidentemente adotou você – sorriu Priscilla.

— Eu *não serei* adotada – respondeu, obstinada.

— A pobre criatura está faminta – observou Phil, cheia de compaixão.

— Ora, ele está praticamente pele e osso!

— Bem, eu darei um pote de comida reforçado, e depois ele terá que voltar para onde veio – disse Anne, resoluta.

O gato foi alimentado e posto para fora. Pela manhã, ele ainda estava no degrau da porta. E no degrau ele continuava, saltando para dentro da casa todas as vezes que a porta era aberta. Nenhuma fria recepção surtia qualquer efeito no animal, nem ele prestava atenção em ninguém, exceto em Anne. As moças piedosas o alimentaram durante uma semana; mas, ao final desta, decidiram que algo deveria ser feito. O aspecto do gato tinha melhorado. O olho e a face voltaram ao normal, já não estava mais tão magro e elas viram que ele estava lavando o focinho.

— Mas, ainda assim, não podemos ficar com ele – afirmou Stella. — Tia Jimsie está chegando na próxima semana e ela trará a Gata-Sarah com ela. Não podemos ter dois gatos, pois esse Rusty^[15] brigaria o tempo todo com a Gata-Sarah. É um brigão por natureza! Ontem à noite ele lutou uma batalha ferrenha contra o gato do rei do tabaco e o derrotou, cavalaria, infantaria e artilharia!

— Precisamos nos livrar dele – concordou Anne, enquanto olhava sombriamente para o objeto da discussão, que ronronava sobre o tapete diante da lareira com ar de mansidão, como se fosse um cordeiro. — Mas a questão é: *como*? Como quatro donzelas desprotegidas podem se livrar de um gato que não quer ir embora?

— Poderíamos *apagá-lo* – sugeriu Phil, bruscamente. — É a maneira mais humana.

— Qual de nós sabe alguma coisa sobre *apagar* um gato de maneira *humana*? – perguntou Anne, com tristeza.

— Eu sei, querida. É uma das minhas poucas, tristemente poucas, habilidades úteis. Já me desfiz de alguns em casa deste jeito, e garanto que não há dor e nem luta.

E Phil explicou-lhes o procedimento detalhadamente.

— Parece fácil – disse Anne, um pouco em dúvida.

— É *fácil*! Deixe comigo. Darei um jeito – assegurou Phil.

Conforme o combinado, fizeram os preparativos e, na manhã seguinte, Rusty foi atraído para o seu destino. O animal comeu seu desjejum, lambeu os beijos e subiu no colo de Anne. O coração de Anne ficou apreensivo. A pobre criatura a amava e confiava nela. Como poderia ela tomar parte em sua destruição?

— Aqui, leve-o – disse, rapidamente. — Estou me sentindo uma assassina.

— Ele não vai sofrer, você sabe – confortou Phil. Mas Anne já tinha fugido dali.

O ato fatal foi realizado na varanda dos fundos. Ninguém se aproximou dali naquele dia. Mas, ao entardecer, Phil declarou que Rusty deveria ser enterrado.

— Pris e Stella precisam cavar o túmulo no pomar, e Anne tem que vir comigo para erguer a caixa. Esta é a parte que mais odeio.

As duas conspiradoras se aproximaram da varanda na ponta dos pés. No chão havia uma caixa de madeira com uma pedra em cima. Phil ergueu a pedra cautelosamente. De súbito, fraca, mas claramente, soou um inconfundível miado debaixo da caixa.

— Ele... não está morto – gaguejou Anne, sentando-se estupidamente nos degraus da porta da cozinha.

— Tem que estar! – exclamou Phil, incrédula.

Outro miadinho provou que não estava. As duas moças se entreolharam.

— O que faremos? – questionou Anne.

— Por que, em nome de Deus, vocês não vieram? – reclamou Stella, aparecendo na soleira. — O túmulo já está pronto. “*O quê? Ainda calados? Todos calados?* ^[16]” – citou, zombando.

— “*Ah, não – as vozes dos mortos soam como longínqua queda d’água* ^[17]” – contra-atacou Anne, prontamente, apontando para a caixa com seriedade.

A gargalhada geral quebrou a tensão.

— Temos que deixá-lo aqui até amanhã de manhã – disse Phil, recolocando a pedra. — Faz cinco minutos que ele não mia. Talvez estivesse agonizando. Ou, quem sabe, nós só imaginamos os miados porque estamos sob a tensão de nossas consciências culpadas.

Todavia, quando a caixa foi erguida pela manhã, Rusty saltou alegremente no ombro de Anne e começou a lambar seu rosto afetuosamente. Nunca houve um gato tão decididamente vivo.

— Há um buraco na caixa – murmurou Phil. — Não tinha visto. Foi por isso que ele não morreu. Agora vamos ter que fazer tudo de novo.

— Não, não vamos! – declarou Anne, de repente. — Rusty não vai ser assassinado outra vez! Ele é meu gato... e vocês terão que aceitar isso.

— Oh, bem, se você se acertar com a tia Jimsie e a Gata-Sarah – disse Stella, com um ar de quem estava lavando as mãos sobre toda a questão.

Daquele momento em diante, Rusty tornou-se um membro da família. À noite, dormia no tapete da porta da varanda dos fundos e comia do bom e do melhor. Quando tia Jamesina chegou, ele estava gordo, com o pelo lustroso e toleravelmente respeitável. Mas, assim como o gato de Kipling, Rusty “andava sozinho” ^[18]. Suas garras estavam contra todos os outros gatos, e as de todos os outros gatos estavam contra ele. Um por um, ele derrotou todos os felinos aristocratas da Avenida Spofford. Quanto aos humanos, ele amava Anne e somente Anne. Ninguém mais se atrevia sequer a acariciá-lo, pois quem ousasse fazê-lo era recebido com sibilos ferozes que mais pareciam insultos.

— A empáfia desse gato é simplesmente intolerável – comentou Stella.

— Ele é um velho bichano bonzinho, ele é sim – entoou Anne, abraçando desafiadoramente seu gatinho de estimação.

— Bem, não sei como ele e a Gata-Sarah vão fazer para viver juntos – prosseguiu Stella, com pessimismo. — Brigas de gatos no jardim, a noite inteira, já são ruins o bastante. Mas aqui dentro, na sala de estar, é simplesmente impensável.

No devido momento, tia Jamesina chegou. Anne, Priscilla e Phil estavam esperando seu advento com algumas reservas, mas quando ela chegou e foi entronizada na cadeira de balanço diante do fogo da lareira, as jovens figurativamente se inclinaram e a adoraram.

Tia Jamesina era uma pequena senhorinha idosa, com um rosto suavemente triangular e grandes e suaves olhos azuis que possuíam o brilho de uma inextinguível juventude, tão cheios de esperança quanto os de uma menina. Tinha bochechas coradas e seu cabelo era branco como a neve, preso num curioso penteado com cachinhos por cima das orelhas.

— É um penteado muito antiquado – ela disse, enquanto tricotava diligentemente algo tão delicado e rosado quanto uma nuvem no ocaso. — Mas eu sou antiquada. Minhas roupas e minhas opiniões também são. Não digo que sejam melhores por isso, me entendam bem. Na verdade, ousou dizer que são muito piores. Mas são bem suportados. Sapatos novos são mais elegantes, mas os velhos são mais confortáveis. Sou velha o bastante para fazer minhas vontades em questão de sapatos e opiniões. Tenho a intenção de relaxar aqui. Sei que esperam que eu cuide de vocês e que as mantenha no bom caminho, mas não farei isso. Vocês são bem grandinhas para terem juízo, se é que algum dia vão ter. Portanto, até onde me diz respeito, vocês podem se prejudicar como bem entenderem – concluiu tia Jamesina, com uma piscadela de olho.

— Oh, alguém consegue separar esses gatos? – implorou Stella, estremecendo.

Tia Jamesina trouxera consigo não só a Gata-Sarah, mas também Joseph. Este, explicava ela, pertencera a uma querida amiga sua que fora viver em Vancouver.

— Ela não pôde levá-lo, então implorou-me para que o trouxesse

comigo. Realmente não pude recusar. Ele é um gato bonito; quero dizer, seu temperamento é belo. Ela o chamou de Joseph porque sua pelagem tem várias cores^[19].

E era verdade. Joseph, como dizia a desgostosa Stella, parecia uma bolsa de retalhos ambulante. Era impossível dizer qual sua cor predominante. As pernas eram brancas com pintas pretas. O dorso era cinza, com uma grande mancha amarela de um lado e preta do outro. A cauda era amarela com a ponta cinzenta. Uma orelha era preta e a outra amarela. Uma mancha preta sobre um dos olhos lhe conferia um semblante pavorosamente dissoluto. No entanto, na realidade, ele era manso, inofensivo e de caráter sociável. A esse respeito, se não em outros, Joseph era como um lírio do campo. Não se esforçava, nem corria ou caçava ratos. Ainda assim, nem mesmo Salomão em toda sua glória dormira em almofadas mais macias ou desfrutara de manjares mais saborosos.

Joseph e a Gata-Sarah chegaram por trem, em caixas separadas. Depois de terem sido soltos e alimentados, Joseph elegeu a almofada e o canto que mais gostou, e a Gata-Sarah sentou-se gravemente diante do fogo e começou a lavar o focinho. Era uma gata grande, elegante, de pelagem cinza e branca, com uma enorme dignidade que não era, de modo algum, prejudicada pela consciência de sua origem plebeia. Fora dada de presente a tia Jamesina por sua lavadeira.

— O nome dela era Sarah, então meu marido sempre chamou a felina de Gata-Sarah – explicou tia Jamesina. — Ela tem oito anos e é uma excelente caçadora de ratos. Não se preocupe, Stella. A Gata-Sarah *nunca* briga e Joseph raramente o faz.

— Vão ter que brigar para se defender aqui – avisou Stella.

Neste momento, Rusty entrou em cena. Vinha pulando animadamente pela sala, até que pôs os olhos nos intrusos. Então, parou repentinamente; sua cauda se eriçou até ficar tão larga quanto três caudas juntas. O pelo no dorso se transformou num arco desafiador. Rusty baixou a cabeça, soltou um medonho guincho de ódio e desafio e se atirou sobre a Gata-Sarah.

O majestoso animal havia parado de lavar o focinho e o encarava com curiosidade. Ela recebeu sua investida com um depreciativo golpe de sua

forte pata. Rusty rodopiou descontroladamente pelo tapete e se levantou, aturdido. Que tipo de gato era aquele que golpeará suas orelhas? Olhou para a Gata-Sarah, em dúvida. Atacaria outra vez ou não? Deliberadamente, ela virou as costas para ele e retomou sua tarefa de *toalete*. Rusty decidiu que era melhor não atacar. Nunca mais o fez. Daquele dia em diante, a Gata-Sarah dominou a casa. Rusty jamais tornou a cruzar seu caminho.

Porém, Joseph sentou-se levemente e bocejou. Rusty, no ardor para vingar sua desgraça, saltou para cima dele. Joseph, pacífico por natureza, sabia lutar se fosse necessário, e lutava bem. O resultado foi uma série de batalhas indecisas. Todos os dias Rusty e Joseph brigavam quando se viam. Anne tomava o partido de Rusty e detestava Joseph. Stella estava desesperada. Mas tia Jamesina apenas ria.

— Deixe que briguem – disse, com tolerância. — Os dois serão amigos depois de um tempo. Joseph precisa de um pouco de exercício, porque está ficando muito gordo. E Rusty deve aprender que não é o único gato no mundo.

Finalmente, Joseph e Rusty chegaram a um consenso e, de inimigos declarados, tornaram-se amigos inseparáveis. Dormiam na mesma almofada com as patas de um sobre o outro, e lambiam o focinho um do outro com afinho.

— Todos nós nos adaptamos uns aos outros – disse Phil. — E eu tenho aprendido a lavar a louça e varrer o piso.

— Mas não precisa tentar nos fazer acreditar que consegue *apagar* gatos – brincou Anne.

— Foi tudo culpa do buraco na caixa – protestou Phil.

— Foi uma grande sorte que tivesse um buraco – disse tia Jamesina, com certa severidade. — Admito que, às vezes, os gatinhos recém-nascidos *precisam* ser afogados, pois, do contrário, o mundo seria invadido por eles. Mas nenhum gato crescido e decente deve ser sacrificado... a não ser que coma ovos.

— A senhora não consideraria Rusty muito decente se o tivesse visto quando apareceu aqui. Com certeza ele se parecia mais com o capeta –

comentou Stella.

— Não creio que o capeta seja tão feio – respondeu tia Jamesina, meditativa. — Ele não conseguiria fazer tanto mal se fosse. Sempre o imagino como um elegante cavalheiro.

Capítulo XVII

Uma Carta de Davy

— Está começando a nevar, meninas – anunciou Phil, ao chegar em casa num anoitecer de novembro –, e a trilha do jardim está toda coberta de adoráveis estrelinhas e cruzes. Nunca tinha percebido o quão delicados e lindos são os flocos de neve. Quando a gente vive com simplicidade, tem tempo de perceber essas coisas. Deus as abençoe por terem aberto as portas deste mundo para mim! É realmente fascinante se preocupar porque o preço da manteiga subiu cinco centavos.

— Subiu? – perguntou Stella, que era quem cuidava das contas da casa.

— Subiu, e aqui está a manteiga. Estou ficando muito boa na arte da negociação. É mais divertido do que flertar – concluiu, muito séria.

— O preço de tudo está aumentando escandalosamente – suspirou Stella.

— Não tem importância. Graças a Deus, o ar e a salvação ainda são de graça – comentou tia Jamesina.

— E as risadas também! – acrescentou Anne. — Ainda não existem impostos sobre o riso, e é uma sorte, porque agora vocês vão rir um bocado. Vou ler uma carta de Davy. A ortografia dele melhorou muitíssimo desde o ano passado, apesar de ainda lutar com os acentos, e ele certamente possui o talento para escrever cartas interessantes. Ouçam e riam, antes de nos sepultarmos na gravidade dos estudos noturnos.

“Querida Anne”, escreveu Davy, “peguei o meu lápis para contar a você que estamos todos muito bem, e que eu espero que esta carta a encontre bem ‘tambem’. Está nevando um pouco hoje, e a Marilla falou que a Senhora do Céu está sacudindo os colchões de penas. A Senhora do Céu é a esposa de Deus, Anne? Quero saber.

“Mrs. Lynde estava muito doente mas está melhor agora. Na semana passada ela caiu na escada do porão. Quando ela caiu, se agarrou na prateleira onde estavam todos os tarros de leite e as ‘cassarolas’ que se quebraram e ‘caíram’ com ela e isso fez um enorme barulho. A primeira coisa que a Marilla pensou é que era um terremoto.

“Uma das ‘cassarolas’ estava toda amassada e a Mrs. Lynde machucou as costelas. O doutor veio e deu para ela um remédio para esfregar nas costelas, mas ela entendeu errado e bebeu o remédio. O doutor falou que foi incrível que ela não tenha morrido, mas não morreu e ela ficou curada das costelas, e a Mrs. Lynde falou que os doutores não sabem muito. Mas nós não conseguimos consertar a ‘cassarola’. Marilla teve que jogar fora. Foi Ação de Graças na semana passada. Não teve aula e tivemos um grande banquete. Comi torta de carne, e peru assado, bolo de fruta e rosquinhas, e queijo com geleia, e bolo de ‘xocolate’. Marilla falou que eu ia morrer mas eu não morri. Dora teve dor de ‘uvido’, só que não era no ‘uvido’ era no ‘istomago’. Eu não tive dor em nenhum lugar.

“Nosso novo professor é um homem. Tudo para ele é piada. Na semana passada ele fez que os meninos do terceiro ano escrevessem uma ‘redassao’ sobre que tipo de esposa ‘gostaríamos’ de ter, e as meninas sobre que tipo de marido elas gostariam. Ele quase morreu de rir quando leu as composições. Esta foi a minha. Achei que você ia gostar de ler.

“‘Que tipo de esposa eu gostaria de Ter.

“‘Ela tem que ter boas maneiras e preparar as minhas ‘refeições’ na hora certa, e tem que fazer o que digo, e ser muito educada comigo. Ela tem que ter quinze anos. Ela tem que ser boa para os pobres, e manter a casa arrumada, ter bom temperamento, e ir para a igreja regularmente. Ela tem que ser muito bonita, e ter cabelos cacheados. Se eu conseguir uma esposa que for do jeito que eu quero, eu vou ser um marido muito bom para ela. Eu acho que uma mulher tem que ser muito boa pro marido. Algumas pobres mulheres não tem marido.

FIM’

“Fui no funeral da Mrs. Isaac Wrights, em White Sands na semana passada. O marido da defunta estava triste de verdade. Mrs. Lynde falou que

o avô da Mrs. Wrights roubou uma ovelha, mas a Marilla falou que não devemos falar mal dos mortos. Por que não devemos, Anne? Quero saber. Não tem perigo em fazer isso, né?

“Mrs. Lynde ficou terrivelmente furiosa outro dia porque eu perguntei se ela estava viva no tempo de Noé. Eu não queria magoar os sentimentos dela. Eu ‘so’ queria saber. Ela estava, Anne?”

“Mr. Harrison queria se livrar do cachorro dele. Então ele enforcou o cachorro, mas ele ‘ressucitou’ e saiu correndo para o celeiro, enquanto o Mr. Harrison estava cavando o buraco. ‘Dai’, ele enforcou ele de novo, mas dessa vez ele ficou morto. Mr. Harrison tem outro homem trabalhando para ele. Ele é terrivelmente estranho. Mr. Harrison falou que ele é canhoto dos dois pés. O ajudante do Mr. Barry é preguiçoso. Foi a Mrs. Barry que falou isso, mas o Mr. Barry falou que ele não é exatamente preguiçoso, ele só pensa que é mais fácil rezar pelas coisas do que trabalhar por elas.

“O porco premiado da Mrs. Harmon Andrews, aquele que ela se orgulhava tanto, teve um ataque e morreu. A Mrs. Lynde falou que foi um castigo por causa do orgulho dela. Mas eu acho que foi pior para o porco. Milty Boulter estava doente. O doutor deu um remédio para ele que tinha o gosto horrível. ‘Me’ ofereci para tomar o remédio no lugar dele por um centavo, mas os Boulters são tão mesquinhos. Milty disse que preferia tomar ele mesmo, e economizar o dinheiro. Perguntei para a Mrs. Boulter como é que uma mulher faz para pescar um homem, e ela ficou furiosa e falou que não sabia, porque ela nunca tinha pescado homens.

“A SMA vai pintar o salão de Avonlea de novo. ‘Se’ cansaram de ver o salão sempre azul.

“O novo pastor veio aqui para o chá ontem de noite. Ele comeu ‘tres’ pedaços de torta. Se eu tivesse feito isso, a Mrs. Lynde ia me chamar de esganado. E ele comeu rápido, e engolia pedaços enormes, e a Marilla sempre me fala para não fazer isso. Por que os pastores podem fazer aquilo que os meninos não podem? Quero saber.

“Não tenho mais novidades. Mando aqui seis beijos para você. XXXXXX. Dora manda um. Aqui está o dela. X.

“Seu amoroso amigo DAVID KEITH

“P.S. Anne, quem era o pai do diabo? Quero saber.”

Capítulo XVIII

Miss Josephine se Lembra da Menina-Anne

Quando o feriado de Natal chegou, as meninas de Patty's Place partiram cada uma para seu lar, mas tia Jamesina preferiu ficar onde estava.

— Não poderia ir a nenhum dos lugares para onde fui convidada e levar os três gatos comigo – disse ela. — E não vou deixar as pobres criaturas aqui, sozinhas, por quase três semanas. Se tivéssemos algum vizinho decente que os alimentassem, eu até poderia ir, mas nesta rua só vivem milionários. Então ficarei aqui e manterei Patty's Place aquecida para vocês.

Anne foi para casa com as alegres e costumeiras esperanças – que não foram plenamente satisfeitas. Encontrou Avonlea açoitada por um inverno prematuro, frio e tempestuoso, como nem mesmo os mais velhos habitantes conseguiam se lembrar de um igual. Green Gables estava literalmente cercada por fortes nevascas. Em quase todos os dias daquelas desditosas férias o temporal rugiu firmemente, e mesmo nos dias bons o vento soprava sem cessar. Tão logo as estradas secavam, a chuva tornava a enchê-las. Era quase impossível sair. A S.M.A. tentou, em três noites diferentes, organizar uma festa em honra aos colegas estudantes; no entanto, em cada uma dessas noites a tempestade foi tão intensa que ninguém conseguiu comparecer, e assim os desanimados Melhoradores desistiram da tentativa. Anne, apesar do amor e lealdade devotados a Green Gables, não conseguia deixar de sentir saudade de Patty's Place, com sua lareira acolhedora, o olhar jovial de tia Jamesina, os três gatos, a alegre tagarelice das meninas e as prazerosas noites de sexta-feira, quando os amigos da faculdade as visitavam para conversar sobre assuntos solenes ou divertidos.

Anne sentia-se solitária. Diana estivera presa em casa durante toda a época das festas com uma severa crise de bronquite. Ela não podia ir até Green Gables e Anne raramente conseguia chegar até Orchard Slope, pois a antiga trilha pela Floresta Assombrada estava intransitável devido à nevasca, e o caminho mais longo, sobre a congelada Lagoa das Águas Brilhantes, estava arruinado da mesma maneira. Ruby Gillis repousava no cemitério de

lápides brancas, e Jane Andrews estava lecionando numa escola, nas pradarias ocidentais. Gilbert, na verdade, permanecia fiel em suas visitas, e chegava a Green Gables com dificuldade, em todas as tardes que podia. Mas tais visitas não eram mais como antes. Anne praticamente as temia. Era muito desconcertante erguer os olhos num silêncio repentino e encontrar os olhos castanhos de Gilbert fixos nela, com uma inequívoca expressão em sua profundidade. E era ainda mais desconcertante surpreender a si mesma enrubescendo intensamente e ficando desconfortável diante do seu olhar contemplativo, como se... como se... bem, era tudo demasiadamente embaraçoso. Anne desejava voltar para Patty's Place, onde sempre havia alguém para abrandar essas situações delicadas. Em Green Gables, Marilla corria prontamente para os domínios de Mrs. Lynde quando Gilbert chegava, e insistia em levar os gêmeos consigo. O significado de tal atitude era inconfundível e provocava em Anne uma sensação de fúria impotente.

Davy, porém, estava perfeitamente contente. Divertia-se saindo pela manhã para limpar com a pá o caminho até o poço e o galinheiro. Exultava com os quitutes natalinos que Marilla e Mrs. Lynde rivalizavam em preparar para Anne, e estava lendo um livro fascinante, que pegara emprestado da biblioteca da escola, sobre um maravilhoso herói que possuía a milagrosa capacidade de se envolver em confusões, das quais sempre conseguia sair em meio a terremotos ou explosões vulcânicas que o lançavam para longe de seus problemas, conduziam-no até a fortuna e terminavam a história com um *grand finale*.

— Vou dizer a você, Anne, esta é uma história muito boa – disse, com empolgação. — Prefiro muito mais ler este livro que a Bíblia.

— Prefere? – sorriu Anne.

Davy a encarou com curiosidade.

— Você não parece nem um pouco surpresa, Anne. Mrs. Lynde ficou terrivelmente chocada quando eu falei isso para ela.

— Não, não estou chocada, Davy. Penso que é bastante natural que um menino de nove anos prefira ler um livro de aventuras do que a Bíblia. Mas, quando for mais velho, estou certa de que você compreenderá que a Bíblia é um livro maravilhoso.

— Oh, eu acho que algumas partes são ótimas! – concordou Davy. — Aquela história sobre o Joseph é fantástica. Mas, se eu fosse o Joseph, não teria perdoado meus irmãos. De jeito nenhum, Anne! Eu teria mandado cortar a cabeça deles! Mrs. Lynde ficou furiosa quando eu falei isso e fechou a Bíblia, e ela falou que nunca mais ia ler para mim se eu continuasse falando desse jeito. Então eu não falo mais quando ela lê nos domingos à tarde; fico só imaginando as coisas e conto para o Miltie Boulter no dia seguinte, na escola. Contei para ele a história sobre Elias e os ursos, e ele ficou tão assustado que nunca mais fez troça da careca do Mr. Harrison^[20]. Existem ursos na Ilha de Prince Edward, Anne? Quero saber.

— Não hoje em dia – respondeu Anne, com ar ausente, enquanto o vento soprava a neve contra a janela. — Oh, Deus, será que essa tempestade vai terminar algum dia?

— Só Deus sabe – redarguiu Davy, alegremente, enquanto retomava a leitura.

Desta vez *Anne* ficou chocada.

— Davy! – exclamou, em tom de reprovação.

— Mrs. Lynde falou isso! – protestou Davy. — Numa noite, semana passada, a Marilla falou: “*Será que Ludovic Speed e Theodora Dix vão se casar algum dia?*”, e a Mrs. Lynde respondeu: “*Só Deus sabe*”, exatamente assim.

— Bem, não foi correto da parte dela falar dessa forma – replicou Anne, decidindo prontamente qual partido tomar neste dilema. — Não é certo ninguém tomar o nome de Deus em vão, ou mencioná-Lo tão rapidamente, Davy! Nunca mais faça isso.

— Nem se eu falar lenta e solenemente, igual ao pastor? – questionou, com seriedade.

— Não, nem se for assim.

— Bom, não vou fazer mais isso. Ludovic Speed e Theodora Dix vivem em Middle Grafton, e Mrs. Lynde falou que faz cem anos que ele está *cortejando ela*. Eles não vão estar muito velhos para casar, Anne? Eu espero que o Gilbert não corteje *você* por tanto tempo. Quando é que *você* vai se

casar, Anne? Mrs. Lynde falou que isso é coisa certa.

— Mrs. Lynde é uma... – Anne começou a dizer, irritada, mas interrompeu-se.

— Velha fofoqueira terrível – completou Davy, com tranquilidade. — É assim que todos *chamam ela*. Mas o seu casamento é uma coisa certa, Anne? Quero saber.

— Você é um menininho muito tolo, Davy! – exclamou, saindo indignada do quarto.

A cozinha estava vazia e ela se sentou junto à janela na luz do frio entardecer que se esvanecia com rapidez. O sol já havia se posto e o vento tinha cessado. Uma pálida lua de inverno se erguia por trás das nuvens púrpuras a oeste. O céu diurno já estava se despedindo, mas a faixa amarela que se estendia por todo o horizonte brilhou com mais intensidade, como se todos os raios de luz remanescentes estivessem concentrados num só lugar. As colinas distantes, margeadas pelos escuros pinheiros cujas silhuetas se assemelhavam às dos padres, destacavam-se nitidamente contra o céu. Anne contemplou os campos brancos e inertes, frios e sem vida diante da desagradável luminosidade daquele crepúsculo nefasto, e suspirou. Sentia-se muito solitária e estava profundamente triste, perguntando-se como conseguiria retornar a Redmond no ano seguinte. Era pouco provável que conseguisse, porque a única bolsa possível de obter no segundo ano era de pouco valor pecuniário. Ela não usaria o dinheiro de Marilla, de modo algum; e havia poucas esperanças de ganhar dinheiro suficiente durante as férias de verão.

“Imagino que terei de trancar a matrícula no ano que vem”, pensou, lugubrememente, “e voltar a lecionar em uma escola municipal até economizar o bastante para finalizar meu curso. E, até lá, toda a minha turma já terá se formado e Patty’s Place estará fora do meu alcance. Mas tudo bem! Não serei covarde. Estou grata por poder ganhar dinheiro para pagar meus estudos, se for necessário.”

— Aí vem o Mr. Harrison caminhando pela alameda – anunciou Davy, antes de sair correndo. — Tomara que ele tenha trazido a correspondência. Já faz três dias que as cartas não chegam e eu quero saber o

que aqueles irritantes Liberais estão fazendo. Eu sou Conservador, Anne! E você me escute: temos que ficar de olho nos Liberais!

Mr. Harrison trouxe a correspondência, e as cartas alegres de Stella, Priscilla e Phil logo dissiparam a tristeza de Anne. Tia Jamesina também escreveu dizendo que estava mantendo a lareira acesa, que todos os gatos estavam bem e que as plantas da casa estavam bem cuidadas.

“O clima tem estado bem frio”, escreveu ela, “então deixo os gatos dormirem dentro de casa – Rusty e Joseph no sofá da sala e a Gata-Sarah ao pé da minha cama. É um consolo ouvir seu ronronar quando desperto à noite e penso na minha pobre filha que está no exterior. Não me preocuparia tanto se ela não estivesse na Índia, mas dizem que as cobras são terríveis por lá. Preciso de todo o ronronar da Gata-Sarah para afugentar estes pensamentos. Tenho confiança em tudo, menos nas serpentes. Não consigo entender por que Deus as criou, pois não parecem obra divina. Sinto-me inclinada a acreditar que são obra de Satanás.”

Anne deixou para o final uma carta breve, datilografada, supondo ser de pouca importância. Quando leu a missiva, permaneceu imóvel e com lágrimas nos olhos.

— O que aconteceu, Anne? – perguntou Marilla.

— Miss Josephine Barry morreu – ela respondeu, em voz baixa.

— Então ela se foi, afinal. Bem, ela esteve doente por mais de um ano e os Barrys estavam esperando receber a notícia de sua morte a qualquer momento. Que bom que ela descansou, Anne, pois sofreu demais. Ela sempre gostou muito de você.

— E parece que ela gostou de mim até o fim, Marilla. Esta carta é do advogado dela. Ela deixou mil dólares para mim em seu testamento.

— Por Deus, é um montão de dinheiro! – exclamou Davy. — Essa era aquela senhora que estava na cama do quarto de hóspedes quando você e Diana pularam em cima, não é? Diana me contou a história. Foi por isso que ela deixou tanto dinheiro para você?

— Fique quieto, Davy – pediu Anne, suavemente. Ela subiu para o quarto com o coração apertado, deixando Marilla e Mrs. Lynde conversarem

sobre o assunto o quanto quisessem.

— Vocês acham que a Anne vai se casar algum dia, depois disso? – especulou Davy, com avidez. — Quando a Dorcas Sloane se casou no verão passado, ela falou que nunca se incomodaria com um marido se tivesse dinheiro suficiente para se sustentar, mas viver com um viúvo e os oito filhos dele era ainda melhor que morar com uma cunhada.

— Davy Keith, segure essa sua língua! – ralhou Mrs. Lynde, com severidade. — Você fala de uma maneira escandalosa para um menininho, isto é que é!

Capítulo XIX

Um Interlúdio

— E pensar que este é meu vigésimo aniversário e deixei minha adolescência eternamente para trás – comentou Anne para tia Jamesina. Estava encolhida no tapete em frente à lareira com Rusty no colo, e a querida senhora estava lendo em sua cadeira favorita. Estavam sozinhas na sala. Stella e Priscilla tinham ido a uma reunião do comitê e Phil estava no quarto, enfeitando-se para um baile.

— Suponho que você se sentirá um pouco triste – disse tia Jamesina. — Com a chegada dos vinte anos, uma fase muito encantadora da vida chega ao fim. De minha parte, estou contente por não ter saído totalmente dessa idade.

Anne sorriu.

— A senhora nunca sairá, tia. Ainda terá dezoito quando completar cem. Sim, me sinto triste e um pouco insatisfeita também. Miss Stacy me disse, muito tempo atrás, que aos vinte anos o meu caráter estaria formado, para o bem ou para o mal. Mas sinto que isso ainda não aconteceu. Meu caráter está cheio de falhas.

— Assim como o de todo mundo – replicou tia Jamesina, animadamente. — O meu está quebrado em uma centena de lugares. Essa Miss Stacy provavelmente quis dizer que, aos vinte anos, o seu caráter já teria se inclinado permanentemente para uma ou outra direção, e que seguiria se desenvolvendo nessa linha. Não se preocupe com isso, Anne. Cumpra o seu dever para com Deus, seu vizinho e consigo mesma, e divirta-se! Esta é minha filosofia e sempre funcionou muito bem. Aonde Phil está indo esta noite?

— Ela vai a um baile e irá usar um lindíssimo vestido de seda amarelo creme, com rendas muito finas. Combina bem com os matizes castanhos de sua compleição.

— Existe magia nas palavras *seda e renda*, não existe? Até a sonoridade me faz sentir como se estivesse me preparando para um baile. E seda *amarela*. Faz com que pensemos em um vestido feito de raios de sol. Sempre sonhei em ter um vestido de seda amarelo; mas, primeiro minha mãe, e depois meu marido não queriam me ouvir falar nisso. A primeiríssima coisa que vou fazer quando chegar ao céu é arranjar um vestido de seda amarelo.

Entre as risadas de Anne, Phil desceu as escadas caminhando sobre nuvens de glória e contemplou sua imagem no grande espelho oval na parede.

— Um espelho lisonjeiro é o promotor de amabilidade – ela disse. — Aquele do meu quarto certamente me faz parecer esverdeada. Estou bem, Anne?

— Você sabe realmente o quão bonita você é, Phil? – perguntou Anne, com honesta admiração.

— É claro que sei. Para que servem os espelhos e os homens se não para isso? Se bem que não é a isso que me refiro agora. Meus cachos estão bem penteados? Minha saia está com o caimento reto? Esta rosa ficaria melhor mais aqui embaixo? Receio que esteja muito alta, o que me fará parecer assimétrica. Mas odeio quando alguma coisa fica causando comichão nas minhas orelhas.

— Está tudo perfeito, e essa sua covinha é adorável.

— Anne, existe algo em particular que eu gosto em você: sua generosidade. Não há nenhuma partícula de inveja em você.

— Por que ela deveria sentir inveja? – questionou tia Jamesina. — Pode ser que Anne não seja tão elegante quanto você, mas ela tem um nariz muito mais bonito.

— Eu sei disso – concordou Phil.

— Meu nariz sempre foi um grande consolo para mim – confessou Anne.

— E eu gosto da maneira como o seu cabelo cai na testa, Anne. E esse pequeno cachinho rebelde, que parece estar sempre a ponto de cair, mas nunca cai, é uma graça. Porém, no que se refere ao nariz, o meu será sempre

uma incômoda preocupação para mim. Sei que, quando tiver quarenta anos, ele terá se tornado um nariz dos Byrne. Como você acha que serei aos quarenta, Anne?

— Como uma velha matrona casada – provocou Anne.

— Não serei! – discordou, sentando-se confortavelmente para esperar por seu acompanhante. — Joseph, sua besta malhada, não se atreva a subir no meu colo! Eu não irei para o baile cheia de pelos de gato! Não, Anne, eu não vou parecer uma matrona. Mas sem dúvida estarei casada.

— Com Alec ou Alonzo?

— Com um dos dois, eu acho, se um dia conseguir me decidir com qual – suspirou Phil.

— Não deveria ser difícil de decidir – censurou tia Jamesina.

— Nasci como uma gangorra, tia, e nada pode me impedir de balançar.

— Deveria ser mais sensata, Philippa.

— É melhor ser sensata, é óbvio – concordou Philippa –, mas os sensatos perdem toda a diversão. Com relação a Alec ou Alonzo, se a senhora os conhecesse entenderia a razão de ser tão difícil escolher entre eles. Os dois são igualmente adoráveis.

— Então encontre alguém que seja ainda mais adorável – sugeriu tia Jamesina. — Aí está aquele estudante do terceiro ano que é devotado a você: Will Leslie. Ele tem belos olhos grande e doces.

— De fato, são muito grandes e muito doces, como os de uma vaca – disse Phil, com crueldade.

— O que acha de George Parker?

— Não há nada para dizer a respeito dele, exceto que ele sempre parece ter sido recém passado e engomado.

— Marr Holworthy então. Você não pode apontar um defeito nele.

— Não, ele serviria se não fosse pobre. Tenho que me casar com um homem rico, tia Jamesina. O dinheiro e uma boa aparência são requisitos

indispensáveis. Eu me casaria com Gilbert Blythe se ele fosse rico.

— Oh, você se casaria? – perguntou Anne, com certa ferocidade na voz.

— Não gostamos nem um pouco desta ideia, apesar de nós mesmas não querermos Gilbert, oh não, não! – escarneceu Phil. — Mas não vamos falar de assuntos desagradáveis. Presumo que terei de me casar algum dia, mas adiarei esse dia fatal o máximo que conseguir.

— Quando chegar o momento, Phil, você não deve se casar com alguém que não ama – aconselhou tia Jamesina.

— “*Oh, os corações que amam à maneira antiga estão, hoje em dia, fora de moda.*” – cantarolou Phil, em tom zombeteiro. — Aí está o coche. Agora me vou. Adeus, minhas queridas antiquadas!

Quando Phil partiu, tia Jamesina olhou solenemente para Anne.

— Esta menina é linda, doce e tem bom coração; mas não parece, às vezes, que ela não é muito boa da cabeça, Anne?

— Oh, não creio que exista algum problema com a cabeça de Phil. É só o seu modo de falar – respondeu, escondendo um sorriso.

Tia Jamesina balançou a cabeça.

— Bem, espero que sim, Anne. Realmente espero que sim, porque eu a adoro! Mas não a compreendo, ela vai além. Não se parece com nenhuma mocinha que eu tenha conhecido, ou com nenhuma das moças que eu mesma fui.

— Quantas moças a senhora foi, tia Jimsie?

— Pelo menos meia dúzia, minha querida.

Capítulo XX

Gilbert Toma uma Decisão

— Que dia enfadonho e tedioso – bocejou Phil, espreguiçando-se languidamente no sofá, depois de ter desalojado dali dois gatos indignados.

Anne deixou de lado *As Aventuras do Sr. Pickwick*^[21]. Agora que as avaliações do semestre de primavera de Redmond estavam concluídas, a jovem voltava a dedicar-se à leitura de Dickens.

— Pode estar sendo tedioso para nós, mas para algumas pessoas tem sido um dia maravilhoso – ela disse, pensativa. — Alguns podem estar extremamente felizes. Talvez uma façanha magnífica tenha acontecido hoje, em algum lugar; ou um grande poema tenha sido escrito; ou um grande homem tenha nascido. E, quem sabe, algum coração tenha se partido.

— Por que você estragou sua bela reflexão com esta última frase, querida? – resmungou Phil. — Não gosto de pensar em corações partidos, nem em qualquer coisa desagradável.

— Você acha que vai conseguir ignorar todas as coisas desagradáveis da vida, Phil?

— Meu Deus, não! Não estou encarando algumas delas agora? Você não considera Alec e Alonzo agradáveis, considera? A única coisa que eles fazem é complicar minha vida!

— Você nunca leva nada a sério, Phil.

— Por que eu deveria? Já existem muitas pessoas que o fazem. O mundo precisa de pessoas como eu, Anne, só para animá-lo. Seria um lugar medonho se *todos* fossem intelectuais e sérios, vivendo numa profunda e perniciosa gravidade. *Minha* missão é, como diz Josiah Allen, “encantar e fascinar”. Confesse agora: a vida em Patty’s Place não tem sido muito mais radiante e agradável neste último inverno porque eu estive aqui para animar vocês?

— Sim, tem sido, sim – admitiu Anne.

— E vocês todas me amam; até mesmo tia Jamesina, que pensa que sou completamente doida. Então, por que eu deveria tentar ser diferente? Oh, querida, estou com tanto sono! Fiquei acordada até à uma hora da madrugada lendo uma perturbadora história de fantasmas. Estava lendo na cama e, depois de terminar, você acha que consegui levantar para apagar a luz? Não! E se, por sorte, Stella não tivesse chegado mais tarde, a lamparina teria queimado firme e forte até de manhã. Quando ouvi os passos de Stella, expliquei minha aflição e pedi-lhe que apagasse a lamparina. Se eu mesma tivesse ido apagar, estava certa de que algo iria agarrar meus pés quando voltasse para a cama. A propósito, Anne, a tia Jamesina já decidiu o que vai fazer neste verão?

— Sim, ela vai ficar aqui. Sei que está fazendo isso pelo bem destes abençoados gatos, embora ela afirme que é para evitar o trabalho de ter que abrir sua casa e também porque detesta fazer visitas.

— O que você está lendo?

— Pickwick.

— Eis um livro que sempre me faz ficar faminta. Fala muito sobre boa comida. As personagens parecem estar sempre se deliciando com presuntos, ovos e Ponche de Leite^[22]. Eu geralmente faço uma peregrinação até o armário da cozinha depois de ler Pickwick. Só de pensar na história já me lembro que estou faminta. Tem algum petisco para beliscar na despensa, Rainha Anne?

— Fiz uma torta de limão esta manhã. Pode comer uma fatia.

Phil correu até a despensa e Anne foi até o pomar, acompanhada por Rusty. Era um anoitecer úmido e agradavelmente perfumado de início da primavera. A neve ainda não havia desaparecido por completo do parque. Havia um pequeno monte branco e sujo debaixo dos pinheiros, protegido da influência dos raios do sol de abril, que mantinha em estado lamacento o caminho que conduzia ao porto e esfriava o ar da noite. Mas a relva crescia verde em lugares abrigados, e Gilbert havia encontrado alguns pálidos e doces medronhos escondidos em um recanto. Chegou do parque com as mãos cheias.

Anne estava sentada na grande pedra cinza do pomar, admirando uma

desnuda rama de bétula que se recortava com perfeita graça contra o rosa pálido do final do pôr do sol, e que constituía todo um poema. Ela edificava um castelo no ar: uma mansão extraordinária em cujos pátios iluminados e salões majestosos permeavam aromas árabes, e onde ela reinava como soberana castelã. Quando viu Gilbert se aproximar pelo pomar, teve um sobressalto e franziu o cenho. Ultimamente, tinha manejado para não ser deixada a sós com ele; mas o rapaz a pegara de surpresa agora, e até mesmo Rusty a abandonara.

Gilbert sentou-se ao lado de Anne e entregou-lhe um buquê de flores de maio.

— Estas flores não fazem com que você se lembre de casa e dos nossos antigos passeios escolares, Anne?

Ela segurou o buquê e enterrou o rosto nas flores.

— Estou nos campos de Mr. Silas Sloane, neste exato minuto! — exclamou, com entusiasmo.

— Imagino que você estará lá, pessoalmente, daqui a poucos dias...?

— Não, só daqui a quinze dias. Vou visitar Bolingbroke com Phil antes de ir para casa. Você estará em Avonlea antes de mim.

— Não, eu não irei para Avonlea neste verão, Anne. Ofereceram-me um emprego no escritório do Daily News e eu vou aceitar.

— Oh — ela murmurou, vagamente. Perguntava-se como seria um verão inteiro em Avonlea sem Gilbert. De certa forma, tal perspectiva não lhe agradava muito. — Bem, é claro que será uma coisa muito boa para você — concluiu, com brevidade.

— Sim, eu estava esperando conseguir. Vai me ajudar bastante no ano que vem.

— Você não deve trabalhar *demais* — disse Anne, sem ter uma ideia clara do que dizia. Desejava desesperadamente que Phil aparecesse ali. — Você estudou muito diligentemente neste inverno. Esta não é uma noite adorável? Sabia que hoje encontrei um tapete de violetas brancas debaixo daquela velha árvore retorcida ali? Senti como se tivesse descoberto uma

mina de ouro.

— Você está sempre descobrindo minas de ouro – respondeu Gilbert, com ar ausente.

— Vamos caminhar e ver se encontramos mais algumas – ela sugeriu, com ansiedade. — Vou chamar Phil e...

— Esqueça de Phil e das violetas por um instante, Anne – pediu, com voz suave, tomando a mão da jovem nas suas, de modo que ela não conseguiu se soltar. — Tem algo que eu quero lhe dizer.

— Oh, não, não diga – suplicou Anne. — Não faça isso, Gilbert, *por favor!*

— Eu preciso. As coisas não podem seguir como estão por mais tempo. Anne, eu a amo. Você sabe que amo. Eu... eu nem consigo expressar em palavras o quanto. Você promete que, um dia, vai ser minha esposa?

— Eu... eu não posso – ela disse, com imensa tristeza. — Oh, Gilbert, você... você estragou tudo.

— Você não gosta nem um pouco de mim? – ele perguntou, após uma pausa terrível, durante a qual Anne não se atrevera a erguer os olhos.

— Não... não desse jeito. Eu gosto muitíssimo de você, mas apenas como amigo. Mas eu não o amo, Gilbert.

— E você não pode me dar alguma esperança de que no futuro...?

— Não, não posso! – exclamou, desesperada. — Eu nunca, nunca poderei amá-lo desse jeito, Gilbert. Você nunca mais deve voltar a falar neste assunto comigo.

Houve outra pausa, tão longa e assustadora que Anne foi compelida, enfim, a olhar para ele. O rosto de Gilbert estava totalmente pálido. E seus olhos! Anne estremeceu e desviou o olhar novamente. Não havia nada romântico em tudo isso. Será que os pedidos de casamento deveriam ser sempre grotescos ou... horríveis? Será que um dia se esqueceria do semblante de Gilbert?

— Existe outra pessoa? – perguntou, em voz baixa.

— Não... não – respondeu, com veemência. — Não há nenhum outro de quem eu goste assim, desse jeito, e eu *gosto mais de você* do que de qualquer outro no mundo, Gilbert. E nós devemos... devemos continuar sendo amigos.

Gilbert deu uma risadinha amarga.

— Amigos! Sua amizade não me satisfaz mais, Anne. Quero seu amor... e você afirma que nunca o terei.

— Sinto muito. Perdoe-me, Gilbert – era tudo o que Anne podia dizer. Onde, oh, *onde* estavam todos os graciosos e polidos discursos que, em sua imaginação, ela havia criado para dispensar os pretendentes rejeitados?

Gilbert soltou sua mão lentamente.

— Não há nada para perdoar. Houve momentos em que pensei que você me amava. Eu me enganei, e isto é tudo. Adeus, Anne.

Anne correu para seu quarto, sentou-se no assento sob a janela que se abria para os pinheiros e chorou amargamente. Sentia como se algo incalculavelmente precioso tivesse ido embora de sua vida. Era a amizade de Gilbert, é claro. Oh, por que deveria perdê-la dessa maneira?

— Qual o problema, querida? – perguntou Phil, atravessando a escuridão iluminada pela tênue luz da lua.

Anne não respondeu. Naquele instante, queria que Phil estivesse a centenas de milhas de distância dali.

— Suponho que você tenha rejeitado Gilbert Blythe. Você é uma tola, Anne Shirley!

— Você chama de tolice recusar o casamento com um homem a quem eu não amo? – redarguiu, com frieza, instigada a responder.

— Você não sabe reconhecer o amor quando o vê. Criou alguma coisa fantasiosa na mente com essa sua imaginação, alguma coisa que você *pensa* que é amor, e espera que na vida real seja assim. Aí está, esta é a primeira coisa sensata que eu disse em toda a minha vida! Não sei como consegui fazer isso.

— Phil, por favor, saia e me deixe sozinha por um momento – rogou

Anne. — Meu mundo se partiu em pedaços e eu preciso reconstruí-lo.

— Um mundo sem Gilbert? – questionou, enquanto saía.

“Um mundo sem Gilbert!”, Anne repetiu estas palavras melancólicas. Não seria esse um lugar completamente solitário e desamparado? Bem, foi tudo culpa de Gilbert. Ele havia arruinado o belo companheirismo que os unia. E ela, agora, teria que aprender a viver sem ele.

Capítulo XXI

Rosas de Outrora

Os quinze dias que Anne passou em Bolingbroke foram bastante agradáveis, com exceção das vagas fisgadas de dor e insatisfação que chegavam sempre que ela pensava em Gilbert. Entretanto, não havia muito tempo para pensar nele. Mount Holly, a bela e antiga propriedade da família Gordon, era um lugar alegre, sempre repleto de amigos e amigas de Phil. Houve uma desorientadora sucessão de passeios, festas, piqueniques e excursões de barco, todos organizados por Phil sob o pretexto de “comemorar”. Alec e Alonzo estavam presentes com tanta frequência que Anne se perguntava se não tinham outra ocupação na vida além de ficar à disposição da evasiva Phil e escoltá-la em alguma celebração. Ambos eram educados e amáveis, mas Anne não conseguia formar uma opinião sobre qual deles seria o melhor.

— E eu dependia tanto de você para me ajudar a decidir com qual deles deveria prometer me casar! – resmungou Phil.

— Você deve decidir por conta própria. É uma *expert* em decidir com quem as outras pessoas devem se casar – retorquiu Anne, um pouco sarcástica.

— Oh, isso é totalmente diferente – respondeu, com sinceridade.

Mas o acontecimento mais doce da estadia de Anne em Bolingbroke foi a visita até o local de seu nascimento: a precária casinha amarela localizada em uma rua no subúrbio, com a qual tantas vezes sonhara. Contemplou-a com olhar embevecido enquanto entrava pelo portão na companhia de Phil.

— É quase idêntica ao que eu imaginava. Não há madressilvas acima das janelas, mas há uma árvore de lilás ao lado do portão e... sim, tem cortinas de musselina na janela! Como estou contente por ainda ser pintada de amarelo!

Uma senhora muito alta e magra abriu a porta.

— Sim, a família Shirley viveu aqui, vinte anos atrás – ela disse, respondendo à pergunta de Anne. — Eles alugavam esta casa, lembro-me muito bem. Os dois morreram de febre, praticamente ao mesmo tempo. Foi terrivelmente triste! Deixaram um bebê, que deve ter morrido há muito tempo. Era uma criaturinha fraca e doentia. O velho Thomas e sua esposa ficaram com ela... como se já não tivessem crianças o bastante.

— O bebê não morreu – disse Anne, sorrindo. — Eu era o bebê.

— Ora, não me diga! Veja só como cresceu! – exclamou a mulher, como se estivesse surpresa pelo fato de Anne não ser mais um bebê. — Olhando bem para você, consigo ver a semelhança. Tem a mesma compleição de seu pai; ele era ruivo. Mas os olhos e a boca parecem com os de sua mãe. Ela era muito bonita e boazinha. Minha filha foi aluna dela e gostava muito dela. Os dois foram enterrados no mesmo túmulo e o Conselho Escolar ergueu uma lápide para eles, em reconhecimento pelos serviços prestados. Vamos entrar?

— A senhora vai me deixar ver a casa? – perguntou Anne, ansiosa.

— É claro que sim, se você quiser. Não vai levar muito tempo, pois não há muito para ver. Fico insistindo para o meu marido construir uma nova cozinha, mas ele não se mexe. Ali fica a sala e tem dois quartos no andar de cima. Podem andar pela casa, tenho que dar uma olhada no bebê. Você nasceu no quarto que fica ao leste. Lembro-me de sua mãe comentando que amava ver o sol nascer. E eu também a ouvi dizer que você nasceu justo ao amanhecer, e que a luz do sol no seu rosto foi a primeira coisa que ela viu.

Anne subiu pela escadaria estreita e entrou no pequeno quarto do lado leste com o coração palpitando. Sentia como se estivesse em um santuário. Aqui, sua mãe tinha vivenciado os doces e alegres sonhos da antecipada maternidade; aqui, a luz avermelhada dos raios de sol caíram sobre ambas no sagrado instante de seu nascimento; e, aqui, a mãe tinha morrido. Anne olhou reverentemente ao redor, com os olhos marejados. Para ela, aquele foi um dos momentos preciosos da vida, que iria brilhar de forma radiante em sua memória para sempre.

— Parece mentira... quando nasci, mamãe era mais jovem do que eu

sou hoje – sussurrou.

Quando desceu as escadas, a moradora da casa a encontrou no corredor. Segurava um pacotinho empoeirado, atado com um laço de fita azul desbotada.

— Aqui está um maço de cartas velhas que encontrei no roupeiro lá de cima, quando vim para cá. Não sei do que se tratam; nunca tive curiosidade para ler, mas foram dirigidas a Miss Bertha Willis, e este era o nome de solteira de sua mãe. Pode ficar com elas, se quiser.

— Oh, obrigada, obrigada! – exclamou Anne, agarrando o pacotinho com entusiasmo.

— Isso era tudo o que havia na casa. O mobiliário foi vendido para pagar os médicos, e Mrs. Thomas ficou com as roupas de sua mãe e os objetos menores. Acho que não devem ter durado muito tempo na mão daquela turba de crianças dos Thomas. Eram animaizinhos destrutivos, como bem me lembro.

— Não possuo uma coisa sequer que tenha pertencido à minha mãe – respondeu Anne, ofegante. — Eu... eu nunca vou conseguir lhe agradecer o bastante por estas cartas.

— Oh, por nada! Meu Deus, mas seus olhos são idênticos aos de sua mãe! Ela conseguia falar tudo com o olhar. Seu pai tinha a aparência mais modesta, mas era muito agradável. Lembro-me das pessoas comentando, quando eles se casaram, que nunca viram um casal mais apaixonado! Pobres criaturas, não viveram muito tempo, mas foram extremamente felizes juntos e eu acho que isso já conta muito.

Anne ansiava para chegar a casa e ler as preciosas cartas, mas antes fez uma última peregrinação. Foi sozinha até o canto esverdeado do antigo cemitério de Bolingbroke, onde os pais estavam enterrados, e deixou sobre o túmulo as flores brancas que carregava. Então dirigiu-se apressadamente para Mount Holly, trancou-se no quarto e leu as cartas. Algumas tinham sido escritas pelo pai, outras pela mãe. Não havia muitas, apenas uma dúzia no total, pois Walter e Bertha Shirley não ficaram separados por muito tempo durante o noivado. As cartas estavam amareladas, desbotadas e apagadas, manchadas com o toque dos anos que se passaram. Naquelas páginas

amareladas e amassadas não havia pensamentos profundos ou palavras de sabedoria, mas elas estavam cheias de amor e confiança. Emanavam a doçura das coisas esquecidas e traziam as longínquas e afetuosas esperanças daqueles amantes desventurados, que há tanto tempo tinham deixado este mundo. Bertha Shirley possuía o talento de escrever cartas que refletiam a encantadora personalidade da autora em palavras e pensamentos que ainda conservavam sua beleza e fragrância, mesmo com a passagem do tempo. As cartas eram ternas, íntimas, sagradas. Para Anne, a mais doce de todas era uma que a mãe tinha escrito após seu nascimento, durante uma curta ausência do pai. Estava repleta de “registros” de seu bebê: sua inteligência, brilhantismo, suas mil façanhas, todos narrados com orgulho pela jovem mãe.

“Amo nossa filha quando está adormecida, e a amo ainda mais quando está acordada”, expressou Bertha Shirley no pós-escrito. Esta, provavelmente, havia sido a última frase que escrevera. Naquele momento, o fim estava próximo para ela.

— Este foi o dia mais lindo da minha vida – Anne contou a Phil, naquela noite. — *Encontrei* meu pai e minha mãe! Aquelas cartas os tornaram *reais* para mim. Não sou mais uma órfã. Sinto como se tivesse aberto um livro e encontrado entre suas páginas as doces e amadas rosas de outrora.

Capítulo XXII

A Primavera e Anne Retornam a Green Gables

A sombra das chamas da lareira dançava nas paredes da cozinha de Green Gables, pois as tardes de primavera ainda eram frias. As doces vozes da noite que se aproximava podiam ser ouvidas sutilmente através da janela aberta do lado leste. Marilla estava sentada ao lado do fogo – ao menos fisicamente. Em espírito ela vagava por caminhos antigos, quando seus pés eram mais jovens. Ultimamente, Marilla vinha passando muitas horas assim, embora pensasse que deveria estar dedicando essas horas a tricotar para os gêmeos.

— Acho que estou ficando velha – disse ela.

Ainda assim, Marilla tinha mudado pouco durante os últimos nove anos. Estava mais magra e com os traços mais angulosos, e havia maior quantidade de cabelos grisalhos, sempre penteados no mesmo coque firmemente preso com dois grampos – seriam estes ainda os *mesmos* grampos? Mas sua expressão estava bem diferente. Aquele “algo” que existia ao redor de sua boca insinuava que o senso de humor havia se desenvolvido muito bem; seu olhar era mais gentil e mais brando, e seu sorriso mais constante e mais terno.

Marilla recordava toda sua vida passada: sua infância rígida, mas não infeliz; os sonhos cuidadosamente escondidos e as arruinadas esperanças de sua juventude; os longos, cinzentos, restritos e minguados anos de uma aborrecida idade madura que se seguiram. E a chegada de Anne – criança imaginativa e impetuosa, cheia de vida, com o coração repleto de amor, e seu mundo de fantasia que trouxe com ela cor, calor e brilho, até que uma existência deserta tivesse florescido como uma rosa. Marilla sentia que, de seus sessenta anos de idade, tinha vivido apenas os nove que se seguiram à vinda de Anne. E a jovem estaria em casa na noite seguinte.

A porta da cozinha se abriu. Marilla ergueu o olhar, esperando ver Mrs. Lynde. Mas quem estava em pé diante dela era Anne, alta, com os olhos

iluminados e as mãos cheias de violetas e flores de maio.

— Anne Shirley! – exclamou Marilla. Pela primeira vez na vida, abandonou a reserva diante da surpresa. Abraçou sua menina, apertando também as flores contra o peito, beijando com carinho os cabelos brilhantes de Anne e seu rosto doce. — Não esperava sua chegada até amanhã à noite. Como veio de Carmody?

— Vim caminhando, mais querida entre todas as Marillas! Por acaso não fiz isso tantas vezes nos meus tempos da Queen's? O carteiro trará meu baú amanhã. Senti, de repente, tanta saudade de casa, que vim um dia antes. E, oh! Dei um passeio tão adorável pelo crepúsculo de maio! Passei pelos campos e colhi estas flores; cruzei o Vale das Violetas, que agora está parecendo uma grande tigela florida com estas queridas coisinhas tingidas no matiz do céu. Sinta o perfume, Marilla, absorva este aroma!

Marilla obrigou-se a atender o pedido e cheirou as flores, mas estava mais interessada em Anne do que em absorver violetas.

— Sente-se, menina. Deve estar muito cansada. Vou trazer algo para você comer.

— Há uma lua graciosa erguendo-se detrás das colinas, Marilla, e oh, como as rãs cantaram em todo meu caminho para casa desde que saí de Carmody! Eu amo a música das rãs. Parece estar relacionada às minhas mais alegres recordações das noites primaveris que se passaram. E sempre me faz lembrar da noite em que cheguei aqui pela primeira vez. Você se lembra, Marilla?

— Ora, é claro! – respondeu Marilla, de forma enfática. — Não creio que possa esquecer disso algum dia.

— Elas costumavam cantar incessantemente no pântano e no riacho naquele ano. Escutava-as da minha janela ao anoitecer e pensava como podiam soar tão contentes e tão tristes ao mesmo tempo. Oh, mas como é bom estar em casa novamente! Redmond foi esplêndida e Bolingbroke adorável, mas Green Gables é meu *lar*.

— Ouvi dizer que Gilbert não virá para casa neste verão – comentou Marilla.

— Não.

Algo no tom da voz de Anne fez com que Marilla a encarasse abruptamente, mas ela estava aparentemente absorta arrumando as violetas em um jarro.

— Veja, não são delicadas? – continuou, apressadamente. — O ano é como um livro, não é, Marilla? As páginas da primavera são escritas com flores de maio e violetas; o verão com rosas; o outono com folhas vermelhas de bordo; e o inverno com azevinhos e sempre-vivas.

— Gilbert se saiu bem nos exames? – persistiu Marilla.

— Extremamente bem, foi o primeiro de sua turma. Mas onde estão os gêmeos e Mrs. Lynde?

— Rachel e Dora foram até a fazenda de Mr. Harrison. Davy está na casa dos Boulter. Acho que está chegando.

Davy entrou, viu Anne, parou, e então se atirou sobre a jovem com um alarido de alegria.

— Oh, Anne, como estou contente em ver você! Veja, Anne, eu cresci cinco centímetros desde o outono! Mrs. Lynde mediu minha altura com a fita métrica hoje; e veja, Anne, meu dente da frente: caiu! Mrs. Lynde atou a ponta de um fio no dente e a outra ponta na porta, e então bateu a porta. Vendi para o Milty por dois centavos. Ele coleciona dentes.

— Para que aquele menino quer os dentes? – perguntou Marilla.

— Para fazer um colar, para brincar de Chefe Índio – explicou Davy, subindo no colo de Anne. — Ele já tem quinze e todos os outros meninos prometeram vender os seus dentes a ele, então não vale a pena nenhum de nós começar a colecionar também. É o que eu digo, os Boulters são grandes negociantes!

— Você foi um bom menino na casa de Mrs. Boulter? – indagou Marilla, severamente.

— Fui. Mas veja, Marilla, estou cansado de ser bom.

— Você se cansaria de ser mau com uma rapidez ainda maior, menino-Davy – disse Anne.

— Bom, mas pelo menos eu ia me divertir primeiro, não é? – persistiu Davy. — E eu ia poder me arrepender depois, não é?

— Arrepender-se não apaga as consequências de ser mau, Davy. Não se lembra daquele domingo, no verão passado, quando você fugiu da Escola Dominical? Na ocasião, você me disse que ser mau não valia a pena. O que você e Milty fizeram hoje?

— Oh, nós pescamos, e perseguimos a gata, e caçamos ovos, e gritamos no eco. Há um ótimo eco no matagal, atrás do celeiro dos Boulters. *Me diga*, o que é um eco, Anne? Quero saber.

— Eco é uma linda ninfa, Davy, que vive muito longe, nos bosques, e ri do mundo por entre as colinas.

— Como ela é?

— Seus cabelos e olhos são escuros, mas o pescoço e os braços são brancos como a neve. Nenhum mortal consegue ver quão bela ela é. É mais veloz do que um cervo e tudo o que podemos saber sobre ela é aquela voz zombeteira. À noite, você consegue ouvir seu chamado e sua risada sob as estrelas. Mas nunca consegue vê-la. Se você a seguir, ela foge para longe, voa até as colinas e ri de você.

— Isso é verdade, Anne? Ou é uma grande mentira? – Davy exigiu saber, encarando-a.

— Davy, você não tem sensibilidade o bastante para distinguir entre um conto de fadas e uma mentira? – inquiriu Anne, sem esperanças.

— Então o que é que grita de volta no matagal dos Boulters? Quero saber! – insistiu.

— Quando você for um pouco maior, Davy, explicarei tudo a você.

A menção à sua idade pareceu dar um novo giro aos pensamentos do garoto, pois, após alguns instantes de reflexão, anunciou com solenidade:

— Anne, eu vou me casar.

— Quando? – ela perguntou, com a mesma solenidade.

— Oh, não até eu crescer, é claro.

— Ora, que alívio, Davy! Quem é a dama?

— Stella Fletcher. Ela é minha colega na escola. Veja, Anne, ela é a menina mais bonita que eu já vi. Se eu morrer antes de me tornar um homem, você promete que vai ficar de olho nela?

— Davy Keith, pare de falar tanta bobagem! – exclamou Marilla, com severidade.

— Não é bobagem – ele protestou, em tom injuriado. — Ela é minha esposa prometida, e se eu morrer ela vai ser minha viúva prometida, não vai? E ela não tem uma alma que cuide dela, a não ser sua avozinha, que já está bem velhinha.

— Venha jantar, Anne – chamou Marilla –, e não dê encorajamento às conversas absurdas dessa criança.

Capítulo XXIII

Paul Não Consegue Encontrar as Pessoas de Pedra

A vida foi muito agradável em Avonlea naquele verão, apesar de Anne, em meio a todas as alegrias das férias, sentir-se perseguida pela sensação de que “faltava algo que deveria estar lá”. A jovem não admitiria, nem mesmo em suas reflexões mais íntimas, que tal sentimento era causado pela ausência de Gilbert. Mas quando tinha que voltar para casa sozinha das reuniões de oração e dos encontros da S.M.A., enquanto Diana e Fred e outros alegres casais passeavam ao crepúsculo nas veredas iluminadas pelas estrelas, ela sentia no coração essa dor estranha e solitária, a qual não conseguia explicar. Gilbert nem mesmo escrevera para ela, como Anne havia pensado que faria. Sabia que ele escrevia para Diana de vez em quando, mas não lhe perguntou nada; e Diana, supondo que a amiga recebia notícias diretamente, não revelou nenhuma informação. A mãe de Gilbert, que era uma dama alegre, franca e jovial, ainda que desprovida de tato, tinha o embaraçoso hábito de perguntar a Anne – sempre com uma dolorosa distinção no tom de voz, e sempre na presença de muita gente – se ela havia recebido notícias de Gilbert ultimamente. A pobre Anne só conseguia corar profundamente, e murmurar “*não muito recentemente*”, frase que todos tomavam, inclusive Mrs. Blythe, como sendo meramente uma esquiva resposta feminina.

Apesar disso, Anne desfrutou do verão. Priscilla fez uma breve visita em junho, e quando ela se foi, Mr. e Mrs. Irving, Paul e Charlotta IV vieram para “casa”, a fim de passar os meses de julho e agosto.

Echo Lodge foi cenário de alegrias e risadas mais uma vez, e os ecos sobre o rio se mantiveram ocupados imitando as gargalhadas que soavam no velho jardim, atrás dos abetos vermelhos.

“Miss Lavendar” não havia mudado, exceto para se tornar ainda mais doce e bonita. Paul a adorava e o companheirismo que os unia era agradável

de contemplar.

— Mas não a chamo de “mãe” exatamente assim – ele explicou a Anne. — Veja bem, *este* título pertence somente a minha mãezinha e não posso dá-lo a mais ninguém. *A senhorita entende*, professora. Mas eu a chamo de “Mamãe Lavendar” e ela é a pessoa que mais amo, logo depois do papai. Eu... eu até a amo um *pouquinho* mais que a senhorita, professora.

— E é assim mesmo que deve ser – respondeu Anne.

Paul estava com treze anos agora, e era muito alto para sua idade. Seu semblante e seus olhos estavam belos como sempre, e a imaginação continuava como um prisma, convertendo em raios multicoloridos tudo que nela refletia. Anne e o rapaz desfrutaram de deliciosos passeios sem destino pelos bosques, campos e praias. Nunca existiram duas “almas gêmeas” mais profundamente unidas.

Charlotta IV havia florescido na mocidade. Usava os cabelos presos em um enorme penteado ao estilo *pompadour* e descartara os laços de fita azul dos bons tempos de outrora, mas o rosto ainda era sardento, o nariz empinado, e a boca e o sorriso tão largos quanto antes.

— A senhorita não acha que eu falo com um sotaque ianque, acha, madame Miss Shirley? – perguntou, ansiosa.

— Não percebi, Charlotta.

— Estou contente que não. Em casa disseram que sim, mas acho que eles fazem isso para me provocar. Não quero nenhum sotaque ianque. Não que eu tenha qualquer coisa a dizer contra eles, madame Miss Shirley. Eles são gente muito civilizada. Mas sinto saudade da velha Ilha de Prince Edward todo o tempo.

Paul passou a primeira quinzena com sua avó Irving em Avonlea. Anne estava lá para recebê-lo quando chegou, e o menino a advertiu que estava ávido para ir até a costa, onde poderia encontrar Nora, a Dama Dourada e os Marinheiros Gêmeos. Mal podia esperar para terminar o jantar. Poderia ver o semblante élfico de Nora espiando do outro lado do cabo, esperando ansiosamente sua chegada? Mas foi um Paul muito sóbrio que voltou da praia naquele anoitecer.

— Não encontrou suas pessoas de pedra? – perguntou Anne.

Paul balançou seus cachos castanhos com tristeza.

— Os Marinheiros Gêmeos e a Dama Dourada nem apareceram – respondeu. — Nora estava lá, mas ela não é mais a mesma, professora. Está muito mudada.

— Oh, Paul, foi você quem mudou – disse Anne. — Já está muito crescido para as pessoas de pedra. Elas gostam apenas das crianças como companheiras de brincadeiras. Receio que os Marinheiros nunca mais virão buscá-lo no barco encantado de madrepérola, com a vela de luz do luar, e a Dama Dourada não tocará mais a harpa de ouro para você. Nem mesmo Nora continuará a aparecer por muito mais tempo. Você deve pagar o preço por crescer, Paul. Deve deixar para trás o mundo da fantasia.

— Vocês dois estão falando mais bobagens do que de costume – disse a velha Mrs. Irving, de forma meio indulgente, meio severa.

— Oh, não, não estamos – retorquiu Anne, balançando a cabeça gravemente. — Estamos ficando muito, muito sensatos... o que é uma pena. Não somos mais tão interessantes quando aprendemos que a linguagem nos foi dada para que possamos esconder nossos pensamentos.

— Mas não é assim. A linguagem nos é dada para que expressemos os pensamentos – replicou Mrs. Irving, com seriedade. Ela nunca tinha ouvido falar de Talleyrand^[23] e não entendia epigramas.

Anne passou quinze dias pacíficos e agradáveis em Echo Lodge, no dourado ápice de agosto. Enquanto estava lá, contribuiu propositalmente para apressar Ludovic Speed em seu preguiçoso noivado com Theodora Dix, como devidamente relatado em outra de suas histórias^[24]. Arnold Sherman, um velho amigo dos Irvings, também esteve hospedado na casinha de pedra, o que muito contribuiu para tornar a estadia ainda mais prazerosa.

— Que excelente tempo de folguedos foi este! – exclamou Anne. — Sinto-me imensamente renovada! E dentro de quinze dias estarei de volta a Kingsport, a Redmond e Patty's Place. É o lugar mais delicioso que existe, Miss Lavendar. Sinto como se tivesse dois lares: um em Green Gables e outro em Patty's Place. Mas onde foi parar o verão? Parece que foi ontem que

cheguei a casa naquela noite de primavera, com os braços carregados de flores. Quando eu era menor, não conseguia ver de um extremo ao outro do verão. Estendia-se diante de mim como uma interminável estação. Agora, “*é como a medida de um palmo, é como uma fábula*^[25].”

— Anne, você e Gilbert Blythe continuam sendo tão amigos quanto costumavam ser? – perguntou Miss Lavendar, em tom suave.

— Sou tão amiga do Gilbert quanto era antes, Miss Lavendar.

Ela balançou a cabeça. — Percebo que algo não anda bem, Anne. Vou ser impertinente e perguntar o que aconteceu. Vocês brigaram?

— Não. É que Gilbert quer mais do que a minha amizade, e eu não posso dar a ele mais do que isso.

— Você tem certeza, Anne?

— Tenho absoluta certeza.

— Eu lamento muito, muito mesmo.

— Pergunto-me o motivo de todos pensarem que devo me casar com Gilbert Blythe! – exclamou, com ar petulante.

— Porque vocês foram feitos um para o outro, Anne, eis o motivo! Não precisa menear essa sua cabecinha para trás. Isso é um fato.

Capítulo XXIV

Jonas Entra em Cena

“Prospect Point, vinte de agosto.

“Estimada Anne – pronunciada com E”, escreveu Phil, “preciso manter minhas pálpebras abertas por tempo suficiente para lhe escrever. Negligenciei você vergonhosamente neste verão, querida, assim como todos os meus outros correspondentes. Tenho uma enorme pilha de cartas para responder, então a minha mente precisa se preparar para este trabalho árduo e seguir adiante. Perdoe-me pelas metáforas misturadas. Estou extremamente sonolenta. Ontem à noite, minha prima Emily e eu fomos visitar alguns vizinhos. Havia vários outros visitantes no local, e assim que as pobres criaturas partiram, nossa anfitriã e suas três filhas as criticaram até se cansarem. Sei que iriam fazer o mesmo comigo e com a prima Emily tão logo a porta se fechasse atrás de nós. Quando voltamos para casa, Mrs. Lilly nos informou que o empregado da vizinha antes mencionada parecia estar acamado com febre escarlatina. Você sempre pode contar com Mrs. Lilly para lhe relatar coisas animadoras como essa. Tenho horror de febre escarlatina! Fui me deitar pensando nisso e não consegui dormir. Fiquei me mexendo a noite inteira, tive pesadelos terríveis nos poucos momentos em que preguei os olhos e às três horas despertei com febre alta, dor de garganta e uma enxaqueca persistente. Sabia que tinha contraído febre escarlatina! Levantei em pânico e fui buscar o livro de medicina caseira da prima Emily para ler os sintomas. Anne, comprovei que eu tinha todos! Então voltei para a cama e, já sabendo do pior, dormi feito uma pedra o restante da noite (apesar de nunca ter entendido porquê uma pedra deveria dormir mais profundamente do que qualquer ser vivo). Mas esta manhã eu estava me sentindo extremamente bem, então não creio que tenha contraído escarlatina. Suponho que, se tivesse sido contagiada na noite passada, a doença não poderia ter se desenvolvido com tamanha rapidez. É claro que só pude me lembrar disso à luz do dia, mas às três da manhã nunca consigo ser lógica.

“Suponho que você esteja se perguntando o que estou fazendo em

Prospect Point. Bem, eu sempre gostei de passar um mês do verão na praia, e papai insistiu que eu viesse para a ‘seleta hospedaria’ de Emily, sua prima em segundo grau, em Prospect Point. Então, quinze dias atrás eu vim para cá, como de costume. Como sempre, o velho tio Mark Miller me trouxe da estação em sua charrete obsoleta e seu cavalo ‘polivalente’, como ele o chama. Ele é um ótimo velhinho, e me deu um punhado de balas de hortelã. Essas balas sempre me pareceram como um tipo sagrado de doce – creio que seja porque minha avó Gordon sempre me dava algumas na igreja, quando eu era garotinha. Certa vez, referindo-me ao aroma da hortelã, perguntei à vovó: ‘É este o cheiro da santidade?’ Não gostei de comer as balas do tio Mark porque ele as carregava soltas dentro do bolso, e teve de separá-las de alguns pregos enferrujados e outras coisas, antes de entregá-las a mim. Mas eu não magoaria seus delicados sentimentos por nada neste mundo, e então fui deixando as balas caírem pouco a pouco, cuidadosamente, durante o caminho. Quando joguei fora a última, tio Mark disse, em tom levemente reprovador: ‘A siorita num devia tê comido todas as bala duma vez, Miss Phil. É bem capaz da siorita tê uma dor de barriga!’

“A prima Emily só tinha cinco hóspedes além de mim – quatro senhoras idosas e um rapaz. Minha vizinha à direita na mesa é Mrs. Lilly. Ela é uma daquelas pessoas que parecem ter o medonho prazer de detalhar todas as suas incontáveis dores, males e enfermidades. Você não pode mencionar nenhuma indisposição sem que ela diga, balançando a cabeça: ‘Ah, eu sei muito bem o que é isso’, e sem que comece a enumerar todos os pormenores. Jonas contou que, uma vez, ele comentou sobre ataxia locomotora no ouvido e ela falou que sabia muito bem o que era, que havia padecido desse mal durante dez anos e que um médico itinerante finalmente a havia curado.

“Quem é Jonas? Espere um pouco, Anne Shirley. Você vai saber tudo sobre Jonas em seu devido tempo e lugar. Não vou misturá-lo com estas estimáveis senhoras.

“Minha vizinha à esquerda é Mrs. Phinney. Ela sempre fala com voz dolorosa e pesarosa – ficamos constantemente nervosos esperando que ela comece a chorar a qualquer momento. Ela dá a impressão de que a vida é, de fato, um vale de lágrimas, e que um sorriso, sem mencionar uma gargalhada, é uma frivolidade verdadeiramente repreensível. Sua opinião a meu respeito é

pior do que a de tia Jamesina, e ela não tem nem um pouco de afeto por mim que a compense por isso, como tem a tia J.

“Miss Maria Grimsby senta-se à minha diagonal. No dia em que cheguei, comentei com ela que achava que ia chover – e Miss Maria riu. Disse que a estrada desde a estação era muito bonita – e Miss Maria riu. Disse que parecia que ainda haviam alguns mosquitos – e Miss Maria riu. Disse que Prospect Point estava bela como sempre – e Miss Maria riu. Se dissesse a ela: ‘Meu pai se enforcou, minha mãe tomou veneno, meu irmão está na penitenciária e eu estou nos últimos estágios da tuberculose’, Miss Maria iria rir. Não consegue evitar; nasceu assim, mas é algo lamentável e esquisito.

“A quarta senhora é Mrs. Grant. Ela é uma velhinha encantadora, mas como só fala coisas boas sobre todo mundo, os diálogos com ela são sempre desinteressantes.

“E agora sobre Jonas, Anne.

“No dia em que cheguei, vi um rapaz sentado à mesa na minha frente, sorrindo como se me conhecesse desde o berço. Eu sabia, pois tio Mark havia me contado, que seu nome era Jonas Blake, que era um estudante de Teologia de St. Columbia e que fora encarregado da Igreja Missionária de Prospect Point durante o verão.

“É um rapaz muito feio – de verdade, o rapaz mais feio que já vi. Tem uma silhueta desarticulada, com pernas absurdamente longas. Seu cabelo é loiro platinado e liso, os olhos são verdes, a boca é grande e as orelhas – bem, melhor não pensar em suas orelhas, se puder evitar.

“Ele tem uma voz adorável – se você fechar os olhos, ele é adorável – e tenho certeza de que possui uma boa alma e um caráter amável.

“Tornamo-nos amigos rapidamente. O fato de ter se formado em Redmond certamente contribuiu para nos unirmos. Fomos pescar e passear de barco juntos, e caminhamos pela areia sob o luar. Ele já não parecia tão feio sob a luz da lua, e oh, como era gentil! Ele exala gentileza. Com exceção de Mrs. Grant, as senhoras não gostavam de Jonas, porque ele ri e faz brincadeiras – e, evidentemente, porque ele prefere estar na companhia de uma moça frívola como eu do que na delas.

“Por alguma razão, Anne, não quero que ele pense que sou frívola. Isso é ridículo. Por que eu deveria me importar com o que pensa de mim um rapaz loiro chamado Jonas, a quem nunca vi antes?

“No domingo passado ele pregou na igreja do vilarejo. Fui ao culto, é claro, mas não conseguia convencer-me de que ele era o pregador. O fato de ele ser um pastor – ou de que logo se tornaria um – continuava parecendo uma grande piada para mim.

“Bem, Jonas pregou. E, após dez minutos de sermão, senti-me tão pequena e insignificante que pensei que ninguém conseguiria me ver a olho nu. Jonas não proferiu uma só palavra sobre mulheres e não olhou nenhuma vez para mim. Mas compreendi, naquele instante e naquele local, que sou uma borboletinha frívola e patética, de alma vazia, digna de lástima, e quão terrivelmente diferente eu devo ser do ideal de mulher daquele rapaz. Ela deve ser sublime, forte e nobre. Ele é tão honesto, terno e genuíno! Tudo o que um pastor deveria ser. Perguntei-me como pude um dia considerá-lo feio – mas ele realmente é! – com aquele olhar inspirado, e a fronte intelectual, que ficava oculta durante a semana pelo cabelo revoltado.

“Foi um sermão esplêndido, o qual teria gostado de continuar ouvindo para sempre, e isso me fez sentir absolutamente miserável. Oh, eu queria ser como você, Anne!

“Ele me alcançou no caminho para a hospedaria e sorriu tão alegremente quanto de costume. Mas seu sorriso não me enganaria de novo. Eu tinha visto o VERDADEIRO Jonas. Pensei se um dia ele conseguiria ver a verdadeira Phil – aquela a quem ninguém, nem mesmo você, Anne, conseguiu ver até hoje.

“‘Jonas’, eu disse, esquecendo de chamá-lo de Mr. Blake. Não foi terrível? Mas há momentos em que coisas como essa não importam. ‘Jonas, você nasceu para ser pastor. Você não poderia ser qualquer outra coisa.’

“‘Não, não poderia’, ele respondeu, solenemente. ‘Tentei ser outra coisa durante muito tempo, pois não queria ser um pastor. Mas finalmente me convenci de que esta é a missão que me foi dada e, com a ajuda de Deus, tentarei cumpri-la.’

“A voz dele era grave e reverente. Pensei que ele faria seu trabalho

bem feito e com nobreza, e feliz da mulher capacitada por natureza e treino para ajudá-lo. Ela não seria nenhuma pluma levada por qualquer caprichoso vento de fantasia. Ela sempre saberia que chapéu colocar. Provavelmente possuiria apenas um. Pastores nunca têm muito dinheiro. Mas ela não se importaria de ter um só chapéu, ou não ter nenhum, porque ela teria Jonas.

“Anne Shirley, não se atreva a dizer, insinuar ou sequer pensar que eu me apaixonei pelo Mr. Blake. Poderia eu me importar com um teólogo magro, pobre e feio chamado Jonas? Como diz o tio Mark: ‘É impossível! E, mais que isso, é improvável!’

“Boa noite. Phil.

“P.S. É impossível – mas tenho um medo pavoroso de que seja verdade. Estou feliz, desolada e temerosa. Ele NUNCA se apaixonaria por mim, eu sei. Você acha que algum dia eu poderia me converter numa aceitável esposa de pastor, Anne? E eles esperariam que eu dirigisse as orações? P.G.

Capítulo XXV

Entra em Cena o Príncipe Encantado

— Estou ponderando sobre pretensões de sair ou ficar em casa – disse Anne, fitando os distantes pinheiros do parque por uma das janelas de Patty’s Place. — Tenho uma tarde inteira disponível para o delicioso prazer de fazer nada, tia Jimsie. Devo passá-la aqui, onde há uma lareira acolhedora, um prato cheio de maçãs, três gatos ronronantes e harmoniosos, e dois impecáveis cães de porcelana de nariz verde? Ou devo ir ao parque, onde existe a atração dos arvoredos cinzentos e da água prateada batendo sobre as rochas do porto?

— Se eu fosse jovem como você, decidiria a favor do parque – respondeu tia Jamesina, cutucando a orelha amarela de Joseph com a agulha de tricô.

— Pensei que a senhora alegasse ser tão jovem quanto qualquer uma de nós, titia – provocou Anne.

— Sim, de espírito. Mas vou admitir que minhas pernas não são jovens como as de vocês. Vá e tome um pouco de ar fresco, Anne. Você tem estado um pouco pálida ultimamente.

— Acho que seguirei seu conselho – concordou, inquieta. — Não estou com ânimo para os doces prazeres domésticos hoje. Quero sentir-me sozinha, livre e indomável. O parque estará vazio, pois todos foram à partida de futebol.

— Ora, e por que você não foi?

— “*Ninguém me convidou, senhor’, ela disse*^[26]”. Bem, ninguém além daquele detestável Dan Ranger. É claro que eu não iria a lugar algum com ele, mas para não ferir seus pobres sentimentos, aleguei que não queria assistir à partida. Eu não me importo. De qualquer modo, não estou com ânimo para futebol hoje.

— Saia e tome um pouco de ar fresco – repetiu tia Jamesina –, mas

leve o guarda-chuva, pois creio que vai chover. Estou atacada do reumatismo na minha perna.

— Somente as pessoas idosas deveriam ter reumatismo, tia.

— Qualquer um pode ter reumatismo nas pernas, Anne. Porém, só os idosos sofrem de reumatismo no espírito. Graças a Deus, esse eu nunca tive! Quando você tiver reumatismo no espírito, é melhor que saia para escolher seu ataúde.

Era novembro – mês dos crepúsculos cor de carmesim, da despedida dos pássaros, dos tristes e profundos hinos do mar, das canções apaixonadas do vento entre os pinheiros. Anne vagueou pelas alamedas margeadas de pinheiros no parque e, como havia dito, deixou que os impetuosos ventos varressem a neblina de sua alma. Ela não estava habituada a se preocupar com neblinas na alma. Mas, de alguma maneira, desde que retornara a Redmond para o terceiro ano, a vida não havia refletido em seu espírito aquela clareza antiga, perfeita e cintilante.

Externamente, a vida em Patty's Place seguia o mesmo ciclo de trabalho, estudo e recreação, como sempre fora. Nas noites de sexta-feira, a sala ampla e iluminada pela lareira ficava repleta de visitantes, e nela ecoavam as risadas e gracejos, enquanto tia Jamesina sorria radiante para todos eles. O tal Jonas das cartas de Phil as visitava com frequência, chegando de St. Columbia no primeiro trem e partindo no último. Era o favorito de todas em Patty's Place, apesar de tia Jamesina balançar a cabeça afirmando que os estudantes de Teologia não eram mais como antes.

— Ele é agradável *demais*, minha querida – disse a tia à Phil –, mas os pastores deviam ser mais sérios e dignos.

— Um homem não pode rir e brincar, e ainda ser um cristão? – questionou Phil.

— Oh, os *homens* podem, sim. Mas eu estava falando de *pastores*, minha querida – explicou, com ar de censura. — E você não deveria flertar desse jeito com o Mr. Blake... realmente não deveria.

— Não estou flertando com ele – protestou.

Ninguém acreditava nela, exceto Anne. As outras pensavam que Phil

só estava se divertindo às custas do rapaz, como costumava fazer, e afirmavam categoricamente que ela estava agindo muito mal.

— Mr. Blake não é do tipo de Alec e Alonzo, Phil – disse Stella, com severidade. — Ele leva as coisas à sério. Você pode partir o coração dele.

— Você realmente acredita que eu poderia? Adoraria acreditar que sim.

— Philippa Gordon! Nunca pensei que você fosse tão completamente insensível! A ideia de ouvi-la dizendo que adoraria partir o coração de um homem!

— Eu não disse isso, querida. Ouça-me corretamente. Eu disse que gostaria de acreditar que *poderia* partir. Adoraria saber que eu tinha o *poder* de fazer isso.

— Não a compreendo, Phil. Você encoraja esse homem deliberadamente... mesmo sabendo que não significa nada para você.

— Pretendo fazer com que ele me peça em casamento, se eu puder – admitiu, calmamente.

— Desisto de tentar entendê-la – finalizou Stella, sem esperanças.

Gilbert as visitava ocasionalmente nas noites de sexta. Parecia sempre bem-humorado, tomava parte nos gracejos e tinha respostas espirituosas na conversação geral. Não procurava nem evitava Anne. Quando as circunstâncias os reuniam, falava com ela de forma agradável e com cortesia, como se recém tivessem sido apresentados. A velha amizade havia desaparecido por completo. Anne lamentava o fato profundamente, mas dizia a si mesma que estava muito satisfeita e grata por Gilbert ter superado inteiramente seu desapontamento em relação a ela. Preocupara-se de que aquela tarde de abril no pomar tivesse deixado nele feridas terríveis, que demorariam a sarar. Agora, via que sua preocupação fora em vão. Muitos homens tinham morrido e sido devorados por vermes, mas não por amor. Gilbert evidentemente não estava em perigo de imediata desintegração. Estava desfrutando da vida, cheio de ambição e entusiasmo. Para ele não valia a pena desesperar-se em razão de uma mulher ter sido honesta e fria. Enquanto ouvia as incessantes pilhérias de Gilbert e Phil, Anne se perguntava

se tinha apenas imaginado aquela expressão em seu olhar, quando disse a ele que nunca poderia amá-lo.

Não faltavam rapazes que teriam ocupado alegremente o lugar que Gilbert deixara vago. Mas Anne os desprezava, sem medo e sem arrependimento. Se o verdadeiro Príncipe Encantado nunca viesse, ela não se conformaria com um substituto. Reafirmou essa decisão a si própria com firmeza naquele dia cinzento no parque, enquanto soprava o vento.

Repentinamente, a chuva predita por tia Jamesina começou a cair com extraordinária força. Anne abriu o guarda-chuva e correu colina abaixo. Ao virar na rua do porto, uma selvagem rajada de vento seguiu junto com ela. Instantaneamente o guarda-chuva virou do avesso, e Anne agarrou-o com desespero. E então... ouviu uma voz ao seu lado.

— Perdoe-me... permita-me oferecer-lhe abrigo no meu guarda-chuva?

Anne ergueu o olhar. O estranho era alto, elegante, de porte distinto; seus olhos eram escuros, melancólicos e inescrutáveis; sua voz era enternecedora, musical e complacente – sim, o autêntico herói de seus sonhos estava parado bem diante dela, em carne e osso! Não poderia ser mais idêntico ao seu ideal, nem que fosse feito por encomenda.

— Obrigada – ela aceitou, confusa.

— É melhor corrermos até aquele pequeno gazebo ali adiante – sugeriu o desconhecido. — Podemos esperar por lá até que este aguaceiro termine. Não é provável que continue chovendo forte por muito tempo.

As palavras eram bem triviais, mas oh, o tom! E o sorriso que as acompanhava! Anne sentiu seu coração bater erráticamente.

Juntos, dirigiram-se apressados até o gazebo e sentaram-se ofegantes sob o teto acolhedor. Anne empunhou seu guarda-chuva inutilizado enquanto sorria.

— Quando meu guarda-chuva virou do avesso, convenci-me de que há uma espécie de corrupção nas coisas inanimadas – disse, alegremente.

As gotas de chuva cintilavam no cabelo brilhante de Anne e os cachos

soltos caíam sobre o rosto e o pescoço. As bochechas estavam coradas e seus grandes olhos resplandeciam. O companheiro a observou com admiração. Diante de seu olhar, Anne sentiu que ruborizava. Quem era ele? Ora, o distintivo branco e vermelho de Redmond estava preso em sua lapela. Pensava que conhecia, pelo menos de vista, todos os estudantes de Redmond, exceto os calouros. E este jovem cortês certamente não era um calouro.

— Vejo que somos colegas – disse ele, observando com um sorriso o distintivo de Anne. — Isso deve ser suficiente para uma apresentação. Meu nome é Royal Gardner. E você é Miss Shirley, que leu o ensaio sobre Tennyson na Philomathic Society^[27] na outra tarde, não é?

— Sim, mas não estou conseguindo situá-lo – ela admitiu, com franqueza. — Por favor, a qual turma você *pertence*?

— Sinto que ainda não pertenço a nenhuma. Cursei meu primeiro e segundo ano em Redmond, dois anos atrás. Mas estive passando uma temporada na Europa desde então. Agora estou de volta para finalizar meu curso de Artes.

— Este é meu terceiro ano, também – disse Anne.

— Então somos colegas de aula, além de colegas de turma. Agora estou conformado com a perda dos anos devorados pelos gafanhotos^[28] – respondeu o acompanhante, expressando um mundo de significados com seu esplêndido olhar.

A chuva caiu sem parar por quase uma hora. Mas o tempo realmente pareceu passar voando. Quando as nuvens se abriram para dar brecha a um pálido raio de sol de novembro, que incidiu transversalmente sobre o porto e os pinheiros, Anne e seu companheiro partiram juntos para casa. Quando chegaram ao portão de Patty's Place, Roy já havia pedido permissão para visitá-la, e tinha recebido. Anne entrou com as bochechas em chamas e o coração batendo na ponta dos dedos. Rusty, que subiu no seu colo e tentou beijá-la, encontrou uma recepção muito distraída. Com a alma cheia de emoções românticas, Anne não tinha condições de dar atenção naquele momento a um gato de orelhas rasgadas.

Naquela noite, um pacote fora deixado em Patty's Place para Miss Shirley. Era uma caixa contendo uma dúzia de magníficas rosas. Com

impertinência, Phil agarrou o cartão que caiu da caixa e leu o nome e a citação poética escrita na parte de trás.

— Royal Gardner! – exclamou. — Ora, Anne, não sabia que você conhecia Roy Gardner!

— Eu o conheci no parque hoje à tarde, no meio do temporal – explicou, apressadamente. — Meu guarda-chuva virou com o vento e ele veio para me resgatar com o seu.

— Oh! – Phil encarou Anne com curiosidade. — E esse incidente totalmente trivial justifica o envio de uma dúzia de rosas de cabos longos e uns versos tão românticos? E é razão para que você enrubesça qual cândida donzela ao ler o cartão? Anne, *vosso semblante a trai*.

— Não fale bobagem, Phil. Você conhece Mr. Gardner?

— Conheço as duas irmãs e sei um pouco sobre ele, assim como qualquer pessoa que pertença à sociedade de Kingsport. Os Gardners estão entre os mais ricos e mais nobres entre os chamados de “nariz azul”. Roy é adoravelmente belo e inteligente. Há dois anos, a saúde da mãe enfraqueceu e ele precisou trancar a matrícula e viajar para o exterior com ela... o pai já faleceu. Deve ter ficado muito desapontado ao desistir de seus estudos, mas dizem que ele estava perfeitamente tranquilo. *Fee-fi-fo-fum*, Anne! Sinto cheiro de romance. Eu quase a invejo, mas nem tanto assim. Afinal, Royal Gardner não é o Jonas.

— Sua boba! – disse Anne, com altivez. Mas, naquela noite, ela permaneceu acordada por muitas horas e nem quis dormir. Suas fantasias despertas eram mais fascinantes do que qualquer visão da terra dos sonhos. Será que havia chegado, enfim, o Príncipe Encantado? Relembrando aqueles gloriosos olhos escuros que fitaram os seus tão profundamente, Anne sentia-se fortemente inclinada a supor que sim.

Capítulo XXVI

Christine Entra em Cena

As moças de Patty's Place estavam se vestindo para uma recepção que os alunos do terceiro ano ofereciam para os do quarto, em fevereiro. Anne contemplou seu reflexo no espelho do quarto azul com satisfação feminina. Usava um vestido particularmente bonito que, originalmente, fora um mero pedaço de seda cor de creme com *chiffon* por cima. Mas Phil insistira em levá-lo para casa no feriado de Natal, a fim de bordar pequenos botões de rosa em todo o *chiffon*. Os dedos de Phil eram habilidosos e o resultado foi um vestido para dar inveja a todas as jovens de Redmond. Até mesmo Allie Boone, cujos trajes vinham todos de Paris, olhava com olhar cobiçoso para aquela confecção de botões de rosa, enquanto Anne subia a escadaria principal da universidade.

Anne estava testando o efeito de uma orquídea branca em seu cabelo – Roy Gardner enviara orquídeas brancas para a recepção e Anne sabia que nenhuma outra moça em Redmond iria usá-las naquela noite – quando Phil entrou no quarto com olhar admirado.

— Anne, esta certamente é sua noite de estar divina. Em nove de cada dez noites eu consigo ofuscá-la com facilidade. Mas na décima você floresce de súbito, de tal forma que me eclipsa completamente! Como consegue?

— É o vestido, querida. Belas penas tornam belos os pássaros.

— Não, não. Na última noite que flamejou em beleza, você usava o velho blusão de flanela que Mrs. Lynde fez para você. Se Roy já não tivesse perdido a cabeça e o coração por você, certamente perderia esta noite. Mas não gosto do efeito das orquídeas, Anne. Não, não é inveja. Orquídeas *não combinam* com você. São exóticas demais, tropicais demais, insolentes demais. Seja como for, não as coloque no cabelo.

— Bem, não colocarei. Admito que eu mesma não gosto muito de orquídeas. Não acho que se pareçam comigo. Roy não as envia com frequência... ele sabe que gosto das flores que posso usar no dia a dia.

Orquídeas são apenas para ocasiões especiais.

— Jonas me enviou alguns preciosos botões de rosa para esta noite... mas... ele mesmo não virá. Disse que tinha que liderar uma reunião de oração num bairro da periferia! Acho que ele não queria vir. Anne, tenho muito medo de que Jonas não goste de mim de verdade! E estou tentando decidir se devo me consumir até morrer de desgosto ou se devo terminar meus estudos, como uma mulher competente e sensata.

— Não existe a possibilidade de você se tornar competente e sensata, Phil, então é melhor que você se consuma e morra – respondeu, com crueldade.

— Anne desalmada!

— Phil boba! Sabe muito bem que Jonas a ama.

— Mas... ele não me *diz* nada. E não consigo *forçá-lo* a dizer! Admito, *parece* que ele me ama. No entanto, isso de “dizer-me com os olhos” não é uma razão muito confiável para começar a bordar guardanapos e abainhar toalhas de mesa. Não quero começar esse trabalho até que esteja realmente comprometida. Isso seria tentar ao Destino.

— Mr. Blake tem medo de pedi-la em casamento, Phil. Ele é pobre e não pode lhe oferecer uma casa como a que você sempre teve. Sabe muito bem que esta é única razão pela qual ele ainda não falou nada.

— Suponho que sim – assentiu Phil, melancólica. — Bem – acrescentou, em tom mais animado –, se *ele* não me pedir em casamento, *eu* pedirei a mão dele, e resolveremos a questão! E então tudo ficará bem. Não vou me preocupar. A propósito, Gilbert Blythe tem sido visto constantemente com Christine Stuart. Você sabia?

Anne estava tentando fechar uma delicada correntinha de ouro no pescoço. E, de repente, percebeu que o fecho era difícil de prender. *Qual era o problema* com o fecho... ou seria com seus dedos?

— Não – respondeu, parecendo não se importar. — Quem é Christine Stuart?

— A irmã de Ronald Stuart. Chegou em Kingsport neste inverno e

está estudando Música. Ainda não a vi, mas dizem que ela é muito bonita e que Gilbert está bem interessado nela. Como fiquei brava quando o recusou, Anne! Mas Roy Gardner estava predestinado para você. Posso ver isso agora. Você estava certa, afinal de contas.

Anne não ruborizou como sempre ocorria quando as meninas presumiam como certo seu eventual casamento com Roy Gardner. Sentiu-se imediatamente enfadada. A tagarelice de Phil parecia trivial, e a recepção um aborrecimento. Terminou por golpear as orelhas do pobre Rusty.

— Saia da almofada agora mesmo, seu gato! Por que não fica lá embaixo, no seu lugar?

Anne apanhou as orquídeas e desceu para a sala, onde tia Jamesina estava cuidando de uma fileira de casacos pendurados diante da lareira para aquecer. Roy Gardner esperava por Anne e provocava a Gata-Sarah. Esta não o recebia com agrado e sempre lhe dava as costas. Mas as outras habitantes da casa gostavam muito dele. Tia Jamesina, arrebatada pela infalível e respeitosa cortesia e pelos tons suplicantes da agradável voz do jovem, declarava que ele era o melhor rapaz que ela já conhecera e que Anne era uma moça de muita sorte. Tais comentários deixaram Anne impaciente. A forma como Roy a cortejava era tão romântica quanto poderia desejar um coração feminino, mas... ela não queria que tia Jamesina e as meninas considerassem as coisas como definitivas. Quando Roy murmurou um elogio poético ao ajudá-la a vestir o casaco, Anne não enrubesceu nem estremeceu como de costume, e ele reparou que ela estava um tanto silenciosa durante a breve caminhada até Redmond. Notou que Anne parecia um pouco pálida quando saiu do toalete; entretanto, ao entrar no salão da recepção, as cores e o riso retornaram a ela de uma vez só. Virou-se para Roy com sua expressão mais alegre. O rapaz devolveu-lhe a expressão, com o que Phil chamava “seu profundo, sombrio e aveludado sorriso”. Ainda assim, Anne simplesmente não o enxergava. Tinha a mais absoluta consciência de que Gilbert estava parado debaixo das palmeiras, no outro lado do salão, conversando com uma moça que deveria ser Christine Stuart.

Ela era muito bonita. Tinha uma constituição majestosa destinada a tornar-se um pouco corpulenta quando chegasse à idade madura. Uma moça alta, com grandes olhos azuis escuros, traços ebúrneos e um brilho escuro em

seus cabelos macios.

“Ela tem a aparência que eu sempre quis ter”, pensou Anne, sentindo-se a pessoa mais miserável do mundo. “Tez rosada como pétalas... olhos cor de violeta como as estrelas... cabelos negros como as penas de um corvo... sim, ela possui tudo. É incrível que, nessa barganha, seu nome não seja Cordelia Fitzgerald! Mas não acho que sua figura seja tão bonita quanto a minha, e seu nariz certamente não é.”

Anne sentiu um pouco de conforto ao chegar a esta conclusão.

Capítulo XXVII

Confidências Mútuas

Naquele inverno, o mês de março chegou como o mais submisso e gentil dos cordeirinhos, trazendo consigo dias que eram tão frescos, dourados e revigorantes que se dissipavam em um entardecer rosado e congelante, perdendo-se gradualmente num sonho encantado sob a luz do luar.

Sobre as moças de Patty's Place recaíam as sombras das avaliações de abril. Elas estudavam com afinco e até mesmo Phil se acomodou, imersa em textos e cadernos com uma tenacidade que não era esperada.

— Vou concorrer à bolsa Johnson em Matemática – ela anunciou, com tranquilidade. — Poderia facilmente concorrer à de Grego, mas optei pela de Matemática para provar a Jonas que sou, de fato, extremamente inteligente.

— Jonas gosta mais dos seus grandes olhos castanhos e de seu sorriso assimétrico do que de toda a inteligência que você carrega debaixo desses cachos – disse Anne.

— Quando eu era juvenzinha, não era considerado de bom tom que as mulheres soubessem qualquer coisa de Matemática – comentou tia Jamesina. — Mas os tempos mudaram, e não sei se a mudança foi para melhor. Você sabe cozinhar, Phil?

— Não, nunca cozinhei nada em toda a minha vida, exceto um pão de gengibre que foi um fracasso: ficou abatumado no centro e inflado nas bordas. Vocês bem sabem como é. Mas, titia, a senhora não acha que esta inteligência que me permite ganhar uma bolsa de estudos em Matemática é a mesma que me ajudará a aprender a cozinhar, quando eu estiver realmente disposta a isso?

— Talvez – concordou tia Jamesina, com cautela. — Eu não desaprovo o ensino superior para mulheres. Minha filha se formou em Artes, e ela também sabe cozinhar. Mas eu a ensinei a cozinhar *antes* de permitir

que um professor lhe ensinasse Matemática.

Em meados de março, as jovens receberam uma carta de Miss Patty Spofford, comunicando que ela e Miss Maria tinham decidido permanecer no exterior por mais um ano.

“Deste modo, vocês podem continuar em Patty’s Place também no próximo inverno”, escreveu. “Maria e eu vamos correr pelo Egito. Quero ver a Esfinge antes de morrer.”

— Imagine aquelas duas damas “correndo pelo Egito”! Pergunto-me se irão contemplar a Esfinge e tricotar – riu Priscilla.

— Estou tão contente de podermos ficar em Patty’s Place por mais um ano! – exclamou Stella. — Temia que elas pensassem em regressar agora. Se isso acontecesse, este nosso formoso ninhozinho seria destruído; e nós, pobres avezinhas implumes, seríamos novamente jogadas no mundo cruel das pensões.

— Vou sair para perambular pelo parque – anunciou Phil, deixando o livro de lado. — Creio que, quando chegar aos oitenta anos, ficarei contente em lembrar que saí para uma caminhada esta noite.

— O que quer dizer? – perguntou Anne.

— Acompanhe-me e eu lhe direi, querida.

Durante o passeio, puderam absorver todos os mistérios e magias de um anoitecer de março. Era um crepúsculo muito quieto e suave, envolto em cândido, puro e taciturno silêncio – que era, não obstante, matizado por diversos barulhinhos ressonantes que podiam ser percebidos tanto com a alma quanto com os ouvidos. As duas andaram ao léu por uma longa passagem ladeada de pinheiros, que parecia conduzi-las diretamente ao coração de um pôr do sol avermelhado de inverno.

— Eu poderia ir para casa e escrever um poema neste abençoado minuto, se apenas soubesse como fazê-lo – declarou Phil, detendo-se numa clareira onde a luz rosada tingia as copas verdes dos pinheiros. — Tudo aqui é tão maravilhoso... essa quietude tão clara e profunda, e aquelas árvores escuras que parecem estar sempre meditando.

— “*Os bosques foram os primeiros templos de Deus*^[29]” – citou Anne, com suavidade. — Não há como evitar o sentimento de reverência e adoração em lugares assim. Sempre me sinto mais perto dEle quando caminho entre os pinheiros.

— Anne, sou a garota mais feliz do mundo – confessou Phil, de súbito.

— Quer dizer que Mr. Blake finalmente a pediu em casamento?

— Sim. E eu espirrei três vezes enquanto ele fazia o pedido. Não é horrível? Mas eu respondi que “*sim*”, quase sem deixar que terminasse de perguntar; tive muito medo que ele mudasse de ideia e parasse de falar. Estou tão apaixonadamente feliz! Não conseguia acreditar de verdade que Jonas poderia gostar de uma criatura frívola como eu.

— Phil, você não é verdadeiramente frívola – disse Anne, em tom muito sério. — Por trás dessa aparência frívola, você tem uma alminha querida, leal e feminina. Por que se esconde dessa maneira?

— Não consigo evitar, Rainha Anne! Você está certa: não sou frívola de coração. Mas há uma espécie de capa de frivolidade sobre minha alma e não consigo me desfazer dela! Como diz Mrs. Poyser, eu teria que nascer de novo, e nascer diferente para poder mudar neste aspecto. Mas Jonas conhece meu eu verdadeiro e me ama com a frivolidade e tudo o mais. E eu o amo. Nunca fiquei tão surpresa em toda a minha vida como quando descobri que o amava. Nunca pensei que fosse possível se apaixonar por um homem feio. Imagine eu, com um único e solitário pretendente, e que se chama Jonas! Mas acho que vou chamá-lo de Jo. É um apelido tão fofo e viçoso! Não poderia encontrar nenhum apelido para Alonzo.

— E como estão Alec e Alonzo?

— Oh, contei a eles no Natal que nunca poderia me casar com nenhum dos dois. É tão engraçado, agora, recordar que eu tenha considerado isso possível, um dia. Eles ficaram tão mal, que chorei aos berros por ambos. Mas eu sabia que só existia um homem no mundo com quem poderia me casar. Já tinha me decidido, e dessa vez a decisão havia sido realmente fácil. É maravilhoso sentir-se segura de si mesma e saber que esta é a sua certeza, não a de outrem.

— Você acha que não se arrependerá?

— De ter tomado minha decisão? Eu não sei, mas Jo me deu uma esplêndida regra para seguir nesses casos. Ele disse que, quando me sentir hesitante, devo fazer aquilo que me deixe contente de ter feito quando chegar aos oitenta anos. De qualquer modo, Jo é capaz de tomar decisões rápido o bastante e seria incômodo morar sob o mesmo teto se nós dois fôssemos muito decididos.

— O que os seus pais dirão?

— Papai não dirá muita coisa. Ele acha que tudo que faço está certo. Mas mamãe *vai* falar! Oh, a língua dela vai se tornar tão Byrne quanto seu nariz! Mas, no final das contas, tudo ficará bem.

— Você terá que abandonar várias coisas com as quais está acostumada quando se casar com Mr. Blake, Phil.

— Mas eu terei *Jo*! Não sentirei falta das outras coisas. Nós nos casaremos em junho do próximo ano. Jo vai se formar em St. Columbia nesta primavera, você sabe. Então ele irá assumir uma igreja missionária na Rua Patterson, que fica num bairro pobre da periferia. Imagine eu ali! No entanto, para estar com ele sou capaz de ir dali até as montanhas congeladas da Groenlândia.

— E esta é a jovem que *já* se casaria com um homem pobre! — comentou Anne, em voz alta, como se estivesse falando com um jovem pinheiro.

— Oh, não me jogue na cara as bobagens da minha juventude! Serei tão contente na pobreza quanto tenho sido na riqueza. Você vai ver. Vou aprender a cozinhar e costurar. Aprendi a fazer compras desde que vim morar em Patty's Place; e, certa vez, ensinei na Escola Dominical durante um verão inteiro. Tia Jamesina diz que vou arruinar a carreira de Jo, se me casar com ele. Mas isso não vai acontecer. Sei que não possuo muita sensatez ou temperança; porém, tenho algo que vale muito mais: a habilidade de fazer com que as pessoas gostem de mim. Há um homem em Bolingbroke que ceceia e que sempre testemunha nas reuniões de oração. Ele diz: "*Ze não podez brilhar como uma eztrela, brilhe como um castizal.*" Eu serei o pequeno castiçal de Jo.

— Phil, você é incorrigível! Bem, eu sou tão afeiçoada a você que nem conseguiria fazer um discursinho espirituoso para parabenizá-la. Mas alegro-me de todo o coração pela sua felicidade.

— Eu sei. Esses seus grandes olhos acinzentados transbordam a verdadeira amizade, Anne. Um dia olharei para você da mesma forma. Você vai se casar com Roy, não vai, Anne?

— Minha querida Philippa, já ouviu falar da famosa Betty Baxter, que recusou um homem antes mesmo que ele tivesse mirado nela? Não vou emular aquela famosa senhora, recusando ou aceitando alguém antes que ele mire em mim.

— Toda Redmond sabe que Roy é louco por você – prosseguiu Phil, candidamente. — E você o *ama*, não ama, Anne?

— Eu... eu creio que sim – respondeu, com relutância. Tinha a sensação de que deveria enrubescer enquanto fizesse tal confissão. Mas não havia enrubescido. Por outro lado, sentia as bochechas queimando intensamente sempre que alguém mencionava o nome de Gilbert Blythe ou Christine Stuart em sua presença. Esse casal não significava nada para ela – absolutamente nada. Mas Anne desistira de tentar analisar a razão de seu rubor. No que se referia a Roy, era claro que estava apaixonada por ele... loucamente. Como poderia evitar? Ele não era seu homem ideal? Quem poderia resistir àqueles gloriosos olhos escuros, àquela voz suplicante? Ela não era furiosamente invejada por mais da metade das moças de Redmond? E o que dizer do adorável soneto que Roy lhe enviara em seu aniversário, junto com uma caixa de violetas? Anne sabia cada palavra de cor. Era um poema muito bom em seu gênero. Não chegava exatamente ao nível de Keats ou Shakespeare – nem mesmo Anne estava tão cegamente apaixonada ao ponto de pensar isso. Mas eram versos muito toleráveis, ao estilo daqueles publicados nos periódicos. E eram dedicados a *ela* – não a Laura, ou Beatrice, ou à Dama de Atenas^[30], mas a ela, Anne Shirley. Para declarar em cadências rítmicas que seus olhos eram estrelas da manhã; que suas faces possuíam as cores roubadas do amanhecer; que seus lábios eram mais vermelhos do que as rosas do Paraíso – tudo isso era profundamente romântico. Gilbert nunca sonharia em escrever um soneto destacando suas sobrancelhas. Mas Gilbert tinha senso de humor. Certo dia, ela havia tentado

contar uma história engraçada a Roy e ele não conseguiu entender qual era a graça. Lembrou-se das amigáveis gargalhadas que partilhara com Gilbert quando lhe contou a mesma história e questionou-se, inquieta, se a vida junto a um homem que não tinha senso de humor não se tornaria enfadonha a longo prazo. Mas quem poderia esperar que um herói melancólico e inescrutável percebesse o aspecto humorístico das coisas? Seria absolutamente ilógico.

Capítulo XXVIII

Uma Tarde de Junho

— Pergunto-me como seria viver num mundo onde fosse sempre junho – disse Anne, ao subir pelos degraus da porta da frente, vindo do fragrante e florescido pomar envolto no crepúsculo. Marilla e Mrs. Lynde estavam sentadas ali, conversando sobre o funeral de Mrs. Samson Coates, que tinham assistido naquele dia. Dora, sentada entre elas, estudava diligentemente suas lições; mas Davy estava sentado de pernas cruzadas no gramado, aparentando estar triste e deprimido, como se sua única covinha o tivesse abandonado.

— Você ficaria cansada desse mundo – comentou Marilla, com um suspiro.

— Ouso dizer que sim. Mas, neste momento, sinto que levaria muito tempo para me cansar dele, se tudo fosse tão encantador quanto o dia de hoje. Tudo à nossa volta ama o mês de junho. Menino-Davy, por que você está com essa carinha melancólica típica de novembro nesta época de flores?

— Estou apenas enjoado e cansado de viver – respondeu o pequeno pessimista.

— Com dez anos? Puxa vida, que tristeza!

— Não estou de brincadeira – redarguiu Davy, demonstrando dignidade. — Estou de-de-desanimado – prosseguiu, soltando a comprida palavra com grande esforço.

— Por que e para quê? – perguntou Anne, sentando-se ao lado do garoto.

— Porque a nova professora que chegou para substituir o Mr. Holmes, que ficou doente, me deu dez somas para fazer até segunda-feira. Amanhã vou levar o dia inteiro para fazer isso! Não é justo ter que fazer dever de casa aos sábados. Milty Boulter falou que não ia fazer nada, mas Marilla disse que eu sou obrigado a fazer. Não gosto nem um pouco da Miss

Carson.

— Não fale assim de sua professora, Davy Keith! – ralhou Mrs. Lynde, com severidade. — Miss Carson é uma moça muito agradável. Não tem a cabeça cheia de tolices.

— Isso não parece muito atrativo – sorriu Anne. — Gosto que as pessoas tenham um pouco de tolices. Mas estou inclinada a ter uma opinião melhor de Miss Carson do que você. Eu a vi na reunião de oração ontem à noite e ela tem um par de olhos que não são sempre tão sensatos. Agora, menino-Davy, tenha ânimo! O amanhã trará um novo dia e eu o ajudarei com as somas, tanto quanto for possível. Não escureça esta adorável luz do crepúsculo preocupando-se com Aritmética.

— Bom, então tá! – exclamou Davy, animando-se. — Se você me ajudar com as somas, vou conseguir terminar tudo a tempo de ir pescar com Milty. Que pena que o funeral da velha tia Atossa tenha sido hoje, em vez de amanhã! Eu teria gostado de ir, porque Milty contou que a mãe dele garantiu que a tia Atossa ia se sentar no caixão e falar coisas sarcásticas sobre as pessoas que aparecessem para vê-la ser enterrada. Mas Marilla falou que ela não fez nada disso.

— A pobre Atossa jazia em paz em seu ataúde – disse Mrs. Lynde, de forma solene. — Nunca a vi com o semblante tão tranquilo, isto é que é. Bem, não foram derramadas muitas lágrimas por sua partida, pobre alma! A família de Elisha Wright estava agradecida por se livrar dela, e não posso dizer que os culpo nem um pouquinho.

— Parece-me uma coisa terrível deixar este mundo e não ter uma única pessoa lamentando sua partida – comentou Anne, estremecendo.

— Com exceção dos pais, ninguém amou a pobre Atossa, nem mesmo o marido! Isto é certo! – afirmou Mrs. Lynde. — Ela foi a quarta esposa dele. Era como se o homem tivesse o hábito de se casar. Viveu só uns poucos anos após desposá-la. O doutor disse que ele morreu de dispepsia, mas sempre pensarei que ele morreu envenenado pela língua de Atossa, isto é que é. Pobre alma, sempre sabia detalhes da vida dos vizinhos, mas nunca conheceu muito bem a si mesma. Bem, de qualquer maneira, agora ela se foi, e eu presumo que o próximo grande acontecimento será o casamento de Diana.

— Parece engraçado e horrível pensar em Diana se casando – suspirou Anne, abraçando os joelhos e olhando na direção da clareira da Floresta Assombrada para a luz que brilhava na janela do quarto de Diana.

— Não entendo o que há de horrível nisso, não quando ela está se casando tão bem – asseverou Mrs. Lynde, com ênfase. — Fred Wright é dono de uma ótima fazenda e é um modelo de rapaz.

— Ele certamente não é o rapaz selvagem, elegante e malvado com quem Diana um dia quis se casar – sorriu Anne. — Fred é extremamente bondoso.

— Ele é exatamente o que deveria ser. Você queria que Diana se casasse com um homem malvado? Ou você se casaria com um que fosse assim?

— Oh, não! Não gostaria de me casar com ninguém que fosse malvado, mas acho que gostaria que ele *pudesse* ser, mas *não fosse*. Ora, Fred é *irremediavelmente* bondoso.

— Espero que um dia você tenha mais sensatez – disse Marilla.

Marilla souou um pouco amarga em sua declaração. Sentia-se dolorosamente desapontada. Ela ficara sabendo que Anne havia recusado Gilbert Blythe. As fofoqueiras de Avonlea cochichavam a respeito e ninguém sabia como o assunto chegara aos ouvidos de todos. Talvez Charlie Sloane tivesse presumido alguma coisa e espalhado suas suposições como fatos. Talvez Diana tivesse confiado o segredo a Fred e ele tivesse sido indiscreto. De qualquer forma, era fato conhecido. Mrs. Blythe não mais perguntava a Anne, em público ou em privado, se ela recebera notícias de Gilbert ultimamente, e a saudava com frieza quando se cruzavam. Anne, que sempre tivera muito apreço pela alegre e jovial mãe de Gilbert, sofria em silêncio por essa atitude. Marilla não disse nada, mas Mrs. Lynde lançou várias ironias exasperadas sobre o assunto, até que novas fofocas chegaram aos ouvidos da valorosa senhora por intermédio da mãe de Moody Spurgeon MacPherson, dizendo que Anne tinha *outro pretendente na universidade*, que era rico, bonito e admirável, tudo em um só rapaz. Depois disso, Mrs. Lynde segurou a língua, ainda que no recôndito mais profundo de seu coração continuasse a desejar que Anne tivesse aceitado Gilbert. A riqueza é muito boa, mas nem

mesmo a alma prática de Mrs. Lynde a considerava essencial. Se Anne “gostasse mais” do Charmoso Desconhecido do que de Gilbert, não havia nada mais a ser dito, mas Mrs. Lynde temia que ela cometesse o terrível erro de se casar por dinheiro. Marilla conhecia Anne muito bem para abrigar esse tipo de temor, mas sentia que algo terminara muito mal no esquema universal das coisas.

— O que tiver que ser, será – sentenciou Mrs. Lynde, com tristeza –, e o que não tem que ser acontece algumas vezes. E eu não consigo deixar de acreditar que é o que vai acontecer no caso de Anne, se a Providência não interferir, isto é que é – suspirou. Receava que a Providência não interferisse, e ela, de sua parte, não ousaria fazê-lo.

Anne tinha ido perambular pela Bolha da Dríade e estava enroscada entre as samambaias, sentada na raiz da grande bétula branca onde ela e Gilbert costumavam se sentar tantas vezes, em outros verões. Quando terminou o período das aulas, ele tornou a ir para o escritório do Daily News e Avonlea parecia muito enfadonha sem ele. Gilbert nunca mais lhe escrevera e Anne sentia falta das cartas que não chegavam. Roy, por outro lado, escrevia duas vezes por semana e suas missivas eram refinadas composições dignas de serem publicadas num livro de memórias ou numa biografia. Quando lia suas palavras, Anne sentia-se ainda mais profundamente apaixonada por ele; mas seu coração jamais dera o estranho, rápido e doloroso pulo ao receber suas cartas como no dia em que Mrs. Hiram Sloane lhe entregou um envelope, no qual reconheceu a caligrafia vertical de Gilbert. Ela correu para Green Gables, refugiou-se em seu quartinho e abriu ansiosamente o envelope – e encontrou a cópia datilografada de um folheto ilustrativo de alguma atividade da universidade. Só isso e nada mais. Anne atirou o inocente folheto no chão e sentou-se para escrever uma epístola especialmente carinhosa para Roy.

O casamento de Diana seria dentro de cinco dias. A casa cinza em Orchard Slope encontrava-se num rebuliço de assados, preparações, fervuras e cozidos, pois haveria ali uma grande festa que entraria para a história. Anne, evidentemente, seria a dama de honra, como fora combinado quando tinham doze anos, e Gilbert viria de Kingsport para ser o padrinho. Anne estava desfrutando da animação dos muitos preparativos, mas carregava uma

dorzinha no fundo do coração. De certo modo, ela estava perdendo sua querida e velha companheira. A nova casa de Diana ficava a duas milhas de Green Gables e o antigo e constante companheirismo que as unia nunca mais seria o mesmo. Anne olhou para a luz no quarto de Diana e pensou no que aquela luz significara para ela durante tantos anos. Mas em breve a luz já não brilharia mais nos fins de tarde de verão. Duas grandes e dolorosas lágrimas rolaram de seus olhos acinzentados.

“Oh!”, pensou. “Como é horrível que as pessoas tenham que crescer... se casar... e *mudar!*”

Capítulo XXIX

O Casamento de Diana

— Afinal, as únicas rosas verdadeiras são as rosas cor-de-rosa – disse Anne, ao atar uma fita de cetim branco ao redor do buquê de Diana no quarto voltado para o oeste em Orchard Slope. — Elas são as flores do amor e da fidelidade.

A nervosa Diana estava em pé no meio do quarto, vestida com o branco nupcial, seus cachos negros cobertos pelo véu de noiva. A própria Anne tinha drapeado o véu, de acordo com o pacto sentimental firmado tantos anos atrás.

— Está tudo mais ou menos como o que imaginei no passado, quando chorava perante a ideia do seu inevitável casamento e de nossa consequente separação – riu Anne. — Você é a noiva dos meus sonhos, Diana, com este “adorável véu enevoadado”, e eu sou sua dama de honra. Mas, ai de mim! As mangas do meu vestido não são bufantes... embora estas mangas curtas de renda sejam ainda mais bonitas. Meu coração não está completamente destruído, e nem eu odeio exatamente o Fred.

— Não estamos realmente nos separando, Anne – protestou Diana. — Não estou indo para muito longe. E vamos continuar tendo o mesmo amor uma pela outra, como antes. Sempre nos mantivemos fiéis àquele juramento de amizade que fizemos tanto tempo atrás, não é mesmo?

— Sim. Nós o cumprimos com lealdade. Vivenciamos uma linda amizade, Diana! Nunca a prejudicamos com brigas, indiferença ou palavras rudes, e espero que continuemos sempre assim. Mas as coisas não podem seguir sendo as mesmas depois de hoje. Você terá outros interesses, e eu ficarei de fora. Mas assim é a vida, como diz Mrs. Lynde. Ela lhe deu de presente uma de suas amadas colchas de tricô com listras cor de tabaco, e ela sempre diz que, quando eu me casar, irá me dar uma também.

— O ruim é que, quando você se casar, não poderei ser sua dama de honra – lamentou Diana.

— Serei a dama de Phil em junho do ano que vem, quando ela se casar com Mr. Blake, e então devo parar, pois você conhece o ditado: “três vezes a dama, nunca a noiva” – disse Anne, espiando pela janela o branco e rosa do pomar que florescia abaixo. — Aí vem o pastor, Diana.

— Oh, Anne – ela murmurou, empalidecendo repentinamente e começando a tremer. — Oh, Anne... estou tão nervosa... não consigo suportar... Anne, sei que vou desmaiar!

— Se você desmaiar, vou arrastá-la até o tonel de água da chuva e jogá-la lá dentro – prometeu a insensível Anne. — Anime-se, querida! Casar não deve ser tão terrível, considerando quantas pessoas sobrevivem à cerimônia. Veja quão tranquila e serena eu estou, e siga meu exemplo.

— Espere até chegar sua vez, Miss Anne! Oh, Anne, ouço os passos do meu pai subindo as escadas! Dê-me o buquê. O véu está no lugar? Estou muito pálida?

— Você está adorável. Di, querida, me dê um beijo de despedida pela última vez. Diana Barry nunca mais me beijará.

— Mas Diana Wright sim. Mamãe está chamando. Vamos.

Seguindo um simples e antigo costume que estava em voga na época, Anne se dirigiu até a sala de braços dados com Gilbert. Encontraram-se no topo da escadaria pela primeira vez desde que partiram de Kingsport, pois Gilbert só chegara naquele dia. Saudaram-se com um aperto de mãos muito cortês. Aparentava estar muito bem, apesar de, segundo o que Anne notara no mesmo instante, estar um pouco magro. Não estava pálido; havia um rubor em seu rosto que se intensificou quando Anne se dirigiu a ele pelo corredor, trajando um fascinante vestido branco e lírios do vale adornando as brilhantes mechas de seu cabelo. A aparição dos dois juntos na sala repleta de convidados foi recebida com um breve murmúrio de admiração.

— Que casal elegante eles formam – sussurrou a impressionável Mrs. Lynde para Marilla.

Fred fez sua entrada sozinho, com o rosto muito corado, e então Diana entrou de braços dados com o pai. Ela não desmaiou e nada desagradável ocorreu para interromper a cerimônia. Em seguida, um

banquete e um divertido festejo sucederam a celebração; e então, ao anoitecer, Fred e Diana partiram para seu novo lar sob a luz do luar, e Gilbert acompanhou Anne até Green Gables.

Alguma coisa da antiga camaradagem de ambos havia retornado durante a alegria informal daquela tarde. Oh, como era bom voltar a percorrer o bem conhecido trajeto na companhia de Gilbert!

A noite estava tão silenciosa que era provável que se pudesse ouvir o sussurro das rosas desabrochando... a risada das margaridas... o burburinho da relva... inúmeras vozes doces, todas interligadas. A beleza do luar nos campos conhecidos irradiava o mundo.

— Quer dar uma volta pela Travessa dos Amantes antes de entrar? – perguntou Gilbert, quando cruzavam a ponte sobre a Lagoa das Águas Brilhantes, onde o reflexo da lua mais parecia uma grande flor dourada e submersa.

Anne assentiu prontamente. A Travessa dos Amantes parecia um autêntico caminho para a terra das fadas naquela noite – um lugar cintilante, misterioso e cheio de magia, tecido sob o encantamento branco da luz da lua. Houve um tempo em que tal passeio com Gilbert por este local teria sido perigoso demais. Mas Roy e Christine haviam tornado tudo seguro agora. Enquanto conversava amenidades com Gilbert, Anne surpreendeu-se diversas vezes pensando em Christine. Tinha encontrado a moça com frequência antes de partir de Kingsport e fora muito delicada com ela. Christine também fora extremamente doce. De fato, as jovens foram bastante cordiais uma com a outra. Entretanto, ainda assim, o conhecimento mútuo não se tornara uma amizade. Evidentemente, Christine não era uma alma gêmea.

— Vai ficar em Avonlea durante todo o verão? – perguntou Gilbert.

— Não. Na semana que vem estou indo para Valley Road, no leste. Esther Haythorne quer que eu a substitua para lecionar durante julho e agosto. Eles têm um período de aulas de verão na escola e Esther não está bem de saúde. Então vou substituí-la. De certa forma, eu não me importo. Estou começando a me sentir um pouco como uma estranha em Avonlea agora, sabe? Isso me deixa muito triste... mas é verdade. É aterrador ver como em apenas dois anos as crianças se tornaram rapazes e mocinhas – jovens

homens e mulheres. Metade dos meus alunos já cresceu. Sinto-me demasiadamente velha quando os vejo tomarem os lugares que você, eu e nossos companheiros costumávamos ocupar.

Anne riu e suspirou. Sentia-se muito velha, madura e sábia, o que demonstrava quão jovem ela realmente era. Dizia a si mesma que ansiava muitíssimo por voltar para aqueles estimados dias felizes, quando a vida era vista através da rosada neblina da esperança e ilusão, e possuía esse algo indefinível que havia morrido para sempre. Onde estavam, agora, a glória e o sonho?

— “*Assim o mundo anda para a frente*^{[\[31\]](#)}” – citou Gilbert, com senso prático e um pouco distraído. Anne perguntou-se se ele estava pensando em Christine. Oh, Avonlea ficaria tão solitária agora... com a partida de Diana!

Capítulo XXX

O Romance de Mrs. Skinner

Anne desceu do trem na estação de Valley Road e olhou ao redor para ver se alguém tinha ido recebê-la. Iria hospedar-se com uma tal de Miss Janet Sweet, mas não viu ninguém que correspondesse minimamente à ideia que tinha feito da referida senhorita, como descrita na carta de Esther. A única pessoa que via era uma senhora de mais idade sentada numa charrete, rodeada por pilhas de malas de correspondência ali amontoadas. Sendo muito complacente, ninguém poderia dizer que ela pesava apenas noventa quilos. Seu rosto era redondo e avermelhado como a lua cheia do equinócio, quase com a mesma ausência de traços. Usava um vestido apertado de casimira preta, costurado no feitio de dez anos atrás, e um empoeirado chapeuzinho de palha preto, com laços de fita amarela e renda preta desbotada.

— Ei, moça! – gritou, enquanto agitava seu chicote na direção de Anne. — A senhorita é a nova professora de Valley Road?

— Sim.

— Bem, achei que era! Valley Road se distingue pelas professoras bonitas, assim como Millersville pelas feias. A Janet Sweet me perguntou hoje de manhã se eu podia levar a senhorita. Eu disse: “*Posso sim, se ela não se importar com as sacudidas!*” Esta minha carroça é pequena para as bolsas dos correios, e eu sou bem mais gorda que o Thomas! Espere um pouco, moça, até que eu amontoe estas bolsas, e eu vou enfiar a senhorita aqui em cima como eu puder. São só duas milhas até a casa da Janet. O criado do vizinho dela vai vir buscar o seu baú hoje à noite. Meu nome é Skinner – Amelia Skinner.

Enfim, Anne foi *enfiada* na charrete do jeito que deu, sorrindo para si mesma e divertindo-se durante o processo.

— Vamos lá, égua preta! – comandou Mrs. Skinner, segurando as rédeas nas mãos rechonchudas. — Esta é a minha primeira jornada pela rota

de entrega dos correios. O Thomas queria capinar os nabos hoje, então me pediu para vir no lugar dele. Então eu só me sentei aqui, peguei uma merenda e saí em disparada! Até que eu gostei. Mas é claro que é meio aborrecido. Metade do tempo eu fico sentada pensando, e o resto do tempo só fico sentada. Vamos lá, égua preta! Eu quero chegar cedo em casa! O Thomas se sente terrivelmente sozinho quando eu estou fora. A gente não se casou há muito tempo, sabia?

— Oh – murmurou Anne, com educação.

— Faz só um mês, embora o Thomas tenha me cortejado por um longo tempo. Foi muito romântico! – e Anne tentou imaginar Mrs. Skinner falando em termos de romance, mas não conseguiu.

— Oh? – murmurou novamente.

— Sim. Veja bem, tinha outro homem atrás de mim. Vamos lá, égua preta! Eu fiquei viúva por tanto tempo que as pessoas do povoado desistiram de esperar que eu me casasse de novo. Mas quando a minha filha... ela é professora que nem a senhorita... foi pro oeste para lecionar, eu me senti muito sozinha e não me assustou a ideia de me casar outra vez. Nesse meio tempo o Thomas começou a me visitar, e o outro homem também... William Obadiah Seaman, esse era o nome dele. Passou muito tempo, e eu não conseguia me decidir qual dos dois escolher, e eles continuavam vindo, e vindo, e eu comecei a ficar preocupada. Veja bem, o W.O. era rico... ele tinha uma casa boa e vivia em grande estilo. Ele era, de longe, a melhor escolha. Vamos lá, égua preta!

— Por que a senhora não se casou com ele? – inquiriu Anne.

— Ora, veja bem, ele não me amava – respondeu Mrs. Skinner, de forma solene.

Anne encarou Mrs. Skinner com olhos arregalados. Mas não havia nem um pinga de humor no semblante daquela senhora. Era evidente que Mrs. Skinner não via nada de engraçado em suas peripécias.

— Ele era viúvo há três anos e era a irmã dele quem cuidava da casa para ele. Então ela se casou e ele precisava de uma mulher para ficar no lugar dela. Até que valia a pena, isso eu posso garantir. Era uma bela casa. Vamos

lá, égua preta! Com relação ao Thomas, ele era pobre, e tudo que se podia dizer da casa dele é que não gotejava em tempo seco, apesar de ser muito pitoresca. Mas eu amava o Thomas e não gostava nem um pouquinho do W.O., sabia? Então eu discuti comigo mesma: *“Amelia Crowe”*, eu disse – meu primeiro marido era Crowe –, *“você até pode se casar com o rico, mas não vai ser feliz. As pessoas não podem se dar bem neste mundo sem uma pitadinha de amor. É melhor que você se amarre com o Thomas, já que ele ama você e você ama ele, e acabe logo com isso!”* Vamos lá, égua preta! Então eu disse *“sim”* ao Thomas. Durante todo o tempo da preparação para o casório, eu nem me atrevia a passar perto da bela casa do W.O. porque eu tinha medo que a visão da casa me fizesse mudar de ideia. Mas agora eu nunca penso nisso e estou feliz e confortável com o Thomas. Vamos lá, égua preta!

— E como William Obadiah recebeu a notícia? – inquiriu Anne.

— Oh, ele se alvoroçou um bocado! Mas agora ele está visitando uma solteirona magrela de Millersville, e eu acho que ela vai aceitar o pedido sem demora. Ela vai ser uma esposa melhor que a primeira. O W.O. nunca quis se casar com ela. Só fez o pedido porque o pai dele mandou, achando que ela ia dizer *“não”*. Mas imagine a senhorita, ela disse *“sim”*! Pense no dilema. Vamos lá, égua preta! Ela era uma boa dona de casa, mas era muito mesquinha. Usou o mesmo chapéu por dezoito anos! Aí ela comprou um novo, e o W.O. encontrou ela na estrada e não reconheceu a própria esposa! Vamos lá, égua preta! Eu sinto que escapei de entrar numa fria. Se eu tivesse me casado com esse homem, teria sido infeliz demais, que nem a minha pobre prima Jane Ann. A Jane Ann se casou com um rico, mas ela não sentia amor por ele e agora vive uma vida de cão. Ela veio me visitar na semana passada e me disse: *“Amelia Skinner, eu tenho inveja de você. Eu preferia viver numa choupana à beira da estrada, com um homem de quem eu gostasse, do que na minha mansão com o marido que eu tenho.”* O marido da Jane Ann não é tão ruim, mas ele gosta tanto de ser do contra, que usa um casaco de pele quando o termômetro está marcando quarenta graus! E o único jeito de conseguir alguma coisa com ele é adulando para que ele faça o oposto! Mas não existe amor entre eles, para suavizar as coisas, e essa é uma maneira muito triste de se viver. Vamos lá, égua preta! Lá está a casa da Janet, ali no vale – Wayside, é como ela chama o lugar. Bem pitoresco, não é

mesmo? Acho que a senhorita vai ficar contente de sair daqui, com todas essas bolsas amontoadas na sua volta.

— Sim, mas desfrutei muito do passeio com a senhora – respondeu Anne, com sinceridade.

— Ah, veja o que a senhorita me disse agora! – exclamou Mrs. Skinner, sentindo-se muito lisonjeada. — Espere até eu contar ao Thomas! Ele sempre fica muito feliz quando eu recebo um elogio. Vamos lá, égua preta! Bem, aqui estamos. Espero que a senhorita se dê bem na escola. Atrás da casa da Janet existe um atalho para a escola, através do pântano. Se a senhorita for por aquele caminho, tome muitíssimo cuidado! Se pisar no barro preto, pode ficar presa, e ele vai sugar a senhorita para baixo e nunca mais ninguém vai ver ou encontrar a senhorita até o Dia do Juízo Final, que nem aconteceu com a vaca do Adam Palmer. Vamos lá, égua preta!

Capítulo XXXI

De Anne para Philippa

“Anne Shirley para Philippa Gordon,

“Saudações!

“Bem, querida, estava mais do que na hora de escrever para você. Aqui estou, trabalhando mais uma vez como ‘professora’ de escola rural em Valley Road, hospedada em Wayside, o lar de Miss Janet Sweet. Janet é um encanto de pessoa e tem uma aparência muito agradável: alta, mas não muito; meio robusta, mas com um perfil que sugere uma alma moderada, que não será demasiadamente extravagante nem mesmo na questão do sobrepeso. Tem um emaranhado de cabelos crespos e castanhos com uma mecha grisalha, um rosto alegre com bochechas rosadas e grandes olhos gentis, azuis como miosótis. Ademais, é uma daquelas adoráveis cozinheiras à moda antiga, que não se importam nem um pouco se estragam sua digestão, conquanto possam empanturrá-la de comidas gordurosas.

“Eu gosto dela, e ela de mim – principalmente, segundo me parece, porque ela teve uma irmã chamada Anne, que morreu ainda jovem.

“‘Estou muito contente em vê-la’, ela disse, abruptamente, quando desembarquei em seu quintal. ‘Meu Deus, a senhorita não se parece em nada com o que imaginei! Tinha certeza de que seria morena... como era minha irmã. E aqui está a senhorita, ruivinha!’

“Durante alguns minutos, pensei que não iria gostar de Janet tanto quanto esperava à primeira vista. Então, lembrei-me de que deveria ser bem mais sensata ao invés de ter preconceitos contra qualquer pessoa, simplesmente por dizerem que meu cabelo é ruivo. Provavelmente as palavras ‘castanho avermelhado’ nem faziam parte do vocabulário de Janet.

“Wayside é um lugarzinho encantador. A casa é branca e diminuta, localizada num vale pequenino e admirável, afastado da estrada. Entre a estrada e a casa existe um pomar e um jardim florido, tudo misturado. A

trilha até a porta da frente é limitada dos dois lados por conchas de marisco arredondadas – ‘pata de vaca’, como Janet as chama. Há uma trepadeira de folhagem avermelhada sobre o pórtico e musgo no telhado. Meu quarto é um cantinho asseado, contíguo à sala de visitas – onde cabem somente eu e a cama. Acima da cabeceira da minha cama há uma pintura de Robby Burns ao lado do túmulo de Highland Mary^[32], à sombra de um enorme salgueiro chorão. O rosto de Robby é tão lúgubre que não me admiro de ter pesadelos. Ora, na primeira noite em que dormi aqui, sonhei que não conseguia rir!

“A sala é minúscula e bem-arrumada. A única janela é tão sombreada pelos frondosos ramos de um salgueiro a ponto de fazer com que o aposento tenha a penumbra verde esmeralda de uma gruta. As cadeiras possuem maravilhosos estofados e há tapetes de cores alegres sobre o piso; numa mesa redonda, há livros e cartas cuidadosamente organizados. Sobre a cornija da lareira, há vasos com gramíneas secas – e, entre estes, uma alegre decoração de placas de caixões^[33] preservadas... cinco ao todo, que correspondem respectivamente aos pais de Janet, um irmão, sua irmã Anne e um empregado que morreu por aqui. Se, um dia desses, eu enlouquecer repentinamente, ‘saibam todos, por este presente instrumento’ que a culpa é daquelas placas.

“Entretanto, tudo é bastante aprazível, e assim eu o disse a Janet. Ela se afeiçoou a mim por isto, assim como detestou a pobre Esther, que se atreveu a dizer que o excesso de sombra não é uma coisa higiênica e recusou-se a dormir em um colchão de penas. Ora, eu me sinto glorificada quando durmo em colchões de penas, e quanto mais anti-higiênicos e plumosos forem, mais eu os adoro! Janet disse que gosta de me ver comer. Tinha um grande medo de que eu fosse igual a Miss Haythorne, que não comia nada além de frutas e água quente no café da manhã e tentava fazer com que Janet renunciasse às frituras. Esther é uma jovem verdadeiramente adorável, mas é cheia de manias. O problema é que ela não possui muita imaginação e tem tendência a sofrer de indigestão.

“Janet me disse que eu poderia usar a sala para receber a visita de algum rapaz! Não creio que existam muitos por aqui para me visitar. Ainda não vi nenhum em Valley Road, exceto o criado do vizinho – Sam Toliver, um jovem loiro, muito alto e magro. Ele veio num fim de tarde, recentemente, e ficou sentado durante uma hora na cerca do jardim, perto da

varanda da frente, onde Janet e eu estávamos costurando. Os únicos comentários que ele fez voluntariamente foram: ‘Qué uma balinha de hortelã, senhorinha? As balinha é bem boa pra catarro, por causa das hortelã’ e ‘Que baita matagal tá aqui, hein? Arre!’

“Mas há um romance acontecendo por aqui. Parece que a minha sina é estar relacionada, de forma mais ou menos ativa, aos romances entre casais mais maduros. Mr. e Mrs. Irving sempre afirmam que fui eu quem armei o casamento deles. Mrs. Stephen Clark, de Carmody, persiste em sua absoluta gratidão para comigo devido a uma sugestão que qualquer outra pessoa poderia ter dado em meu lugar^[34]. Todavia, eu realmente acredito que Ludovic Speed nunca teria avançado além de um plácido namorico se eu não tivesse ajudado a ele e Theodora Dix.

“No romance atual, sou meramente uma espectadora passiva. Uma vez, tentei ajudar as coisas a andarem e só consegui armar a maior confusão! Então, não devo voltar a me intrometer. Contarei todos os detalhes quando nos encontrarmos.”

Capítulo XXXII

Chá com Mrs. Douglas

Na noite da primeira quinta-feira após sua chegada a Valley Road, Janet convidou Anne para acompanhá-la à reunião de oração. Janet florescia feito uma rosa quando participava de tais reuniões. Usava um vestido de musselina azul pálido, salpicado de amores-perfeitos bordados e com mais babados do que jamais se poderia esperar da econômica Janet, e um chapéu branco de palha trançada, enfeitado com rosas e três penas de avestruz. Anne teve uma enorme surpresa ao vê-la. Mais tarde descobriu o motivo que fazia Janet arrumar-se dessa maneira... um motivo tão antigo quanto o Éden.

As reuniões de oração de Valley Road pareciam ser essencialmente femininas. Estavam presentes trinta e duas mulheres, dois rapazes adolescentes e um homem solitário, além do pastor. Quando deu por si, Anne estava analisando esse homem. Ele não era bonito, nem jovem ou gracioso. Tinha as pernas notavelmente longas – tão longas que era preciso mantê-las encolhidas embaixo da cadeira – e seus ombros eram curvados. As mãos eram grandes e tanto os cabelos quanto o bigode precisavam dos cuidados de um barbeiro. Mas Anne gostou do semblante dele, que expressava gentileza, honestidade e ternura; e também havia algo mais – algo que Anne achou difícil de definir. Ela finalmente concluiu que aquele homem tinha sofrido e se mantido forte, e isso estava estampado em seu rosto. Em sua expressão havia um tipo de resignação paciente e humorística, indicando que poderia chegar às situações mais extremas se fosse necessário, mas que continuaria parecendo simpático até realmente começar a se aborrecer.

Ao término da reunião, este cavalheiro aproximou-se de Janet e disse:

— Permite-me acompanhá-la até sua casa, Janet?

Janet tomou o braço dele, *“tão afetada e tímida como uma mocinha de dezesseis anos, sendo acompanhada pela primeira vez”*, como Anne relatou às meninas de Patty’s Place, um tempo depois.

— Miss Shirley, permita-me apresentá-la ao Mr. Douglas – ela disse,

com cerimônia.

Mr. Douglas assentiu e comentou:

— Estive contemplando-a durante a reunião, senhorita, e pensando que adorável juvenzinha a senhorita é.

Noventa e nove pessoas entre cem teriam incomodado Anne amargamente se tivessem dito essas palavras, mas o tom com que Mr. Douglas as proferiu fizeram-na sentir que havia recebido um elogio muito verdadeiro e sincero. Ela sorriu de forma apreciativa para ele, e seguiu-os amavelmente pela estrada iluminada pela luz do luar.

Então Janet tinha um pretendente! Anne estava encantada. Janet seria uma esposa exemplar – alegre, econômica, tolerante, e a própria rainha das cozinheiras! Seria um vergonhoso desperdício da Natureza se ela ficasse solteira para sempre.

— John Douglas pediu-me que a levasse para conhecer a mãe dele – ela anunciou, no dia seguinte. — Ela passa a maior parte do tempo em cima da cama e nunca sai de casa. Mas gosta muitíssimo de ter companhia e sempre quer conhecer minhas pensionistas. Você pode ir esta tarde?

Anne concordou; porém, mais tarde, naquele mesmo dia, Mr. Douglas veio fazer o convite em nome de sua mãe, para que ambas fossem tomar o chá com ela no sábado à tarde.

— Oh, por que não usa o seu lindo vestido bordado? – perguntou Anne, quando saíram de casa. Era um dia quente e a pobre Janet, entre sua empolgação e seu pesado vestido preto de casimira, parecia que estava sendo assada viva.

— Receio que a velha Mrs. Douglas iria pensar que sou terrivelmente fútil e inadequada. Mas John gosta daquele vestido – agregou, pensativa.

A antiga propriedade dos Douglas ficava a meia milha de Wayside, no topo de uma colina açoitada pelos ventos. A casa em si era ampla e confortável, antiquada o bastante para ser cheia de dignidade e cercada por um bosque de bordos e pomares. Nos fundos estavam os celeiros, espaçosos e bem cuidados, e todo o conjunto indicava prosperidade. Anne refletiu que quaisquer que fossem as dificuldades que marcaram aquela paciente

resignação no semblante de Mr. Douglas, não tinha sido nada relacionado a dívidas e credores.

John Douglas as aguardava na porta e as conduziu até a sala de visitas, onde sua mãe estava majestosamente sentada numa poltrona.

Anne imaginara que a velha Mrs. Douglas fosse magra e alta como seu filho. Ao invés disso, era um pequeno fragmento de mulher, com suaves bochechas rosadas, meigos olhos azuis e a boca igual a de um bebê. Trajando um belo e elegante vestido de seda preta com um felpudo xale branco sobre os ombros, e os alvos cabelos presos num delicado gorro de renda, ela mais parecia uma vovozinha de porcelana.

— Como vai, minha estimada Janet? – perguntou, com doçura. — Estou tão feliz por vê-la novamente, querida! – e inclinou o belo rosto idoso para ser beijado. — E esta é nossa nova professora. Estou encantada em conhecê-la! Meu filho expressou tantos louvores pela senhorita que até fiquei um pouco enciumada, e tenho certeza de que Janet deve estar cheia de ciúme.

A pobre Janet enrubesceu, Anne falou algo amável e convencional, e então todos sentaram-se para conversar. Esta foi uma tarefa difícil até mesmo para Anne, pois ninguém parecia estar à vontade – exceto Mrs. Douglas, que certamente não tinha nenhuma dificuldade para falar. Fez com que Janet se sentasse ao seu lado e lhe acariciava a mão ocasionalmente. Janet sorria, parecendo estar terrivelmente desconfortável em seu vestido horrendo, e John Douglas permanecia sentado sem sorrir.

À mesa do chá, Mrs. Douglas pediu graciosamente que Janet a servisse. Ela ficou ainda mais vermelha, mas o fez. Anne descreveu esta refeição em uma carta para Stella:

“Comemos carne fria e frango; compotas de morango, torta de limão, torta salgada, bolo de chocolate, biscoito de passas, bolo inglês e bolo de frutas – e algumas outras coisas, incluindo mais variedades de torta – de caramelo, acho que era. Depois de eu ter comido o dobro do que devia, Mrs. Douglas suspirou e disse que lamentava não ter nada mais que tentasse meu apetite.”

— Temo que a comida da minha querida Janet faça com que a senhorita considere qualquer outro prato pouco apetitoso – concluiu,

amavelmente. — É claro que ninguém em Valley Road aspira rivalizar com *ela*. Não vai aceitar outra fatia de torta, Miss Shirley? A senhorita não comeu *nada*.

“Stella, eu tinha comido uma porção de carne e uma de frango, três biscoitos, uma generosa quantidade de compota, uma fatia de torta doce, uma de torta salgada e um pedaço quadrado de bolo de chocolate!”

Depois do chá, Mrs. Douglas sorriu com benevolência e pediu que John acompanhasse a “querida Janet” para colher rosas no jardim.

— Miss Shirley me fará companhia enquanto isso, não é mesmo? — perguntou, em tom queixoso, e sentou-se na poltrona com um suspiro. — Sou uma velha muito frágil, Miss Shirley. Faz mais de vinte anos que sofro enormemente. Estou morrendo, pouco a pouco, há vinte longos e exaustivos anos.

— Que lástima! — exclamou Anne, tentando ser simpática, mas conseguindo apenas sentir-se idiota.

— Em inúmeras noites, pensei que não chegaria a ver o nascimento de um novo dia — prosseguiu, em tom solene. — Ninguém sabe o que tenho passado... ninguém pode entender, exceto eu mesma. Bem, isso já não pode durar muito agora. Minha triste peregrinação chegará ao fim em breve, Miss Shirley. Para mim é um grande conforto saber que John terá uma boa esposa para cuidar dele quando sua mãe se for; um grande conforto, Miss Shirley.

— Janet é uma mulher adorável — disse Anne, de forma cordial.

— Adorável! Um caráter maravilhoso! — assentiu Mrs. Douglas. — É uma perfeita dona de casa... algo que eu mesma nunca fui. Minha saúde nunca o permitiu, Miss Shirley. Estou francamente agradecida a John por ter feito uma escolha tão sábia. Espero que ele seja muito feliz e creio que será. Ele é meu único filho, Miss Shirley, e a felicidade dele é a minha.

— É claro — concordou Anne, estupidamente. Pela primeira vez em sua vida, sentia-se idiota. Mas não conseguia entender o porquê. Parecia não ter absolutamente nada a dizer a essa senhorinha doce, sorridente e angelical, que lhe acariciava a mão com tamanha afabilidade.

— Volte logo para me ver, querida Janet — ela pediu, com

amabilidade, no momento da partida. — Você não vem tanto quanto era esperado. Mas eu presumo que, um dia desses, John vai trazê-la para ficar para sempre.

Involuntariamente, Anne olhou de relance para John Douglas, enquanto a mãe falava, e teve um sobressalto perante o evidente desespero dele. Assemelhava-se a um homem torturado, quando os carrascos lhe infligiam a última rodada de castigos. Podia garantir que ele iria desfalecer e apressou-se a sair com a ruborizada Janet.

— A velha Mrs. Douglas não é uma doçura de senhora? – perguntou Janet, enquanto desciam a colina.

— Aham – murmurou Anne, distraída. Perguntava-se a razão de John Douglas ter se sentido daquela maneira.

— Ela sofre muitíssimo – continuou Janet, com sensibilidade. — Tem crises terríveis e John está constantemente preocupado. Ele tem medo de sair de casa porque a mãe pode ter um ataque nesse meio tempo, e então não haveria ninguém além da criada para ajudar.

Capítulo XXXIII

“Ele Continuava Vindo e Vindo”

Três dias depois, ao regressar da escola, Anne encontrou Janet chorando. “Lágrimas” e “Janet” pareciam ser tão incompatíveis entre si, que Anne ficou francamente alarmada.

— Oh, o que aconteceu? – perguntou, ansiosa.

— Estou... estou completando quarenta anos hoje – soluçou Janet.

— Bem, ontem você estava quase com essa idade, mas isso não parecia feri-la – consolou Anne, tentando não sorrir.

— Mas... mas – ela continuou, com um grande soluço –, John Douglas não me pediu em casamento!

— Oh, mas vai pedir! – disse Anne, com pouca convicção. — Você precisa dar tempo a ele, Janet.

— Tempo! – exclamou, com indescritível desdém. — Ele já teve vinte anos! De quanto tempo ele ainda precisa?

— Quer dizer que John Douglas está visitando você há *vinte anos*?

— Sim! E nunca proferiu a palavra “matrimônio” na minha frente! E não creio que fará isso agora. Nunca mencionei uma palavra a respeito disso a ninguém, mas me parece que finalmente *tenho que pôr para fora*, ou então ficarei louca! John Douglas começou a me visitar vinte anos atrás, antes da morte da minha mãe. Bem, ele continuou vindo, e vindo, e depois de um tempo comecei a preparar meu enxoval, mas ele nunca disse nada sobre nos casarmos, só continuava vindo e vindo! Não havia nada que eu pudesse fazer. Mamãe faleceu quando completamos oito anos de visitas. Pensei, então, que ele iria pedir minha mão, vendo que eu tinha ficado sozinha no mundo. Mostrou-se muito gentil e compassivo, e fez tudo que podia por mim, mas jamais falou em casamento. E é assim que seguimos desde então. As pessoas culpam a *mim* por isso. Dizem que não me caso com ele porque Mrs. Douglas está muito doente e que eu não quero me incomodar em cuidar dela. Ora, eu

adoraria cuidar da mãe de John! Mas eu deixo que pensem assim. Prefiro que me critiquem a que se compadeçam de mim. É tão humilhante que John não me peça em casamento! E *por que* não pede? Tenho a impressão de que eu não sofreria tanto se soubesse a razão.

— Talvez a mãe não queira que ele se case com ninguém – sugeriu Anne.

— Oh, ela quer! Mais de uma vez me falou que adoraria ver John casado antes da sua hora chegar. Ela está sempre fazendo insinuações; você mesma ouviu, no outro dia. Queria que a Terra tivesse me engolido!

— Isso está além da minha compreensão – disse Anne, incapaz de prosseguir. Pensou em Ludovic Speed. Mas os dois casos não tinham comparação. John Douglas não era o mesmo tipo de homem.

— Você deveria ter tido mais personalidade, Janet – continuou, resoluta. — Por que não mandou que ele fosse cuidar da própria vida há muito tempo?

— Não consegui – admitiu a pobre Janet, pateticamente. — Veja, Anne, sempre gostei muito de John. Ele podia muito bem continuar a vir ou não, pois nunca gostei de outro rapaz... então, não importava.

— Mas poderia tê-lo feito agir como homem – insistiu Anne.

Janet balançou a cabeça.

— Não, creio que não. De qualquer modo, tive medo de tentar, por temer que ele se fosse de vez se pensasse que eu não me importava. Suponho que eu seja uma criatura pobre de espírito, mas é como me sinto. E não consigo mudar.

— Oh, você *poderia* mudar, Janet! Ainda não é tarde demais! Tome uma decisão. Faça aquele homem saber que você não vai mais suportar esse comportamento indeciso. Eu *vou* apoiá-la.

— Não sei – respondeu, desesperançada. — Não sei se terei coragem o bastante. As coisas foram longe demais. Mas pensarei no assunto.

Anne sentiu-se desapontada com John Douglas. Tinha gostado tanto dele e não pensava que fosse do tipo de homem irresponsável, capaz de

brincar com os sentimentos de uma mulher durante vinte anos. Ele certamente precisava de uma boa lição e Anne pensou, vingativamente, que iria adorar observar todo o processo. Por isso ficou muito contente quando Janet anunciou, enquanto se dirigiam para a reunião de oração na noite seguinte, que aceitara seu conselho e que mostraria *personalidade*.

— Vou mostrar a John Douglas que não permitirei que continue pisoteando em mim.

— Você está absolutamente certa – concordou Anne, enfaticamente.

Ao final da reunião, John Douglas aproximou-se de Janet com seu pedido habitual. Ela pareceu assustada, mas resoluta.

— Não, obrigada – respondeu, friamente. — Conheço muito bem o caminho para ir sozinha até minha casa. Não poderia ser diferente, considerando que faço o mesmo trajeto há quarenta anos. Portanto, *o senhor* não precisa se preocupar, *Mr. Douglas*.

Anne contemplou o rosto de John Douglas e, sob a brilhante luz da lua, viu que o homem tinha recebido o golpe de misericórdia de suas torturas. Sem dizer uma palavra, John deu meia volta e pôs-se a caminhar pela estrada.

— Pare! Pare! – gritou Anne, freneticamente, sem dar a mínima para o olhar confuso dos espectadores. — *Mr. Douglas*, pare! Volte aqui!

John Douglas deteve-se, mas não voltou. Anne correu pela estrada, pegou-o pelo braço e o arrastou brandamente até onde estava Janet.

— O senhor tem que voltar – implorou. — Foi tudo um engano, *Mr. Douglas*... tudo por minha culpa! Eu aconselhei Janet a fazer isso. Ela não queria... mas está tudo bem agora, não é, Janet?

Sem dizer uma palavra, Janet deu o braço ao cavalheiro e os dois se afastaram. Anne os seguiu humildemente até a casa e entrou com discrição pela porta dos fundos.

— Bem, você é uma excelente amiga para dar apoio – comentou Janet, com sarcasmo.

— Não pude evitar, Janet! – disse Anne, arrependida. — Senti como se eu tivesse ficado de braços cruzados ao presenciar um assassinato. Eu *tive*

que correr atrás dele!

— Oh, mas estou feliz por você ter feito isso! Quando vi John Douglas dando as costas e indo embora pela estrada, senti como se cada gotinha de felicidade e alegria que ainda restava em minha vida estivesse se esvaindo junto com ele. Foi uma sensação horrível!

— Ele perguntou por que você agiu daquele jeito?

— Não, não disse uma palavra sobre o assunto – ela respondeu, lentamente.

Capítulo XXXIV

John Douglas Decide Falar

Anne mantinha uma fraca esperança de que algo ainda iria acontecer, apesar de tudo. Mas nada aconteceu. John Douglas tornou a vir, levou Janet para passear e a acompanhou até sua casa depois da reunião de oração, tal como fizera nos últimos vinte anos – e parecia inclinado a continuar fazendo por mais vinte.

O verão chegou ao fim. Anne dava aulas, escrevia cartas e estudava um pouco. Suas caminhadas para ir e vir da escola eram deliciosas. Sempre percorria o atalho do pântano. Era um lugar adorável: um terreno alagadiço e enverdecido pelos outeiros musgosos, com um ruidoso riacho que corria sinuoso, rodeado por eretos abetos vermelhos cujos galhos formavam uma trilha de pequenos morros cinza-esverdeados e cujas raízes eram cobertas por todo tipo de beleza florestal.

Não obstante, Anne considerava a vida em Valley Road um pouco monótona. Para falar a verdade, houve um incidente divertido.

Anne não tinha tornado a ver o magro e loiro Samuel Toliver – o rapaz das balas de hortelã – desde a tarde de sua visita, com exceção de um ou outro encontro fortuito na estrada. Porém, numa noite quente de agosto, o rapaz apareceu e sentou-se solenemente no banco rústico da varanda. Usava suas roupas de trabalho, que consistiam numa calça cheia de remendos, uma camisa de jeans azul com buracos nos cotovelos e um esfarrapado chapéu de palha. Mascava uma palha, e assim continuou enquanto olhava para Anne com ar solene. Com um suspiro, ela deixou o livro de lado e tomou o guardanapo que estava bordando. Uma conversa com Sam estava realmente fora de questão.

Após um longo silêncio, o rapaz falou de repente.

— *Tô saindo dali* – disse, de forma abrupta, apontando a palha na direção da casa vizinha.

— Oh, é mesmo? – perguntou Anne, com educação.

— Aham.

— E para onde vai?

— Olha, eu *tava* pensando em *procurá* um lugar *pra mim morá*. Tem uma casa que podia *servi pra* mim, lá *pros lado* de Millersville. *Mais*, se eu *alugá*, *vô querê* uma *mulhé*.

— Suponho que sim – concordou Anne, vagamente.

— Pois é.

Houve outro longo silêncio. Finalmente, Sam voltou a tirar a palha da boca e perguntou:

— A *sinhorinha* ficaria comigo?

— O–o–o quê?! – ela gaguejou.

— A *sinhorinha* ficaria comigo?

— Você quer dizer... me *casar* com você? – questionou a pobre Anne, debilmente.

— É.

— Ora, eu mal o conheço! – gritou, indignada.

— *Mais* daí a gente vai se *conhecê* depois de *casá*.

Anne reuniu toda a sua pobre dignidade.

— Eu certamente não me casarei com você – respondeu, arrogantemente.

— Arre! A *sinhorinha* podia *tá pió* – protestou Sam. — Eu *sô trabalhadô* e tenho *uns dinhêro* no banco.

— Nunca mais fale sobre isso comigo! Quem pôs essa ideia na sua cabeça? – indagou Anne, cujo senso de humor estava começando a sobrepujar sua ira, de tão absurda que era a situação.

— A *sinhorinha* é uma moça muito linda e tem um jeitinho muito esperto de *sê* – elogiou Sam. — Eu *num* quero *mulhé* preguiçosa. *Pó pensá*

no assunto. *Num vô mudá* de ideia. Bom, tenho que *i* embora. *Tá* na hora de *ordenhá as vaca*.

As ilusões de Anne com relação aos pedidos de casamento tinham sofrido de tal maneira nos últimos anos que quase não restava mais nenhuma. Assim, ela pôde rir com gosto desta última, sem sentir uma única ferroadinha secreta. Naquela noite, imitou o pobre Sam para Janet e as duas riram sem moderação da iniciativa sentimental do rapaz.

Uma tarde, quando se aproximava o fim da permanência de Anne em Valley Road, Alec Ward chegou de charrete em Wayside e chamou Janet com muita urgência.

— Estão precisando da senhorita na casa dos Douglas agora mesmo! – ele disse. — Creio que a velha Mrs. Douglas finalmente vai morrer de verdade, depois de fingir que estava morrendo durante os últimos vinte anos.

Janet correu para pegar o chapéu. Anne perguntou se Mrs. Douglas estava pior do que de costume.

— Não está tão mal – respondeu Alec –, e é por isso que eu acho que é sério. Das outras vezes, ela costumava ficar gritando e se atirando de um lado para o outro. Mas, desta vez, está deitada e muda. Quando Mrs. Douglas fica muda, é porque está muito mal, pode apostar!

— Você não gosta da velha Mrs. Douglas? – inquiriu Anne, com curiosidade.

— Gosto de gatos que são gatos. Não gosto de gatos no formato de mulheres – foi a resposta enigmática de Alec.

Janet voltou para casa ao anoitecer.

— Mrs. Douglas morreu – anunciou, exausta. — Morreu logo depois que cheguei lá. Falou comigo só uma vez: “*Creio que vai se casar com John agora?*”. As palavras dela me cortaram o coração, Anne! Pensar que a própria mãe de John pensava que eu não me casava com ele por causa dela! Eu também não pude dizer nada, porque outras mulheres estavam lá. Fiquei agradecida por John ter saído do quarto.

Janet começou a chorar desconsoladamente, e Anne preparou um chá

quente de gengibre para confortá-la. De fato, algum tempo depois, Anne descobriu que tinha usado pimenta branca ao invés de gengibre, mas Janet nunca percebeu a diferença.

No fim de tarde que se seguiu ao funeral, Janet e Anne estavam sentadas nos degraus da varanda da frente ao pôr do sol. O vento havia adormecido nos bosques de pinheiros e sinistros relâmpagos tremeluziam ao cruzar o céu setentrional. Janet usava seu horrendo vestido preto e seu aspecto estava pior do que nunca, com os olhos e o nariz vermelhos de tanto chorar. Elas conversaram pouco, pois Janet parecia não estar gostando dos esforços de Anne para animá-la. Ela evidentemente preferia sentir-se infeliz.

De súbito, ouviram um ruído no trinco do portão e John Douglas entrou no jardim. Caminhou em direção a elas em linha reta, por cima do canteiro de gerânios. Janet se levantou e Anne também. Anne era uma moça alta e usava um vestido branco, mas John Douglas não a enxergou.

— Janet – ele disse –, você quer se casar comigo?

Suas palavras irromperam como se estivessem ansiando por serem ditas há vinte anos e *precisassem* ser expressadas naquele instante, antes de qualquer outra coisa.

O rosto de Janet estava tão vermelho das lágrimas que não poderia ficar ainda mais, e então transformou-se num desfavorável tom de roxo.

— Por que você não me pediu antes? – ela perguntou, lentamente.

— Não pude! Ela me fez prometer... minha mãe me obrigou a prometer que não pediria. Dezenove anos atrás ela teve uma crise terrível. Pensamos que não sobreviveria. Ela, então, implorou-me para que eu promettesse que não pediria você em casamento enquanto ela estivesse viva. Eu não queria fazer a promessa, mas todos pensávamos que ela não iria viver por muito mais tempo... o médico lhe dera apenas seis meses. Mas minha mãe suplicou de joelhos, enferma e sofredora. Tive que cumprir a promessa.

— E o que a sua mãe tinha contra mim? – gritou Janet.

— Nada... não tinha nada. Ela só não queria outra mulher – *nenhuma* mulher – em sua casa enquanto vivesse. Disse-me que, se eu não promettesse, ela morreria ali mesmo e eu seria o responsável! Então eu prometi. E ela me

obrigou a manter a promessa desde então, apesar de eu ter me ajoelhado diante dela, implorando para que me liberasse do juramento.

— Por que você não me contou nada disso? – perguntou Janet, sufocada. — Se eu ao menos *soubesse*! Por que não me contou?

— Ela me fez prometer que não contaria a ninguém – ele explicou, com voz rouca. — Tive que jurar com a mão sobre a Bíblia! Janet, eu jamais prometeria uma coisa dessas se imaginasse que seria por tanto tempo! Janet, você nunca saberá o que eu tenho sofrido nesses dezenove anos. Sei que a fiz sofrer também, mas você vai se casar comigo apesar de tudo isso, não vai, Janet? Oh, Janet, você não vai? Vim assim que pude para pedir a sua mão.

Nesse momento, a estupefata Anne recobrou os sentidos e percebeu que estava sobrando naquela cena. Saiu dali de fininho e não tornou a ver Janet até a manhã seguinte, quando ela lhe contou o restante da história.

— Aquela velha traiçoeira, cruel e impiedosa! – exclamou Anne.

— Acalme-se... ela está morta – disse Janet, com ar solene. — Se ela não estivesse... mas *está*. Então, não devemos falar mal dela. Mas finalmente estou feliz, Anne! E não teria me importado de esperar tanto, se soubesse o porquê.

— Quando será o casamento?

— No mês que vem. Obviamente, será uma cerimônia bem íntima. Presumo que será o maior falatório. As pessoas dirão que me apressei em amarrar John assim que sua pobre mãe estava fora do caminho. John queria contar a verdade a todos, mas eu disse: “*Não, John, apesar de tudo ela era sua mãe, e temos que manter o segredo entre nós para não lançarmos nenhuma sombra sobre a memória dela. Não me importa o que o povo vai falar, agora que eu sei a verdade. Não me importo nem um pouquinho. Deixe que tudo isso seja enterrado com os mortos.*” Foi assim que o convenci a concordar comigo.

— Você é muito mais indulgente do que eu jamais poderei ser – comentou Anne, um pouco zangada.

— Você vai pensar de modo diferente quando tiver a minha idade – redarguiu a complacente Janet. — Esta é uma das coisas que aprendemos

conforme vamos envelhecendo... como perdoar. E é muito mais fácil de conseguir aos quarenta anos do que aos vinte.

Capítulo XXXV

Começa o Último Ano em Redmond

— Aqui estamos nós, de novo, queimadas do sol pela vida ao ar livre e com o vigor de um homem forte pronto para disparar numa corrida! – exclamou Phil, sentando-se sobre uma maleta com um suspiro de satisfação. — Não é maravilhoso voltar a ver nossa velha e amada Patty’s Place... e a titia... e os gatos? Rusty perdeu outro pedaço da orelha, não é mesmo?

— Ainda que não tivesse nenhuma orelha, Rusty seria o melhor gato do mundo – declarou a leal Anne, sentada sobre a tampa de seu baú, enquanto Rusty se acomodava em seu colo num frenesi de boas-vindas.

— A senhora não está contente de nos ter de volta, titia? – perguntou Phil.

— Sim, mas gostaria que vocês organizassem as coisas – resmungou tia Jamesina, enquanto olhava para a infinidade de baús e maletas que circundava as quatro moças risonhas e tagarelas. — Vocês podem continuar conversando mais tarde. Primeiro a obrigação, depois a diversão; este era o meu lema na juventude.

— Oh, titia, nossa geração mudou esse lema! Nosso lema é: divirta-se bastante e depois enfie a cabeça no trabalho. Podemos cuidar muito melhor das nossas tarefas depois de uns bons momentos de brincadeira.

— Se você vai se casar com um pastor, terá que desistir de usar expressões tais como “*enfiar a cabeça*” – comentou tia Jamesina, pegando Joseph e seu tricô, e resignando-se diante do inevitável com a graça encantadora que a tornava a rainha das cuidadoras.

— Por quê? Oh, por que esperam que a esposa do pastor só use um vocabulário intencionalmente formal e puritano? Eu farei diferente. Todos na Rua Patterson usam expressões populares – quero dizer, linguagem metafórica –, e se eu não fizer o mesmo eles irão me considerar insuportavelmente orgulhosa e pedante.

— Já comunicou as novidades à sua família? – perguntou Priscilla, que estava alimentando a Gata-Sarah com o que restava em sua cesta.

Phil assentiu.

— Como receberam a notícia?

— Oh, mamãe armou o maior alvoroço! Mas eu fiquei firme feito uma rocha – justo eu, Philippa Gordon, que nunca antes tinha sido capaz de me decidir por nada! Meu pai ficou mais calmo. O pai dele era pastor, e por isso ele guarda um lugar no coração para os clérigos. Depois que minha mãe se acalmou, levei Jo para Mount Holly e os dois se encantaram com ele. Porém, mamãe fez diversas insinuações terríveis em todas as conversas, no tocante aos planos que ela tinha para a minha vida. Oh, minhas férias não foram exatamente um mar de rosas, queridas. Mas eu triunfei e conquistei Jo! Nada mais importa.

— Para você – retrucou tia Jamesina, obscuramente.

— Nem para o Jo – retorquiu Phil. — A senhora continua se compadecendo dele. Ora, por quê? Acho que ele tem é que ser invejado. *Em mim*, ele conseguiu uma mulher inteligente, linda e com o coração de ouro!

— O bom é que ao menos *nós* sabemos como entender seus discursos – disse tia Jamesina, com paciência. — Espero que não fale desse jeito diante de estranhos. O que pensariam de você?

— Oh, nem quero saber o que pensariam! Não quero me ver como os outros veem. Estou certa de que seria terrivelmente desconfortável na maioria das vezes. Tampouco acredito que Burns tenha sido sincero naquela oração^[35].

— Oh, ousou dizer que todos nós pedimos por coisas que não desejamos de verdade, se tivéssemos coragem o suficiente para olhar o íntimo de nossos corações – reconheceu tia Jamesina, candidamente. — Imagino que esse tipo de oração não passe nem do teto. Eu costumava pedir a Deus para ser capaz de perdoar uma certa pessoa, mas agora compreendo que eu não queria realmente perdoá-la. Quando finalmente *quis*, eu a perdoei sem ter que orar pedindo por isso.

— Não consigo imaginá-la guardando rancor de alguém por tanto

tempo – disse Stella.

— Oh, eu costumava guardar! Mas, conforme os anos foram passando, percebi que não vale a pena.

— Isso me faz lembrar de algo que eu queria contar a vocês – disse Anne, e começou, então, a relatar a história de amor de John e Janet.

— E agora nos conte sobre a cena romântica que você mencionou tão misteriosamente em uma de suas cartas – pediu Phil.

Anne encenou o pedido de casamento de Samuel de forma bem exagerada. As meninas riram com vontade, e tia Jamesina apenas sorriu.

— Não é de bom tom debochar dos seus pretendentes – censurou, com severidade –, mas devo confessar que sempre fiz isso – agregou, com tranquilidade.

— Conte-nos sobre seus pretendentes, titia! – rogou Phil. — A senhora deve ter tido inúmeros.

— Eles não estão no tempo passado – corrigiu tia Jamesina. — Ainda os tenho. Há três viúvos na minha cidade que há muito tempo me encaram com olhares lânguidos como os de um carneiro. Vocês, crianças, não pensem que todo o romance do mundo lhes pertence.

— Viúvos e olhares de carneiro não parecem palavras muito românticas, titia.

— Bem, não são mesmo. Mas os jovens também não são sempre tão românticos. Alguns dos meus pretendentes com certeza não eram. Eu costumava rir deles de forma escandalosa, pobres rapazes. Havia um certo Jim Elwood, que vivia sonhando acordado e nunca parecia entender o que estava acontecendo. Não compreendeu que eu tinha dito “*não*” até um ano depois do fato ocorrido. Quando se casou, a esposa caiu do trenó numa noite, quando voltavam da igreja, e ele nem percebeu! Tinha também o Dan Winston. Ele era um sabe-tudo. Conhecia tudo sobre tudo neste mundo e no mundo porvir. Podia responder a qualquer questionamento, mesmo se lhe perguntassem quando seria o Dia do Juízo Final. Milton Edwards era muito bom e eu gostava dele, mas não nos casamos. Por duas razões: primeiro, porque ele demorou uma semana para entender uma piada; e segundo, porque

nunca pediu minha mão. Horatio Reeve foi o pretendente mais interessante que eu tive. Mas, quando contava uma história, ele a enfeitava tanto, que eu nunca consegui distinguir se ela estava mentindo ou se só deixava a imaginação correr solta.

— E sobre os outros, titia?

— Vamos lá, tratem de desfazer as malas – cortou tia Jamesina, jogando o pobre Joseph nas meninas quando pretendia atirar uma agulha. — Os outros eram bons demais para rirmos deles. Respeitarei suas memórias. Há uma caixa de flores em seu quarto, Anne. Foram entregues há aproximadamente uma hora.

Após a primeira semana, as mocinhas de Patty's Place estabeleceram um ritmo constante de estudos, pois este era o último ano em Redmond e deviam batalhar com persistência pelas honras da graduação. Anne se dedicou ao Inglês, Priscilla aos Clássicos e Philippa atacou a Matemática. Às vezes, o cansaço lhes assomava; às vezes, o desalento; e, noutras vezes, parecia que nada valia tamanho sacrifício. Neste estado de humor Stella entrou no quarto azul, numa chuvosa noite de novembro. Anne estava sentada no chão, dentro de um pequeno círculo de luz projetada por uma lamparina ao seu lado, rodeada por uma pilha de manuscritos amassados.

— O quê, em nome de Deus, você está fazendo?

— Apenas relendo umas narrativas duvidosas do antigo Clube de Contos. Queria algo para me animar e inebriar. Estudei tanto, mas tanto, que o mundo me pareceu azul escuro. Então vim aqui e tirei estes contos de dentro do baú. São tão encharcados de lágrimas e tragédias que soam extremamente engraçados.

— Eu também me sinto triste e desencorajada – comentou Stella, deixando-se cair no sofá. — Parece que nada vale a pena. Minhas próprias ideias são velhas. Já pensei em todas elas antes. Afinal, Anne, de que vale viver?

— Querida, é a fadiga que nos faz sentir assim, e o clima também. Uma noite de chuva torrencial como esta, depois de um dia estafante, iria oprimir qualquer um, exceto um tipo como Mark Tapley^[36]. Você sabe que *vale* a pena viver.

— Oh, creio que sim. Mas não consigo convencer-me neste momento.

— Basta pensar em todas as almas nobres e grandiosas que viveram e trabalharam neste mundo – disse a sonhadora Anne. — Não é válido vir depois de todas elas e herdar suas conquistas e ensinamentos? Não é válido pensar que podemos partilhar de suas inspirações? E, então, todas as almas grandiosas que virão no futuro... não é válido trabalhar um pouquinho, preparar o caminho para elas e lhes facilitar as coisas, nem que seja apenas um passo em suas trajetórias?

— Oh, minha mente concorda com você, Anne. Mas minha alma continua sombria e sem inspiração. Sempre fico lastimosa e desanimada em noites de chuva.

— Em algumas noites eu gosto da chuva... gosto de ficar deitada ouvindo as gotas tamborilando no telhado e escorrendo pelos pinheiros.

— Eu também gosto da chuva quando não ultrapassa o telhado. Mas nem sempre cai só ali. No último verão, passei uma noite insuportável num velho casarão de fazenda. O telhado tinha goteiras e a chuva começou a cair justamente sobre a minha cama! Não havia nada de *poético* naquilo. Precisei me levantar nas trevas da meia-noite e me apressar para arrastar a cama, afastando-a da goteira – e era uma daquelas camas antigas e sólidas, que pesam mais ou menos uma tonelada! E, então, tive que aguentar o pinga-pinga incessante, que continuou até que meus nervos estivessem em frangalhos! Você não faz ideia do ruído esquisitíssimo de uma grande gota de chuva caindo no meio da noite, com aquela batida empapada no piso sem tapetes. Parecem pegadas de fantasmas, ou coisas do estilo. Do que está rindo, Anne?

— Destas histórias. Como diria Phil, elas são de matar – e em mais de um sentido, pois todo mundo morre! Que heroínas mais deslumbrantemente adoráveis nós criávamos, e como as vestíamos! Sedas, cetins, veludos, joias, rendas... elas nunca usavam outras coisas. Aqui está uma das histórias de Jane Andrews, que descreve uma donzela que dorme vestindo uma belíssima camisola de cetim branca, bordada com pérolas.

— Continue. Estou começando a sentir que a vida é válida de ser vivida, contanto que tenhamos uma boa risada.

— Aqui está uma que eu escrevi. Minha heroína está se divertindo num baile, “coberta de brilhantes dos pés à cabeça, com enormes diamantes da ‘melhor qualidade’”. Mas de que valiam a beleza e as riquezas? “Os caminhos da glória a conduziam para o túmulo.” Elas deviam ser assassinadas ou morrer de coração partido. Não havia escapatória.

— Deixe-me ler um de seus contos.

— Bem, aqui está minha obra-prima. Veja que título mais animador: *Meus Sepulcros*. Derramei lágrimas em abundância enquanto a escrevia, e as meninas choraram rios enquanto eu lia para elas. A mãe de Jane Andrews ralhou com ela sem parar por ter tantos lenços para lavar naquela semana. É a angustiante história das andanças da esposa de um pastor metodista. Fiz com que ela fosse metodista, pois era necessário que viajasse. A pobre enterrou um filho em cada lugar onde viveu. Eram nove crianças e as sepulturas estavam muito longe umas das outras, desde Newfoundland até Vancouver. Fiz uma descrição minuciosa de cada criança e de seus leitos de morte, detalhei suas lápides e epitáfios. Tinha a intenção de enterrar todos os nove, mas quando acabei com o oitavo, esgotou-se minha reserva de horrores e permiti que o nono continuasse vivendo como um deficiente sem esperanças.

Enquanto Stella lia *Meus Sepulcros*, acompanhando com risadas os trágicos parágrafos, e Rusty dormia o sono dos gatos justos que tinham passado a noite inteira fora, enrolado em cima de um conto de Jane Andrews a respeito de uma linda donzela de quinze anos que partiu como enfermeira rumo a uma colônia de leprosos – onde, é claro, contraía a repugnante doença e morria presa ali –, Anne olhou para todos os outros manuscritos e recordou os velhos tempos na escola de Avonlea, quando as integrantes do Clube de Contos escreviam suas histórias sentadas sob os abetos ou entre as samambaias ao lado do riacho. Como se divertiam! Enquanto lia aquelas frases, voltavam a ela os raios do sol e a alegria dos verões passados. Nem toda a glória da Grécia ou a grandeza de Roma poderiam criar tamanha magia quanto aquelas histórias divertidas e inundadas de lágrimas do Clube de Contos. Entre os manuscritos, Anne encontrou um escrito em papel de embalagem. O sorriso iluminou seus olhos acinzentados ao recordar o momento e o lugar onde havia elaborado a obra em questão. Era o esboço que tinha escrito no dia em que caiu no telhado do galinheiro no quintal das irmãs

Copp, na Estrada Tory.

Anne passou os olhos, e então percebeu que o lia atentamente. Era um curto diálogo entre ásteres e ervilhas, canários silvestres nos arbustos de lilases e o espírito guardião do jardim. Depois de ter lido, sentou-se, fitando o espaço. Quando Stella se foi, alisou o manuscrito amassado.

— Creio que farei isso – disse, de forma resoluta.

Capítulo XXXVI

A Visita das Gardners

— Há uma carta com um selo indiano para a senhora, tia Jimsie – anunciou Phil. — Aqui estão três para Stella, duas para Pris e uma gloriosamente volumosa para mim, do Jo! Não há nada para você, Anne, exceto um boletim informativo.

Ninguém percebeu o rubor de Anne quando pegou o envelope fininho que Phil lhe alcançou de forma tão descuidada. Mas, alguns instantes depois, Phil ergueu os olhos e viu uma transfigurada Anne.

— Querida, o que aconteceu de bom?

— A revista *Amiga da Juventude* aceitou um pequeno esboço que eu enviei, quinze dias atrás – disse Anne, tentando com todas as suas forças falar com a naturalidade de quem estava acostumada a ter seus rascunhos aceitos sempre que os enviava, mas falhando na tentativa.

— Anne Shirley! Que notícia gloriosa! Como foi? Quando será publicado? Eles lhe pagaram algum valor?

— Sim, enviaram um cheque de dez dólares e o editor escreveu informando que deseja conhecer melhor o meu trabalho. E esse prezado homem com certeza o conhecerá! Era um velho rascunho que encontrei na minha caixa. Eu o reescrevi e o enviei, mas nunca pensei que poderia ser aceito, pois não tinha enredo – explicou, recordando a amarga experiência de *A Reparação de Averil*.

— O que vai fazer com os dez dólares, Anne? Que acha de todas nós irmos à cidade e nos embebedarmos? – sugeriu Phil.

— Eu vou esbanjar em algum festejo louco e perverso – declarou Anne, alegremente. — Afinal, não é um dinheiro maculado como o cheque que recebi por aquela terrível história do fermento Rollings Reliable. Gastei *cada centavo* comprando roupas úteis e odiei todas cada vez que as vesti.

— E pensar que temos uma verdadeira escritora em Patty's Place –

disse Priscilla.

— É uma enorme responsabilidade – comentou tia Jamesina, solenemente.

— De fato, é – concordou Priscilla, com ar igualmente solene. — Escritores são tão caprichosos! Você nunca sabe quando ou como irão se tornar famosos. Anne pode estar escrevendo a nosso respeito.

— Eu quis dizer que a habilidade de escrever para revistas é uma enorme responsabilidade – replicou tia Jamesina, com ar severo –, e espero que Anne entenda isso. Minha filha costumava escrever contos antes de partir para o exterior, mas agora dedica sua atenção a propósitos mais elevados. Dizia com frequência que seu lema era: *“Nunca escreva uma linha que você teria vergonha de ler no seu próprio funeral.”* É melhor que você o tome para si, Anne, se vai mesmo embarcar na literatura. Embora, para ser sincera – acrescentou, perplexa –, Elizabeth sempre gargalhasse quando dizia isso. Ela ria tanto, que não sei como decidiu ser missionária. Estou grata por ela ter escolhido esse caminho. Eu orava para que assim fosse... mas... queria que ela não tivesse ido.

Então tia Jamesina ficou se perguntando o que aquele lema tinha de tão engraçado para provocar gargalhadas naquelas mocinhas levianas.

Os olhos de Anne brilharam durante todo o dia; em seu cérebro, brotavam e floresciam ambições literárias. Tal empolgação a acompanhou até a festa ao ar livre de Jennie Cooper, e nem mesmo a visão de Gilbert e Christine caminhando à frente dela e de Roy conseguiu conter a centelha de suas radiantes esperanças. Contudo, Anne não estava tão distanciada assim das coisas terrenas para ser incapaz de perceber que o andar de Christine era decididamente desajeitado.

“Mas suponho que Gilbert só olha para o rosto dela. Tão típico de um homem”, pensou Anne, com desdém.

— Você estará em casa no sábado à tarde? – perguntou Roy.

— Sim.

— Minha mãe e minhas irmãs estão planejando visitá-la – disse, em voz baixa.

Alguma coisa, que poderia ser descrita como uma vibração, passou pelo corpo de Anne; mas, decididamente, não era agradável. Ela ainda não conhecia nenhum dos parentes de Roy. Compreendia o significado desse acontecimento, que tinha, de certa forma, uma sensação de irrevocabilidade que lhe dava calafrios.

— Ficarei contente em conhecê-las – respondeu, categoricamente, e por um instante perguntou a si mesma se estaria contente de verdade. Deveria estar, é claro. Mas acaso isso não seria um tipo de provação? Havia chegado aos ouvidos de Anne fofocas sobre como as Gardners viam a “inclinação” de seu filho e irmão. Roy deve tê-las pressionado para que a visita ocorresse. Anne sabia que seria posta numa balança. O fato de aceitarem visitá-la significava que, de bom ou mau grado, elas a consideravam como um possível membro de seu clã.

“Serei eu mesma. Não *tentarei* causar uma boa impressão”, pensou, com altivez. Mas começou, então, a ponderar qual vestido seria o mais adequado para usar no sábado à tarde e se o novo penteado lhe cairia melhor do que o antigo; e, assim, a festa perdeu todo o encantamento. À noite, já tinha decidido que usaria o vestido marrom de *chiffon*, mas o cabelo ficaria preso num coque baixo.

Na sexta-feira à tarde, nenhuma das jovens teve aula em Redmond. Stella aproveitou a oportunidade para escrever um ensaio para a Philomathic Society e estava sentada à mesa no canto da sala de estar, com uma verdadeira bagunça de notas e manuscritos no chão ao seu redor. Ela sempre afirmava que não conseguia escrever uma linha, a menos que jogasse cada folha pronta no chão. Anne, vestindo seu blusão de flanela e saia de sarja, com o cabelo alvoroçado pelo vento após um passeio, estava sentada no chão, no centro da sala, provocando a Gata-Sarah com um osso dos desejos. Joseph e Rusty também estavam enroscados em seu colo. Um aroma morno e delicioso permeava toda a casa, pois Priscilla estava assando algo na cozinha. Coberta por um enorme avental e com o nariz cheio de farinha, ela entrou na sala de repente, para mostrar a tia Jamesina a cobertura que recém tinha feito para um bolo de chocolate.

Neste auspicioso momento, soou uma batida na porta. Ninguém prestou atenção, exceto Phil, que correu para abri-la, pois estava esperando o

rapaz que vinha entregar o chapéu que comprara pela manhã. No umbral, apareceram Mrs. Gardner e suas filhas.

Anne levantou-se como pôde, espantando dois gatos indignados e trocando mecanicamente o osso da mão direita para a esquerda. Priscilla, que teria que cruzar a sala para alcançar a porta da cozinha, perdeu a cabeça e enfiou o bolo de chocolate debaixo de uma almofada no sofá diante da lareira, e correu escada acima. Stella começou a juntar suas folhas fervorosamente. Apenas tia Jamesina e Phil permaneceram normais. Graças a elas, todas sentaram-se bem acomodadas em poucos instantes, até mesmo Anne. Priscilla desceu sem o avental e com o rosto limpo, Stella organizou decentemente o canto da sala e Phil salvou a situação iniciando um fluxo de conversa fiada.

Mrs. Gardner era alta, magra, elegante e requintadamente vestida; tinha uma cordialidade tão excessiva que parecia forçada. Aline Gardner era uma versão mais jovem da mãe, mas sem a cordialidade. Tentava ser agradável, mas só conseguia parecer arrogante e presunçosa. Dorothy Gardner era esguia, divertida e um tanto travessa. Anne sabia que era a irmã favorita de Roy e tratou-a com afeto especial. Seria mais parecida com Roy se tivesse os olhos escuros e sonhadores, ao invés de castanhos e marotos. Graças a ela e Phil, a visita transcorreu muito bem, exceto por uma leve tensão na atmosfera e dois desfavoráveis incidentes. Rusty e Joseph, deixados por conta própria, começaram uma brincadeira de caça e saltaram enlouquecidos no regaço de seda de Mrs. Gardner em uma das perseguições. A dama ergueu seu *lorgnette*^[37] e contemplou as formas voadoras como se fosse a primeira vez que via um gato, e Anne, tentando reprimir uma risada nervosa, desculpou-se o melhor que pôde.

— A senhorita gosta de gatos? – perguntou Mrs. Gardner, com uma leve entonação de tolerante estranheza.

Apesar de seu afeto por Rusty, Anne não era especialmente apaixonada por gatos, mas o tom usado por Mrs. Gardner a incomodou. Inconscientemente, lembrou-se de que Mrs. John Blythe, a mãe de Gilbert, era tão afeiçoada aos gatos que criava tantos quantos seu marido permitia.

— Eles são animais adoráveis, não são? – disse, em tom perverso.

— Eu nunca gostei de gatos – respondeu Mrs. Gardner, sem emoção.

— Eu amo gatos! – exclamou Dorothy. — São tão lindos e independentes! Cães são bonzinhos e generosos *demais*, e me fazem sentir desconfortável. Mas os gatos são gloriosamente humanos.

— Vocês têm dois antigos e encantadores cães de porcelana aqui! Posso vê-los de perto? – pediu Aline, cruzando o aposento em direção à lareira e, dessa maneira, sendo a causa inconsciente de outro acidente. Tomando Magog nas mãos, sentou-se na almofada sob a qual Priscilla havia escondido o bolo de chocolate. Priscilla e Anne trocaram olhares agonizantes, mas não puderam fazer nada. A majestosa Aline permaneceu sentada na almofada, discutindo a respeito dos cães de porcelana até o momento da partida.

Dorothy ficou para trás por um instante, para apertar a mão de Anne, e sussurrou impulsivamente:

— Eu *sei* que você e eu seremos grandes amigas. Oh, Roy me contou tudo sobre você! Sou a única da família a quem ele confia as coisas, pobre garoto – ninguém *poderia* fazer confidências para a mamãe ou Aline, você sabe. Como você e as outras meninas devem se divertir por aqui! Você permitiria que eu a visitasse de vez em quando, para partilhar da diversão?

— É claro, venha quando quiser! – Anne respondeu de coração aberto, agradecida por uma das irmãs de Roy ser amável. Ela nunca teria gostado de Aline, isso era certo. E Aline nunca teria gostado dela, embora Mrs. Gardner pudesse ser conquistada. Em suma, Anne suspirou de alívio quando terminou a provação.

— “*De todas as palavras tristes, faladas ou escritas, as mais tristes são: o que poderia ser sido?*”^[38]” – citou Priscilla, erguendo tragicamente a almofada. — Este bolo é, agora, o que poderíamos chamar de “um desastre achatado”. E a almofada está igualmente arruinada! Nunca me diga que sexta-feira não é um dia azarado.

— As pessoas que avisam que virão no sábado não deveriam aparecer na sexta – disse tia Jamesina.

— Suspeito que tenha sido um engano de Roy – sugeriu Phil. —

Aquele rapaz nunca está em plena consciência quando fala com Anne. Onde *está* Anne?

Ela havia subido para o quarto. Sentia uma estranha vontade de chorar. Porém, ao invés disso, começou a rir. Rusty e Joseph tinham se comportado *muito* mal! E Dorothy *era* adorável!

Capítulo XXXVII

Bacharéis Por Inteiro

— Eu queria estar morta, ou que já fosse amanhã à noite – gemeu Phil.

— Se você viver o bastante, esses dois desejos serão cumpridos – comentou Anne, calmamente.

— Para você é fácil estar tão serena. Você tem facilidade em Filosofia. Eu não... e estremeço quando penso na terrível prova de amanhã. O que Jo vai dizer se eu fracassar em Filosofia?

— Não vai fracassar. Como se saiu em Grego hoje?

— Não sei. Talvez tenha sido um bom exame e talvez tenha sido ruim o bastante para fazer Homero^[39] se revirar no caixão. Estudei e meditei tanto em cima dos cadernos até sentir-me incapaz de formar uma opinião sobre coisa alguma. Quão agradecida a pequena Phil vai ficar quando toda essa “examinação” tiver acabado.

— “Examinação”? Nunca ouvi tal palavra.

— Bem, não tenho o direito de inventar palavras como qualquer outra pessoa?

— Palavras não são inventadas. Elas germinam.

— Não importa. Começo a perceber, ainda que vagamente, que tudo ficará claro feito água limpa quando não houver mais o vulto ameaçador dos exames. Meninas, vocês se deram conta de que a nossa vida em Redmond está quase acabando?

— Eu não – respondeu Anne, em tom de queixa. — Parece que foi ontem que Pris e eu estávamos sozinhas naquela multidão de calouros em Redmond. E agora somos veteranas, fazendo nossas últimas avaliações.

— “*Poderosas, sábias e veneráveis veteranas*”^[40] – aludiu Phil. — Vocês acham que estamos realmente mais sábias do que quando chegamos

em Redmond?

— Algumas vezes vocês não agem como se estivessem – disse tia Jamesina, com severidade.

— Oh, tia Jimsie, nós não temos sido boas meninas, em geral, nestes três invernos em que a senhora cuidou de todas nós? – pleiteou Phil.

— Vocês foram as quatro moças mais queridas, doces e bondosas que já passaram juntas pela universidade – asseverou tia Jamesina, que nunca desperdiçava um elogio por inapropriada economia. — No entanto, desconfio que ainda não tenham muita sensatez. Não era esperado que tivessem, é claro. A experiência ensina a sensatez. Não se pode aprender isso em um curso universitário. Vocês estudaram na universidade durante quatro anos, e eu não; mas eu sei muito mais da vida do que vocês, juvenzinhas.

— *“Há muitas coisas que nunca seguem uma regra. Há uma enorme pilha de conhecimento que não conseguimos adquirir da universidade. Há uma porção de coisas que jamais aprendemos na escola.”* – citou Stella.

— Vocês conseguiram aprender em Redmond algo além de línguas mortas, Geometria e bobagens desse tipo?

— Oh, sim! Acho que aprendemos, titia – protestou Anne.

— Aprendemos a verdade sobre o que o Professor Woodleigh nos disse na última reunião da Philomathic Society – respondeu Phil. — Ele disse: *“O humor é o mais picante condimento no banquete da existência. Ria de seus erros, mas aprenda com eles; alegre-se em suas aflições, mas fortaleça-se com elas; zombe de suas dificuldades, mas supere-as.”* Isso não é válido aprender, tia Jimsie?

— Claro que é, querida. Quando aprender a rir das coisas que são para rir, e parar de rir das que não são, você terá ganho sabedoria e discernimento.

— O que você aprendeu em Redmond, Anne? – murmurou Priscilla.

— Acho que realmente aprendi a considerar cada pequena dificuldade como uma pilhéria, e cada grande dificuldade como o presságio de uma vitória. Em resumo, creio que foi isso que Redmond me deu – disse Anne, lentamente.

— Vou precisar recorrer a outra citação do Professor Woodleigh para expressar o que aprendi – disse Priscilla. — Lembram-se do que ele falou no discurso? *“Há muito no mundo para todos nós, se apenas tivermos olhos para ver, coração para amar e mãos para agarrar – tanto nos homens quanto nas mulheres, tanto na arte quanto na literatura, há tanto em tantos lugares para deleitarmo-nos e pelo que agradecer.”* Acredito que, em certa medida, foi isso que Redmond me ensinou, Anne.

— A julgar por tudo o que disseram, o resumo e a essência é que, em quatro anos na universidade, você pode aprender – se tiver presença de espírito para tanto – o que levaria mais ou menos vinte anos de experiência de vida para lhe ensinar. Bem, isso justifica a educação superior, na minha opinião. Era algo que sempre me causava dúvidas anteriormente – observou tia Jamesina.

— Mas o que acontece se a pessoa não tiver presença de espírito, tia Jimsie?

— As pessoas que não têm presença de espírito nunca aprendem, nem na universidade, nem na vida. Ainda que vivam até os cem anos, elas sabem tanto quanto sabiam ao nascer. Não é culpa delas, mas sim um infortúnio, pobres almas! Mas aquelas que têm ao menos um pouco de presença de espírito devem agradecer devidamente a Deus por isso.

— A senhora pode, por favor, definir o que significa presença de espírito, tia Jimsie? – perguntou Phil.

— Não, não posso, juvenzinha. Qualquer um que tenha presença de espírito sabe o que é; e quem não tem, nunca vai saber. Então não há necessidade de definir o que significa.

Os dias atarefados voaram e as avaliações chegaram ao fim. Anne recebeu a Honra ao Mérito em Inglês, Priscilla recebeu Menção Honrosa em Clássicos e Phil em Matemática. Stella obteve boas qualificações em geral. E, então, chegou o dia da formatura.

— Isto é o que, um dia, eu teria chamado “uma época em minha vida” – disse Anne, enquanto tirava da caixa as violetas que Roy lhe havia enviado, e as contemplava, pensativa. Tinha pensado em usá-las, é claro, mas seus olhos vagavam agora para outra caixa, em cima da mesa. Estava cheia de

lírios do vale, tão frescos e fragrantes quanto aqueles que desabrochavam em Green Gables quando chegava o mês de junho em Avonlea. Junto às flores estava o cartão de Gilbert Blythe.

Anne imaginava que motivo teria impelido Gilbert a lhe enviar flores para esta ocasião. Ela o vira muito pouco durante o último inverno. Havia visitado Patty's Place numa única noite de sexta-feira desde o Natal e raramente se encontravam em outro lugar. Anne sabia que ele estava estudando bastante, focado na Honra ao Mérito e no Prêmio Cooper, e quase não participava dos eventos sociais de Redmond. O inverno de Anne havia sido muito animado, do ponto de vista social. Tinha passado um bom tempo na companhia das Gardners, e ela e Dorothy eram amigas íntimas agora. Os círculos estudantis esperavam o anúncio de seu noivado com Roy a qualquer momento. A própria Anne esperava por isso. Ainda assim, antes de partir de Patty's Place para a cerimônia de formatura, deixou de lado as violetas de Roy e colocou os lírios do vale de Gilbert no lugar. Não conseguia entender o porquê de ter feito isso. Por alguma razão, os velhos tempos em Avonlea, os sonhos e amizades de outrora lhe pareciam muito próximos naquela hora em que conquistava suas mais queridas e antigas ambições. Gilbert e ela tinham imaginado alegremente o dia em que estariam vestidos em beca para a graduação em Artes. O dia maravilhoso tinha chegado e não havia nele nenhum lugar para as violetas de Roy. Somente as flores de seu velho amigo cabiam no instante da realização daquelas velhas aspirações que um dia partilharam.

Durante anos, Anne tinha sonhado e imaginado este dia, mas quando finalmente chegou, a única recordação aguda e permanente que lhe restou não foi do emocionante momento em que o Magnífico Reitor de Redmond lhe entregou o diploma e anunciou seu título de Bacharel. Não foi, também, o lampejo de surpresa nos olhos de Gilbert quando viu que ela usava seus lírios, nem o olhar perplexo e dolorido de Roy quando ela passou pelo palco. Não foram as felicitações condescendentes de Aline Gardner, nem as passionais e sinceras de Dorothy. Foi um golpe estranho e inexplicável que estragou este dia tão sonhado e deixou um leve – mas duradouro – sabor de amargura.

À noite, os formandos participaram do baile da graduação. Quando

Anne vestiu-se para a ocasião, deixou de lado o colar de pérolas que costumava usar e tirou do baú uma caixinha que tinha sido entregue em Green Gables no Natal. Nela havia uma correntinha de ouro com um pequeno pingente no formato de um coraçãozinho rosado. No cartão que acompanhava o presente, estava escrito: “*Com os melhores desejos de seu velho amigo, Gilbert.*” Anne escrevera um bilhete de agradecimento, rindo da recordação que o pingente lhe trazia sobre o fatídico dia em que Gilbert a chamara de *cenoura*, e em vão tentara fazer as pazes ao lhe dar uma bala cor-de-rosa em formato de coração. Mas ela nunca tinha usado a correntinha. Esta noite, colocou-a em seu branco pescoço com um sorriso sonhador.

Ela e Phil caminharam juntas até Redmond. Anne caminhava em silêncio, enquanto Phil falava sem parar sobre inúmeros assuntos. De repente, ela disse:

— Fiquei sabendo hoje que o noivado de Gilbert Blythe e Christine Stuart está para ser anunciado assim que terminar a formatura. Soube de alguma coisa a respeito?

— Não – respondeu Anne.

— Acho que é verdade – disse Phil, levianamente.

Anne não falou. Na escuridão, sentiu seu rosto queimando. Deslizou a mão por dentro do decote do vestido e segurou a corrente de ouro. Com um energético puxão, a corrente se partiu e Anne pôs no bolso a joia rompida. Suas mãos tremiam e os olhos ardiam.

Mas ela foi, no entanto, a mais alegre de todos os que festejavam naquela noite, e quando Gilbert veio tirá-la para dançar, respondeu, sem arrependimento, que seu cartão de dança estava completo. Mais tarde, sentada com as amigas diante das brasas moribundas da lareira de Patty’s Place, removendo o ar fresco de primavera das peles e cetins que vestiam, nenhuma delas falou mais alegremente sobre os acontecimentos do dia do que Anne.

— Moody Spurgeon MacPherson esteve aqui depois que vocês saíram – disse tia Jamesina, ao se levantar para atizar o fogo. — Ele não sabia sobre o baile de formatura. Aquele menino deveria dormir com uma faixa de borracha na cabeça para acostumar as orelhas a não ficarem tão abertas. Tive

um pretendente que fez isso e melhorou imensamente. Fui eu quem lhe dei a sugestão e o rapaz tomou meu conselho, mas nunca me perdoou por isso.

— Moody Spurgeon é um rapaz muito sério – bocejou Priscilla. — Está preocupado com coisas muito mais importantes do que suas orelhas. Ele vai ser pastor, vocês sabem.

— Bem, suponho que o Senhor não se preocupe com as orelhas de um homem – comentou tia Jamesina, com gravidade, deixando de lado qualquer crítica adicional sobre Moody Spurgeon. Tia Jamesina tinha um profundo respeito pelos clérigos, mesmo no caso de um aspirante.

Capítulo XXXVIII

A Falsa Alvorada

— Imagine só: daqui a uma semana estarei em Avonlea! Que pensamento delicioso! – exclamou Anne, curvando-se sobre a caixa na qual estava empacotando as colchas de Mrs. Rachel Lynde. — Mas imagine só: daqui a uma semana, deixarei Patty’s Place para sempre. Que pensamento horrroso!

— Pergunto-me se os fantasmas de todas as nossas risadas irão ecoar nos sonhos virginais de Miss Patty e Miss Maria – especulou Phil.

Miss Patty e Miss Maria estavam voltando para casa, depois de terem vagado pela maior parte habitada do planeta.

“Estaremos de volta na segunda semana de maio”, escreveu Miss Patty. “Creio que Patty’s Place vai parecer pequena depois do Salão dos Reis, em Karnak^[41]. Mas eu nunca gostei de morar em lugares muito grandes e ficarei bastante satisfeita de estar em casa outra vez. Quando se começa a viajar em idade avançada, você tende a se exceder, pois sabe que não lhe resta muito tempo e essa vontade é algo que cresce em você. Receio que Maria nunca mais fique satisfeita.”

— Deixarei aqui minhas fantasias e sonhos para que alegrem as próximas ocupantes – disse Anne, olhando saudosamente em volta do quarto azul – seu lindo quartinho azul, onde havia passado três anos felizes. Ali, tinha se ajoelhado diante da janela para orar e debruçara-se no parapeito para contemplar o sol poente por trás dos pinheiros. Tinha ouvido as gotas de chuva do outono que golpeavam os vidros e havia saudado os tordos no peitoril quando chegava a primavera. Perguntava-se se os sonhos antigos podiam assombrar os aposentos – se, quando alguém deixa para sempre o quarto onde se alegrou, sofreu, riu e chorou, algo dessa pessoa, intangível e invisível, mas ainda assim real, não ficava para trás como uma parte de sua própria alma.

— Penso que o quarto onde alguém sonha, sofre, se alegra e vive se

torna inseparavelmente ligado àqueles processos e adquire uma personalidade própria – disse Phil. — Estou certa de que se eu entrasse neste quarto daqui a cinquenta anos, ouviria uma voz a me dizer: “*Anne, Anne*”! Como nos divertimos aqui nesta casa, querida! Quantas conversas, gracejos e ótimas farras entre amigos! Oh, Deus! Vou me casar com Jo em junho e sei que serei arrebatadoramente feliz. Mas, agora, sinto como se quisesse que esta adorável vida em Redmond não terminasse jamais.

— Sou insensata o bastante para desejar a mesma coisa neste momento – admitiu Anne. — Não importa as profundas alegrias que nos esperam no futuro, nunca mais voltaremos a ter esta existência irresponsável e deliciosa que tivemos aqui. Está acabado para sempre, Phil.

— O que vai fazer com o Rusty? – indagou Phil, ao ver entrar no quarto o privilegiado gatinho.

— Vou levá-lo comigo, junto com Joseph e a Gata-Sarah – anunciou tia Jamesina, que entrava no quarto seguindo o animal. — Seria uma pena separar esses gatos, agora que aprenderam a conviver uns com os outros. Esta é uma lição muito difícil para gatos e humanos aprenderem.

— Lamento por me separar do Rusty – murmurou Anne, com pesar –, mas seria inútil levá-lo para Green Gables. Marilla detesta gatos e Davy acabaria com a raça dele. Além disso, não creio que vá ficar em casa por muito tempo. Ofereceram-me a direção da Escola de Ensino Médio em Summerside.

— Você vai aceitar? – perguntou Phil.

— Eu... eu ainda não me decidi – respondeu, com um rubor confuso.

Phil assentiu, compreensiva. Naturalmente, os planos de Anne não poderiam ser definidos até que Roy pedisse sua mão. Logo ele o faria – não restavam dúvidas. E não havia dúvidas de que Anne diria “*sim*”, no momento em que ele terminasse de perguntar “*Você aceita?*” A própria Anne contemplava o estado das coisas com uma complacência que raramente a inquietava. Ela estava profundamente apaixonada por Roy. Na verdade, o amor não era o que ela imaginava que seria. Mas Anne se perguntava, de modo exaustivo, se haveria algo na vida que alcançasse a perfeição do que fora imaginado. Repetia-se ali a velha desilusão de sua infância: o mesmo

desapontamento que sentiu quando viu pela primeira vez o brilho gélido do diamante, ao invés do esplendor cor de violeta que imaginara. “*Esta não é a ideia que eu tinha de um diamante*”, ela dissera. Mas Roy era um rapaz encantador e eles seriam muito felizes juntos, ainda que este entusiasmo indefinível tivesse desaparecido da vida. Quando Roy apareceu naquela tarde e convidou Anne para acompanhá-lo a um passeio no parque, todos em Patty’s Place sabiam o que ele iria dizer, e todos sabiam, ou pensavam saber, qual seria a resposta de Anne.

— Anne é uma garota de muita sorte – disse tia Jamesina.

— Suponho que sim – comentou Stella, encolhendo os ombros. — Roy é um bom rapaz, e tudo mais. Mas não há realmente nada em seu íntimo.

— Esse parece um comentário muito invejoso, Stella Maynard – reprovou-a tia Jamesina.

— Parece, mas não sou invejosa – respondeu Stella, com tranquilidade. — Tenho muita afeição por Anne e gosto do Roy. Todos dizem que ela está fazendo uma bela escolha, e até mesmo Mrs. Gardner a considera encantadora agora. Tudo parece ter sido escrito nas estrelas, mas tenho minhas dúvidas. Guarde minhas palavras, tia Jamesina.

Roy pediu Anne em casamento no pequeno gazebo do porto, onde conversaram pela primeira vez no dia chuvoso. Anne achou muito romântica a escolha daquele lugar. E seu pedido foi perfeitamente expressado, como se o tivesse copiado de *A Conduta Durante o Noivado e o Casamento*, tal como fizera um dos pretendentes de Ruby Gillis. Todo o resultado foi impecável, e o rapaz também era sincero. Não havia dúvidas de que Roy sentia aquilo que falava; não havia nenhuma nota destoante para estragar a sinfonia. Anne sentiu que deveria estar estremecida da cabeça aos pés. Mas não estava. Pelo contrário, sentia uma frieza aterradora. Quando Roy fez uma pausa, esperando sua resposta, ela abriu os lábios para dizer o “*sim*” fatal. E, então, percebeu que estava tremendo, como se estivesse cambaleando de costas para um precipício. Para ela, chegou um daqueles momentos em que entendemos, como se por um relâmpago de iluminação, mais do que todos os anos anteriores haviam ensinado. Tirou sua mão das mãos de Roy.

— Oh, não posso me casar com você... não posso... não posso! –

Anne exclamou, desatinada.

Roy empalideceu – e também pareceu bastante tolo. Sentia-se muito seguro de si.

— O que quer dizer? – gaguejou ele.

— Que não posso me casar com você – repetiu Anne, desesperadamente. — Pensei que pudesse... mas não posso.

— Por que não pode? – perguntou, com mais calma.

— Porque... não o amo o suficiente.

As veias do rosto de Roy dilataram-se e tornaram-se vermelhas sob a pele.

— Então você esteve se divertindo às minhas custas nos últimos dois anos? – ele concluiu, lentamente.

— Não, não, de jeito nenhum! – arfou a pobre Anne. Oh, como ela poderia explicar? *Ela não poderia!* Certas coisas não possuem explicação. — Eu realmente pensei que o amasse... sinceramente, eu pensei... mas, agora, sei que não.

— Você arruinou a minha vida – disse Roy, com amargura.

— Perdoe-me – ela implorou, miseravelmente, com as bochechas quentes e os olhos ardendo.

Roy deu as costas e ficou olhando na direção do mar por alguns minutos. Quando voltou-se para Anne, estava muito pálido novamente.

— Não pode me dar nenhuma esperança?

Anne balançou a cabeça negativamente, em silêncio.

— Então... adeus. Não consigo entender... não posso acreditar que você não é a mulher que pensei que fosse! Mas as palavras de reprovação são inúteis entre nós. Você é a única mulher que poderei amar. Agradeço por ter me dado sua amizade, ao menos. Adeus, Anne.

— Adeus – gaguejou Anne.

Após a partida de Roy, Anne permaneceu sentada no gazebo por um

longo tempo, observando a neblina branca que envolvia o porto com sutileza e dirigia-se à terra, lenta e implacavelmente. Era a sua hora de sentir as ondas de humilhação, vergonha e desprezo por si mesma. E ainda assim, no fundo, havia a estranha sensação de ter recobrado a liberdade.

Ao entardecer, deslizou para dentro de Patty's Place e escapou para seu quarto. Mas Phil estava lá, no assento sob a janela.

— Espere! – exclamou Anne, corando ao antecipar a cena. — Espere até ouvir o que tenho a dizer. Phil, Roy me pediu em casamento e eu o recusei.

— Você... você o *recusou*? – perguntou Phil, confusa.

— Sim.

— Anne Shirley, você está em seu juízo perfeito?

— Acho que sim – foi a fraca resposta. — Oh, Phil, não me censure! Você não entende.

— Eu certamente não entendo! Você encorajou Roy Gardner de todas as maneiras possíveis durante dois anos, e agora me diz que o recusou. Se é assim, então você estava só flertando escandalosamente com ele! Anne, eu não consigo imaginar isso *de você*!

— Eu *não estava* flertando! Eu honestamente pensei que gostasse dele até o último minuto, e então... bem, eu apenas compreendi que *nunca* poderia me casar com Roy.

— Suponho que você pretendia se casar com ele por causa do dinheiro; mas, então, seu *verdadeiro eu* despertou e a impediu – sugeriu Phil, com crueldade.

— *Não!* Eu nunca pensei no dinheiro dele! Oh, não consigo explicar a você mais do que consegui explicar ao Roy!

— Bem, eu certamente penso que você o tratou de forma vergonhosa – disse Phil, exasperada. — Ele é bonito, inteligente, rico e bondoso. O que mais você quer?

— Quero alguém que *pertença* à minha vida! Ele não pertence. A princípio, saí fora de mim por sua boa aparência e por sua habilidade em

fazer elogios cheios de romantismo... e, depois, pensei que eu *deveria* estar apaixonada, pois ele representava meu homem ideal de olhos escuros...

— Eu sou muito má por não saber o que quero, mas você é pior.

— Eu *sei* o quero – protestou Anne. — O problema é que minhas inclinações mudam, e então eu tenho que começar a compreender tudo outra vez.

— Bem, creio que é inútil falar qualquer coisa para você.

— Não há necessidade, Phil. Eu estou acabada. Isso estragou o passado inteiro. Nunca mais vou lembrar dos meus anos em Redmond sem pensar na humilhação desta tarde. Roy me despreza, você me despreza e eu desprezo a mim mesma.

— Oh, pobre querida! – disse Phil, cedendo. — Venha cá e me deixe confortá-la. Não tenho direito de censurá-la. Eu teria me casado com Alec ou Alonzo se não tivesse conhecido o Jo. Oh, Anne, as coisas são confusas na vida real! Não são claras e precisas como são nos romances.

— Espero que *ninguém* mais me peça em casamento enquanto eu viver, nunca mais! – soluçou a pobre Anne, acreditando devotamente que era isso o que queria.

Capítulo XXXIX

Lidando com Casamentos

Anne sentiu que a vida tinha um sabor de anticlímax durante as primeiras semanas após seu retorno a Green Gables. Sentia falta da alegre camaradagem de Patty's Place. Durante o último inverno, havia idealizado sonhos brilhantes, sonhos esses que agora tinham se transformado em pó ao seu redor. No atual estado de desgosto consigo mesma, não conseguiu recomeçar a sonhar imediatamente. E então descobriu que, enquanto a solidão com sonhos é gloriosa, a solidão sem eles tem pouco encantamento.

A jovem não tinha voltado a ver Roy após a dolorosa despedida no gazebo do parque, mas Dorothy foi vê-la antes que fosse embora de Kingsport.

— Lamento tanto por você não se casar com Roy! Queria muito tê-la como irmã. Mas você está certa. Ele iria entediá-la terrivelmente. Eu o amo, e ele é um garoto doce e adorável, mas não é nem um pouco interessante. Aparentemente ele deveria ser, mas não é.

— Isso não vai estragar a *nossa* amizade, vai, Dorothy? – Anne perguntou, melancólica.

— Não, de jeito nenhum! Você é uma pessoa boa demais para perder o contato. Se não posso tê-la como irmã, quero tê-la como amiga. E não se aflija por Roy. Ele está imensamente triste agora – tenho que ouvir suas queixas o dia inteiro –, mas ele vai superar. Ele sempre supera.

— Oh... *sempre*? – perguntou Anne, com uma ligeira mudança no tom de voz. — Então ele já *superou* antes?

— Meu Deus, sim! – admitiu Dorothy, com franqueza. — Duas vezes. E ele se queixava igualmente nessas ocasiões. Não que as outras moças tivessem, de fato, recusado seu pedido de casamento; elas simplesmente anunciaram o noivado com outros rapazes. Mas é claro que, quando ele conheceu você, jurou para mim que nunca antes tinha amado de

verdade. Disse que os sentimentos anteriores tinham sido meras fantasias de adolescente. Mas não creio que você precise se preocupar.

Anne decidiu seguir o conselho. Sentia uma mescla de alívio e ressentimento. Roy havia afirmado, com grande convicção, que ela era a única a quem tinha amado. E, sem dúvida, ele acreditava nisso. Mas era um consolo saber que, muito provavelmente, ela não havia destruído a vida dele. Existiram outras deusas, e Roy, de acordo com Dorothy, decerto tinha a necessidade de estar venerando em algum santuário. No entanto, a vida fora despojada de muitas outras ilusões, e Anne começava a pensar, entristecida, que a existência parecia muito vazia.

Na tarde de sua chegada, ela desceu do quarto com o semblante pesaroso.

— O que aconteceu com a velha Rainha da Neve, Marilla?

— Oh, eu sabia que você ficaria triste por isso – disse Marilla. — Eu mesma fiquei. Aquela árvore estava ali desde que eu era menina. A grande tempestade que tivemos em março a derrubou. O tronco estava completamente apodrecido.

— Vou sentir tanta falta! – lamentou Anne. — Meu quarto não parece o mesmo sem ela. Nunca mais conseguirei olhar pela janela sem a sensação de perda. E, oh, nunca antes cheguei em Green Gables sem que Diana estivesse aqui para me dar as boas-vindas.

— Diana tem algo mais para pensar agora – disse Mrs. Lynde, de forma significativa.

— Bem, conte-me todas as novidades de Avonlea – pediu Anne, sentando-se nos degraus da varanda, onde o sol da tarde caía sobre seus cabelos numa fina chuva de ouro.

— Não há muitas novidades além daquelas que já lhe contamos por carta – prosseguiu Mrs. Lynde. — Talvez você não saiba que Simon Fletcher quebrou a perna na semana passada. É uma grande coisa para a família dele. Estão fazendo uma centena de coisas que sempre quiseram fazer antes, mas não conseguiam estando ele por perto, aquele velho enjoado.

— Ele veio de uma família desagradável – comentou Marilla.

— Desagradável? Bem, de fato! A mãe dele costumava levantar-se nas reuniões de oração e proclamar os defeitos dos filhos, pedindo orações por eles. É óbvio que isso os deixava loucos e piores do que nunca.

— Você não contou a Anne as novidades sobre Jane – sugeriu Marilla.

— Oh, Jane – grunhiu Mrs. Lynde. — Bem – condescendeu, de má vontade –, Jane Andrews está em casa, de volta do oeste. Chegou na semana passada e vai se casar com um milionário de Winnipeg. Pode ter certeza de que Mrs. Harmon Andrews não perdeu tempo em espalhar a notícia aos quatro ventos.

— Querida Jane! Estou tão contente! – exclamou Anne, de coração. — Ela merece as boas coisas da vida.

— Oh, não estava falando nada contra Jane! Ela é uma moça muito boazinha. Mas não é da categoria dos milionários, e você vai ver que não há muita coisa que torne aquele homem atraente além de seu dinheiro, isto é que é. Mrs. Harmon contou que ele é inglês e que fez fortuna nas minas, mas acredito que ele vai se revelar um ianque. Ele certamente deve ter dinheiro, pois cobriu Jane de joias. O anel de noivado possui um agrupamento de diamantes tão grande que parece um amontoado de gesso no dedo gorducho de Jane.

Mrs. Lynde não conseguia esconder certa amargura no tom de voz. Ali estava Jane Andrews, uma simples trabalhadora, comprometida com um milionário – enquanto Anne, ao que parecia, não tinha sido pedida em casamento por ninguém, rico ou pobre. E Mrs. Harmon Andrews se vangloriava de forma insuportável.

— O que Gilbert Blythe andou fazendo na faculdade? – perguntou Marilla. — Eu o vi quando voltou para casa, na semana passada, e estava tão pálido e magro que mal o reconheci.

— Ele estudou demais no último inverno – explicou Anne. — Recebeu a Honra ao Mérito em Clássicos e também o Prêmio Cooper. Fazia cinco anos que nenhum aluno o conquistava! Então, creio que ele esteja um pouco fatigado. Todos nós estamos, na verdade.

— De qualquer maneira, você é bacharel e Jane Andrews não é, nem nunca será! – afirmou Mrs. Lynde, com melancólica satisfação.

Alguns dias depois, Anne foi visitar Jane; porém, ela estava em Charlottetown “tirando medidas”, como Mrs. Harmon Andrews orgulhosamente informou. É claro que as modistas de Avonlea não serviriam para Jane, diante das circunstâncias.

— Tenho ouvido ótimas notícias sobre Jane – disse Anne.

— Sim, Jane está se saindo muito bem, mesmo sem ser graduada – respondeu Mrs. Andrews, com um leve balanço na cabeça. — Mr. Inglis possui milhões, e eles irão para a Europa na lua-de-mel. Quando voltarem, irão viver numa perfeita mansão de mármore em Winnipeg. Jane tem um único problema: ela sabe cozinhar muito bem, mas o marido não vai deixá-la fazer isso. Ele é tão rico que contratou uma cozinheira, duas outras criadas, um cocheiro e um mordomo. Mas vamos falar de *você*, Anne? Não fiquei sabendo se você vai se casar, depois de todo esse seu estudo.

— Oh, vou ser uma solteirona – riu Anne. — Eu realmente não consegui encontrar ninguém que me agradasse.

Isso foi um tanto perverso de sua parte. Anne quis, deliberadamente, lembrar a Mrs. Andrews de que se ela ficasse solteira, não seria por ter lhe faltado ao menos uma oportunidade de se casar. Mas Mrs. Andrews desferiu uma rápida vingança.

— Bem, percebi que as moças muito independentes geralmente ficam solteiras. E que história é essa que ouvi sobre Gilbert Blythe estar noivo de uma tal Miss Stuart? Charlie Sloane me contou que ela é extremamente bonita. É verdade?

— Não sei se é verdade que ele está comprometido com Miss Stuart – respondeu Anne, com uma postura espartana –, mas certamente é verdade que ela é muito adorável.

— Anteriormente eu pensava que você e Gilbert teriam formado um bom casal. Se não tomar cuidado, Anne, todos os seus pretendentes irão escorrer pelos seus dedos.

Anne decidiu não persistir nesse duelo com Mrs. Andrews. Não se

pode lutar com um adversário que enfrenta um florete com um golpe de machado.

— Bem, já que Jane não está – disse ela, erguendo-se altivamente –, acho que não posso esperar mais nesta manhã. Voltarei para vê-la quando estiver em casa.

— Venha – assentiu Mrs. Andrews, efusivamente. — Jane não é nem um pouco orgulhosa. Pretende continuar a se relacionar com suas amigas antigas como antes. Ela vai ficar muito feliz em vê-la.

O milionário de Jane chegou no final de maio e a carregou consigo num arroubo de esplendor. Mrs. Lynde ficou malignamente agradecida ao descobrir que Mr. Inglis já tinha mais de quarenta anos, e que era de estatura baixa, magro e grisalho. Os leitores podem ficar certos de que a boa senhora não o poupou ao enumerar seus defeitos.

— Será necessário todo o seu ouro para embelezar um tipo insípido como ele, isto é que é – disse Mrs. Lynde, em tom solene.

— Ele parece ser gentil e de bom coração – redarguiu a sempre leal Anne –, e estou certa de que gosta muitíssimo de Jane.

— Humpf! – foi a resposta de Mrs. Lynde.

Phil Gordon se casou na semana seguinte, e Anne foi até Bolingbroke para ser sua dama de honra. Phil parecia uma graciosa fada como noiva, e o Reverendo Jo estava tão radiante de felicidade que ninguém pensaria que ele era um homem feio.

— Vamos fazer um passeio de amantes pela terra de Evangeline – disse Phil –, e então nos estabeleceremos na Rua Patterson. Mamãe acha terrível; ela pensa que Jo deveria ao menos assumir uma igreja num lugar decente. Mas o deserto de cortiços da Rua Patterson irá florescer como uma rosa para mim, se Jo estiver lá! Oh, Anne, estou tão feliz que meu coração até dói!

Anne sempre ficava contente com a felicidade de suas amigas, embora às vezes fosse um pouco solitário estar constantemente rodeada por uma felicidade que não era sua. E aconteceu o mesmo quando ela regressou a Avonlea. Desta vez era Diana, que estava banhada pela maravilhosa glória

que emana de uma mulher que tem junto a si seu primogênito. Anne contemplou a jovem e ingênua mãe com uma reverência que jamais registrara em seus sentimentos por Diana. Poderia esta pálida mulher, com os olhos em êxtase, ser a mesma pequena Diana de bochechas rosadas e cachos negros com quem brincava nos idos dias de escola? De certo modo, aquilo lhe dava a estranha e desolada sensação de que ela própria pertencia apenas ao passado, e de que não possuía, de fato, nenhuma relação com o presente.

— Ele não é perfeitamente lindo? – perguntou a orgulhosa Diana.

O roliço garotinho era absurdamente parecido com Fred – tão gordo quanto, e não menos corado. Anne não podia dizer com honestidade que o achava bonito, mas jurou sinceramente que ele era doce, adorável e inteiramente encantador.

— Antes da chegada dele, eu queria que fosse uma menina para poder chamá-la de *Anne* – disse Diana. — Mas, agora que o pequeno Fred está aqui, eu não o trocaria por um milhão de meninas. Ele *não poderia* ser nada além de si mesmo.

— Cada bebezinho é o mais doce e o melhor – citou Mrs. Allan, alegremente. — Se tivesse nascido a pequena Anne, você sentiria o mesmo por ela.

Mrs. Allan estava visitando Avonlea pela primeira vez desde que partira. Estava alegre, amável e simpática como sempre. Suas velhas amigas lhe haviam recebido com entusiasmo. A esposa do atual pastor era uma senhora estimável, mas não exatamente uma alma gêmea.

— Mal posso esperar até que ele tenha idade o suficiente para falar – suspirou Diana. — Anseio por ouvi-lo dizer “*mamãe*”. E, oh, estou determinada a fazer de tudo para que sua primeira lembrança minha seja bem agradável! A primeira lembrança que tenho de minha mãe é dela me dando um tapa por algo que fiz de errado. Tenho certeza de que mereci; mamãe sempre foi uma boa mãe e eu a amo profundamente. Mas eu realmente queria que a primeira memória que tivesse dela fosse mais agradável.

— Só tenho uma lembrança de minha mãe, e é a mais doce de todas as minhas memórias – disse Mrs. Allan. — Eu tinha cinco anos, e certo dia permitiram que eu fosse para a escola com minhas duas irmãs mais velhas.

Na hora da saída, minhas irmãs foram para casa em grupos diferentes, e cada uma delas pensou que eu estava com a outra. Ao invés disso, saí correndo com uma garotinha com quem tinha brincado no recreio. Fomos para a casa dela, que ficava perto da escola, e começamos a brincar de fazer tortinhas de lama. Estávamos no melhor da diversão quando minha irmã mais velha chegou, ofegante e furiosa. “*Sua menina levada!*”, gritou ela, agarrando minha mão relutante e arrastando-me consigo. “*Venha para casa imediatamente! Oh, você vai ver só! Mamãe está muito furiosa. Vai lhe dar uma boa surra!*” Eu nunca havia apanhado. Meu pobre coraçãozinho se encheu de terror e medo. Nunca, em toda minha vida, tinha me sentido tão infeliz quanto naquela caminhada para casa. Não fora minha intenção ser desobediente. Phemy Cameron me convidara para ir à sua casa e eu não sabia que isso era um erro. E agora eu tinha que apanhar! Quando chegamos, minha irmã me arrastou para dentro da cozinha, onde mamãe estava sentada diante do fogo ao entardecer. Minhas pobres perninhas tremiam tanto, que eu mal conseguia permanecer em pé. E mamãe apenas me tomou nos braços, sem uma palavra de repreensão ou aspereza, beijou-me e segurou-me bem junto ao seu coração. “*Tive tanto medo que estivesse perdida, querida*”, disse, com ternura. Pude ver o amor cintilando em seus olhos, quando olhou para mim. Ela nunca me repreendeu ou censurou pelo que eu tinha feito – só me disse que nunca mais me afastasse de novo sem pedir permissão. Ela morreu pouco tempo depois. Esta é a única memória que tenho dela. Não é linda?

Anne sentiu-se mais solitária do que nunca ao voltar para casa, caminhando pela Rota das Bétulas e pelo Charco do Salgueiro. Fazia muito tempo que não percorria esses caminhos. Era uma noite sombria, em tons de púrpura e com ar pesado devido à fragrância de botões de flores – talvez pesado demais. O olfato saturado o repugnava como se fosse um copo transbordante. As bétulas da senda tinham deixado de ser encantadoras mudinhas para se tornarem grandes árvores. Tudo havia mudado. Anne sentiu que ficaria contente quando o verão terminasse e ela tivesse partido novamente para trabalhar. Talvez, então, a vida não parecesse tão vazia.

— “*Provei o mundo e ele já não veste as cores do romance que costumava usar*^[42]” – suspirou Anne, sentindo-se imediatamente consolada pela poesia contida na ideia do mundo ser despojado de romance.

Capítulo XL

O Livro da Revelação^[43]

Os Irvings retornaram a Echo Lodge para passar o verão e Anne desfrutou de três alegres semanas de julho na companhia deles. Miss Lavendar não havia mudado; Charlotta IV era agora uma moça crescida, mas ainda adorava Anne com toda a sinceridade.

— Para dizer a pura verdade, madame Miss Shirley, não conheci ninguém igual à senhorita em Boston – ela disse, com franqueza.

Paul estava quase um rapaz também. Ele tinha dezesseis anos agora, seus cachos castanhos tinham dado lugar a madeixas bem cortadas e estava mais interessado em futebol do que em fadas. Mas o vínculo existente entre ele e sua antiga professora mantinha-se firme. Almas gêmeas de verdade não mudam com o passar dos anos.

Era um fim de tarde úmido, ventoso e cruel quando Anne retornou a Green Gables. Uma das ferozes tempestades de verão que às vezes cruzavam o golfo rugia devastadoramente sobre o mar. Quando Anne entrou na casa, as primeiras gotas de chuva começaram a golpear os vidros.

— Foi Paul quem a trouxe? – perguntou Marilla. — Por que não o convidou para dormir aqui? Vai ser uma noite turbulenta.

— Creio que ele vai chegar a Echo Lodge antes da chuva cair com mais força. De qualquer maneira, ele queria voltar hoje mesmo. Bem, foi uma esplêndida visita, mas estou contente por vê-los de novo, meus queridos! O lar é o melhor lugar para estar! Davy, você andou crescendo ultimamente?

— Cresci três centímetros desde que você se foi! – ele respondeu, orgulhoso. — Estou tão alto quanto Miltie Boulter agora! Estou contente. Ele vai ter que parar de me provocar por ser maior. Diga, Anne, você sabia que Gilbert Blythe está morrendo?

Anne ficou muda e imóvel, olhando para Davy. Seu rosto ficou tão pálido que Marilla pensou que ela fosse desmaiar.

— Davy, segure essa língua! – exclamou Mrs. Lynde, furiosa. — Anne, não fique assim. *Não fique assim!* Não queríamos lhe contar tão de repente.

— É... é verdade? – perguntou Anne, com uma voz que não era a sua.

— Gilbert está muito mal – aquiesceu Mrs. Lynde, com gravidade. — Foi acometido de febre tifoide logo que você partiu para Echo Lodge. Você não sabia de nada?

— Não – ela respondeu, com aquela voz desconhecida.

— Foi um caso muito sério desde o princípio. O médico disse que ele estava extremamente enfraquecido. Contrataram uma enfermeira especializada e fizeram tudo que se pode fazer. *Não fique assim, Anne.* Enquanto há vida, há esperança!

— Mr. Harrison veio aqui esta tarde e falou que não há esperanças para ele – reiterou Davy.

Marilla, com o semblante cansado e envelhecido, levantou-se e tirou Davy da cozinha.

— Oh, *não fique assim*, querida! – disse Mrs. Lynde, abraçando carinhosamente a jovem pálida. — Eu não perdi as esperanças, não mesmo. Ele tem a constituição dos Blythe a seu favor, isto é que é!

Com gentileza, Anne afastou de si os braços de Mrs. Lynde e caminhou cegamente da cozinha para o corredor, e subiu as escadas rumo ao seu velho quartinho. Ajoelhou-se diante da janela, olhando para fora sem enxergar nada. Estava muito escuro. A chuva desabava sobre os campos trementes. Da Floresta Assombrada vinham os gemidos das árvores poderosas retorcendo-se na tempestade, e o ar vibrava com o estrondoso impacto das ondas na costa distante. E Gilbert estava morrendo!

Há um Livro da Revelação na vida de cada um, assim como há na Bíblia. Nas longas e agonizantes horas de vigília, em meio à tormenta, na escuridão dessa noite amarga, Anne leu o dela. Ela amava Gilbert – sempre o amara! Agora sabia disso. Sabia que não podia mais tirá-lo de sua vida sem agonia, assim como não podia arrancar sua mão direita. E a revelação chegara tarde demais, até mesmo para ter o doloroso consolo de poder acompanhá-lo

até o fim. Se não tivesse sido tão cega e tão tola, teria o direito de ir vê-lo agora. Mas Gilbert nunca saberia que ela o amava. Iria embora desta vida pensando que ela não se importava. Oh, os sombrios anos de solidão que se apresentavam diante de seus olhos! Não conseguiria suportá-los – não conseguiria! Curvou-se sob a janela e, pela primeira vez em sua existência alegre e juvenil, desejou morrer também. Se Gilbert partisse sem uma palavra, sinal ou mensagem, ela não conseguiria viver. Nada tinha valor sem ele. Eles pertenciam um ao outro e, nessa hora de suprema agonia, Anne não tinha mais dúvidas disso. Gilbert não amava Christine Stuart – nunca havia sentido nada por ela. Oh, que tola tinha sido ao não perceber qual era o laço que a unia a Gilbert! Que tola tinha sido ao confundir com amor a lisonjeira ilusão que sentiu por Roy Gardner! E, agora, deveria pagar por sua tolice como por um crime.

Quando subiram para dormir, Mrs. Lynde e Marilla detiveram-se junto à porta de Anne. Sem ouvir qualquer ruído, balançaram a cabeça duvidosamente e se afastaram. A tempestade rugiu durante toda a madrugada, mas amainou ao amanhecer. Anne viu uma encantada franja de luz nas saias da escuridão. Logo, os topos das colinas do leste estavam coroados por um incandescente aro cor de carmim. As nuvens se enrolaram numa grande massa branca no horizonte e o céu cintilava em tonalidades de azul e prata. Uma profunda calma desceu sobre o mundo.

Anne ergueu-se do chão e rastejou pelas escadas. O frescor do vento pós-chuva animou seu rosto pálido enquanto se dirigia ao quintal, e esfriou seus olhos secos e ardidos. Um alegre assobio galhofeiro soou na alameda. Um instante depois, apareceu Pacifique Buote.

Anne sentiu-se fraquejar de repente. Se não tivesse se agarrado ao ramo de um dos salgueiros, teria caído. Pacifique era o empregado de George Fletcher, e este era vizinho da família Blythe. Mrs. Fletcher era tia de Gilbert. Pacifique saberia se... se... Pacifique saberia aquilo que deveria ser sabido.

O rapaz cruzava a alameda de terra vermelha a passos largos, assobiando. Não viu Anne, que o chamou inutilmente três vezes. Ele estava quase fora de seu alcance quando ela conseguiu articular com os lábios trêmulos:

— Pacifique!

Ele deu meia volta com um sorriso aberto e um animado cumprimento.

— Pacifique, você está vindo da casa de George Fletcher? – perguntou Anne, com voz fraca.

— Tô sim – ele respondeu, de forma amigável. — *Onti di noiti mi falaro qui o meu pai tá acamado. Num pude saí onti pur causa do temporal, e tô ino pra lá agora di manhã. Vô cortanu caminho pelos campo.*

— Você sabe como estava Gilbert Blythe esta manhã?

O desespero de Anne a impulsionou a perguntar. Saber o pior era mais suportável do que esse horrendo suspense.

— Ele tá mió – informou Pacifique. — Deu uma *miorada noiti* passada. *O dotô falô qui ele logo vai ficá bom. Mais iscapô pur um triz! Coitado do rapá, quais'qui si mata na iscola. Bom, prciso corrê. Meu véi deve di tá cum pressa di mi vê.*

Pacifique retomou sua caminhada e seu assobio. Enquanto se afastava, Anne ficou olhando para ele com olhos onde a alegria havia superado a angústia e a exaustão da véspera. Era um rapaz muito magro, esfarrapado e rústico; mas, para Anne, ele parecia tão belo quanto os mensageiros que levam as boas novas pelas montanhas. Nunca, enquanto vivesse, Anne veria o rosto escuro, redondo e de olhos negros de Pacifique sem a cálida lembrança do momento em que suas palavras lhe trouxeram o óleo da alegria para o pranto^[44].

Muito tempo depois do alegre assobio de Pacifique ter desvanecido e se tornado um fantasma de música, e até que o silêncio reinasse entre os bordos da Travessa dos Amantes, Anne permaneceu sob os salgueiros a degustar a pungente doçura da vida, de quando nos livramos de um grande temor. A manhã era uma taça cheia de névoa e esplendor. Perto dela, na extremidade do jardim, havia uma rica surpresa de rosas recém-nascidas, cobertas de orvalho cristalino. O trinado dos pássaros na grande árvore acima dela parecia estar em perfeita harmonia com seu estado de ânimo. A sentença de um antigo, maravilhoso e verdadeiro Livro veio aos seus lábios:

— “O choro pode durar uma noite, mas a alegria virá pela manhã.[\[45\]](#)”

Capítulo XLI

O Amor Triunfa Sobre o Tempo

— Vim convidá-la para um de nossos passeios pelos bosques de setembro, e “*pelas colinas, onde crescem as especiarias*”^[46], como nos velhos tempos – disse Gilbert, surgindo repentinamente pelo canto da varanda. — O que acha de visitarmos o jardim de Hester Gray?

Anne, sentada no degrau de pedra com um fino tecido verde pálido sobre as saias, olhou para cima inexpressivamente.

— Oh, quem me dera eu pudesse – respondeu, devagar –, mas realmente não posso, Gilbert. Vou ao casamento de Alice Penhallow esta noite. Preciso dar um jeito neste vestido, e, quando terminar, já será hora de me arrumar. Sinto muito. Adoraria poder ir.

— Bem, você poderia ir amanhã à tarde, então? – ele perguntou, sem parecer muito desapontado.

— Sim, acho que sim.

— Neste caso, vou correr para casa de uma vez e fazer alguma coisa que seria deixada para amanhã. Então Alice Penhallow se casa esta noite! Três casamentos para você neste verão, Anne – o de Phil, de Alice e de Jane. Nunca perdoarei Jane por não ter me convidado para o casamento dela.

— Você certamente não pode culpá-la quando pensa na enorme quantidade de parentes dos Andrews que tinham de ser convidados. Todos eles mal cabiam na casa! Só me convidaram porque eu era uma das amigas mais antigas... ao menos da parte de Jane. Creio que o motivo para Mrs. Harmon Andrews ter me convidado foi para que eu pudesse ver o insuperável esplendor de sua filha.

— É verdade que Jane usou tantos diamantes a ponto de não ser possível perceber onde terminavam as joias e onde começava a noiva?

Anne riu.

— Ela usou muitos, com certeza. A aprumada Jane quase se perdia em meio a tantos diamantes, cetim branco, tules, rendas, flores rosas e cor de laranja. Mas ela estava *muito* feliz, assim como Mr. Inglis... e também Mrs. Andrews.

— É esse o vestido que você vai usar esta noite? – perguntou Gilbert, olhando para os babados e drapeados.

— Sim. Não é bonito? E usarei flores de borragem^[47] nos cabelos. A Floresta Assombrada está cheia delas neste verão.

Gilbert teve uma instantânea visão de Anne ataviada no vestido verde, com as curvas virginais de seus braços e pescoço emergindo do traje e estrelas brancas brilhando em contraste com os cachos de seu cabelo avermelhado. A visão o fez prender a respiração; mas deu meia volta ligeiramente.

— Bem, voltarei amanhã. Espero que se divirta hoje à noite.

Anne ficou olhando para ele enquanto se afastava, e suspirou. Gilbert se mostrava amistoso... muito amistoso... demasiado amistoso. Vinha frequentemente a Green Gables depois de sua recuperação e algo da antiga camaradagem de ambos estava sendo recuperada. Mas Anne já não a achava satisfatória – não mais. Em comparação, a rosa plena do amor fazia o botão da amizade parecer pálido e sem perfume. E Anne, agora, estava novamente duvidando de que Gilbert sentisse por ela algo mais além de amizade. Na luz comum de um dia comum, a radiante convicção daquela manhã arrebatadora se havia dissipado. Sentia-se constantemente atormentada pelo terrível temor de que seu erro nunca pudesse ser corrigido. Era bem provável que Gilbert amasse Christine, afinal, e quem sabe estivesse até mesmo comprometido com ela. Anne tentou arrancar as inquietantes esperanças do coração e reconciliar-se com um futuro onde o trabalho e a ambição deveriam tomar o lugar do amor. Poderia fazer um bom trabalho, ou até mesmo um nobre trabalho como professora, e o êxito que seus breves contos estavam começando a alcançar no gabinete do editor de uma certa revista eram bons presságios para seus crescentes sonhos literários. Mas... mas... Anne pegou o vestido verde e suspirou outra vez.

Quando Gilbert chegou, na tarde do dia seguinte, encontrou Anne

esperando por ele, fresca como o amanhecer e límpida como uma estrela, depois de toda a diversão da noite anterior. Usava um vestido verde – não o mesmo da véspera, mas sim um antigo que usara numa recepção em Redmond e que Gilbert elogiara na ocasião. Era o exato matiz de verde que ressaltava as ricas tonalidades de seus cabelos, o cintilante cinza de seus olhos e a delicadeza de sua pele macia como pétalas de íris. Gilbert, olhando para ela pelo canto dos olhos enquanto caminhavam por uma vereda sombreada, pensou que nunca a tinha visto tão adorável. Anne, olhando de relance para ele, pensou que Gilbert aparentava estar bem mais velho depois da enfermidade. Era como se ele tivesse deixado a adolescência para trás definitivamente.

O dia estava tão lindo quanto o caminho. Anne quase lamentou quando chegaram ao jardim de Hester Gray e sentaram-se no velho banco. Mas estava lindíssimo ali também – tão lindo quanto no longínquo dia da excursão dourada, quando Diana, Jane, Priscilla e ela o haviam descoberto. Naquele dia, o jardim era belo com narcisos e violetas; agora, hastes douradas haviam acendido suas tochas encantadas nas extremidades do muro e os ásteres salpicavam tudo de azul. O murmúrio do riacho podia ser ouvido por entre os bosques, vindo do vale de bétulas com toda a sua velha fascinação; o ar adocicado estava cheio de bramidos do mar; mais além, estendiam-se os campos delimitados por cercas cinza-prateadas, desbotadas pelos sóis de tantos verões; e as grandes colinas estavam cobertas pelas sombras das nuvens outonais. Com o sopro do vento oeste, regressaram antigos sonhos.

— Acho que a “terra onde os sonhos se tornam realidade” fica lá adiante, na bruma azul acima daquele pequeno vale – disse Anne, suavemente.

— Você tem algum sonho não realizado, Anne?

Algo em seu tom de voz – algo que Anne não havia escutado desde aquela fatídica noite no pomar de Patty’s Place – fez o coração da jovem bater enlouquecidamente. Mas conseguiu responder com placidez.

— É claro. Todos nós temos. Não seria bom termos todos os sonhos realizados. Melhor seria estarmos mortos, do que não ter mais nada para

sonhar. Que delicioso aroma o sol está extraindo dos ásteres e samambaias! Queria poder enxergar os perfumes, assim como consigo senti-los. Tenho certeza de que seria muito bonito.

Gilbert não se deixaria distrair desta maneira.

— Eu tenho um sonho – ele disse, lentamente. — Eu persisto em sonhá-lo, apesar de ter sentido com frequência que nunca poderia realizá-lo. Sonho com um lar que tenha uma lareira acesa, um gato e um cachorro, o som dos passos de amigos... e *você*!

Anne quis falar, mas não foi capaz de encontrar palavras. A felicidade a invadia como uma onda que quase a assustou.

— Há mais de dois anos eu lhe fiz uma pergunta, Anne. Se eu fizer a mesma pergunta hoje, você me dará uma resposta diferente?

Ainda assim, Anne não conseguia falar. Mas ela ergueu os olhos, iluminada por todo o arrebatamento amoroso de incontáveis gerações, e olhou para os de Gilbert por um instante. Ele não buscou mais respostas.

Permaneceram no velho jardim até que o sol se pôs, doce como deve ter sido o anoitecer no Éden. Havia muito o que falar e recordar – coisas ditas, feitas, ouvidas, pensadas, sentidas e mal compreendidas.

— Pensei que você amava Christine Stuart – comentou Anne, com reprovação, como se não tivesse dado todos os indícios para que ele pensasse que ela amava Roy Gardner.

Gilbert riu como um menino.

— Christine estava comprometida com um rapaz da cidade dela. Eu sabia, e ela sabia que eu sabia. Quando o irmão dela se formou, contou-me que ela iria para Kingsport no inverno seguinte, a fim de estudar Música, e pediu-me para tomar conta dela, pois Christine não conhecia ninguém e se sentiria solitária. Então foi o que eu fiz. E, então, passei a gostar de Christine por ela mesma. É uma das moças mais legais que já conheci. Eu sabia que os fofoqueiros da universidade davam como fato concreto estarmos apaixonados um pelo outro. Eu não me importava. Nada me importava muito, depois que você disse que nunca poderia me amar, Anne. Não havia outra; nunca pôde haver outra para mim, além de você. Eu a amei desde aquele dia em que você

quebrou a lousa na minha cabeça na escola.

— Não entendo como você pôde continuar me amando, quando fui tão tola...

— Bem, tentei deixar de amá-la – replicou, com franqueza –, não por considerá-la tola, como você mesma diz, mas porque estava convicto de que não tinha nenhuma chance depois que Roy Gardner entrou em cena. Porém, não consegui... e também não consigo expressar o que significou para mim, nesses dois anos, acreditar que você iria se casar com ele, além de ouvir, todas as semanas, da boca de algum intrometido, que o seu noivado estava a ponto de ser anunciado. Acreditei nisso até o abençoado dia em que estava convalescente, depois da febre. Recebi uma carta de Phil Gordon – Phil Blake, na verdade –, na qual ela me contava que não havia realmente nada entre você e Roy, e me aconselhava a “*tentar de novo*”. Bem, o médico ficou impressionado com minha rápida recuperação depois disso.

Anne começou a rir – e, então, a tremer.

— Nunca vou me esquecer da noite em que pensei que você estava morrendo, Gilbert. Oh, eu soube – *soube* naquela noite –, e então pensei que fosse tarde demais.

— Mas não era, minha querida. Oh, Anne, isso compensa tudo, não compensa? Façamos uma resolução de tornar este dia sagrado, pela perfeita beleza em nossas vidas, pelo presente que nos foi dado.

— É o nascimento da nossa felicidade – ela aquiesceu, em voz baixa. — Sempre amei o velho jardim de Hester Gray e agora este lugar será mais querido do que nunca.

— Mas tenho que pedir que você espere por um longo tempo, Anne – ele prosseguiu, com tristeza. — Três anos se passarão até que eu termine meu curso de Medicina. E, mesmo então, não haverá diamantes nem salões de mármore.

Anne riu.

— Eu não quero diamantes ou salões de mármore. Eu só quero *você*! Veja bem, sou igual a Phil nesse quesito. Diamantes e salões de mármore podem ser muito bonitos, mas sem isso há mais *escopo para a imaginação*.

E, com relação à espera, não importa. Seremos igualmente felizes, esperando e trabalhando um pelo outro... e sonhando. Oh, quão doces serão os sonhos agora!

Gilbert puxou-a para perto de si e a beijou. Então, voltaram para casa juntos, sob o crepúsculo, coroados rei e rainha no reino nupcial do amor, caminhando por veredas sinuosas e margeadas pelas flores mais doces que já desabrocharam, e sobre os encantados campos onde sopravam ventos de esperança e recordações.

FIM

Apêndice

Crônicas de Avonlea

Como um bônus para seus leitores, a Pedrazul Editora optou por incluir, nesta edição, um capítulo das *Crônicas de Avonlea*, obra publicada por L. M. Montgomery no ano de 1912. Como o próprio título diz, o livro reúne um conjunto de contos (não relacionados entre si) sobre a vida de diversos habitantes do vilarejo de Avonlea.

A personagem Anne Shirley, nossa heroína, não faz parte de todos esses contos. Entretanto, em um deles ela participa ativamente, representando um papel fundamental na história de seus protagonistas – que são personagens mencionadas várias vezes no decorrer de *Anne da Ilha*, embora nunca apareçam, efetivamente, neste terceiro livro da série.

O referido capítulo é intitulado “Apressando Ludovic”, e é o primeiro das *Crônicas de Avonlea*.

Apressando Ludovic

Numa certa tarde de sábado, Anne Shirley estava encolhida na poltrona ao lado da janela da sala de estar de Theodora Dix, olhando sonhadoramente para alguma terra encantada e distante, além das montanhas do pôr do sol. Durante as férias, Anne hospedara-se por quinze dias em Echo Lodge – onde Mr. e Mrs. Stephen Irving passavam o verão – e ia com frequência à antiga propriedade dos Dix para desfrutar da companhia de Theodora. Nesta tarde em particular, elas já haviam conversado bastante, e Anne estava agora entregue às delícias de construir um castelo no ar. Inclinará contra a esquadria da janela sua formosa cabeça com um diadema trançado de cabelo acobreado, e seus olhos acinzentados cintilavam como a luz do luar refletida numa lagoa escura.

Então, ela viu Ludovic Speed caminhando pela alameda. Ele ainda estava longe da casa, pois a alameda dos Dix era bem extensa, mas Ludovic poderia ser reconhecido a qualquer distância que pudesse ser avistado. Ninguém mais em Middle Grafton tinha uma figura tão alta, levemente curvada e que se movia com tamanha placidez. Em cada movimento rígido de girar o pescoço ficava impressa a própria individualidade de Ludovic.

Anne saiu de seu estado de devaneio, considerando que seria delicado de sua parte retirar-se. Ludovic estava cortejando Theodora e todos em Grafton sabiam disso. Se alguém ainda ignorava este fato, não seria por não ter tido tempo de descobrir. Ludovic vinha percorrendo aquela alameda para visitar Theodora, no mesmo modo ponderado e desacelerado, há quinze anos!

Quando Anne – que era esguia, jovial e romântica – levantou-se para ir embora, Theodora – que era roliça, de meia-idade e prática – disse, piscando o olho:

— Não precisa se apressar, menina. Sente-se e preste atenção. Creio que, ao avistar Ludovic vindo pela alameda, você deve ter pensado que vai ficar sobrando por aqui. Mas não vai. Ludovic até prefere que haja uma terceira pessoa ao redor, e eu também. Assim animamos um pouco a conversa. Quando um homem vem vê-la regularmente, duas vezes por

semana, durante quinze anos, é normal gostar de ter outras pessoas para conversar de vez em quando.

Theodora nunca fingia acanhamento no que dizia respeito a Ludovic. Jamais se referia a ele e ao seu vagaroso modo de fazer a corte com timidez. Na verdade, isso parecia diverti-la.

Anne tornou a sentar-se, e juntas observaram Ludovic se aproximando pela alameda. Ele olhava calmamente para o verdejante campo de trevos à sua volta e para as curvas azuladas do rio, que serpenteava dentro e fora do enevoadado vale no declive.

Anne fitou o rosto sereno e bem moldado de Theodora e tentou imaginar o que sentiria se fosse ela própria ali sentada, esperando por um velho enamorado que aparentemente estava levando tempo demais para se decidir. Mas até mesmo sua imaginação falhou ao pensar nisso.

“De qualquer maneira”, pensou Anne, com impaciência, “se eu o quisesse, creio que encontraria uma forma de apressá-lo. Ludovic *Speed*^[48]! Será que já existiu no mundo algum nome mais inadequado? Esse nome, para um homem como ele, é uma ilusão e um engodo!”

Naquele momento, Ludovic chegou à casa; porém, ficou tanto tempo parado nos degraus da entrada, imerso em profunda contemplação ao admirar o emaranhado verde do pomar de cerejeiras, que Theodora finalmente foi abrir a porta antes que ele batesse. Ao conduzi-lo à sala de estar, olhou para Anne com uma careta engraçada, por cima do ombro do homem.

Ludovic sorriu com satisfação para Anne. Ele gostava dela; era a única moça que conhecia, pois ele geralmente evitava as jovens – elas o faziam sentir-se esquisito e deslocado. Mas Anne não o afetava desse jeito. Ela tinha um modo de se relacionar bem com todos os tipos de pessoas e, embora eles não a conhecessem há muito tempo, tanto Ludovic quanto Theodora a estimavam como uma velha amiga.

Ludovic era alto e um pouco desajeitado, mas sua placidez desmedida lhe conferia uma aparência de dignidade que, por outro lado, não lhe pertencia. Cultivava um bigode castanho e sedoso que se inclinava sobre o lábio superior, e uma barbicha encaracolada num estilo imperial – estilo esse que era considerado excêntrico em Grafton, onde os homens mantinham o

queixo bem barbeado ou bem barbudo. Tinha olhos sonhadores e agradáveis, com um toque de melancolia em suas profundezas azuis.

Sentou-se na grande poltrona abaulada que pertencera ao pai de Theodora. Era onde sempre se sentava, e Anne declarou que a poltrona acabou ficando parecida com ele.

Logo a conversa tornou-se acalorada. Ludovic era um bom conversador, quando havia alguém para instigá-lo. Era um homem culto e com frequência surpreendia Anne com seus comentários perspicazes sobre o mundo e questões da humanidade, a respeito dos quais apenas uns poucos ecos chegavam a Deland River. Gostava também de travar discussões religiosas com Theodora, que não se importava muito com política ou acontecimentos históricos, mas era uma ávida estudiosa das doutrinas e lia de tudo sobre o assunto. Quando a conversa se transformou num turbilhão de argumentações amigáveis entre Ludovic e Theodora sobre Ciência Cristã, Anne compreendeu que a utilidade de sua presença havia terminado naquele momento e que não sentiriam sua falta.

— É chegada a hora das estrelas surgirem, e é hora de dar boa noite — despediu-se, e partiu discretamente.

Entretanto, quando a casa estava fora de vista, teve que parar para rir num prado verde pontilhado com o branco e o dourado das margaridas. Um vento aromático soprava deliciosamente por ali. Anne recostou-se contra uma bétula branca e gargalhou com vontade, como sempre fazia quando pensava em Ludovic e Theodora. Para sua ávida juventude, esse galanteio dos dois era uma coisa muito engraçada. Ela gostava de Ludovic, mas se irritava com ele.

— Apesar de ser querido, é um grande e irritante pateta! — disse, em voz alta. — Nunca houve um idiota tão amável! Ele é exatamente igual ao crocodilo daquela velha rima, que não seguia em frente e não ficava parado, mas continuava se sacudindo para cima e para baixo.

Duas tardes depois, quando Anne visitou a residência dos Dix novamente, ela e Theodora começaram a conversar sobre Ludovic. Theodora, que era a alma mais laboriosa que já existira e tinha um gosto excessivo por trabalhos manuais elaborados, estava ocupando seus dedos gorduchos na confecção de um centro de mesa de renda de Battenburg. Anne estava

recostada numa cadeira de balanço com as mãos cruzadas no colo, observando Theodora. A jovem percebeu que a amiga era muito bonita, de uma forma majestosa como Juno. Sua pele era pálida e firme, seus contornos largos e claramente esculpidos, e os olhos eram castanhos e grandes. Quando Theodora não estava sorrindo, parecia muito imponente. Anne pensou que era provável que Ludovic tivesse um profundo respeito por ela.

— Você e Ludovic conversam sobre Ciência Cristã *todos* os sábados à tarde? – perguntou.

Theodora desabrochou em um sorriso.

— Sim, e inclusive brigamos por isso. Ao menos *eu brigo*, pois Ludovic não discutiria com ninguém. Você tem que lutar com o ar para debater com ele. Odeio quando me imponho e a pessoa não rebate.

— Theodora – disse Anne, em tom persuasivo –, vou ser curiosa e impertinente. Você está livre para me repreender, se quiser. Por que você e Ludovic não se casam?

Theodora soltou uma confortável gargalhada.

— Eu calculo que esta seja a pergunta que o povo de Grafton vem fazendo há um bom tempo, Anne. Bem, eu não teria nenhuma objeção a me casar com Ludovic. Isso é claro o bastante para você, não é? Mas não é fácil casar-se com um homem, a não ser que ele lhe faça o pedido. E Ludovic nunca pediu minha mão.

— Ele é muito tímido? – persistiu Anne. Vendo que Theodora estava disposta, ela iria aprofundar essa intrigante questão até o fim.

Theodora largou seu trabalho e olhou meditativamente para as colinas verdejantes da paisagem de verão.

— Não, não acredito que seja isso. Ludovic não é tímido. É só o jeito... *o jeito Speed de ser*. Os Speeds são demasiadamente ponderados. Eles passam anos pensando em uma coisa antes de tomar a decisão de agir. Às vezes, ficam tão focados no hábito de pensar que nunca chegam a lugar algum – como o velho Alder Speed, que estava sempre falando sobre ir à Inglaterra para visitar o irmão, mas nunca foi, apesar de não existir qualquer razão para não ir. Eles não são preguiçosos, você sabe, mas adoram ter seu

tempo para refletir.

— E Ludovic sofre de um caso mais grave de “Speedismo” – sugeriu Anne.

— Exatamente. Nunca se apressou para nada na vida. Ora, faz seis anos que ele vem pensando em pintar a casa! De vez em quando, conversa comigo a respeito disso e chega até a escolher a cor, mas o assunto morre aí. Ele gosta de mim e pretende me pedir em casamento algum dia. A única pergunta é: será que esse dia vai chegar?

— Por que você não o apressa? – indagou Anne, impaciente.

Theodora retomou a agulha com outra gargalhada.

— Se Ludovic pudesse ser apressado, não seria eu a fazer isso. Sou muito tímida. Parece ridículo ouvir uma mulher da minha idade e do meu tamanho falar uma coisa dessas, mas é verdade. É claro que eu sei que é a única maneira de algum Speed decidir se casar. Por exemplo, uma das minhas primas é casada com o irmão de Ludovic. Não posso afirmar que foi ela quem pediu a mão dele exatamente, mas, veja bem, Anne, não foi muito diferente disso. Eu não conseguiria fazer nada assim. Eu *tentei* uma vez. Quando percebi que estava amadurecendo e perdendo o brilho, e todas as moças da minha geração estavam tomando seu rumo, tentei insinuar algo para Ludovic. Mas fiquei com a insinuação presa na garganta. E, agora, já não me importo. Se eu tiver que tomar a iniciativa para trocar meu sobrenome Dix por Speed, continuarei sendo Dix pelo resto da vida. Ludovic não percebe que estamos envelhecendo, você sabe. Ele acha que ainda somos jovens levianos, com bastante tempo pela frente. Esse é o problema dos Speed. Nunca percebem que estão vivos, até que estejam mortos.

— Você gosta de Ludovic, não gosta? – perguntou Anne, percebendo um tom de verdadeira amargura nos paradoxos de Theodora.

— Bom Deus, sim! – ela admitiu, candidamente. Theodora não achava que valia a pena enrubescer por um assunto tão enraizado. — Gosto muito *de tudo* sobre Ludovic. E ele certamente precisa de alguém que cuide dele. Sua aparência está negligenciada... suas roupas parecem puídas. Você mesma pode constatar. Aquela tia idosa cuida da casa, de certa forma, mas não cuida *dele*. E agora ele está chegando a uma idade em que o homem

precisa ser um pouco cuidado e mimado. Eu estou sozinha aqui, e Ludovic está sozinho por lá, e isso parece ridículo, não é? Não me surpreendo que sejamos a piada de Grafton. Deus o sabe, até eu mesma dou risada! Às vezes penso que, se Ludovic se sentisse enciumado, talvez isso pudesse estimulá-lo. Mas eu nunca consegui flertar e, mesmo que conseguisse, não há ninguém com quem flertar. Todos aqui na região me consideram propriedade de Ludovic e ninguém sonharia em se indispor com ele.

— Theodora! – exclamou Anne. — Eu tenho um plano!

— Ora, e o que você vai fazer? – inquiriu Theodora.

E Anne lhe explicou. À princípio, Theodora riu e protestou. No final das contas, rendeu-se, não sem algumas dúvidas, mas dominada pelo entusiasmo de Anne.

— Bem, podemos tentar, então – assentiu, com resignação. — Se Ludovic enlouquecer e me deixar, ficarei pior do que nunca. Mas, se não arriscar, nunca ganharei nada. E existe uma pequena chance, eu acho. Além disso, devo admitir que estou cansada de perder tempo.

Anne voltou para Echo Lodge tinindo de emoção com seu plano. Procurou Arnold Sherman e contou-lhe qual o papel que ele deveria desempenhar. Arnold Sherman ouviu atentamente e riu. Ele era um viúvo de mais idade, amigo íntimo de Stephen Irving, e tinha vindo passar uma parte do verão hospedado com o casal Irving na Ilha de Prince Edward. Ele era elegante em seu estilo maduro e ainda possuía em si uma pitada de travessura, de modo que concordou prontamente em participar do plano de Anne. Arnold animou-se ao pensar em apressar Ludovic Speed e sabia que podia confiar em Theodora Dix para fazer a parte dela. A comédia não seria tediosa, independentemente do resultado.

As cortinas foram erguidas para o primeiro ato após a reunião de oração, na quinta-feira seguinte. Era uma noite clara e enluarada quando a congregação saiu da igreja e todos enxergavam bem com a claridade. Arnold Sherman aguardava nos degraus perto da saída, e Ludovic Speed estava encostado na esquina da cerca do cemitério, como fazia há anos. Os garotos diziam que a pintura daquele local específico estava até gasta. Ludovic não via nenhum motivo para ficar grudado na porta da igreja. Theodora sairia,

como de costume, e ele se juntaria a ela quando passasse pela esquina.

Mas o que ocorreu foi que Theodora desceu os degraus, com sua figura suntuosa delineada contra a luz da lamparina do pórtico da igreja. Arnold Sherman perguntou-lhe se poderia acompanhá-la até sua casa. Com tranquilidade, Theodora tomou seu braço e passaram juntos pelo estupefato Ludovic, que ficou encarando os dois, impotente, como se fosse incapaz de acreditar no que seus olhos viam.

Por alguns momentos ele permaneceu ali, hesitante, e então saiu em disparada atrás de sua dama volúvel e seu novo admirador. Os garotos e os rapazes irresponsáveis do povoado se aglomeraram atrás dele, esperando alguma confusão, mas ficaram desapontados. Ludovic andou a passos largos até alcançar Theodora e Arnold, e então seguiu humildemente atrás deles.

Theodora mal desfrutou de sua caminhada até a casa, apesar de Arnold Sherman ter feito de tudo para ser especialmente interessante. O coração dela apiedava-se de Ludovic, cujos passos arrastados ela ouvia atrás de si. Receava ter sido cruel em demasia, mas não podia voltar atrás agora. Fortaleceu-se com a ideia de que fazia tudo isso para o próprio bem de Ludovic, e conversava com Arnold Sherman como se ele fosse o único homem do mundo. O pobre e abandonado Ludovic, que seguia atrás com mansidão, ouvia as palavras dela; e, se Theodora soubesse verdadeiramente o quão amarga estava sendo a taça que segurava nos lábios do amado, ela nunca teria sido resoluto o bastante para oferecê-la, não importando que fosse para resultar num bem tão almejado.

Quando ela e Arnold entraram pelo portão da residência, Ludovic teve que parar. Theodora olhou de relance, por cima do ombro, e o viu parado na estrada. A visão de sua figura desprezada assombrou os pensamentos dela pela noite inteira. Se Anne não tivesse vindo no dia seguinte para reforçar suas convicções, ela teria estragado tudo, abandonando o plano devido à prematura paixão.

Ludovic, entretanto, continuou no mesmo lugar, completamente absorto das vaias e comentários do vasto e animado grupo de garotos, até que Theodora e seu rival desaparecessem de sua visão sob os pinheiros do vale na alameda da propriedade. Então, deu meia volta e tomou o rumo de casa, não

com seu costumeiro andar vagaroso, mas com passos perturbados que proclamavam seu íntimo desassossego.

Sentia-se desnorteado. Se o mundo chegasse a um fim repentino, ou se o preguiçoso e sinuoso Rio Grafton tivesse mudado o curso e agora fluísse para cima da montanha, Ludovic não poderia ficar mais estupefato. Durante quinze anos ele tinha acompanhado Theodora para casa após as reuniões de oração, e agora aquele velho estranho, com todo o seu *glamour americano*, havia passado com ela indiferentemente, debaixo do nariz de Ludovic! Pior do que isso – a ferida mais cruel de todas – Theodora tinha ido com ele de bom grado; e, mais ainda, ela tinha evidentemente desfrutado da companhia dele! Ludovic sentiu em sua alma tranquila a agitação de uma ira justificada.

Quando chegou ao final da vereda que conduzia à sua casa, parou diante do portão e analisou a construção, que era afastada da estrada e ficava em meio a um mato de bétulas. Mesmo à luz da lua, era bem visível seu aspecto desgastado pelo tempo. Pensou nos rumores espalhados sobre a *residência palaciana* que Arnold Sherman possuía em Boston, e esfregou o queixo nervosamente com os dedos amorenados. Então, fechou os punhos e golpeou o pilar do portão.

— Que Theodora não pense que vai me rejeitar dessa maneira, depois de me fazer companhia por quinze anos! – esbravejou. — *Eu vou fazê-la saber o que penso, com Arnold Sherman ou sem ele!* Imagine o descaramento do velhaco!

Na manhã seguinte, Ludovic foi até Carmody e contratou Joshua Pye para pintar sua casa; e, naquela tarde, foi visitar Theodora – apesar de ainda não ser sábado à noite.

Arnold Sherman chegara lá antes dele, e estava sentado na poltrona consagrada de Ludovic. Só restou a ele deixar-se cair na nova cadeira de balanço feita de vime, onde parecia sentir-se lamentavelmente deslocado.

Se Theodora sentiu a estranheza da situação, conseguiu fingir admiravelmente bem. Ela nunca parecera tão formosa, e Ludovic percebeu que ela estava usando seu segundo melhor vestido de seda. Perguntou-se miseravelmente se ela havia escolhido esse vestido por estar na expectativa da visita do rival. Ela nunca tinha usado vestidos de seda nos dias em que ele

costumava visitá-la. Ludovic sempre fora o mais manso e brando dos mortais, mas sentiu um impulso sanguinário ao permanecer sentado e calado, ouvindo a conversação educada de Arnold Sherman.

— Você precisava estar aqui para vê-lo carrancudo e com fúria no olhar! — foram as palavras de Theodora para a satisfeita Anne, no dia seguinte. — Pode parecer maldade da minha parte, mas fiquei muito contente! Temia que ele ficasse zangado à distância. Desde que venha aqui, não me preocupo que se zangue. Mas ele está se sentindo muito mal, pobre homem, e eu estou verdadeiramente consumida de remorso! Ele tentou ficar aqui por mais tempo do que Mr. Sherman ontem à noite, mas não conseguiu. Você nunca viu uma criatura com ar mais depressivo do que ele ao apressar-se pela alameda. Sim, ele verdadeiramente *se apressou*!

No domingo seguinte, ao entardecer, Arnold Sherman acompanhou Theodora até a igreja e sentou-se com ela. Quando eles entraram, Ludovic Speed levantou-se de repente de seu banco, que ficava debaixo da galeria. Tornou a sentar-se imediatamente; no entanto, todos que estavam ali perto o viram e, naquela noite, a população dos quatro cantos de Grafton discutiu a dramática ocorrência com entusiasmo mordaz.

— Sim, ele ficou de pé num salto, como se tivesse sido puxado para cima, enquanto o ministro lia o capítulo — relatou a prima, Lorella Speed, para sua irmã que não estava na igreja naquela ocasião. — O rosto dele ficou branco como papel e parecia que os olhos iriam saltar das órbitas! Posso afirmar que nunca senti tanta palpitação! Eu quase esperei que Ludovic voasse neles, naquela hora e local. Mas ele só bufou e sentou-se novamente. Não sei se Theodora Dix o viu ou não. Ela me pareceu tão tranquila e despreocupada quanto deveria estar.

Theodora não tinha visto Ludovic, mas se ela aparentava tranquilidade e despreocupação, sua aparência a desmentia, porque, na verdade, ela se sentia miseravelmente perturbada. Ela não pôde evitar que Arnold Sherman a acompanhasse até a igreja, mas lhe pareceu que estava indo longe demais. Em Grafton as pessoas não iam juntas à igreja e sentavam-se no mesmo banco, exceto se estivessem a ponto de um noivado. E se este fato fizesse Ludovic cair em desespero, ao invés de despertá-lo? Theodora assistiu ao sermão com muita tristeza e não ouviu uma palavra do

que foi dito.

Mas as performances espetaculares de Ludovic ainda não estavam terminadas. Podia ser difícil fazer com que os Speeds tomassem uma decisão – porém, quando se decidiam, seus ímpetos eram irresistíveis. Quando Theodora e Mr. Sherman saíram, Ludovic estava aguardando nos degraus. Mantinha uma postura ereta e rígida, com a cabeça erguida e os ombros alinhados. Encarava o rival com um olhar abertamente desafiador, e uma atitude dominadora poderia ser detectada até mesmo no simples toque de sua mão no braço de Theodora.

— Posso acompanhá-la até sua casa, Miss Dix? – foi o que ele disse em palavras. Mas o tom usado ao proferi-las significava: “Vou acompanhá-la até sua casa, você querendo ou não.”

Theodora olhou para Arnold Sherman e tomou o braço de Ludovic, que a conduziu pelo gramado em meio a um silêncio que até mesmo os cavalos atados à cerca pareciam partilhar. Para Ludovic, esse foi o “momento mais agitado de uma vida de glórias^[49]”.

No dia seguinte, Anne veio caminhando de Avonlea para saber notícias. Theodora sorria propositalmente.

— Sim, finalmente está tudo acertado, Anne! Ontem à noite, vindo para casa, Ludovic pediu-me para casar com ele, de forma brusca e simples – e será agora, no próximo domingo! O casamento terá que ser celebrado imediatamente, pois Ludovic não quer adiar a cerimônia nem uma semana a mais do que o necessário.

— Então Ludovic Speed foi, enfim, apressado para algum propósito! – exclamou Mr. Sherman, quando Anne visitou Echo Lodge, repleta de novidades. — E a senhorita está satisfeita, é claro, e o meu pobre orgulho está ferido. Sempre serei lembrado em Grafton como o homem de Boston que quis conquistar Theodora Dix e não conseguiu.

— Mas o senhor sabe que essa não é a verdade – replicou Anne, de maneira confortadora.

Arnold Sherman pensou na beleza madura de Theodora e na agradável amizade que surgira entre eles durante aquele breve

relacionamento.

— Não estou perfeitamente convicto disso – ele respondeu, com um suspiro.

Copyright © 2018 by Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Tully Ehlers
Revisão: Carolina S. L. Pegorini

M791a Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942
Anne da Ilha / Lucy Maud Montgomery . – Domingos Martins, ES : Pedrazul
Editora, 2018
Título original: Anne of the Island

1. Literatura canadense. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título. II. Ehlers, Tully.
CDD – 810

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta
obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo
fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora,
conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
Rua Professora Zilda Andrade, 260 B, Bairro de Lourdes
Vitória – ES – Cep: 29042-751

[1] – Referência ao Antigo Testamento – Jeremias, 8:20.

[2] – Uriah Heep – personagem do romance *David Copperfield* (1850), de Charles Dickens (1812 – 1870).

[3] – Citação do poema *The Walrus and the Carpenter*, de Lewis Carrol (1832 – 1898). O poema é recitado no quarto capítulo do livro *Alice Através do Espelho*, publicado em 1871.

[4] – Citação do poema *Ode to a Nightingale*, de John Keats (1795 – 1821).

[5] – Citação do poema satírico *The Sorrows of Werther*, de William Makepiece Thackeray (1811 – 1863). O poema é baseado no tema do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, publicado em 1774, da autoria do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832).

[6] – Referência ao poema *Childe Harold's Pilgrimage*, de Lord Byron (1788 – 1824).

[7] – Torre de Martello: estrutura de defesa largamente utilizada durante as guerras Napoleônicas na Inglaterra, Irlanda, Canadá e outros países.

[8] – Versos de autoria desconhecida, referentes ao poema sobre a Batalha de Inkerman, uma das batalhas da Guerra da Crimeia, travada em 05 de novembro de 1854.

[9] – Daniel O'Connell (1775 – 1847) foi um líder nacionalista irlandês conhecido como *O Libertador* ou *O Emancipador*.

[10] – HMS Shannon era uma fragata da Marinha Real Britânica que serviu na Guerra de 1812. Em 1º de junho de 1813 a fragata liderou uma batalha naval quando capturou o navio da Marinha Americana USS Chesapeake, em uma batalha sangrenta.

[11] – Evangelho de Marcos 5:11-14.

[12] – Verso do poema *Dickens in Camp*, de Francis Bret Harte (1836 – 1902).

[13] – No original, “*Je ne suis pas la rose, mais j’ai vécu pres d’elle*”. Frase atribuída a H. B. Constant, citada na segunda edição do livro *Autobiografia: Cartas e Resíduos Literários de Mrs. Piozzi* – editado por A. Hayward, Esq., publicado em 1861.

[14] – No original, “*Après nous, le déluge*”. Frase atribuída a Madame de Pompadour (1721 – 1764), amante do rei Luís XV (1710 – 1774) da França. O ditado surgiu após a Batalha de Rossbach em 1757, que foi desastrosa para os franceses.

[15] – A palavra *rusty*, em português, significa *enferrujado*. O gato recebeu este nome devido ao seu pelo de matiz “chamuscado”, cor de ferrugem.

[16] – Citação da primeira linha do oitavo verso do poema *The Isles of Greece*, de Lord Byron.

[17] – Segunda e terceira linhas do oitavo verso do mesmo poema.

[18] – Referência ao conto *The Cat That Walked by Himself*, publicado em 1902, da autoria do poeta e escritor britânico Rudyard Kipling (1865 – 1936).

[19] – Referência ao Antigo Testamento – Gênesis, 37:3.

[20] – Referência ao Antigo Testamento – 2 Reis 2:23-25.

[21] – Publicado em fascículos no ano de 1836, é o primeiro livro de Charles Dickens (1812 – 1870).

[22] – Bebida condimentada feita de leite, açúcar, álcool e outras especiarias.

[23] – Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754 – 1838) foi um bispo, político e diplomata

francês.

[24] – Episódio relatado no primeiro capítulo do livro *Crônicas de Avonlea*, também da escritora Lucy Maud Montgomery. O referido capítulo foi traduzido e incluído como apêndice ao final desta edição de *Anne da Ilha*.

[25] – Citação do poema *On Time*, de Francis Quarles (1592 – 1644).

[26] – Estrofe da canção de ninar inglesa *Where are you going, my pretty maid?*

[27] – Philomathic Society era a principal associação universitária mista do final do século XIX.

[28] – Referência ao Antigo Testamento – Joel, 2:25-26.

[29] – Citação do poema *A Forest Hymn*, de William Cullen Bryant (1794 – 1878), poeta estadunidense.

[30] – Referência ao poema *Maid of Athens, ere we part*, de Lord Byron. Foi publicado em 1810 e era dedicado a uma moça de Atenas, Grécia.

[31] – Citação do poema *So Wags the World*, de Ellen Mackay Hutchinson (1851 – 1933).

[32] – Referência a Mary Campbell (1763 – 1786), jovem escocesa que viveu um romance com o poeta Robert Burns (1759 – 1796) e que foi musa de muitos de seus poemas.

[33] – Placas de caixão são ornamentos decorativos fixos no ataúde e que contêm diversas inscrições, tais como o nome e a data da morte do falecido ou simples palavras de ternura.

[34] – Episódio relatado no décimo capítulo do livro *Crônicas de Avonlea*.

[35] – Referência ao poema *Holy Willie's Prayer*, atribuído ao escocês Robert Burns. Publicado pela primeira vez de forma anônima em 1789, o poema é um ataque desmoralizador à hipocrisia religiosa. Fala sobre um velho pregador da paróquia de Mauchline chamado Holy Willie, famoso por sua conversação polêmica e

linguagem vulgar.

[36] – Personagem da obra *The Life and Adventures of Martin Chuzzlewit*, de Charles Dickens. O livro foi lançado numa série de publicações mensais entre os anos de 1843 e 1844. Na história, Mark Tapley é um rapaz que está sempre contente, mesmo em situações adversas.

[37] – Óculos com cabo longo e sem pernas, frequentemente usado como uma peça de joalheria e considerado mais refinado do que os modelos tradicionais.

[38] – Citação do poema *Maud Muller*, escrito em 1856 por John Greenleaf Whittier (1807 – 1892).

[39] – Homero – poeta da Grécia Antiga, a quem se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

[40] – Alusão à obra *Othello*, de William Shakespeare.

[41] – Templo de Karnak, no Egito.

[42] – Citação do poema *The Rivulet*, escrito pelo americano William Cullen Bryant (1794 – 1878).

[43] – Referência ao Apocalipse.

[44] – Referência ao Antigo Testamento – Isaías 61:3.

[45] – Referência ao Antigo Testamento – Salmos 30:5.

[46] – Citação de *Hymns and Spiritual Songs*, escrito em 1707 pelo teólogo inglês Isaac Watts (1674 – 1748).

[47] – No original, *starflowers*. Planta herbácea cujas flores possuem cinco pétalas largas e pontiagudas entremeadas por sépalas longas e finas, em formato de estrela. Existente nas cores branca, rosa e azul.

[48] – A autora faz, aqui, um trocadilho com o nome de Ludovic. A palavra *speed* significa *rápido*, *acelerado*, justamente o que a personagem em questão, que carrega este sobrenome, não é.

[49] – Citação do poema *The Call*, escrito pelo oficial britânico Thomas Osbert Mordaunt (1730 – 1809).